DE 25 A 27
DE MAIO

MACEIÓ-AL
Centro Cultural e de
Exposição Ruth Cardoso

TRABALHOS
aprovados

41º CONGRESSO
BRASILEIRO DA
ANCLIVEPA

CBA 2022
Maceió

Sumário

ACANTOMA INFUNDIBULAR QUERATINIZANTE EM CÃO 14

AÇÃO ANTIMICROBIANA DE *LIBIDIBIA FERREA* EM BACTÉRIA POTENCIALMENTE INFECTANTE PARA ANIMAIS 15

AÇÃO DA *Mimosa tenuiflora* COMO ANTISSÉPTICO EM GATAS SUBMETIDAS À OVARIOSALPINGOHISTERECTOMIA 16

AÇÃO DA *Spondia mombin* COMO ANTIMICROBIANO EM CÃES COM OTITE BACTERIANA 17

ACHADO DE MICROFILÁRIA EM CITOPATOLOGIA ONCOLÓGICA..... 18

ACHADOS IMAGINOLÓGICOS DE HISTEROCELE GRAVÍDICA EM MEMBRO PÉLVICO DE GATA 19

ACHADOS ULTRASSONOGRÁFICOS EM ABDOME DE CÃES COM HIPERCORTISOLISMO ESPONTÂNEO – ESTUDO RETROSPECTIVO..... 20

ACIDENTE BALÍSTICO NA REGIÃO DE FORAME INTERVERTEBRAL, ENTRE L4 E L5. 21

AÇÕES JUDICIAIS DECORRENTES DE RESPONSABILIDADE CIVIL DO MÉDICO VETERINÁRIO NO ESTADO DE ALAGOAS..... 22

ACUPUNTURA NO TRATAMENTO COMPLEMENTAR DE SEQUELAS NEUROLÓGICAS CAUSADAS PELO VÍRUS DA CINOMOSE EM CÃO: RELATO DE CASO 23

ADENOCARCINOMA DE GLÂNDULA MEIBOMIANA EM FELINA: RELATO DE CASO 24

ADENOMA BRONCOALVEOLAR EM CÃO – RELATO DE CASO 25

ADENOMA DE GLÂNDULA HEPATÓIDE EM CADELA 26

AGENESIA RENAL E ADRENAL UNILATERAL CONGÊNITA RESULTANDO EM HIPOADRENOCORTICISMO CANINO: RELATO DE CASO..... 27

ALFAXALONA NA INDUÇÃO ANESTÉSICA DE UM CÁGADO: RELATO DE CASO..... 28

ALIMENTAÇÃO NATURAL SELVAGEM FELINA NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDAS..... 29

ALTA CARGA PARASITÁRIA POR *Toxocara cati* e *Ancylostoma tubaeforme* em gato doméstico (*Felis catus*)..... 30

ALTERAÇÕES ELETROCARDIOGRÁFICAS EM CADELAS DIAGNÓSTICADAS COM CARCINOMA MAMÁRIO..... 31

ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS EM CÃES SOROPOSITIVOS AO DPP E ELISA PARA *Leishmania infantum* SUBMETIDOS AO TRATAMENTO COM MILTEFOSINA 2% 32

ALTERAÇÕES MORFOFISIOLÓGICAS NO OVÁRIO DE PREÁS (*GALEA SPIXII* WAGLER, 1931) AOS 30 DIAS DE GESTAÇÃO SUBMETIDOS A DIFERENTES CONDIÇÕES DE ILUMINAÇÃO. . 33

AMASTIGOTAS DE LEISHMANIA SP EM SANGUE PERIFÉRICO DE CANINO COM SOROLOGIA NEGATIVA – RELATO DE CASO 34

AMPUTAÇÃO BIDIGITAIS EM SAGUI-DE-TUFOS-BRANCOS (*CALLITHRIX JACCHUS*)..... 35

ANÁLISE CITOLÓGICA DE SECREÇÃO MAMÁRIA EM CADELA COM CARCINOMA MAMÁRIO NÃO PALPÁVEL..... 36

ANÁLISE DOS NÍVEIS DE EMPATIA NA CLÍNICA DE PEQUENOS ANIMAIS. 37

ANÁLISE MICROBIOLÓGICA DE RAÇÕES PARA CÃES E GATOS COMERCIALIZADAS EM MOSSORÓ/RN 38

ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA EM CÃO COM HISTÓRICO DE HEPATOPATIA E DOENÇA DO CARRAPATO– RELATO DE CASO 39

ANESTESIA E ANALGESIA PARA AMPUTAÇÃO DE CAUDA EM IGUANA VERDE: RELATO DE CASO 40

ANESTESIA GERAL EM HAMSTER (*Phodopus campbelli*) PARA EXÉRESE DE MASSA TUMORAL EM SUBCUTÂNEO DE BOLSA JUGAL – RELATO DE CASO 41

ANESTESIA LOCAL POR TUMESCÊNCIA COM ROPIVACAÍNA EM CADELA SUBMETIDA A ANESTESIA INTRAVENOSA CONTÍNUA COM PROPOFOL E REMIFENTANILA PARA MASTECTOMIA BILATERAL – RELATO DE CASO 42

ANGIOEDEMA EM CÃO ERRANTE: RELATO DE CASO 43

ANGIOSSARCOMA EPITELIÓIDE EM CADELA - RELATO DE CASO 44

APLICAÇÃO DA TÉCNICA DE BILLROTH TIPO I PARA REMOÇÃO DE LEIOMIOMA GÁSTRICO EM CÃO 45

ASPECTO CLÍNICO E RADIOGRÁFICO DE LESÃO REABSORTIVA ODONTOCLÁSTICA FELINA 46

ASPECTOS CLÍNICOS E EPIDEMIOLÓGICOS DA DERMATOFITOSE EM GATOS (*Felis catus*) DO MUNICÍPIO DE MARECHAL DEODORO – AL 47

ASPECTOS ENDOSCÓPICOS DA GASTROPATIA PILÓRICA HIPERTRÓFICA EM UM CÃO DA RAÇA BULDOGUE FRANCÊS COM 6 MESES DE IDADE 48

ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS E CLÍNICOS DA ESPOROTRICOSE DE ANIMAIS ATENDIDOS NAS CLÍNICAS VETERINÁRIAS DO MUNICIPIO DE BAURU – SÃO PAULO 49

ASPECTOS ULTRASSONOGRÁFICOS E TOMOGRÁFICOS DA ESPLENOSE EM CÃO 50

ASSOCIAÇÃO ALFAXALONA/ MEPERIDINA NA INDUÇÃO ANESTÉSICA DE COELHO SUBMETIDO À ORQUIECTOMIA 51

ATRESIA ANAL TIPO I EM CÃO MACHO ACOMPANHADO DA PRESENÇA DE MEGACÓLON: RELATO DE CASO. 52

ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NA REABILITAÇÃO DE CANINO COM SEQUELAS DE CINOMOSE: RELATO DE CASO. 53

ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NA REABILITAÇÃO DE FELINO POLITRAUMATIZADO: RELATO DE CASO 54

AUMENTO DE LINFONODOS ABDOMINAIS E SUA RELAÇÃO COM PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICOS EM GATOS DOMÉSTICOS ASSINTOMÁTICOS (RESULTADOS PARCIAIS) 55

AVALIAÇÃO ANTI-INFLAMATÓRIA DO DIMETILSULFÓXIDO (DMSO) EM CADELAS DIAGNOSTICADAS COM NEOPLASIA MAMÁRIA E SUBMETIDAS À MASTECTOMIA UNILATERAL 56

AVALIAÇÃO BIOQUÍMICA DA FUNÇÃO HEPATORRENAL DE CÃES COM LEISHMANIOSE VISCERAL SUBMETIDOS AO TRATAMENTO COM MILTEFOSINA 57

AVALIAÇÃO CLÍNICA E MICROBIOLÓGICA DE OTITE EXTERNA DE CÃES ATENDIDOS NA CLÍNICA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE PAULISTA DE BAURU 58

AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO DE MEMBRANAS À BASE DE EXTRATO DE BARBATIMÃO E COLAGENASE COMO POTENCIAL AGENTE REPARADOR DE FERIDAS EM UM CÃO – RELATO DE CASO..... 59

AVALIAÇÃO DE COMPRA DE RAÇÕES PARA CÃES E GATOS EM MOSSORÓ/RN 60

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS TUTORES DE GATOS DOMÉSTICOS (*Felis Catus*) SOBRE A SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA FELINA NO MUNICÍPIO MACEIÓ – AL 61

AVALIAÇÃO DO ÓLEO DE CRAVO E LIDOCAÍNA COMO ANESTÉSICOS PARA JUVENIS DE *Betta splendens.* 62

AVALIAÇÃO DO TESTE DE CONTATO (*Patch Test*) PARA DIAGNÓSTICO DE REAÇÃO ADVERSA A ALIMENTOS EM CÃES COM PRURIDO CRÔNICO..... 63

CANINO COM TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL CUTÂNEO E FILARIOSE POR *Dipetalonema sp*: RELATO DE CASO 64

CÃO NATURALMENTE INFECTADO POR *BRUCELLA SP*.EM ÁREA URBANA. RELATO DE CASO 65

CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DE INFECÇÃO NATURAL POR *PLATYNOSOMUM FACTOSUM* EM FÍGADO DE FELINO 66

CARCINOMA BRONQUÍOLO-ALVEOLAR EM CANINO ATENDIDO NO HOSPITAL ESCOLA DE MEDICINA VERETINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA..... 67

CARCINOMA DE CÉLULAS BASAIS EM UM PERIQUITO-AUSTRALIANO (*Melopsittacus undulatus*) – RELATO DE CASO 68

CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS DE TERCEIRA PÁLPEBRA DE CÃO 69

CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS VARIANTE VERRUCOSO EM REGIÃO ATÍPICA DE CÃO 70

CARCINOMA DUCTAL MEIBOMIANO EM CÃO 71

CARCINOMA GÁSTRICO DE CÉLULAS EM ANEL DE SINETE EM CÃO DA RAÇA CHOW-CHOW 72

CASTRAÇÃO PRECOCE EM CÃO FILHOTE INDUZIDO POR AUMENTO DE LIBIDO..... 73

CEGUEIRA ASSOCIADA Á BABESIOSE CANINA – RELATO DE CASO 74

CISTO DE INCLUSÃO EPITELIAL CORNEANO EM CÃO POR ARRANHADURA DE GATO..... 75

COLOPEXIA E DEFERENTOPEXIA EM HERNIORRAFIA PERINEAL UTILIZANDO TELA DE POLIPROPILENO EM CÃO – RELATO DE CASO..... 76

COMPLEXO GRANULOMA EOSINOFÍLICO FELINO: RELATO DE CASO 77

COMPOSIÇÃO DE URÓLITOS DE CANINOS E FELINOS..... 78

COMUNICAÇÃO INTERVENTRICULAR COM AGRAVO DE SÍNDROME DE EISENMENGER EM CÃO ADULTO – RELATO DE CASO..... 79

CONDROMA VERTEBRAL EXTRADURAL EM CÃO: RELATO DE CASO..... 80

CONDROSSARCOMA DE ORIGEM CRANIANA EM CÃO 81

CONTRIBUIÇÃO DO ESOFAGOGRAMA NO AUXILIO DIAGNÓSTICO DA ESTENOSE ESOFÁGICA EM FELINOS, PREVIAMENTE SUBMETIDOS A OVÁRIO-SALPINGO-HISTERECTOMIA 82

COR TRIATRIATUM SINISTRUM, COMUNICAÇÃO INTERATRIAL E INTERVENTRICULAR EM GATO PERSA 83

CORREÇÃO DE COLOBOMA PALPEBRAL ATRAVÉS DE TRANSPOSIÇÃO DA COMISSURA LABIAL EM UM FELINO - RELATO DE CASO 84

CRANIOTOMIA TRANSFRONTAL PARA EXÉRESE DE MENINGIOMA PAPILÍFERO GRAU III EM CÃO - RELATO DE CASO 85

CRANIOTOMIA TRANSFRONTAL PARA EXÉRESE DE MENINGIOMA TRANSICIONAL BENIGNO – RELATO DE CASO 86

CREME A BASE DE FOLHAS DE CAJÁ (*Spondias mombin L.*) NO TRATAMENTO DE LESÕES CUTÂNEAS INFECCIONADAS EM CÃES 87

DEMODICIDOSE EM UM CÃO, AGRAVADA POR PIODERMITE E MALASSEZIOSE 88

DEMODICOSE CANINA: EFICÁCIA DO SAROLANER NO TRATAMENTO – RELATO DE CASO 89

DEMODICOSE FELINA POR DEMODEX GATOI 90

DERMATITE ULCERATIVA COMPORTAMENTAL FELINA-ASPECTOS CLÍNICOS E EPIDEMIOLÓGICOS 91

DERMATOFITOSE, AGRAVADA POR FOLICULITE BACTERIANA E ECTOPARASITOSE EM CÃO 92

DERMATOPATIAS PSICOGÊNICAS EM GATOS - ESTUDO RETROSPECTIVO 93

DESCRIÇÃO RADIOGRÁFICA DE RETENÇÃO DE CARTILAGEM ULNAR EM CÃO 94

DIAGNÓSTICO CITOLÓGICO NA DERMATOFITOSE – RELATO DE CASO 95

DIAGNÓSTICO DE FIV E FeLV PELO MÉTODO DE TESTE ELISA EM GATOS SUBMETIDOS A CIRURGIA ELETIVA NA CLÍNICA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE PAULISTA CAMPUS BAURU 96

DIAGNÓSTICO DE LEISHMANIOSE VISCERAL EM CANINOS E HUMANOS PELO SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE ITAPORANGA-PB, EM 2018 E 2019 97

DIAGNÓSTICO PARASITÁRIO DE PSITACÍDEOS DO CRIATÓRIO CONSERVASIONISTA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO CESMAC 98

DIROFILARIOSE CANINA: RELATO DE CASO 99

DIROFILARIOSE EM CÃO DA RAÇA COCKER SPANIEL: RELATO DE CASO 100

DISGERMINOMA EM CADELA – RELATO DE CASO 101

DISGERMINOMA EM OVÁRIO DE CADELA IDOSA SUBMETIDA A OSH (RELATO DE CASO) 102

DISPLASIA DA VALVA TRICÚSPIDE CONGENITA EM CÃO – RELATO DE CASO 103

DOENÇA INFLAMATÓRIA INTESTINAL LINFOPLASMOCÍTICA COM INTUSSUSCEPÇÃO EM UM CÃO 104

DOENÇAS DO PACIENTE GERIÁTRICO: INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA E ACHADOS NEOPLÁSICOS EM LEÃO AFRICANO (*PANTHERA LEO)* - RELATO DE CASO 105

EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOBRE BIODIVERSIDADE PARA CRIANÇAS NO SUL DO PIAUÍ 106

EFEITO DA MAGNETOTERAPIA E LASERTERAPIA NA CONSOLIDAÇÃO DE FRATURA EM FELINO 107

ELETROQUIMIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE CARCINOMA INVASOR DE CÉLULAS DE TRANSIÇÃO EM BEXIGA URINÁRIA DE CÃO - RELATO DE CASO 108

ENDOCARDITE BACTERIANA EM BULL TERRIER – RELATO DE CASO 109

ENTERITE CRÔNICA DECORRENTE DE DISBIOSE INTESTINAL EM PACIENTE DIABÉTICO – RELATO DE CASO 110

ENTEROANASTOMOSE TÉRMINO-TERMINAL COM AJUSTE DE BORDAS PÓS-EXERESE DE ADENOCARCINOMA INTESTINAL EM UM CÃO 111

EPIDEMIOLOGIA DAS INFESTAÇÕES POR PULGAS EM CÃES DOMICILIADOS DO MUNICÍPIO DE VIÇOSA, ALAGOAS, BRASIL 112

ESPOROTRICOSE EM PACIENTE FELINO ATENDIDO NO HOSPITAL ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA 113

ESPOROTRICOSE FELINA, ZOONOSE EMERGENTE NO NORDESTE: RELATO DE CASO 114

ESTUDO DE PREVALÊNCIA DE DISPLASIA COXOFEMURAL EM CÃES DA RAÇA BULLDOG FRANCÊS NO MUNICIPIO DE ARACAJU SE 115

ESTUDO MORFOMÉTRICO DA CAVIDADE OROFARÍNGEA DA RAPOSA-DO-CAMPO E DO CÃO DOMÉSTICO 116

ESTUDO RESTROSPECTIVO DOS CASOS NOTIFICADOS DE RAIVA EM CÃES NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NOS ÚLTIMOS ANOS (2005 – 2019) 117

ESTUDO RETROSPECTIVO (2012/2019) DOS CASOS DE LINFOMA CANINO ATENDIDOS PELO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFRPE 118

ESTUDO RETROSPECTIVO DA PREVALÊNCIA DE AGENTES BACTERIANOS E UTILIZAÇÃO DE ANTIMICROBIANOS EM AMOSTRAS CLÍNICAS EM UM HOSPITAL VETERINÁRIO DE BELO HORIZONTE, MG 119

EVOLUÇÃO CLÍNICA DE FIBROSSARCOMA EM UM CÃO: RELATO DE CASO 120

FARMACODERMIA A ANTIMICROBIANO BETA-LACTÂMICO E IDENTIFICAÇÃO DE KLEBSIELLA PNEUMONIAE MULTIRRESISTENTE EM LESÃO CUTÂNEA DE CADELA – RELATO DE CASO 121

FARMACODERMIA EM CÃO APÓS USO PROLONGADO DE CETOCONAZOL TÓPICO E ORAL: RELATO DE CASO 122

FEOHIFOMICOSE SISTÊMICA EM CADELA: RELATO DE CASO 123

FIBROSSARCOMA PÁLPEBRAL EM UM GATO: RELATO DE CASO 124

FISIOTERAPIA APLICADA EM TRATAMENTO DE TRAUMA MEDULAR EM FELINO: RELATO DE CASO 125

FISIOTERAPIA PARA TROMBOEMBOLISMO FIBROCARTILAGINOSO EM CÃES - RELATO DE CASO 126

FLAPE DE PADRÃO AXIAL EPIGÁSTRICO SUPERFICIAL CAUDAL APÓS LESÃO GRAVE EM UM CÃO: RELATO DE CASO 127

FREQUÊNCIA DE PARASITOS GASTRINTESTINAIS EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (HUMV – UFRB) 128

FREQUÊNCIA DOS ANTÍGENOS ERITROCITÁRIOS DO SISTEMA AB EM FELINOS DOMÉSTICOS DE SALVADOR, BAHIA..... 129

HAMARTOMA COLAGENOSO PIGMENTADO – RELATO DE CASO..... 130

HEMANGIOSSARCOMA CUTÂNEO EM GATO: RELATO DE CASO..... 131

HEPATITE CRÔNICA EM CÃO – RELATO DE CASO..... 132

HEPATITE E NEFRITE AGUDAS GRAVES EM CANINO POSITIVO PARA TRÊS SOROVARES DE LEPTOSPIROSE..... 133

HEPATITE NECROSUPURADA, MULTIFOCAL A COALESCENTE, INTENSA COM ESTEATOSE DIFUSA E MODERADA EM CÃO GERIÁTRICO: RELATO DE CASO..... 134

HÉRNIA ABDOMINAL CONGÊNITA EM FELINO DOMÉSTICO..... 135

HIPERCALCEMIA IDIOPÁTICA FELINA: RELATO DE CASO..... 136

HIPERCRESCIMENTO DENTÁRIO E MÁ OCLUSÃO EM HAMSTER ANÃO RUSSO CAMPBELL (*PHODOPUS CAMPBELLI*)..... 137

HIPERPLASIA FIBROEPITELIAL MAMÁRIA FELINA E OS LIMITES DA EXPANSÃO MAMÁRIA APÓS A OVARIOHISTERECTOMIA: RELATO DE CASO..... 138

HISTERECTOMIA PARA CORREÇÃO DE PROLAPSO DE OVIDUTO EM FÊMEA DE JABUTI PIRANGA (*Chelonoidis carbonaria*)..... 139

IMPLANTE BILATERAL DE CATETER DUPLO J GUIADO POR ULTRASSONOGRAFIA EM CÃO COM URETERÓLITOS - RELATO DE CASO..... 140

IMPLANTE DE CATETER DUPLO J EM UM GATO COM OBSTRUÇÃO URETERAL, GUIADO POR ULTRASSONOGRAFIA - RELATO DE CASO..... 141

IMPLANTES DE OURO EM ACUPONTOS COMO TRATAMENTO DE AGRESSIVIDADE EM FELINO: RELATO DE CASO..... 142

INCIDÊNCIA DE ORFANDADE EM CÃES NEONATOS – CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E MORTALIDADE..... 143

INCIDÊNCIA DE URÓLITOS EM CÃES ASSOCIADOS AO USO DE ALOPURINOL NO TRATAMENTO DA LEISHMANIOSE CANINA E SUA OCORRÊNCIA GERAL EM CÃES NO PERÍODO DE 2005-2019 EM BELO HORIZONTE (MG)..... 144

ÍNDICE DE MASSA CORPORAL EM CÃES QUE RESIDEM EM APARTAMENTOS..... 145

ÍNDICES DE MORTALIDADE NEONATAL EM CÃES..... 146

INFECÇÃO RESPIRATÓRIA RESISTENTE POR *KLEBISIELLA SPP*. EM PAPAGAIO VERDADEIRO (*Amazona aestiva*): RELATO DE CASO..... 147

INFESTAÇÃO POR *LYNXACARUS RADOVSKYI* EM GATOS DOMÉSTICOS (*FELIS CATUS*) NO MUNICIPIO DE JOÃO PESSOA – PARAÍBA: RELATO DE CASO..... 148

INFLUÊNCIA DA OBESIDADE FELINA NA FRUTOSAMINA E GLICOSE..... 149

INFLUÊNCIA DA OBESIDADE FELINA NA PRESSÃO ARTERIAL SISTÓLICA (PAS)..... 150

INFLUÊNCIA DA OBESIDADE FELINA NO SORO AMILÓIDE..... 151

INGESTÃO DE RESÍDUO ANTROPOGÊNICO POR BIGUÁ *(Nannopterum brasilianus)*: RELATO DE CASO..... 152

INSUFICIÊNCIA RENAL AGUDA CAUSADA POR HIPERVITAMINOSE D EM CÃO COM CONSEQUENTE EVOLUÇÃO PARA DOENÇA RENAL CRÔNICA 153

INTERAÇÃO DOS TUTORES E SEUS ANIMAIS DOMÉSTICOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 154

INTOXICAÇÃO MEDICAMENTOSA E INSUFICIÊNCIA RENAL AGUDA EM FELINO 155

INTOXICAÇÃO POR ANTI-INFLAMATÓRIO NÃO ESTEROIDAL EM UM CANINO PEDIÁTRICO: RELATO DE CASO 156

INTUSSUSCEPÇÃO GASTROESOFÁGICA EM CÃO – RELATO DE CASO 157

ISOLAMENTO E RESISTÊNCIA BACTERIANA NO TRATO URINÁRIO INFERIOR DE FELINOS SAUDÁVEIS. 158

LÁBIO LEPORINO EM CÃO NEONATO 159

LASERTERAPIA DE BAIXA POTÊNCIA NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDA CUTÂNEA: RELATO DE CASO 160

LAVAGEM VESICAL COM SOLUÇÃO FISIOLÓGICA OZONIZADA COMO TRATAMENTO PARA RESISTÊNCIA BACTERIANA EM CISTITE CRÔNICA REINCIDIVANTE EM CÃO – RELATO DE CASO 161

LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA DIAGNOSTICADA POR CITOLOGIA DE NÓDULO DE MAMA EM PIRACICABA, SÃO PAULO 162

LEPTOSPIROSE SUBCLÍNICA CANINA – RELATO DE CASO 163

LEVANTAMENTO DE INFECÇÃO POR *Leishmania infantum* EM CÃES (*Canis familiaris*, Linnaeus 1758) ATENDIDOS NA CLÍNICA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA 164

LINFOMA PRIMÁRIO INTRAOCULAR EM CÃO: RELATO DE CASO 165

LOBECTOMIA PULMONAR TOTAL EM CÃO POR MORDEDURA 166

MANEJO NUTRICIONAL EM CÃO DA RAÇA CHOW CHOW PORTADOR DE MEGAESÔFAGO IDIOPÁTICO 167

MEDICINA ALTERNATIVA NO TRATAMENTO DE FARMACODERMIA EM UM CÃO DA RAÇA AKITA: RELATO DE CASO 168

MELANOCITOMA JUNCIONAL 169

MENINGOENCEFALITE LINFOPLASMOCÍTICA FELINA 170

METAPLASIA ESCAMOSA EM ADENOMA MAMÁRIO DE CADELA 171

METÁSTASES PULMONAR E HEPÁTICA DE TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL EM CAVIDADE NASAL – RELATO DE CASO 172

METFORMINA OU DIETA ADJUVANTE PARA OBESIDADE E DIABETES MELLITUS PODEM PREVENIR A RESISTÊNCIA INSULÍNICA SECUNDÁRIA A GLICOCORTICOIDOTERAPIA EM GATOS? 173

MICROBIOTA BACTERIANA RESIDENTE EM CLOACA DE CORUJAS-SUINDARA (*Tyto furcata*). 174

MONITORAÇÃO NÃO INVASIVA DA RESSÃO INTRACRANIANA EM 15 CÃES E DOIS GATOS COM AFECÇÕES DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL 175

MORTALIDADE TRANS-ANESTÉSICA DE CÃES E GATOS SUBMETIDOS A CIRURGIAS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFPB 176

MUCINOSE CUTÂNEA EM CADELA DA RAÇA SHAR-PEI 177

MUMIFICAÇÃO EM FETO DE QUATI (*Nasua nasua*) 178

NEOPLASIA DE NERVO PERIFÉRICO EM CANINO: RELATO DE CASO 179

NÍVEIS DE EMPATIA DE PROFISSIONAIS COM MAIS DE 20 ANOS DE FORMADOS EM MEDICINA VETERINÁRIA. 180

O TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES NO BRASIL: UMA SOCIEDADE SILENCIADA 181

O USO DA MILTEFOSINA 2% EM CÃES INFECTADOS NATURALMENTE POR *Leishmania infantum* NAS FASES CLÍNICAS PRÉ-ESTABELECIDA PELO Canine Leishmaniasis Work Group. 182

USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM ANIMAIS 183

OCORRÊNCIA DA SINDROME DA DISFUNÇÃO COGNITIVA EM CÃES 184

OCORRÊNCIA DA SINDROME DA DISFUNÇÃO COGNITIVA EM GATOS 185

OCORRÊNCIA DE *HEPATOZOON SP*. NA ROTINA DO LABORATÓRIO DE PATOLOGIA CLÍNICA 186

OS BENEFÍCIOS DA CINOTERAPIA PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA 187

OS IMPACTOS NA APLICAÇÃO DE TÉCNICAS DE COACHING EM GRADUANDOS DE MEDICINA VETERINÁRIA 188

OS RISCOS DO USO DE FIXADORES ESQUELÉTICOS EXTERNOS EM CÃES DE PEQUENO PORTE 189

OSTEOMA CUTÂNEO SECUNDÁRIO À SÍNDROME DE CUSHING 190

OSTEOPATIA HIPERTRÓFICA EM CANINO DA RAÇA SHI-TZU: RELATO DE CASO 191

OSTEOPATIA HIPERTRÓFICA EM CÃO: RELATO DE CASO 192

OSTEOSSÍNTESE DE FRATURA EM T-Y DE ÚMERO EM CÃO 193

OTITE BACTERIANA POR *KLEBSIELLA SP*. EM CANINO: RELATO DE CASO 194

OTITES CAUSADAS POR *Malassezia pachydermatis,* E O EFEITO DO USO TÓPICO DE ÓLEO DE GIRASSOL OZONIZADO NO TRATAMENTO – RELATO DE CASO 195

OTOHEMATOMA UNILATERAL EM FELINA DOMÉSTICA, UMA ABORDAGEM DIFERENTE. 196

OZONIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE ÚLCERA DE CÓRNEA FELINA 197

PARACOCCIDIOIDOMICOSE EM CÃO – RELATO DE CASO 198

PARÂMETROS OFTÁLMICOS EM CÃES DA RAÇA BOIADEIRO AUSTRALIANO DA REGIÃO LITORÂNEA DO ESTADO DE SERGIPE 199

PARÂMETROS OFTÁLMICOS EM CÃES DA RAÇA PIT BULL DA REGIÃO LITORÂNEA DO ESTADO DE SERGIPE 200

Pectus excavatum EM FELINO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO 201

PÊNFIGO FOLIÁCEO EM CÃO (*Canis lupus familiaris*): RELATO DE CASO 202

PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO DE CÃES DIAGNOSTICADOS COM HIPOTIREOIDISMO EM MANAUS. 203

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA SÍNDROME DE ANSIEDADE POR SEPARAÇÃO ANIMAL NA ZONA SUL DE ARACAJU/SE 204

PERFIL MICROBIOLÓGICO DAS OTITES EXTERNAS DE CÃES E GATOS ATENDIDOS EM CLÍNICA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA 205

PERITONITE INFECCIOSA FELINA COM LESÕES NEUROLÓGICAS 206

PEROSOMUS ELUMBUS EM CÃO SEM RAÇA DEFINIDA 207

PERSISTÊNCIA DO FORAME OVAL E DO DUCTO ARTERIOSO EM FELINO - RELATO DE CASO 208

PIODERMITE DO PASTOR ALEMÃO EM UM CÃO 209

PIODERMITE POR *Corynebacterium* EM FELINO. 210

PIODERMITE PROFUNDA CONSEQUENTE À PIODERMITE SUPERFICIAL – RELATO DE CASO 211

POLIMIOSITE ASSOCIADA A SINAIS DE TRONCO ENCEFÁLICO EM UM CÃO 212

PÓLIPO NASAL ASSOCIADOA RINOSSINUSITE EM UM CÃO DA RAÇA POODLE 213

POLIRRADICULONEURITE EM CANINO APÓS VACINAÇÃO ANTIRRÁBICA: RELATO DE CASO 214

PRESENÇA DE *Ascaridia galli*, *Aspiculuris sp.* e *Passalurus sp.* EM CACHORRO-DO-MATO (Cerdocyon thous) RESIDENTE EM CATIVEIRO 215

PREVALÊNCIA DE ANAPLASMOSE EM FELINOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO (HVU/UFPI) EM TERESINA, PIAUÍ. 216

PROLAPSO DA MUCOSA URETRAL EM CÃO DA RAÇA AMERICAN BULLY: RELATO DE CASO 217

PROMOVENDO SAÚDE PÚBLICA ATRAVÉS DO CUIDADO ANIMAL 218

PROTOCOLO MAGNETOTERÁPICO E LASERTERÁPICO NO TRATAMENTO DE LESÃO VESTIBULAR UNILATERAL 219

PROTOCOLO OZONIOTERÁPICO NA CICATRIZAÇÃO DE AMPUTAÇÃO ESCAPULO UMERAL 220

PSEUDOCISTO PERINÉFRICO BILATERAL EM GATO DE 1 ANO DE IDADE – RELATO DE CASO 221

QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO DA EVOLUÇÃO DO CAMINHAR ESPINHAL EM CÃES SOB FISIOTERAPIA 222

QUIMIODECTOMA EM FELINO: RELATO DE CASO 223

QUIMIOTERAPIA NO CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM CÃO: RELATO DE CASO 224

RADIODIAGNÓTICO DE DISPLASIA FISEAL EM FELINO 225

REABILITAÇÃO E SOLTURA DE URUBU-REI *(Sarcoramphulus papa)* DE VIDA LIVRE 226

RECONSTRUÇÃO DA PAREDE ABDOMINAL APÓS REMOÇÃO DE FIBROSSARCOMA, USANDO TELA DE POLIPROPILENO E RETALHO SUBDÉRMICO EM Z-PLASTIA- RELATO DE CASO EM CÃO 227

REDUÇÃO ABERTA DE LUXAÇÃO DE COTOVELO TRAUMÁTICA EM CÃO 228

RELAÇÃO DA POLIARTRITE COM O EXCESSO DE CARBOIDRATO NA DIETA – ESTUDO RETROSPECTIVO 229

RELAÇÃO ENTRE ESCORE DE CONDIÇÃO CORPORAL E MEDIDAS MORFOMÉTRICAS EM CÃES COM SOBREPESO E OBESIDADE. 230

RELAÇÃO ENTRE SEDIMENTO BILIAR E PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICOS EM GATOS DOMÉSTICOS ASSINTOMÁTICOS (RESULTADOS PARCIAIS) 231

RELATO DE CASO: HÉRNIA DE HIATO EM FELINO DOMÉSTICO. 232

RELATO DE CASO: RETALHO BILATERAL DA PREGA DO FLANCO PARA A RECONSTRUÇÃO DE DEFEITO CUTÂNEO APÓS MASTECTOMIA EM CADELA 233

REMOÇÃO DE CORPO ESTRANHO EM PROVENTRÍCULO VIA ENDOSCÓPICA DE PAPAGAIO VERDADEIRO (*Amazona aestiva*): RELATO DE CASO 234

REMOÇÃO DE *DIROFILARIA IMMITIS* EM ÁTRIO DIREITO DE UM CANINO COM INSUFICIÊNCIA CARDÍACA CONGESTIVA DIREITA: RELATO DE CASO 235

REPARO DE HÉRNIA PERINEAL BILATERAL COM TELA DE PROPILENO ASSOCIADA A RETALHO DO MÚSCULO SEMITENDINOSO EM CÃO IDOSO – RELATO DE CASO 236

RESISTÊNCIA ANTIBIÓTICA EM PACIENTE CANINO FILHOTE DIAGNOSTICADO COM STAPHYLOCOCCUS PSEUDINTERMEDIUS – RELATO DE CASO 237

RETALHO AXIAL DA ARTÉRIA ILÍACA CIRCUNFLEXA PROFUNDA NA RECONSTRUÇÃO DE MEMBRO PÉLVICO, APÓS REMOÇÃO DE MASTOCITOMA- RELATO DE CASO 238

RETALHO DE AVANÇO EM PADRÃO SUBDÉRMICO PARA RECONSTRUÇÃO DE DEFEITO EM CRÂNIO APÓS EXERESE DE NEOPLASIA CUTÂNEA: RELATO DE CASO 239

RETALHO DE PADRÃO AXIAL ILÍACO CIRCUNFLEXO PROFUNDO APÓS RESSECÇÃO NEOPLÁSICA EM CÃES – RELATO DE DOIS CASOS 240

RETALHO DE PADRÃO SUBDÉRMICO DE AVANÇO COMO ALTERNATIVA PARA TRATAMENTO DE EXTENSA FERIDA EM REGIÃO DE CABEÇA E PESCOÇO 241

ROTINA CLÍNICA DA NEONATOLOGIA DE CÃES E GATOS – CASUÍSTICA, PRINCIPAIS AFECÇÕES E MORTALIDADE 242

SACULITE ANAL UNILATERAL EM FELINO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO 243

SARCOMA DE TECIDOS MOLES PRIMÁRIO RENAL EM UM CÃO 244

SARCOMA HISTIOCISTICO HEMOFAGOCÍTICO EM ROTTWEILER: RELATO DE CASO 245

SEDAÇÃO, ANALGESIA E BLOQUEIO LOCORREGIONAL PARA AMPUTAÇÃO DE DÍGITOS EM IGUANA VERDE: RELATO DE CASO 246

SEPSE NEONATAL EM CÃES – INCIDÊNCIA, ASPECTOS CLÍNICOS E MORTALIDADE 247

SERTOLIOMA EM CÃO SRD NÃO CRIPTORQUIDICO 248

SÍNDROME DA HIPERESTESIA FELINA- ESTUDO CLÍNICO E EPIDEMIOLÓGICO 249

SÍNDROME DO LEITE TÓXICO POR *Staphylococcus* sp. EM CÃES NEONATOS – RELATO DE CASO 250

SÍNDROME VESTIBULAR CENTRAL IDIOPÁTICA FELINA 251

SÍNDROME VESTIBULAR PERIFÉRICA SECUNDÁRIA À OTITE EXTERNA PARASITÁRIA POR *Otodectes cynotis* EM FELINO – RELATO DE CASO 252

SOROPOSITIVIDADE PARA BORRELIA BURGDORFERI EM CÃES NA CIDADE DE FORTALEZA/CE 253

TÉCNICA COMBINADA DE RETALHO PEDICULADO ASSOCIADO A TUBO DE PADRÃO SUBDÉRMICO PARA CORREÇÃO DE FERIDA EM FELINO 254

TERAPIA COM CÉLULAS-TRONCO MESENQUIMAIS EM CÃO COM OSTEOARTROSE 255

TESTÍCULO SUPRANUMERÁRIO EM FELINO: RELATO DE CASO 256

TÉTANO EM CÃO: RELATO DE CASO 257

TFAST E *AFAST* EM CÃO COM TRAUMA POR ARMA DE FOGO – RELATO DE CASO 258

TRANSLOCAÇÃO DE ONÇA-PINTADA *(PANTHERA ONCA)* COM USO DE DISSOCIATIVO COM ASSOCIAÇÕES DE AGONISTA α-2 ADRENÉRGICO E BENZODIAZEPÍNICO 259

TRATAMENTO CIRÚRGICO DE ECTRODACTILIA UTILIZANDO ENDO-EXO PRÓTESE FIXA EM RÁDIO E ULNA EM CÃO: RELATO DE CASO 260

TRATAMENTO CIRÚRGICO DE MÁ UNIÃO ÓSSEA COM DESVIO ANGULAR EM TÍBIA DE FELINO: RELATO DE CASO 261

TRATAMENTO DA ANASARCA EM CÃES NEONATOS – RELATO DE CASO 262

TRATAMENTO DE TRAUMA RAQUIMEDULAR MULTIMODAL EM CÃO: TERAPIA CELULAR COM CÉLULAS-TRONCO MESENQUIMAIS ALOGÊNICAS ASSOCIADO A TERAPIA INTEGRATIVA-RELATO DE CASO 263

TRATAMENTO PÓS- CIRÚRGICO DE DOENÇA DO DISCO INTERVERTEBRAL, COM FISIOTERAPIA E REABILITAÇÃO: RELATO DE CASO 264

TRATAMENTO UTILIZANDO CANNABIS MEDICINAL EM DISTÚRBIO COGNITIVO 265

TRICOBLASTOMA TIPO FITA EM FELINO. 266

TUBERCULOSE SISTÊMICA EM FELINO 267

TUMESCÊNCIA COM ROPIVACAÍNA PARA MASTECTOMIA EM CÃO: RELATO DE CASO 268

TUMOR DAS CÉLULAS DA GRANULOSA EM CADELA 269

TUMOR ÓSSEO MULTILOBULAR RETROBULBAR EM CÃO: RELATO DE CASO 270

TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL (TVT) INTRA-UTERINO EM CADELA 271

TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL CUTÂNEO EM REGIÃO CERVICAL SEM COMPROMETIMENTO GENITAL EM CANINO DOMÉSTICO 272

URETROSTOMIA PRÉ-PÚBICA DEVIDO A ESTENOSE URETRAL EM FELINO 273

UROLITÍASE EM FILHOTES CANINOS COM 42 DIAS 274

USO DE CARTILAGEM AURICULAR OVINA EM CORREÇÃO DE FÍSTULA PALATINA EM UM CANINO 275

USO DE CRIOCIRURGIA NO TRATAMENTO DE PAPILOMATOSE ORAL CANINA: RELATO DE CASO 276

USO DE DORAMECTINA PARA TRATAMENTO DE SARNA SARCÓPTICA EM UM CÃO RESISTENTE A IVERMECTINA 277

USO DE ÓLEO DE GIRASSOL OZONIZADO NO TRATAMENTO DE GIARDÍASE CANINA CRÔNICA – RELATO DE CASO 278

USO DE SOLUÇÃO OZONIZADA TÓPICA NA GENGIVITE-ESTOMATITE LINFOPLASMOCITÁRIA FELINA: AVALIAÇÃO CITOLÓGICA DE TRÊS CASOS. 279

USO DE SWABS ORAIS PARA O DIAGNÓSTICO CITOPATOLÓGICO DO COMPLEXO GENGIVITE-ESTOMATITE FELINO (CGEF): AVALIAÇÃO DE DOIS CASOS. 280

UTILIZAÇÃO DA DIMETILARGININA SIMÉTRICA (SDMA) NA PREVENÇÃO DA DOENÇA RENAL CAUSADA PELA LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA. 281

UTILIZAÇÃO DE ELETROQUIMIOTERAPIA EM CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS NA REGIÃO MENTONIANA DE UM FELINO – RELATO DE CASO 282

UTILIZAÇÃO DE OZONIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE FERIDA EM CÃO – RELATO DE CASO 283

UTILIZAÇÃO INTRAPERITONEAL DE ALFAXALONA EM HAMSTER CHINÊS (*Cricetulus griseus*) 284

VAGINOSCOPIA COMO MÉTODO DE DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICO DE ESTENOSE URETRAL CONSEQUENTE DE ADERÊNCIA CAUSADA POR TVT EM UMA CADELA. 285

VARIAÇÃO DOS PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS DE CÃES MICROFILARÊMICOS ATENDIDOS NUMA CLÍNICA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA 286

VIDEOLARINGOSCOPIA EM UM FELINO COM EDEMA DE LARINGE: RELATO DE CASO 287

V-PLASTIA PARA CORREÇÃO DE ADENOMA MEIBOMIANO EM PÁLPEBRA DE CÃO: RELATO DE CASO 288

ACANTOMA INFUNDIBULAR QUERATINIZANTE EM CÃO

Malta Sobrinho, M.A.L.[1], Guedes, G.M.R.[1], Oliveira Neto, B.R.[2], Anderline, G.P.O.S.[3], Barbosa, E.F.G.[3], Carvalho, K.S.[3] 1. Discente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL (marcusmaltavet@gmail.com) 2. SAV – Serviço de Anestesia Veterinária 3. Docente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL

O acantoma infudibular queratinizante é uma neoplasia benigna oriunda da proliferação do epitélio escamoso estratificado na região do infundíbulo no folículo piloso. A multiplicação deste tecido promove a formação de cistos multiloculados de queratina que se expõem na superfície do pelo, acometendo principalmente cães, sendo raramente observada em gatos. Representa cerca de 1,4% a 2,3 % dos casos de neoplasias cutâneas, sendo considerado um tumor folicular raro. Considerando a importância do diagnóstico e tratamento, objetivou-se neste trabalho relatar o diagnóstico de um acantoma infundibular queratinizante em cão. O presente estudo relata o caso de um cão, sem raça definida, de pelagem branca, com 3 anos e 3 meses apresentando um nódulo cutâneo na região cervical lateral com cerca de 2 cm de diâmetro, de consistência firme, irregular e ulcerado. O paciente foi então submetido ao procedimento cirúrgico onde foi realizada a excisão tumoral. O nódulo retirado foi então deposto em um recipiente com formol 10 % e enviado para o Laboratório de Patologia Veterinária do Centro Universitário Cesmac, obtendo o diagnóstico de acantoma infundibular queratinizante. Este tumor deve ser diferenciado de tumores malignos como carcinoma de células escamosas, por apresentarem características morfológicas e histológicas semelhantes. A benignidade do tumor pode ser evidenciada pelo estudo histopatológico. A excisão cirúrgica da neoplasia promoveu um tratamento eficaz, aplicando-se margens de aproximadamente 2 a 3 cm, foi possível a remoção completa e segura do nódulo.

Palavras-chaves: Tumores foliculares, neoplasma cutânea, dermatopatologia.

AÇÃO ANTIMICROBIANA DE *LIBIDIBIA FERREA* EM BACTÉRIA POTENCIALMENTE INFECTANTE PARA ANIMAIS

MEDEIROS, L. C. V.[4]; FEIJÓ, F.M.C.[2]; ALVES, N.D.[2]; RODRIGUES, G.S.O.R[2].; SANTOS, C.S.[3]; BENÍCIO, L.D.M.[1]. 1. Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)(denner2016mb@gmail.com) 2. Professor(a) Doutor na UFERSA. 3. Servidor público da UFERSA. 4. Médico Veterinário(a) autônomo.

A utilização empírica de plantas com potencial medicinal, para solucionar problemas de saúde animal se faz presente em todas as regiões do Brasil, devido seu baixo custo e grande eficácia. A *Libidibia ferrea* (Mart. Ex Tul.) L.P. QUEIROZ, conhecida como "Jucá" é uma planta medicinal brasileira que foi incluída na relação nacional de plantas medicinais de Interesse para o sistema único de saúde (RENISUS). As atividades biológicas da *L. ferrea* e sua ampla ocorrência na região, favorecem os estudos com esta espécie. Assim, este trabalho teve por objetivo avaliar a atividade antimicrobiana do decocto de *L. ferrea* sobre *Staphylococcus aureus*, a partir da técnica de disco-difusão e microdiluição em caldo, sob diluição seriada. A bactéria foi separada em grupo controle negativo (tratado com água destilada estéril), grupo controle positivo (tratado com gentamicina 20 mg) e grupo teste (tratado com decocto de Jucá). Os resultados foram submetidos à análise de variância e as médias comparadas entre si pelo teste de Scott-Knott, ao nível de 5% de probabilidade, com o auxílio do software Sisvar®. Ao final do experimento foi observado que a absorbância final, no tratamento com decocto de *L. ferrea,* diminuiu 2,34% ao usar a concentração de 10 mg/mL e 12,46% ao usar a concentração de 5 mg/mL, enquanto no controle positivo houve aumento de 8,06% da absorbância final. Ao final do experimento foi observado que o decocto de *L. ferrea* apresenta ação antimicrobiana para *S. aureus* nas concentrações de 10 e 5 mg/mL. Portanto, pode-se concluir que o decocto de *L. ferrea* apresenta boa atividade antimicrobiana em bactérias potencialmente infectantes para animais, demonstrando ser uma alternativa na elaboração de substâncias antimicrobianas para combate a cepas resistentes.

Palavras chaves: jucá, atividade antimicrobiana, fitoterápico.

AÇÃO DA *Mimosa tenuiflora* COMO ANTISSÉPTICO EM GATAS SUBMETIDAS À OVARIOSALPINGOHISTERECTOMIA

FERNANDES, F.C[1].; FEIJO, F.M.C[2].; ALVES, N.D[2].; SANTOS, C.S[3].; BENICIO, L.D.M[4].; PRAXEDES, D.A.C[4]. 1. Mestrando do Programa em Ambiente, Tecnologia e Sociedade. 2. Docente do Curso de Medicina Veterinária – Ufersa (marlon@ufersa.edu.br) 3. Médico Veterinário – Ufersa. 4 – Graduando em medicina veterinária – Ufersa.

Algumas bactérias presentes na pele de felinos, tais como *Staphylococcus aureus, Escherichia coli* e *Streptococcus*, apresentam resistência a antimicrobianos utilizados na clinica médica de pequenos animais. Assim, objetiva-se com esse trabalho conhecer a eficácia do extrato pirolenhoso de *Mimosa tenuiflora* (jurema-preta) como antisséptico em feridas cirúrgicas de felinos submetidos à ovariosalpingohisterectomia. O protocolo para execução do trabalho foi previamente aprovado de acordo com o parecer número 07/2020 do Comitê de Ética em Uso de Animais - UFERSA. Foram utilizadas 26 fêmeas, sem raça definida, adultas, divididas em dois grupos de 13 animais cada, sendo o primeiro grupo tratado com clorexidine 0,5%, e o segundo grupo tratado com extrato de M. tenuiflora à 20%. As substâncias eram aplicadas topicamente uma vez ao dia na ferida cirúrgica, durante sete dias. Após aplicação, aguardava-se 10 minutos e, em seguida, era coletada uma amostra da superfície de cada ferida utilizando-se suabe estéril. As amostras eram encaminhadas ao Laboratório de Microbiologia Veterinária para contagem de bactérias. Os dados obtidos foram tabulados em excel e expressos em média. Foram observadas contagens médias de $2,3 \times 10^{-4}$ e $4,0 \times 10^{-3}$ no dia 0 e dia 7, respectivamente, para os animais tratados com extrato pirolenhoso de *M. tenuiflora,* com redução em 82%. E aqueles tratados com clorexidine apresentaram médias de $4,4 \times 10^{-2}$ e $7,4 \times 10^{-1}$ no dia 0 e dia 7, respectivamente, com redução em 83%. Dessa forma, podemos observar que o extrato pirolenhoso é um potencial antisséptico a ser utilizado nas feridas cirúrgicas de animais de companhia.

Palavras-chave: Ovariosalpingohisterectomia, Mimosa tenuiflora, antissepsia, bactérias, medicina alternativa.

AÇÃO DA *Spondia mombin* COMO ANTIMICROBIANO EM CÃES COM OTITE BACTERIANA

SILVA, J. S[1].; FEIJO, F.M.C[2].; ALVES, N.D[2].; SANTOS, C.S[3].; MOREIRA, E.V.S[4].; PRAXEDES, D.A.C[4]. 1. Mestrando do Programa em Ambiente, Tecnologia e Sociedade. 2. Docente do Curso de Medicina Veterinária – Ufersa (marlon@ufersa.edu.br) 3. Médico Veterinário – Ufersa. 4 – Graduando em medicina veterinária – Ufersa

A otite bacteriana é uma enfermidade recorrente em animais de companhia, com agentes etiológico resistentes a diversos antimicrobianos. ,Assim, objetiva-se verificar a eficácia do extrato pirolenhoso de *Spondia mombin* como antimicrobiano alternativo em animais com otite. O protocolo para execução do trabalho foi previamente aprovado de acordo com o parecer número 01/2020 do Comitê de Ética em Uso de Animais - UFERSA. Foram utilizadas 10 animais com otite bilateral, sem raça definida, adultos, divididas em dois grupos de 05 animais cada, sendo o primeiro grupo tratado com ciproflaxacina a 0,35% e o segundo grupo tratado com extrato de Spondia mombim à 10%, duas vezes ao dia 12-12h. Foram realizadas tratamento por 21 dias. Após aplicação, aguardava-se 10 minutos e, em seguida, era coletada uma amostra da do conduto auditivo nos dia D0 e D21 com suabe estéril de cada animal. As amostras eram encaminhadas ao Laboratório de Microbiologia Veterinária para contagem de bactérias. Os dados obtidos foram tabulados em excel e expressos em média. Foram observadas contagens médias de $1,3 \times 10^{-6}$ e $3,8 \times 10^{-3}$ no dia 0 e dia 21, respectivamente, para os animais tratados com extrato de *S. mombin* , com redução em 70,9%. E aqueles tratados com ciproflaxina apresentaram médias de $8,9 \times 10^{-6}$ e $7,1 \times 10^{-4}$ no dia 0 e dia 21, respectivamente, com redução em 99,2%. Dessa forma, podemos observar que o extrato de *S. mombin a 10%* é um potencial antimicrobiano a ser utilizado em otites bacterianas de cães

Palavras-chave: *Spondia mombin*, otite, cães, medicina alternativa

ACHADO DE MICROFILÁRIA EM CITOPATOLOGIA ONCOLÓGICA

CORDEIRO, A.M.E.A.[1]; DOS SANTOS, K.M.B. [1]; FEITOSA, G.T.S.[1]; BARBOSA, E.F.G.[2]; DE GUTIERREZ, L.G. [2]; CARVALHO, K.S.[2] 1. Discente do centro universitário CESMAC (andrezamonique08@gmail.com) 2. Docente do Centro Universitário CESMAC

Microfilária é o primeiro estágio larval do nematódeo do gênero *Dirofilaria;* este promove uma zoonose denominada Dirofilariose que debilita o sistema cardiopulmonar do animal. Quando o hospedeiro definitivo apresenta uma carga parasitária significante, as microfilárias são liberadas na circulação sanguínea. Essa parasitose é endêmica em cidades litorâneas de clima tropical e quente, pois apresentam condições favoráveis para o desenvolvimento de mosquitos hematófagos que carregam a forma infectante. Um canino, sem raça definida, macho, 10 anos de idade, semidomiciliado e não castrado foi atendido na Clínica escola do Centro Universitário CESMAC por meio do projeto extensionista "castraoncopet". Na avaliação clínica, notou-se normalidade nos parâmetros fisiológicos, todavia o animal apresentava bastante reatividade no linfonodo poplíteo direito e um nódulo no membro posterior direito em região interdigital, dígitos, coxins e entre os coxins com consistência flácida há mais de um ano. Para melhor avaliação da massa, foi solicitada a coleta do material para análise citopatológica. Realizou-se a punção aspirativa por agulha fina (PAAF) e foi identificado material com grande celularidade sanguínea, sem presença de outro tipo de células. No entanto, foi encontrada estrutura compatível com microfilária, caracterizando uma alta carga parasitária. Iniciou-se o tratamento para Dirofilariose com doxiciclina 10 mg durante 28 dias, juntamente com analgésicos e anti-inflamatórios, porém não houve retorno do paciente para reavaliação do quadro. A presença do parasita numa citologia de nódulo tumoral caracterizou uma alta carga parasitária e foi importante para concluir o diagnóstico, ainda que o animal não apresentasse sinais clínicos condizentes com a dirofilariose.

Palavras-chave: Microfilária, dirofilariose, tumor, canino.

ACHADOS IMAGINOLÓGICOS DE HISTEROCELE GRAVÍDICA EM MEMBRO PÉLVICO DE GATA

Guedes, T.A[1]; Souza, D.R[2]; Santos, J.J.C[2]; Souza e Silva, A.A[3]. ALVES NETO, J.B.M4. 1 Estudante de graduação em Medicina Veterinária, UFPB Campus II, (nany.thais27@gmail.com). 2. Discentes do Programa de Residência em Medicina Veterinária UFPB. 3. Médica Veterinária em Focus Diagnóstico – PB. 4 Médico Veterinário em Minha Cria – PB

As hérnias abdominais traumáticas ocorrem devido a uma perda de continuidade da parede abdominal, e são decorrentes de traumatismos simples ou acentuados. A histerocele gravídica geralmente ocorre por herniação no canal inguinal, e com a evolução da gestação e o aumento do volume uterino, pode ocorrer a laceração da parede abdominal, resultando em uma eventração. No presente relato descreve-se um caso de um felino, fêmea, de idade desconhecida, foi atendido no Hospital Veterinário da UFPB com queixa de dificuldades para se locomover e aumento de volume em região subcutâneo abdominal após uma fuga por cerca de 3 dias. No exame clínico o paciente encontrava-se alerta, em decúbito lateral, e a palpação foi notado um aumento de volume com bordos e consistência irregular em região inguinal e ventral de membro pélvicos. No exame radiográfico dos tecidos moles foi notada uma perda de continuidade da musculatura abdominal mesogástrica e hipogástrica e em medial de membro pélvico esquerdo, com presença de estruturas radiopacas circulares. No exame ultrassonográfico também foi evidenciada a presença de descontinuidade de musculatura abdominal ventral com presença de alças intestinais e útero gravídico em subcutâneo de região hipogástrica e face ventral de membro pélvico esquerdo, com embriões apresentando atividade cardíaca evidente. O tempo gestacional estimado foi de 36-42 dias de acordo com a organogênese fetal e o diâmetro parietal. A gravidade do quadro exigiu interrupção cirúrgica da gestação e a realização da correção cirúrgica da eventração e ovariohisterectomia. Ressalta-se a importância dos exames de imagem em casos de acidentes traumáticos, para a realização adequada do manejo e prognóstico do animal.

Palavras-Chave: felino, hérnia abdominal, traumatismo, eventração, radiografia, ultrassonografia.

ACHADOS ULTRASSONOGRÁFICOS EM ABDOME DE CÃES COM HIPERCORTISOLISMO ESPONTÂNEO – ESTUDO RETROSPECTIVO

Rodrigues, L.[1]; Silva, J. S. [1]; Oliveira, M. C.[1]; Ilha, A.[2]; Pöppl, A. G.[3] 1. Graduanda de Medicina Veterinária na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (luana_r.rodrigues@hotmail.com) 2. Sócia da Clínica Imaginar 3. Professor Departamento Medicina Animal, UFRGS.

O hipercortisolismo espontâneo ou Síndrome de Cushing (SC) causa repercussões multissistêmicas impactando o aspecto ultrassonográfico de órgãos abdominais. O objetivo do estudo foi descrever esses achados em cães atendidos no Setor de Endocrinologia e Metabologia do Hospital de Clínicas Veterinárias (HCV-UFRGS), no momento do diagnóstico da doença, com o objetivo de compilar as alterações mais frequentes e auxiliar no processo de investigação da doença. Realizou-se um estudo retrospectivo de 125 laudos de exames ultrassonográficos (US) abdominais de cães diagnosticados com SC no período de 2002 a 2019. No US da bexiga urinária, os animais apresentaram espessamento (40%) e irregularidades (28%), de parede, podendo estar relacionados à cistite crônica ocasionada pelos efeitos dos glicocorticóides. Quanto ao US da vesícula biliar, houve presença de lama biliar (66,4%), mucocele (5,6%) e concreções (7,2%), corroborando com estudos em que a mucocele cursa com alguma endocrinopatia. No pâncreas, 43,2% apresentaram alguma alteração em parênquima, que pode estar associada à pancreatite, relacionada à dislipidemia recorrente na SC. No US de adrenais, 47,2% apresentaram adrenomegalia bilateral e 19,2% não tiveram alteração, demonstrando que a presença de glândulas adrenais de tamanho normal não descarta a possibilidade de SC. O US abdominal é uma ferramenta importante no diagnóstico de SC e o conhecimento dessas alterações evita a progressão de outros problemas concomitantes que possam agravar o quadro da doença. A documentação das alterações de maior prevalência permite que se suspeite do diagnóstico de SC sem se fundamentar apenas pelo tamanho das adrenais.

Palavras-chave: Síndrome de Cushing, Hipercortisolismo, Diagnóstico por imagem, Ultrassonografia.

ACIDENTE BALÍSTICO NA REGIÃO DE FORAME INTERVERTEBRAL, ENTRE L4 E L5.

GARCIA, M. B.[1]; DANTAS, F. I[1].; ALVES, T. B. F.[2] 1. Graduanda de Medicina Veterinária da Universidade Potiguar, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil. (melinabvet@gmail.com) 2. Médico Veterinário, especialista e mestrando em biotecnologia pela UNP (Universidade Potiguar) e responsável pelo setor de Neurocirurgia e Ortopedia da Policlínica Animal Tarcísio Barreto, Professor da pós-graduação da Uninassau-Natal-RN.

O acidente balístico é muito comum em felinos peridomiciliares e dependendo do local afetado poderá resultar diversas complicações, devido ao local que poderá ficar instalada. Dessa forma, o presente trabalho tem objetivo de relatar o caso de um paciente felino, adulto, PCB, que deu entrada na Policlínica Animal Tarcísio Barreto para uma consulta, pois, foi vítima de um acidente balístico, apresentando ataxia deambulatória pélvica mais proeminente no lado esquerdo, sendo, portanto, ipslateral. Foi solicitado uma radiografia que apontou o alojamento do projétil entre os segmentos medular L4 e L5. Apesar disso, o paciente apresentou recuperação sem necessidade da remoção desse projétil uma vez que a partir dos sinais clínicos e exame radiográfico pode se constatar que houve apenas uma contusão sem ruptura do nervo ou morte neural, provocada por uma injuria pelo calor e impacto gerados a partir do disparo, podendo haver dessa forma, a regeneração. A remoção só seria indicada para expungir a presença de corpos estranhos, porém muitos autores não indicam a remoção do projétil balístico devido aos danos serem superiores aos benefícios, pois neste caso o projétil ficou alojado próximo a raiz nervosa nos espaços foraminais entre L4 e L5. A decisão de não intervir cirurgicamente neste paciente foi o que determinou na rápida recuperação pós trauma, já que houve um excelente retorno das funções neurais, focando principalmente na terapêutica anti-inflamatória, analgésica e antimicrobiana, devido ao fato de o projétil encontrar-se estável.

Palavras-chave: Acidente balístico, contusão, felino.

AÇÕES JUDICIAIS DECORRENTES DE RESPONSABILIDADE CIVIL DO MÉDICO VETERINÁRIO NO ESTADO DE ALAGOAS.

PRAZERES, C.A.T.[1]; FILHO, M.A.V.[2] 1. Discente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL (camilatenorio@hotmail.com) 2. Docente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL.

O aumento de demandas judiciais envolvendo a Responsabilidade Civil de Médicos Veterinários é uma realidade crescente em nosso País e consequentemente no Estado de Alagoas. O presente estudo retrospectivo teve como objetivo analisar e contabilizar os casos judiciais relativos à Responsabilidade Civil dos Médicos Veterinários no referido Estado durante os últimos cinco anos, evidenciando o crescimento contínuo dessas demandas. Como metodologia de pesquisa foram realizadas consultas processuais aos arquivos do Sistema de Automação da Justiça de Alagoas, contabilizando e analisando os processos judiciais existentes no período de 2015 a janeiro de 2020. Identificou-se que o número dessas ações vem aumentando gradativamente nos últimos anos, chegando a ter um aumento de 100% quando comparando o ano de 2019 ao ano de 2015. Constatou-se ainda, no tocante à responsabilidade civil, uma maior ocorrência de processos relativos a Danos Morais, Danos Materiais, Erro Médico e falhas na prestação do serviço por parte de Clínicas e Hospitais Veterinários. O presente estudo sugere que seja dada uma maior atenção, por parte dos Médicos Veterinários e Estudantes, ao conhecimento das Normas Legais e Éticas que regem esta atuação profissional, bem como estarem atentos aos temas e questões frequentemente judicializados. Considerando que os profissionais da saúde devem sempre atualizar seus conhecimentos, faz-se necessária a expansão no tocante à Medicina Veterinária Legal e Forense, uma vez que esse aprendizado pode e deve ser aplicado como forma de prevenção, por meio de ajustes e correção de condutas profissionais, contribuindo com a elaboração de diretrizes mais efetivas a fim de prevenir e minimizar a propositura dessas ações judiciais.

Palavras chaves: Responsabilidade Civil, Danos Morais, Danos Materiais, Erro Médico, Medicina Veterinária Legal.

ACUPUNTURA NO TRATAMENTO COMPLEMENTAR DE SEQUELAS NEUROLÓGICAS CAUSADAS PELO VÍRUS DA CINOMOSE EM CÃO: RELATO DE CASO

CASTRO, L.R.M.S.[1]; SANTANA, A.L.C.[1]; SOUSA, J.M.[2]; SILVA, A.L.X.[2]; SOUSA, A.R.[2]; NASCIMENTO, M.J.[2] 1. Graduanda em Medicina Veterinária UFPI 2. Médica Veterinária (agnysrachel@hotmail.com).

A cinomose é a principal e mais grave doença infectocontagiosa que acomete os cães. É causada pelo Canine Distemper Virus (CDV), um paramixovírus do gênero *Morbillivirus*, de RNA, fita única e envelopado. Sua infecção se dá principalmente em cães jovens não vacinados, contudo, também pode acometer adultos não imunizados. Os sinais clínicos em cães infectados são diversos, variando de acordo com a idade, estado imunológico do hospedeiro e a cepa viral, podendo apresentarem-se como doenças respiratórias catarrais, distúrbios gastrointestinais, alterações na pele e doenças no Sistema Nervoso Central (SNC). A Acupuntura (AP) é definida como uma técnica de estímulo de pontos específicos na superfície do corpo pela inserção de agulhas, sendo amplamente utilizada no tratamento de distúrbios neurológicos, com seus estímulos resultando em analgesia e outros efeitos fisiológicos através de mecanismos neurais, neuro-humorais, neuromusculares e musculoesqueléticos. Um canino filhote, macho, fértil, 10 meses, 7 Kg, SRD, foi encaminhado do HVU-UFPI à Clínica Veterinária Animal's, Teresina-PI, no dia 6 de janeiro de 2020, diagnosticado clinicamente com cinomose, apresentando secreção ocular discreta, dermatites focais em algumas regiões do corpo, lesão em focinho, sinal neurológico marcante a mioclonia generalizada e ataxia cerebelar associada a hipermetria. O animal foi medicado e submetido a 8 sessões semanais de Acupuntura, cujos pontos mais utilizados foram VG20, VB20, B12, E36, *ying tang*, F8, F3, IG11, VB34 e VG14. Na quarta sessão, o animal já apresentava melhora progressiva dos sintomas. Ao final da oitava sessão, no dia 27 de fevereiro de 2019, o paciente apresentava-se com melhora do quadro sintomatológico da cinomose.

Palavras chaves: Reabilitação, neurologia, canino.

ADENOCARCINOMA DE GLÂNDULA MEIBOMIANA EM FELINA: RELATO DE CASO

OLIVEIRA, C.M.R.[1]; OLIVEIRA, F.P.[1]; CARMO, A.B.P.C.M.T[1]; LIMA, K.A.C.P[2]; CARVALHO, K.S[3]; ANDERLI, G.P.O.S[3] 1. Discente do Centro Universitário Cesmac (f.paivaa@gmail.com) 2. Médica Veterinária Autônoma. 3. Docente do Centro Universitário Cesmac.

Diversas são as neoplasias que podem acometer as glândulas anexas das pálpebras dos animais, sendo estas diferenciadas e identificadas a partir das características morfológicas nuclear e citoplasmática de suas células. Com esta produção temos o objetivo de relatar o diagnóstico histopatológico de adenocarcinoma de glândula meibomiana em felino. Foi atendida uma felina, fêmea, sem raça definida, pelagem branca e cinza, cinco anos de idade, apresentando uma lesão proliferativa em pálpebra inferior direita de difícil cicatrização há cerca de 8 meses. Foi realizado um procedimento de exérese, onde seguiu-se com a remoção em V da pálpebra inferior direita e parte da conjuntiva afim de obter-se ampla margem segura. O material foi fixado e conservado em formol a 10% e encaminhado para o laboratório de Histopatologia da Clínica Escola do curso de Medicina Veterinária do Cesmac. Todas as informações para elaboração deste escrito foram obtidas a partir da revisão do prontuário, registro fotográfico do agravo e análise histopatológica deste. Por fim, diante dos dados coletadas a lesão apresentou características compatíveis a de um adenocarcinoma de glândula meibomiana. É conhecido que neoplasias malignas de glândula meibomiana são raras em felinos e apresentam maiores chances de serem mais proliferativas e severas com recorrência local caso se realize uma incompleta excisão. Assim, foi possível observar neste registro que a conduta cirúrgica adequada proporcionou um prognóstico bom, tendo em vista a possibilidade do reaparecimento da lesão nos casos de não remoção completa do tecido neoplásico.

Palavras chaves: Pálpebra, glândula de Meibom, neoplasias malignas, felina.

ADENOMA BRONCOALVEOLAR EM CÃO – RELATO DE CASO

PEIXOTO, K.A.[1], ROCHA, M.R.[1], DANTAS, A.V.E.[2], MATOS, B.D.[3], 1.Graduanda em Medicina Veterinária pela UFG (kelbiaamaral@hotmail.com). 2. Mestranda em ciência animal pela UFG. 3. Residente em clínica e cirurgia HV/EVZ/UFG.

As neoplasias pulmonares primárias têm origem no tecido pulmonar se apresentam como uma neoformação única ou múltiplas. Sua classificação baseia-se no padrão histológico predominante. O adenocarcinoma é o tipo histológico encontrado mais frequentemente. Um cão macho, sem raça definida, de 10 anos de idade foi atendido no Hospital Veterinário da EVZ/UFG no dia 08/09/2020 com a queixa de tosse seca a cerca de um ano com piora progressiva. Ao exame físico foi verificada crepitação pulmonar e linfonodos cervicais superficiais aumentados. Foi realizado exame de tomografia computadorizada que sugeriu neoformação expansiva localizada na região dorsal do lobo caudal esquerdo do pulmão com 8,3 cm de comprimento x 5,2 cm de altura x 4,7 cm de largura, atelectasia passiva do lobo acessório e discreta linfonodomegalia. A neoformação expansiva sugere um processo neoplásico ou granuloma de origem inflamatória ou infeccioso como diagnósticos diferenciais. No dia 21/09/2020 foi realizada consulta com o oncologista para interpretação das imagens e encaminhamento para cirurgia onde foi coletado material para exame histopatológico. Neste foi verificado neoplasia epitelial bem diferenciada morfologicamente sugestiva de adenoma broncoalveolar, houve presença de evidente uniformidade celular, notando-se anisocariose, anisocitose e pleomorfismo celular discretos, não se identificando figuras mitóticas em 10 campos/400x. O prognóstico é bom para cães com tumores pulmonares primários, bem diferenciados, sem metástases e que não apresentam sinais clínicos. Cães com tumores periféricos, próximos à base de um pulmão tem maior sobrevida em relação aos que apresentam neoformações que envolvem todo lobo.

Palavras chaves: neoformação, pulmão, canino

ADENOMA DE GLÂNDULA HEPATÓIDE EM CADELA

Santos, B.M.K. [1]; Jardim, B.R. [1]; Costa, A.L. [1]; Carvalho, S. K.[2]; Silva, F.R.R.[2] 1. Discente do curso de Medicina veterinária do Cesmac (mayarab31.mb@gmail.com) 2. Docente do curso de Medicina Veterinária do Cesmac

As glândulas hepatóides se localizam na submucosa da região perianal. As neoplasias de glândulas hepatóides, são comuns em cães, principalmente cães idosos e machos. Foi encaminhada para atendimento na Clínica Veterinária do Cesmac, uma cadela da raça beagle, com idade equivalente a 6 anos. O proprietário informou que o animal apresentava um tumor próximo a região do ânus, há cerca de 7 semanas. No exame clínico, foi observado um nódulo ventral na região perianal. Através de Punção Aspirativa por Agulha Fina (PAAF), foi feita coleta de material para exame citopatológico. Sendo procedido um diagnóstico sugestivo de adenoma de glândula perianal. Para a confirmação exata do diagnóstico, foi necessária uma análise histopatológica da lesão. Contanto, o animal foi encaminhado para sala de cirurgia, onde foi feita a remoção do nódulo, e em seguida, o material retirado foi colocado em formol a 10% e encaminhado para o laboratório de histopatologia. Na análise histopatológica verificou-se, a proliferação de células arranjadas em cordões alongados e separados por um discreto estroma fibroso. As células apresentaram núcleo hipercromático com formato poliédrico, citoplasma abundante, núcleo redondo e nucléolo evidente, confirmando a neoplasia benigna. O adenoma de glândula hepatóide, com o crescimento excessivo, pode comprometer o funcionamento de alguns sistemas do organismo do animal. Por esta razão é de fundamental importância o diagnóstico e o procedimento cirúrgico para a remoção do tumor, evitando consequências mais graves.

Palavras-Chave: adenoma, glândula hepatóide, neoplasias.

AGENESIA RENAL E ADRENAL UNILATERAL CONGÊNITA RESULTANDO EM HIPOADRENOCORTICISMO CANINO: RELATO DE CASO.

SOUZA, M.L.[1]; MARTINS, A.E.S.[1]; MATOS, A.K.S.[1]; CARDOSO, M.C.[2] [1]Discentes do Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Sergipe- UFS, São Cristóvão-SE, Brasil, (marianalisouzaa@gmail.com) [2]M.V. endocrinologista , Clínica Veterinária Atrium , Aracaju- SE, Brasil.

O hipoadrenocorticismo é uma doença caracterizada pela deficiência na produção de glicocorticóides e/ou mineralocorticóides pela glândula adrenal, e pode estar relacionada com a agenesia renal e adrenal congênita que é tipificada pela ausência de um dos rins e de uma das glândulas adrenais, condição presente desde o nascimento. Um canino, fêmea, 6 meses, da raça Cocker Spaniel Inglês foi internado por apresentar desidratação, êmese, diarréia e apatia decorrente do estresse do seu primeiro estro. Após permanecer na fluidoterapia constatou-se uma melhora clínica. No exame de ultrassonografia notou-se a presença de apenas um dos rins e uma das adrenais, sugerindo o comprometimento na síntese dos hormônios cortisol e aldosterona. Os resultados do hemograma mostraram hiponatremia (125 mmol/L), hipercalemia (6,4 mmol/L), e ainda a dosagem de ACTH (Hormônio adrenocorticotrófico) no sangue apresentou 0,34 µg/dL de cortisol, o que confirmou o diagnóstico para hipoadrenocorticismo. Além disso, foi realizado o teste de SDMA (Dimetilarginina simétrica), para verificar a função renal e os níveis de creatina e ureia. Os níveis de SDMA foram 14 µg/dL, e a azotemia foi considerada normal. A pressão arterial estava abaixo de 100 mmHg e a frequência cardíaca era de 64 batimentos por minuto, o que é considerado baixo. Para o tratamento foi administrado Acetato de Fludrocortisona na dosagem de 0,025 mg/kg, duas vezes ao dia por tempo indeterminado. O paciente obteve melhora no quadro, após a administração do medicamento. Contudo, no segundo estro o animal voltou a apresentar os mesmos sintomas descritos anteriormente, e o tutor optou pela castração da cadela para evitar que as manifestações da doença se repetissem. O relato de caso acima demonstra a importância da avaliação clínica e da terapêutica veterinária, para proporcionar qualidade de vida ao paciente.

Palavras-chaves: Hipoadrenocorticismo, agenesia renal e adrenal, glândula adrenal.

ALFAXALONA NA INDUÇÃO ANESTÉSICA DE UM CÁGADO: RELATO DE CASO

MOUTA, A. N.[1]; FERNANDES, N. S.[2]; ALVES, L. P.[3]; de PAULA, V. V[4].1. Médica Veterinária, mestranda no Programa de Ciência Animal da UFERSA (andressanmouta@hotmail.com) 2. Residente em Anestesiologia no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit da UFERSA 3. Acadêmica de Medicina Veterinária da UFERSA 4. Professora doutora do Departamento de Ciências Animais da UFERSA.

Os quelônios são répteis que podem ser acometidos por adversidades que necessitam de sedação e anestesia para repará-las. A alfaxalona é um neuroesteroide ativo que proporciona indução suave e pode ser administrado por via intramuscular, fato vantajoso de ser utilizado nesses animais, pois o acesso venoso nestes é difícil. Foi atendido no Hospital Veterinário da UFERSA um cágado, pesando 800g, que foi submetido ao procedimento de exérese de fibropapiloma. Após jejum prévio de vinte e quatro horas e exame físico, o animal recebeu como medicação pré-anestésica metadona, na dose de 0,2 $mg.kg^{-1}$, por via intramuscular. Logo após, foi realizada a indução anestésica com alfaxalona, na dose de 10 $mg.kg^{-1}$ por via intramuscular. Para manutenção da anestesia foi realizada a intubação endotraqueal, com cateter 16G acoplado ao circuito anestésico sem absorvedor de CO2 para fornecimento de anestesia volátil com sevofluorano oferecido em oxigênio a 100%. A frequência cardíaca (FC) foi monitorada por meio de doppler, pela pulsação arterial durante 1 minuto, a frequência respiratória (*f*), por meio de inspeção do balão do circuito anestésico e a saturação de oxigênio (SPO2) utilizando sensor de oximetria do monitor multiparamétrico (Instramed®). A FC apresentou média de 30 bpm, *f* de 26 rpm e a SPO2 apresentou valor de 97%. A cirurgia teve duração de 50 minutos. Como medicação pós-operatória foi utilizado cetoprofeno, na dose de 2 $mg.kg^{-1}$ por via subcutânea. O animal apresentou parâmetros dentro da normalidade, permanecendo estáveis durante todo o procedimento. A alfaxalona promoveu indução suave com recuperação sem efeitos adversos. A mesma não promove analgesia isoladamente, por isso a importância da associação com fármacos analgésicos. A administração pela via intramuscular foi bastante vantajosa, pois os demais anestésicos gerais injetáveis disponíveis, só podem ser administrados por via intravenosa, sendo mais difícil nessa espécie. Concluiu-se que a alfaxalona associada a metadona promoveu adequada indução da anestesia e analgesia para o procedimento cirúrgico em questão.

Palavras-chave: Alfaxalona, metadona, quelônio.

ALIMENTAÇÃO NATURAL SELVAGEM FELINA NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDAS

MELINA, B. G.[1]; DANTAS, F. I.[1]; GALVÍNCIO, J. S.[2]; ALVES, T. B. F.[3] 1. Graduanda de Medicina Veterinária da Universidade Potiguar, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil. (melinabvet@gmail.com) 2. Médica Veterinária e responsável pelo setor de intensivismo da Policlínica Animal Tarcísio Barreto . 3. Médico Veterinário, especialista e mestrando em biotecnologia pela UNP (Universidade Potiguar) e responsável pelo setor de Neurocirurgia e Ortopedia da Policlínica Animal Tarcísio Barreto, Professor da pós graduação da Uninassau-Natal-RN.

Uma ferida causa inúmeras mudanças no organismo devido a uma série de processos catabólicos e inflamatórios que leva ao aumento das necessidades energéticas e nutricionais. Um aporte de proteína, nutriente fundamental em todas as fases do processo de cicatrização, ajustado a cada situação é fundamental. A diminuição e aumento da qualidade do carboidrato oferecido também contribui para a eficácia do tratamento. Uma paciente felina, fêmea, 1 ano de idade, primípara, deu entrada na Policlínica Animal Tarcísio Barreto, apresentando mastite. Veio encaminhada com quadro passível de transfusão sanguínea e risco de sepse, com exames anteriores exibindo um hematócrito de 26%, e, com uma baixa posteriormente chegando a 12%, mesmo após cinco dias de tratamento com antibióticos de amplo espectro. Sem melhora do quadro clínico e, foi instituído o protocolo de tratamento com base na nutrição adequada a um carnívoro estrito. A paciente inicialmente não tinha apetite, sendo dessa forma, feito o estimulo da alimentação via sonda nasogástrica com nutralife e dieta elaborada consistindo de vísceras 35%, músculo 25%, gordura 15% e carcaça 15%. Após 24h de alimentação a paciente aumentou o hematócrito em 5%. E após 48h houve a remoção da sonda, passando a comer sozinha. O papel da nutrição, utilizando matéria-prima todos de origem animal, incluindo proteína, gordura e carboidrato diminuíram os processos inflamatórios e aumentando os nutrientes essenciais para uma melhor cicatrização das feridas.

Palavras-chave: nutrição, ferida, felino.

ALTA CARGA PARASITÁRIA POR *Toxocara cati* e *Ancylostoma tubaeforme* em gato doméstico (*Felis catus*)

SARMENTO, V.A.S.[1]; FREIRE, E. L. V.[1]; RODRIGUES, J. L.[1]; COSTA, E.W.S[1]; ARAUJO, N. T.[1]; OLIVEIRA, G. A.[2]; 1. Discente do Centro Universitário Cesmac (vitoriasarmento15@gmail.com) 2. Docente do Centro Universitário Cesmac

As parasitoses gastrintestinais são enfermidades de grande relevância na Clínica Médica de Pequenos Animais. Os felinos hospedam uma variedade de parasitas, dentre eles os nematoides *Toxocara cati* e *Ancylostoma tubaeforme,* que são parasitas causadores de quadros severos de obstrução intestinal e de anemia, respectivamente, podendo levar o animal ao óbito. Diante da relevância desses parasitos objetivou-se relatar a alta carga parasitária por *Toxocara cati* e *Ancylostoma tubaeforme* em gato doméstico (*Felis catus*). Foi atendida na Clínica Escola de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac uma gata adulta SRD. Ao exame clínico observou-se mucosas hipocoradas e abdome distendido. Posteriormente, foi solicitado o hemograma e o coproparasitológico. Foi coletada uma amostra de fezes e encaminhada para o Laboratório de Doenças Parasitárias do Cesmac, em seguida, a amostra foi submetida à técnica de flutuação com solução saturada de sacarose pelo método de Willis-Mollay. No resultado do hemograma foi diagnosticada anemia e eosinofilia. No parasitológico de fezes constatou-se a presença de 503 ovos de *Toxocara cati* e 95 ovos de *Ancylostoma tubaeforme*, caracterizando uma alta carga parasitária. O animal retornou a Clínica e foi prescrito Petzi gatos 1comp/4kg. É imprescindível que seja realizado o exame coproparasitológico, a fim de diagnosticar e prevenir as helmintoses, prezando pela qualidade de vida e o bem-estar do animal e humano.

Palavras-chave: Felino. Coproparasitológico. Nematoides

ALTERAÇÕES ELETROCARDIOGRÁFICAS EM CADELAS DIAGNÓSTICADAS COM CARCINOMA MAMÁRIO

Pereira[1], E L.; Souza[1], G S.; Silva[2], R.M. N.; Souza[3], A P. 1. Graduando em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande, edineteluciio@gmail.com 2. Professor (a), Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande

As neoplasias são enfermidades que apresentam elevada frequência na clínica de pequenos animais, principalmente em animais idosos, e estas podem determinar alterações fisiológicas nos pacientes em sistemas não ligados diretamente ao sítio do tumor. Desta forma, objetivou-se com este estudo observar indícios de alterações eletrocardiográficas em cadelas diagnosticadas com carcinoma mamário. Para tanto, foram utilizados sete animais, com idade de 9 ±3,6 anos, acometidos de neoplasia mamária atendidos no Hospital Veterinário da UFCG. A identificação e classificação do tipo neoplásico foi feito através de exame citológico cujo material foi obtido através de PAAF. Os cães foram submetidos a avaliação cardiovascular (eletrocardiograma e pressão arterial), imediatamente após a confirmação de neoplasia pelo exame citológico (M0), e aos 10 e 30 dias após a remoção cirúrgica do tumor. Quando correlacionado o diagnóstico citológico os traçados eletrocardiográficos de 5 animais observou-se uma uniformização de supradesnível do segmento ST no M0, achado este característico de desequilíbrio eletrolítico. Conclui-se que os tipos de tumores diagnosticados não induzem alterações eletrocardiográficas específicas, havendo necessidade de se avaliar outras neoplasias para poder descartar a manifestação de síndromes paraneoplásicas.

Palavras-chave: tumores, eletrocardiograma, cardiovascular.

ALTERAÇÕES HEMATOLÓGICAS EM CÃES SOROPOSITIVOS AO DPP E ELISA PARA *Leishmania infantum* SUBMETIDOS AO TRATAMENTO COM MILTEFOSINA 2%

SARMENTO, V.A.S.[1]; COSTA, E.W.S[1]; CALDAS, R.N.B.[1]; SILVA; B.A.[1]; BASTOS, I.V.M[2]; OLIVEIRA, G.A.[2]; 1. Discente do Centro Universitário Cesmac (vitoriasarmento15@gmail.com) 2. Docente do Centro Universitário Cesmac

A leishmaniose visceral (LV) é uma doença de caráter crônico, zoonótico de alta letalidade, causada pelo protozoário *Leishmania infantum*. Os parâmetros hematológicos associados ao estado clínico dos animais são fundamentais no prognóstico da enfermidade e consequentemente na conduta clínica a ser adotada. Com isso, objetivou-se evidenciar as alterações hematológicas em cães soropositivos para LV submetidos ao tratamento com miltefosina 2%. Foram atendidos na Clínica Escola de Medicina Veterinária do Cesmac 9 cães soropositivos ao DPP e ELISA, os quais foram divididos em grupos de doentes, expostos e infectados, segundo alterações clínicas. Foram coletadas amostras sanguíneas e encaminhadas ao Laboratório de Análises Clínicas da mesma instituição, onde foi realizado o hemograma utilizando a metodologia do hemocitômetro para contagem de células e cianometahemoglobina e a contagem diferencial dos leucócitos através do estiraço sanguíneo corado por corante rápido para hematologia, e posteriormente foi feito o perfil hematológico e constatou-se 77,7% (7/9) anemia normocítica normocrômica, 88,8% (8/9) hiperproteinemia, 44,4% (4/9) trombocitopenia, 33,3% (3/9) leucopenia, sendo 11,1% (1/9) associada a neutropenia e 22,2% (2/9) leucocitose associada a 22,2% (2/9) neutrofilia. Ao longo do tratamento de 28 dias não foram vistas alterações hematológicas significativas que evidenciaram a melhora dos animais, sendo necessária a utilização de medicamentos associados, a fim de buscar uma melhor qualidade de vida ao animal.

Palavras-chave: *Leishmania infantum*; Perfil hematológico; Cão.

ALTERAÇÕES MORFOFISIOLÓGICAS NO OVÁRIO DE PREÁS (*GALEA SPIXII* WAGLER, 1931) AOS 30 DIAS DE GESTAÇÃO SUBMETIDOS A DIFERENTES CONDIÇÕES DE ILUMINAÇÃO.

Tertulino, M.D.[1]; Sousa, A.C.F.C.[1]; Lopes, I.R.G.[3]; Oliveira, S.P.[1]; Bezerra, F.V.F.[2]; Oliveira, M.F.[2] 1. Graduando em Medicina Veterinária – UFERSA (moises.tertulino@gmail.com) 2. Docente – UFERSA. 3. Doutorando-UFERA

O preá é um roedor Histricomorfa, habita locais como capinzais e serrotes de pedra e utilizam cercas de pedra e locas como esconderijo objetivou-se descrever as alterações morfológicas no ovário de preás aos trinta dias de gestação submetidos a diferentes condições de iluminação. Para isto utilizou-se 15 preás fêmeas em três grupos com mesmo manejo alimentar e com cópula monitorada por meio de citologia vaginal. Identificada a cópula separava-se as fêmeas em grupos, sendo um submetido a iluminação constante, chamado de grupo claro, outro submetido ao escuro constante chamado de grupo escuro e o terceiro grupo mantido em condições normais. Atingidos os trinta dias de gestação realizava-se a coleta dos ovários que eram mensurados. Em seguida eram fixados por 48 h em paraformaldeido 4% em PBS 0.1M e pH 7.4, e incluído em parafina segundo técnicas usuais. Secções de cinco micrômetros, foram coletados de forma seriada e corados pela técnica de Hematoxilina-Eosina. Foi então calculada a população folicular dos diferentes grupos experimentais e realizada marcação imunofluorescente para receptores (MT1 e MT2) de melatonina. Observou-se que os ovários de preá apresentaram formato ovóide e superfície lisa com coloração amarelada e que os folículos mais abundantes foram os primários em todos os grupos experimentais não apresentando diferença significativa. No entanto no que se refere aos folículos antrais verificou-se que o número deste tipo de folículos foi significativamente superior no grupo escuro quando comparado aos demais grupos e que a marcação para receptores de melatonina foi mais evidente em folículos maduros e principalmente no grupo escuro. Dessa maneira conclui-se que as diferentes condições de iluminação, em especial a ausência de luz, influenciam na morfofisiologia do ovário.

Palavras-Chaves: Folículos, imunofluorescência, roedores.

AMASTIGOTAS DE LEISHMANIA SP EM SANGUE PERIFÉRICO DE CANINO COM SOROLOGIA NEGATIVA – RELATO DE CASO

Autores: Zadra. V.F. [1]; Pereira, M.C.A.[1]; Calheiros, M.A.S.[1]; Elias, P.C.V. [1]; Oliveira, K.P.[1]; da Silva, F.H.T.L.[2] 1. Médica Veterinária Patologista no Laboratório IMAVET, Maceió, Alagoas (vzadra@gmail.com) 2. Médico veterinário autônomo

Os cães são os principais hospedeiros de *Leishmania* sp e desempenham um importante papel na manutenção do ciclo urbano da doença. Atualmente, o diagnóstico da doença inclui a avaliação clínica, parasitológico direto, exames sorológicos e moleculares. Tais técnicas possuem sensibilidade e especificidade variáveis, devendo ser associadas a fim de aumentar a acurácia diagnóstica. Em 24 de Novembro de 2017, foi encaminhado ao Laboratório Imavet (Maceió/AL), amostra de sangue de paciente canina, fêmea, raça Dog Alemão, 6 anos, para realização de hemograma e análise bioquímicas (creatinina, fosfatase alcalina, ALT e uréia). A paciente apresentava letargia e dificuldade de locomoção, sendo diagnosticado com Síndrome da Cauda Equina. Foi tratada com prednisona (1mg/kg 24h) e durante esse período observou-se úlceras de decúbito e onicogrifose. Foi realizado teste rápido para leishmaniose (ALERE® leishmaniose AC kit test) sendo o resultado negativo. No hemograma, anemia normocítica normocrômica e à avaliação do esfregaço sanguíneo foram visualizadas estruturas compatíveis com amastigotas em neutrófilos, sugerindo assim leishmaniose. Na bioquímica sérica, aumento de fosfatase alcalina e proteína plasmática. Foram realizados RIFI e Elisa para Leishmaniose, com resultados também negativos. Optou-se pela realização de PCR qualitativo do sangue total periférico, com resultado positivo. Em função da debilidade, o animal veio a óbito dia 08 de dezembro de 2017, 14 dias após realização dos exames. A terapia com droga imunossupressora instituída pode ter afetado a soroconversão do paciente, ocasionando os resultados negativos nos testes sorológicos (indireto) e facilitando a presença das formas amastigotas em sangue periférico, já que este é um achado pouco frequente da infecção.

Palavras-chave: *Leishmania*, diagnóstico, imunossupressão

AMPUTAÇÃO BIDIGITAIS EM SAGUI-DE-TUFOS-BRANCOS (*CALLITHRIX JACCHUS*)

Neves, C.A. [1]; Arrivabene, M.[1]; Silva, A.C.A. [1]; Nunes, M.H.V.[2]; Silva, F.A.N.[2]; Vasconcelos, C.B.[3]1. Professora da Universidade Federal do Piauí 2. Médicos veterinários preceptores do Hospital Veterinário Universitário – PI. 3. Graduanda do Centro Universitário Cesmac (catarinabibianoo@gmail.com).

A maior incidência de acidentes envolvendo animais silvestres deve-se a intervenção humana, contribuindo para a saída dos seus habitats e invasão desses animais nos centros urbanos, acarretando em lugares inadequados para sua segurança. Um Sagui-de-tufos-brancos, jovem, fêma, estava vivendo em grupo de animais nas árvores de um condomínio residencial onde ocorreu um acidente durante a realização de poda ou corte nas galhadas de um Bougainvillea, caindo de uma altura de 4 metros. O animal foi resgatado por uma moradora e levado para o Hospital veterinário universitário de Teresina – PI, no exame clínico foi observado lesões nos digitos da mão direita e no pé esquerdo, preconizando o procedimento cirúrgico. Foram utilizados na medicação pré-anestesica (2 mg/kg) de Morfina, (0,2 mg/kg) de midazolan e 10 mg/kg de cetamina, a indução e matunção ocorreu com isoflurano na mascara, finalizando com 4 mg/kg de lidocaína sem vaso para a infiltração nos dígitos. O procedimento cirurgico foi preconizado para os digitos da mão direitacom a realização da antissepsia com álcool e clorexidine, respectivamente, posterior a isso foi realizada a incisão de pele ao redor do quarto dígito, com uma leve divulsão que permitisse a visualização da articulação, realizando a desarticulação e sutura simples separada com fio absorvível, após essa conduta contatou-se a necessidade de realizar a amputação do digito. Após procedimento cirurgico foi preconizado protocolo terapêutico com antibioticoterapia e antinflamatorioterapia com Meloxicam (0,2 mg/kg) onde o animal respondeu ao tratamento satisfatoriamente, utilizando óleo de girassol izonizado nas regiões amputadas duas vezes ao dia. O animal após 8 dias foi reintroduzido na mata.

Palavras chaves: Resgate, amputação, sagui, ozonioterapia.

ANÁLISE CITOLÓGICA DE SECREÇÃO MAMÁRIA EM CADELA COM CARCINOMA MAMÁRIO NÃO PALPÁVEL

DANTAS NETO, A. M.[1]; LIMA, I. C. S.[2], OLIVEIRA, M. N.[2]; T. S. NUNES T. S.[3], JORGE, S. M.[4]; TOLEDO, G. N.[5] 1. Mestre em Ciência e Saúde Animal pela UFCG 2. Graduanda em Medicina Veterinária pela UFCG – CSTR (leticiacalima@hotmail.com) 3. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal (PPGCSA) pela UFCG 4. Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde (Medicina Veterinária) pela UFCG 5. Professora no curso de Medicina Veterinária da UFCG – CSTR

Descarga ou derrame papilar é caracterizado pela secreção de conteúdo líquido ou exsudato pela papila mamária, na ausência de processos fisiológicos que influenciem a secreção, como gravidez ou lactação. Objetivou-se com este estudo, descrever as alterações citológicas da secreção mamária como exame diagnóstico de carcinoma mamário em uma cadela, 9 anos, castrada, atendida no Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Campina Grande (HVU/UFCG), apresentando secreção apenas na mama torácica caudal direita, a qual não havia massa palpável em nenhuma das mamas. A secreção iniciou com aspecto seroso e, após, teve uma modificação na coloração para serosanguinolenta. A paciente foi encaminhada para mastectomia unilateral direita e o material foi encaminhado para análise histopatológica. Na citologia da secreção mamária foi observada células neoplásicas sugestivas de carcinoma. O exame histopatológico confirmou o diagnóstico de carcinoma túbulo-papilar de grau III. O diagnóstico só foi possível a partir de uma única alteração clínica, que foi o derrame papilar mesmo na ausência de uma massa tumoral palpável. Concluiu-se que a análise citológica de secreção das glândulas mamárias pode ser um método eficaz para o diagnóstico precoce de neoplasias mamárias.

Palavras chaves: Cadela, citologia, carcinoma, neoplasia, secreção mamária.

ANÁLISE DOS NÍVEIS DE EMPATIA NA CLÍNICA DE PEQUENOS ANIMAIS.

Forte, L.O.[1]; Lima, M.C.J.S.[2]. [1]Graduanda em Medicina Veterinária na UnP - RN (lohanne.forte@cear.ufpb.br) [2] Docente do curso de Medicina Veterinária, UnP.

Empatia é tentar agir ou pensar da forma como o outro pensaria ou agiria nas mesmas circunstâncias. Quando relacionamos à Medicina Veterinária, onde os pacientes não expressam o que sentem através da comunicação verbal, a empatia demonstrada pelo veterinário com o tutor, proverá uma maior confiabilidade, tendo consequência direta em todas as etapas da consulta. Dessa forma, realizou-se um estudo para avaliar os níveis de empatia entre estudantes e profissionais com interesse na Clínica Médica de Pequenos Animais, utilizando uma versão adaptada da Escala Jefferson de Empatia Médica. As respostas variavam de um(discordo totalmente) a sete(concordo totalmente), baseadas na escala de Likert, e, quanto mais próxima a média de 7, mais empático seria o avaliado. Dentre acadêmicos e profissionais do curso de Medicina Veterinária que responderam à pesquisa, 79(18,9%) atuam ou pretendem atuar na Clínica Médica Geral de Pequenos Animais. Destes, 65,8% eram do sexo feminino e apresentaram média (5,39) dos níveis de empatia superior à média masculina (4,91). A maior diferença ocorreu entre a faixa acima de 45 anos do gênero feminino (5,59) e a faixa de 25-29 anos do gênero masculino (4,55). Outro dado significativo ocorreu entre os profissionais formados há, no máximo, 5 anos, que obtiveram média inferior (4,2) à média dos demais profissionais (5,14) e dos acadêmicos (5,56). Os dados apontaram uma tendência de os recém-formados serem menos empáticos, enquanto o gênero feminino, mais empático. A empatia tem sido interesse de estudo em diversas áreas da saúde, mas poucos são voltados para Medicina Veterinária no Brasil. Dessa forma, os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para o desenvolvimento humanístico do Médico Veterinário, uma vez que a empatia pode ser construída ao longo dos anos e exerce um papel importante na tomada de decisões nas questões ligadas ao cuidado.

Palavras-chave: Comunicação verbal, escala Jefferson, medicina veterinária.

ANÁLISE MICROBIOLÓGICA DE RAÇÕES PARA CÃES E GATOS COMERCIALIZADAS EM MOSSORÓ/RN

SOARES, K.K.S.[4]; ALVES, N.D.[2]; FEIJÓ, F.M.C.[2]; SANTOS, C.S.[3], RODRIGUES, G.S.O.R.[2]; SANTOS, P.V.F.[1]. 1. Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) (paulavivian.s@hotmail.com) 2. Professor(a) Doutor na UFERSA 3. Servidor público da UFERSA 4. Médica veterinária autônoma

O segmento com maior crescimento e rentabilidade no mercado pet é o de "pet food", que consiste na produção e comercio de alimentos para animais de companhia, sendo o ministério da agricultura pecuária e abastecimento (MAPA) o órgão responsável pela fiscalização desses alimentos. No entanto, de forma indevida, muitos estabelecimentos armazenam e comercializam esses produtos em recipientes abertos, facilitando a contaminação por microrganismos. Com isso, o objetivo do presente trabalho foi avaliar a qualidade microbiológica de rações secas industrializadas para cães e gatos comercializadas a granel na cidade de Mossoró/RN. Para tal, foram coletas dez amostras de 0,5 kg de ração vendidas à granel, sendo cinco do tipo cães adultos e cinco do tipo gatos adultos. As amostras adquiridas em cinco estabelecimentos escolhidos aleatoriamente na cidade de Mossoró/RN foram conduzidas ao Laboratório de Microbiologia Veterinária (LAMIV) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), onde foram avaliadas quanto à presença de fungos e leveduras, coliformes totais e termotolerantes e *Salmonella spp*. O resultado das amostras analisadas evidenciaram que 70% das amostras possuíam contaminação por fungos, 40% por coliformes totais e termotolerantes e 10% se mostraram positivas para *Salmonella spp*. A presença desses microrganismos não significa necessariamente a contaminação dos animais, mas indica uma baixa condição higiênica desses produtos ofertados aos pets. Pode-se concluir que as rações vendidas a granel analisadas apresentaram contaminação por microrganismos como fungos, leveduras, coliformes totais e termotolerantes, além de *Salmonella spp*. Mostrando a importância de se adquirir rações em embalagens fechadas de fábrica que reduz a probabilidade de contaminação.

Palavras chaves: Pet Food, microrganismos, venda fracionada.

ANEMIA HEMOLÍTICA IMUNOMEDIADA EM CÃO COM HISTÓRICO DE HEPATOPATIA E DOENÇA DO CARRAPATO– RELATO DE CASO

CRUZ, A. S.[1]; FONTES, G. K. R.[1]; NASCIMENTO, M. S.[1]; MELO, N. A. V.[1]; SOUZA, A. P. C.[2] 1. Graduandas em Medicina Veterinária- UFS (alicesampaiocruz@hotmail.com) 2. Médica Veterinária na área de Clínica Médica de Pequenos Animais.

A anemia hemolítica imunomediada (AHIM) é decorrente de uma destruição acelerada das hemácias por mecanismos imunomediados. Este relato teve como objetivo analisar como um paciente com AHIM responde ao tratamento com o uso de corticosteroides. Foi atendido um canino macho, SRD de 8 anos e 7 meses pesando 6,450kg, com histórico de doença do carrapato, alteração hepática e vômitos constastes durante o tratamento sugerido pelo veterinário anterior e medicações administradas pela tutora. A queixa principal relatada foi urina e fezes de coloração mais escura. Durante o exame físico foi constatado mucosas pálidas e levemente ictéricas, sopro cardíaco, febre de 40 °C e sensibilidade de traqueia. A partir dessas alterações, foram solicitados exames complementares, sendo estes: uma ultrassonografia abdominal, que constatou aumento de baço, pequena quantidade de líquido livre e alterações hepáticas, um hemograma, que apresentou anemia macrocítica hipocrômica (HT 14%), leucocitose (20,00mil/mm³) e AHIM, e, por fim, o bioquímico para perfil hepático, que constatou elevações nos níveis de albumina, AST e bilirrubina direta (icterícia pós hepática). O protocolo terapêutico baseou-se na administração de S-Adenosil-Metionina 20mg/kg SID durante 60 dias, Amoxicilina + Clavulanato de Potássio 20mg/kg BID durante 7 dias, Prednisona 0,5mg SID durante 7 dias e Dipirona 25mg/kg TID durante 3 dias. Após 21 dias, repetiu-se o hemograma e constatou-se melhoras nos valores obtidos, porém ainda apresentava uma leve anemia (HT 33%) e linfopenia absoluta (1530/mm³). Sendo assim, foi realizado o desmame do corticosteroide por 7 dias, porém o paciente não retornou para o acompanhamento. Diante o tratamento com o uso de corticosteroides, notou-se que o paciente obteve melhoras clínica e laboratorial significativas, porém não se sabe por quanto tempo esta condição positiva permanecerá, uma vez que não há estudos científicos que evidenciem a eficácia do tratamento com essa medicação.

Palavras-chaves: anemia hemolítica imunomediada; corticosteroides;

ANESTESIA E ANALGESIA PARA AMPUTAÇÃO DE CAUDA EM IGUANA VERDE: RELATO DE CASO

Alves, L.P.[1]; Santana, G.C.O.M[2]; Gomes, R.S.[3]; Mouta, A.N.[4]; Demoner, L.C[5], 1. Acadêmica de Medicina Veterinária da UFERSA (leticiaalvesmv@gmail.com) 2. Médica Veterinária na clínica Mundo Pet 3. Médica Veterinária na clínica Bicho do mato. 4. Médica veterinária mestranda em ciência animal na UFERSA 5. Médica Veterinária no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit na UFERSA.

A iguana verde (*Iguana iguana*) vem ganhando espaço nos lares, sendo considerada um novo animal de estimação. Poucos fármacos têm sido explorados na anestesia desses pacientes, sendo difícil encontrar literaturas com protocolos e doses para as intervenções cirúrgicas nesses animais, necessitando assim de mais estudos. Objetivou-se relatar, em uma Iguana verde, um protocolo anestésico e analgésico para amputação de cauda. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, uma *Iguana iguana*, pesando 1,2kg. O paciente foi submetido a amputação da cauda. Para realização do procedimento administrou-se dexmedetomidina na dose de 0,05mg.kg^{-1}, 1mg.kg^{-1} de midazolam e morfina na dose de 5mg.kg^{-1}, ambos por via intramuscular previamente à cirurgia. Após 20 minutos o paciente permitiu manipulação. A indução e manutenção anestésica foi realizada com anestésico volátil Sevoflurano. Utilizou-se uma concentração alveolar mínima durante a cirurgia de 1,5% e 20 minutos depois, 2% de Sevoflurano. A cirurgia durou 50 minutos. Os parâmetros de frequência cardíaca (FC), frequência respiratória (*f*) foram monitorados a cada 5 minutos. As médias observadas foram FC de 57 batimentos por minuto e *f* 9 respirações por minuto. Ao término do procedimento utilizou-se Flumazenil na dose de 0,05mg.kg^{-1} e Atipamezol na dose de 0,25mg.kg^{-1}. A recuperação da anestesia ocorreu em dez minutos após a aplicação intramuscular desses fármacos. A utilização da Dexmedetomidina na dose sugerida associada ao midazolam causou eficaz imobilização com sedação leve. A combinação desses fármacos é vantajosa, pois ambos possuem reversores. A analgesia com a morfina foi eficiente para prevenir a nocicepção dos eventos álgicos no transcirúrgico.

Palavras chaves: Dexmedetomina, Répteis, Sedação, Sevoflurano.

ANESTESIA GERAL EM HAMSTER (*Phodopus campbelli*) PARA EXÉRESE DE MASSA TUMORAL EM SUBCUTÂNEO DE BOLSA JUGAL – RELATO DE CASO

TORRE, F.V.[1], MELO, M.L.T.[1], GOUVEIA, I.S.[1], SOUZA, M.C.R.[1], ROCHA, K.B.[2] ALMEIDA M.R.[3] 1. Discente em Medicina Veterinária – UFRPE, Recife –PE. (fernanda.vt1999@gmail.com) 2. Residente no Hospital Veterinário Universitário da UFRPE 3. Médica veterinária do HOVET/UFRPE.

As espécies silvestres e exóticas equivalem a um total aproximado de 26,4% dos animais pets no Brasil, o que torna o desenvolvimento de técnicas cirúrgicas e anestésicas indispensável para essas espécies cada vez mais frequentes na rotina veterinária. Relata-se o êxito do procedimento anestésico realizado em um hamster anão russo (*Phodopus campbelli*), fêmea, de um ano e seis meses de idade, pesando 54 gramas, submetido a exérese de nódulo presente em bolsa jugal esquerda no Hospital Veterinário Escola da Universidade Federal Rural de Pernambuco (HOVET/UFRPE). A medicação pré-anestésica foi realizada por via intraperitoneal com uma diluição à base de 1 mL de acepromazina a 0,2%, 2,5 mL de cloridrato de xilazina a 2% e 5 mL de cloridrato de cetamina a 10%, cujo valor administrado correspondeu a 0,1 mL para cada 100g de peso do animal. A indução e a manutenção anestésicas foram obtidas com isofluorano em vaporizador universal não calibrado por meio de máscara facial. Foi realizada anestesia local infiltrativa em cordão na região indicada para incisão por meio de 0,02 mL de lidocaína sem vasoconstritor a 20% diluída em 0,08 mL de água para injeção. O monitoramento consistiu na avaliação de reflexo palpebral e observação de movimentos respiratórios. Ao término do procedimento, o fornecimento do anestésico inalatório foi interrompido, porém mantida a oxigenação a 100%. No presente caso, não foram adotados jejum hídrico e alimentar. Utilizou-se ainda colchão térmico para manutenção da temperatura corpórea. A paciente obteve recuperação satisfatória, além da melhora na qualidade de vida nos dois meses seguintes ao procedimento, vindo, entretanto, a óbito devido a recidiva em estágio avançado.

Palavras-chave: roedores, pets não-convencionais, medicação pré-anestésica, isofluorano.

ANESTESIA LOCAL POR TUMESCÊNCIA COM ROPIVACAÍNA EM CADELA SUBMETIDA A ANESTESIA INTRAVENOSA CONTÍNUA COM PROPOFOL E REMIFENTANILA PARA MASTECTOMIA BILATERAL – RELATO DE CASO

TORRE, F.V.[1], MELO JÚNIOR, E.C.[1], COSTA, B.S.[1], ROCHA, R.N.[2], 1. Discente em Medicina Veterinária – UFRPE, (fernanda.vt1999@gmail.com), 2. Médico veterinário do HOVET/UFRPE.

A dor advinda de excisões cirúrgicas interfere de maneira significativa no processo de cicatrização tecidual e no funcionamento do sistema imune. Por essa razão, os protocolos anestésicos alternativos têm sido foco de estudo, destacando-se as técnicas de anestesia locorregional como a anestesia infiltrativa local por tumescência (ALT), que, embora descritas diferentes formulações para a solução anestésica utilizada nessa técnica, ainda não há consenso quanto à sua padronização. Relata-se a utilização da ropivacaína na ALT em mastectomia de cadela, 6,8 kg, 14 anos de idade, submetida a anestesia geral intravenosa. A paciente não recebeu medicação pré-anestésica e a indução foi realizada com Propofol (4mg/kg) associado a Cetamina (2mg/kg) e Diazepam (0,1mg/kg) por via intravenosa (IV). O animal foi posicionado em decúbito dorsal para a intubação e, na sequência, deu-se início à manutenção anestésica por infusão IV contínua de Propofol a 0,4mg/kg/min em combinação a Remifentanila a 0,3mcg/kg/min. Seguidamente, introduziu-se uma cânula fenestrada no espaço subcutâneo através de um orifício de entrada feito com lâmina de bisturi para a realização da técnica de tumescência com 16,7 mL de Ropivacaína a 0,75% diluída em 233,3 mL de solução de Ringer Simples, em um volume fixo de 15 mL/kg. Durante todo o procedimento os parâmetros eletrocardiográficos bem como a pressão arterial e variáveis capnográficas foram monitorados. A escolha da ropivacaína levou em consideração sua menor cardiotoxicidade, se comparada a bupivacaína, e seu efeito mais prolongado do que a lidocaína. A paciente obteve recuperação anestésica satisfatória e não apresentou dor com a palpação da região cirúrgica.

Palavras-chave: Anestesia balanceada, cirurgia veterinária, *Canis familiaris*.

ANGIOEDEMA EM CÃO ERRANTE: RELATO DE CASO

SANTOS, J.N.[1]*, FEIJÓ, F.S.[1], CORREIA, F.S.[1], OLIVEIRA, R.E.C.[1], CHAVES, K.N.[1], ANDRADE, A. C.[2] 1.Discente de graduação em Medicina Veterinária da UFAL, Viçosa/AL (july.nascimento20@gmail.com); 2.Mestranda em Medicina Veterinária da UFAL, Viçosa/AL;

O angioedema refere-se a um edema disseminado na derme profunda ou subcutâneo, sendo comum o acometimento da face que geralmente vem acompanhado de eritema e dispneia. Tem como causas frequentes: picadas de insetos, alergia alimentar, reações vacinais e medicamentosas, e a plantas. Um canino, sem raça definida, macho, não castrado, com aproximadamente 8 meses, 19,4 Kg, apresentou como queixa principal edema generalizado de face há dois dias, sem histórico anterior. Não havia sido medicado ou vacinado recentemente, porém por não ser domiciliado, estava exposto a diferentes situações possíveis, apesar dos animais contactantes não apresentarem alterações. Ao exame físico, observou-se temperatura de 39,1°C, frequência respiratória e cardíaca de 81 mpm e 112 bpm, respectivamente. Foi constatado, também, edema em região facial e submandibular, mucosas levemente congestas, linfadenomegalia nos linfonodos mandibulares bilateralmente e o poplíteo direito, e também dispneia. Observou-se presença de ectoparasitas (carrapatos, pulgas e piolhos). Na ausência de outras alterações, foi prescrito prometazina (0,15 mL SC), dipirona (500mg/ 12h/ 3 dias VO), prednisolona (20mg/12h/4 dias VO), suplemento vitamínico e sulfato ferroso, além do controle de ectoparasitas com fipronil (uso externo: 1,34 mL Spot-on). A maioria dos casos de urticária é transitória e se resolve espontaneamente, sem tratamento, dentro de 12 a 48 horas, diferentemente deste caso que o paciente ainda apresentava sinais evidentes passados às 48 horas, apesar do não agravamento dos sintomas. Diante disso, a terapêutica priorizou a redução da reação inflamatória e eliminação dos ectoparasitas, uma vez que, em cães, a reação alérgica aos artrópodes que picam ou pungem é considerada a causa mais comum de urticária ou angioedema. A melhora gradativa dos sinais clínicos foi evidenciada até a cura clínica, sugerindo ser um dos ectoparasitas ou o sinergismo deles a causa desencadeante da reação.

Palavras-chaves: Hipersensibilidade, edema, dermatopatia, ação extensiva, canino.

ANGIOSSARCOMA EPITELIÓIDE EM CADELA - RELATO DE CASO

LIMA, S. M.[1]; MONTEIRO, S. A.[2]; GARÇÃO, I. P. [3]; ANDRADE, R. L. F. S.[4] Discente em Medicina Veterinária da Faculdade Pio Décimo (medvet.matheuslima@gmail.com) 2. Docente de Medicina Veterinária da Faculdade Pio Décimo 3. Médica Veterinária da Clínica Animed. 4. Patologista Veterinária do Laboratório Veterinário Animal Pat Lab.

Os angiossarcomas são neoplasias vasculares malignas, por vezes associados a exposição crônica à radiação ultravioleta. O subtipo epiteloide é descrito mais frequentemente na pele e tecidos moles. Relata-se a ocorrência de um angiossarcoma epitelioide em cadela, mestiça, adulta, com nódulo em região de glândula mamária inguinal direita, medindo 8 cm de diâmetro, com evolução de três meses. Foi realizada mastectomia e encaminhado material para avaliação histopatológica. Macroscopicamente a massa era multilobulada, macia, com áreas de consistência flutuante. Ao corte, era amarronzada a enegrecida, com múltiplas cavitações. Microscopicamente a lesão estendia-se da derme profunda ao panículo, e caracterizava-se por áreas multifocais a coalescentes de estruturas vasculares bem diferenciadas, preenchidas por quantidade variável de hemácias, envoltas por proliferação de células mesenquimatosas, robustas, com acentuado pleomorfismo celular e nuclear. Média de três figuras de mitose por campo de maior aumento. Em uma área do tumor há proliferação de células gigantes multinucleadas. O tecido epitelial mamário adjacente apresenta-se hiperplásico. Os achados anatomopatológicos e histopatológicos confluem o diagnóstico de angiossarcoma epitelioide. Devido a localização e conformação macroscópica da lesão deve ser incluído o angiossarcoma como diagnóstico diferencial de neoplasias mamárias. Diferenciação comprobatória da origem endotelial do tumor deve ser realizada através de exame imunohistoquímico.

Palavras-chave: Hemangiossarcoma, neoplasia vascular, glândula mamária.

APLICAÇÃO DA TÉCNICA DE BILLROTH TIPO I PARA REMOÇÃO DE LEIOMIOMA GÁSTRICO EM CÃO

Ferreira, P.G.C[1]; Cunha, L.I[1].; Machado, J.C.A[1].; Stolf, L.C[2]; Ávila Filho, S.H.[3] 1. Graduando em Medicina Veterinária no Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí (paulocantuariio@gmail.com) 2. Médico Veterinário da Clínica Veterinária Cães e Gatos 3. Médico Veterinário Mestre do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí

Neoplasias gástricas de músculo liso são incomuns e correspondem a menos de 1% de todas as neoplasias em cães. Os sinais clínicos mais frequentes são hiporexia e êmese, os quais na maioria das vezes, se iniciam quando compromete-se o esvaziamento gástrico. Foi admitido um canino, SRD, nove anos, pesando 9,5 kg com histórico crônico de êmese, hiporexia, emagrecimento progressivo e melena, todos estes não responsivos à tratamento medicamentoso, prévio, com ranitidina, omeprazol e maropitant. Com finalidade investigativa foram solicitados hemograma, radiografia simples abdominal e torácica, bem como os exames de endoscopia e ultrassonografia abdominal. Ao hemograma observou-se anemia normocítica e normocrômica e leucocitose. Por suas vezes, não se evidenciaram alterações radiográficas e endoscópicas dignas de nota. Sobre este último, destaca-se que foi realizado biópsia da mucosa gástrica. Material que, após avaliado por histopatologia, não demonstrou atípia celular ou tecidual. Entretanto, na ultrassonografia abdominal constatou-se espessamento com perda da ecotextura e definição da camada muscular da parede gástrica, região pilórica e duodenal. Foi realizada laparotomia exploratória, quando se confirmou a presença de uma massa em região pilórica e duodenal. Ato contínuo procedeu-se a exérese tumoral e anastomose gastroduodenal pela técnica de Billroth tipo I. O tecido removido foi encaminhado para avaliação histopatológica, sendo diagnosticado leiomioma gástrico. Passados os primeiros quinze dias pós-operatório, o animal retornou ao Hospital, ocasião na qual foram retiradas as suturas cutâneas, observado que o animal se encontrava hígido, além de ser relatado, pelo proprietário, que o mesmo não apresentava mais sinais clínicos.

Palavras chaves: anastomose gastroduodenal, êmese, melena, neoplasia gástrica.

ASPECTO CLÍNICO E RADIOGRÁFICO DE LESÃO REABSORTIVA ODONTOCLÁSTICA FELINA

Figueiredo, G.R.F.[1]; Mateus, N.L.F.[1]; Batistussi, J.L.[1]; Mônaco, L.C.[1]; Vilela, A.L.[2]; Carvalho, J.K.M.R.[2] 1. Programa de Aperfeiçoamento em Clínica Médica de Pequenos Animais, Clínica Veterinária Unigran (nathalia.fontoura@unigran.br) 2. Odontopet – Odontologia Veterinária

A Lesão de reação odontoclástica felina (LORF) é uma enfermidade que acomete os elementos dentários permanentes, especialmente os caninos e pré-molares. Através da avalição clínica é possível observar sensibilidade ao toque, sialorreia, anorexia e inapetência. Além de alterações especificas como o avanço do tecido gengival hiperêmico, sobre a coroa e colo dos dentes acometidos. O método mais eficiente para o diagnóstico da lesão é a radiografia intraoral dos elementos dentários associado a avalição clínica da cavidade oral. O presente trabalho relata o caso do paciente felino, SRD, diagnosticado com LROF através dos achados clínicos e da radiografia intraoral, utilizando a técnica da bissetriz e do paralelo. Como medida terapêutica, realizaram-se múltiplas exodontias com o auxílio da broca Zekrya para as odontosecções, em tempos cirúrgicos diferentes com intervalo de 4 meses. Após as extrações, em ambos os procedimentos cirúrgicos, o paciente passou a se alimentar melhor e aparentemente sem presença de dor. As múltiplas exodontias permanecem sendo a medida terapêutica de eleição para LROF, podendo proporcionar maior conforto e qualidade de vida ao paciente.

Palavras-Chave: Doença periodontal, gatos, radiografia intraoral.

ASPECTOS CLÍNICOS E EPIDEMIOLÓGICOS DA DERMATOFITOSE EM GATOS (*Felis catus*) DO MUNICÍPIO DE MARECHAL DEODORO – AL

AMARAL, Y. Y. C.[1]; SOUSA, L. B.[1]; REY, T. C. M.[1]; BORGES, M. R. A.[1]; OMENA, P. N. M.[2]; ANDERLINI, G. P. O. S.[3] 1. Graduanda do curso de Medicina Veterinária do CESMAC (yaasminamaral@hotmail.com) 2. Médica Veterinária 3. Docente do Centro Universitário Cesmac

Doenças dermatológicas de origem bacterianas, fúngicas, autoimunes e parasitárias, são comumente diagnosticadas e representam um dos problemas mais frequentes na clínica de pequenos animais. A dermatofitose é definida como uma micose cutânea causada por fungos pertencentes aos gêneros Microsporum spp., Tricophyton spp. e Epidermophyton spp. Objetivou-se com este trabalho descrever os aspectos clínicos e epidemiológicos da dermatofitose em gatos do município de Marechal Deodoro, Alagoas. Foi realizado um estudo observacional transversal utilizando amostras de animais domiciliados e semidomiliados no município de Marechal Deodoro, e que foram coletadas através da retirada de pelos sem limpeza prévia, sendo aplicada uma ficha clínica, contendo dados epidemiológicos da região estudada, dados do animal incluindo a identificação e o estado físico de saúde. Foram analisadas 110 amostras de pelos de gatos, de idades variadas, ambos os sexos, sem raça definida, com e sem lesões. Para a obtenção dos resultados realizou-se um estudo das amostras que foram sujeitas a análises micológicas no laboratório de Microbiologia Veterinária do Centro Universitário Cesmac na cidade de Marechal Deodoro. Das amostras analisadas 27,27% (30/110) dos felinos foram positivos para dermatofitose, observando o isolamento de *Microsporum canis* em todas as amostras positivas. A dermatofitose é frequentemente observada na clínica de felinos e sabendo que é uma infecção de grande importância pública devido ao seu grande potencial zoonótico, o controle e os cuidado com os animais são indispensáveis. Tendo como melhor forma de prevenção, isolar os animais portadores, higienizar o ambiente que os animais vivem, e realizar o tratamento para os fungos de acordo com a necessidade e a clínica de cada animal.

Palavras-Chaves: Micose. *Microsporum canis*. Fungos.

ASPECTOS ENDOSCÓPICOS DA GASTROPATIA PILÓRICA HIPERTRÓFICA EM UM CÃO DA RAÇA BULDOGUE FRANCÊS COM 6 MESES DE IDADE.

Gonçales, L.A.M.,[1] Podestá, V.S.,[1] Sanches, O.C.,[2] Carvalho, L.A.R.[3], Neves, L.O.N[3], 1-Mestrandos em Medicina e Bem Estar Animal - Unisa-SP; 2- Professor do curso de Mestrado em Bem estar Animal - Unisa-SP; 3 – Professor adujnto – FUNORTE (leticiaarc@yahoo.com.br)

A gastropatia pilórica hipertrófica crônica consiste no estreitamento obstrutivo incomum do canal pilórico, resultante de graus variados de hipertrofia muscular, hiperplasia da mucosa ou a combinação de ambas. A causa é desconhecida, contudo, alguns fatores desencadeantes são propostos. Os sinais clínicos estão relacionados ao grau de estreitamento pilórico. Foi atendido em São José dos Campos, um paciente canino, macho, Buldogue Francês, com 6 meses, apresentando bom escore corporal. O tutor relatou que o paciente apresentava vômitos esporádicos, com presença de alimento, mesmo várias horas após a última refeição. O hemograma e a bioquímica sérica não exibiram alterações. O paciente foi submetido ao exame de ultrassom, onde notou-se conteúdo gástrico intraluminal com aspecto alimentar, mesmo após 12 horas de jejum; além de espessamento focal da mucosa, em região de antro. Os principais diagnósticos diferenciais considerados foram: gastrite severa, gastropatia pilórica hipertrófica-hiperplásica, neoplasia e intussuscepção duodenogastrica, indicando-se o exame endoscópico como exame complementar. Este revelou edema, eritema da mucosa e pequenas lesões erosivas em região de corpo e antro. Em região antro pilórica, foi visualizado uma prega gástrica acentuadamente edemaciada (hiperplasia), ocluindo aproximadamente 85% da entrada do canal pilórico. O paciente foi submetido a uma piloroplastia em "Y" e o material enviado para avaliação histopatológica. A avaliação das amostras obtidas através da endoscopia, limitou-se apenas às camadas mucosa e submucosa. Portanto, o diagnóstico da hipertrofia muscular, como ocorre em alguns cães com GPH, requer amostras de biópsia gástrica de espessura total.

Palavras chaves: Endoscopia, piloro, estenose, êmese, cães.

ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS E CLÍNICOS DA ESPOROTRICOSE DE ANIMAIS ATENDIDOS NAS CLÍNICAS VETERINÁRIAS DO MUNICIPIO DE BAURU – SÃO PAULO.

Slompo, M. A. B.[1], Dantas, L. O.[2], Sgarsosa, S. H. P. V.[2], Rodovalho, M. V. T.[2], Torres, V. F.[2], Appolinário, C. M.[1]. (lilidantas@yahoo.com) 1 Médica Veterinária autônoma, 2 Docente UNIP/Bauru.

A esporotricose é uma micose subcutânea que tem como agente causal o fungo dimórfico do complexo *Sporothrix*. Epidemiologicamente pode ser subaguda ou crônica, de maior ocorrência em áreas de clima tropical e subtropical e pode acometer diversas espécies animais, inclusive o homem. O objetivo desse estudo retrospectivo foi determinar os aspectos epidemiológicos e clínicos dessa infecção dos animais diagnosticados em clínicas veterinárias no município de Bauru, localizado na região centro-oeste do estado de São Paulo. Para tanto foram analisados dados obtidos por meio de prontuários, gentilmente cedidos, das clínicas veterinárias visitadas no município. Das 36 clínicas visitadas, 32 clínicas permitiram o acesso às fichas de atendimento, onde 68,7% (22) havia registrado casos de esporotricose. Dentre os casos analisasos, a espécie mais acometida foi a felina (74,3%), seguida pelos cães (20,0%) e em 5,7% dos casos não foi possível determinar a espécie por falta de anotação no prontuário. As áreas do corpo mais acometidas pelas lesões foram: a região cefálica (73%) e membros torácicos (15,3%), em 10,3% não foi possível determinar o local por falta de registros. Quanto ao diagnóstico, 34,3% foram determinados apenas com exame clínico, 42,9% além do exame clínico realizaram citologia e 11,4% realizaram biopsia, 11,4% não foi possível determinar o método diagnóstico por falta de informação no prontuário. Quanto ao protocolo de tratamento, 71,5% utilizaram apenas itraconazol, 14,8% itraconazol em associação com outros fármacos, 8,9% não realizaram o tratamento e 2,8% não constava na ficha de atendimento. Segundo a evolução, 40% evoluíram para alta, 34,3% para óbito, 17,1% estavam em tratamento e 8,6% não foi possível saber por falta de informação no prontuário. O resultado encontrado está de acordo com a literatura que afirma que a espécie felina é a mais afetada, a região cefálica a mais acometida e o intraconazol a droga mais utilizada. Podemos concluir que a doença está presente no município estudado, inclusivo com um potencial zoonótico importante e que os registros adequados nos prontuários de atendimento é de extrema importância para estudos retrospectivos.

Palavras-chave: Esporotricose, Bauru, clínicas veterinárias, epidemiológico

ASPECTOS ULTRASSONOGRÁFICOS E TOMOGRÁFICOS DA ESPLENOSE EM CÃO

Novaes, R. C.C.[1]; Souza, E. M.[1]; Marinho, R. M. P[2]; Oliveira Neta, I. C. [2]; Monteiro, L. L. C. [3]; Costa, F. S. [4].1. Graduanda em Medicina Veterinária - UFRPE (rccnovaes@gmail.com) 2. Residente de Diagnóstico por Imagem - UFRPE 3. Residente de Clínica Médica de Pequenos Animais - UFRPE 4. Professor adjunto - UFRPE

A esplenose caracteriza-se pelo crescimento ectópico do tecido esplênico. Geralmente está associada a trauma ou esplenectomia, sendo normalmente um achado acidental e sem sinais clínicos, porém, em alguns casos há presença de dor abdominal e pélvica, obstrução intestinal e hemorragia. Um cão, SRD, fêmea, idade não informada, deu entrada no setor de Diagnóstico por Imagem do Hospital Veterinário da UFRPE, com queixa de dor ao movimentar-se. Na ultrassonografia foi visibilizada estrutura parenquimatosa de ecotextura hiperecogênica caudal ao baço e cranial a bexiga medindo 1,7 x 2,0 cm. A estrutura apresentava vascularização interna ao modo color doppler. Para confirmação da suspeita de esplenose foi realizado a coleta de material biológico guiada por ultrassom para citologia, confirmando a suspeita inicial. Para melhor caracterização, realizou-se tomografia computadorizada abdominal, sendo similares os achados de atenuação radiográfica e captação de contraste do parênquima esplênico na topografia anatômica e do fragmento isolado na cavidade abdominal. Pelo fato desta alteração não ter promovido sinais clínicos neste animal e considerando que o tecido se mantém funcional, não se optou por intervenção cirúrgica. Destaca se o raro achado dessa condição em cães e a importância exames complementares para melhor caracterização e avaliação da necessidade ou não de intervenções terapêuticas.

Palavras chaves: imaginologia, tomografia, autoimplantação.

ASSOCIAÇÃO ALFAXALONA/ MEPERIDINA NA INDUÇÃO ANESTÉSICA DE COELHO SUBMETIDO À ORQUIECTOMIA

MOUTA, A. N.[1]; FERNANDES, N. S.[2]; BABOSA, S. R.[2]; ALVES, L. P.[3]; de PAULA, V. V[4]. 1. Médica Veterinária, mestranda no Programa de Ciência Animal da UFERSA (andressanmouta@hotmail.com) 2. Residente em Anestesiologia no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit da UFERSA 3. Acadêmica de Medicina Veterinária da UFERSA 4. Professora doutora do Departamento de Ciências Animais da UFERSA.

Os coelhos estão cada vez mais ganhando espaço nos lares domésticos. Para promover anestesia segura nesses animais, utilizar associação de fármacos torna-se essencial. A alfaxalona pode ser utilizada por via intramuscular e não promove alterações cardiovasculares. Sua associação aos opioides e anestésico inalatório permite analgesia e anestesia para procedimentos mais invasivos. Um coelho, adulto, macho, pesando 1,8kg, foi submetido a procedimento de orquiectomia no Hospital Veterinário da UFERSA. No exame físico pré-operatório o animal apresentou frequência cardíaca de 244 bpm, taquipneia, mucosas normocoradas e hidratado. Os exames pré-operatórios estavam normais para a espécie. Após jejum prévio de 6 horas, o mesmo recebeu como medicação pré-anestésica meperidina na dose de 5mg.kg^{-1}, por via intramuscular e a indução anestésica foi realizada com alfaxalona, na dose de 5 mg.kg^{-1}, por via intramuscular. A manutenção da anestesia foi fornecida com sevofluorano via máscara, acrescida da administração local infiltrativa de lidocaína 2% (7mg.kg^{-1}). A frequência cardíaca foi avaliada por estetoscópio, a frequência respiratória por inspeção dos movimentos torácicos e a saturação de oxigênio foi monitorada por sensor de oximetria acoplado a monitor multiparamétrico (Instramed®). As médias destes parâmetros foram de 280 bpm, 32 rpm e 97%, respectivamente. O animal permaneceu estável durante os 25 minutos do procedimento, com os parâmetros mantendo-se normais para a espécie. Este relato baseia-se em investigações iniciais do uso de alfaxalona administrada por via intramuscular em coelhos, de modo que foi relatado que a alfaxalona em combinação com outros fármacos pode produzir sedação prolongada e confiável e, em algumas combinações, pode fornecer até anestesia. A combinação de alfaxalona com opioide promoveu boa e prolongada sedação no animal. A associação à meperidina é justificada para se prevenir e tratar a dor, pois o uso isolado de alfaxalona não produz analgesia. A associação alfaxalona e meperidina promoveu adequada indução da anestesia em coelho.

Palavras-chave: Alfaxalona, coelho, anestesia.

ATRESIA ANAL TIPO I EM CÃO MACHO ACOMPANHADO DA PRESENÇA DE MEGACÓLON: RELATO DE CASO.

Nogueira, I.C.S.[1]; Veloso, L.S.[1]; Tertulino, M.D.[1]; Bisneto, L.G.S.C. [2]. 1. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (isacristina_naninha@hotmail.com). 2. Médico Veterinário Autônomo.

As anomalias congênitas anorretais são raras em cães e gatos, sendo a atresia anal a de maior frequência. A atresia anal consiste em uma falha da membrana cloacal em se romper, o tipo I é caracterizada pela persistência de uma membrana sobre a abertura anal, sendo uma patologia de prognostico reservado. A prevalência dessa anomalia não está bem estabelecida, mas acontece com maior frequência em fêmeas que em machos. O trabalho objetiva relatar um caso de atresia anal tipo I em cão macho, descrevendo a sua evolução clínica. Um cão sem raça definida, quinze dias de idade, macho, pesando 0,4Kg foi encaminhado a consulta veterinária com relato de ausência de ânus ao nascimento, aquesia e baixo desenvolvimento corporal. Na inspeção clínica foi observado distensão abdominal e ausência da abertura anal, com presença de uma membrana espessa, sinais sugestivos de atresia anal. Procedeu os exames radiográficos confirmando a atresia anal, bem como distensão do colón com conteúdo fecal e gasoso, sendo sugestivo de megacólon. O paciente foi encaminhado ao procedimento de correção cirúrgica, e durante a cirurgia foi mantido em anestesia inalatória com isoflurano. Após abertura do orifício, através da incisão em forma de cruz sobre a membrana, ocorreu saída de fezes, o conteúdo fecal também foi retirado com auxílio de uma sonda. Após o procedimento, o animal permaneceu internado por dois dias, sendo medicado com metronidazol, cefalexina e tramadol, além de limpeza do períneo e ânus. Nove dias após o procedimento o animal apresentou retenção de fezes, procedendo, assim, com enema de soro fisiológico aquecido para remoção fecal. Um mês após a cirurgia, o paciente retorna para acompanhamento, apresentando-se bem clinicamente, com normoquesia e bom estado corporal.

Palavras chave: Ânus, Cão, Congênita.

ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NA REABILITAÇÃO DE CANINO COM SEQUELAS DE CINOMOSE: RELATO DE CASO.

Lima, M.C.J.S.[1]; Forte, L.O.[2]; Soares, A.O.[2]; Gomes, G.B.[2]; Santos, J.H.[2]; Sousa, T.F.S.[2] [1]Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Potiguar, UnP-RN (mairalima4@hotmail.com). [2] Graduandos em Medicina Veterinária, UnP – RN.

A cinomose, patologia que acomete principalmente filhotes sem vacinação prévia, promove diversas desordens neurológicas e locomotoras afetando significativamente a vida do animal e comprometendo a sua qualidade de vida. O tratamento, além de clínico, pode ser associado a fisioterapia, sendo assim indispensável para a recuperação fisiológica e neuromuscular. Esse trabalho visa relatar os benefícios da fisioterapia em um cão com sequelas de cinomose. Uma cadela, SRD, de 5 anos de idade, foi atendida na clínica da UNP - NATAL/RN, com sequelas de cinomose, apresentando incoordenação motora, atrofia muscular, hiperextensão de membros, déficit proprioceptivo do membro torácico e pélvico direito associado a paresia dos mesmos, além de tensão muscular na região cervical. Iniciou-se a fisioterapia com o uso do ultrassom terapêutico 1 MHz de frequência e intensidade de 0.5 até 1.0w/cm² durante 5 min; massoterapia por 3 min utilizando a técnica da fricção; técnicas de ADM, como a pedalagem, extensão e flexão dos membros, por 2 min; FES para aumento da força muscular e hipertrofia, iniciando com 10mA de intensidade e atingindo 30mA, por 10 min; estímulo proprioceptivo por 3 min com o auxílio de uma escova com cerdas. Movimentos em plataformas de equilíbrio foi instituído no protocolo com o intuito de melhorar resposta cerebelar e diminuir incoordenação motora; finalizando o protocolo, foi estabelecida a crioterapia realizada por 5 min. Após 16 sessões, o paciente deambulava e se mantinha em pé com apoios, atravessando obstáculos e com retomada do déficit proprioceptivo. O protocolo adotado se mostrou eficaz para o paciente, reduzindo o tempo previsto de recuperação e melhorando a qualidade de vida do paciente.

Palavras chave: crioterapia, massoterapia, ultrassom terapêutico.

ATUAÇÃO DA FISIOTERAPIA NA REABILITAÇÃO DE FELINO POLITRAUMATIZADO: RELATO DE CASO.

Forte, L.O.[1]; Lima, M.C.J.S.[2]; Soares, A.O.[3]; Gomes, G.B.[3]; Santos, J.H.[3]; Sousa, T.F.S.[3] [1]Graduanda em Medicina Veterinária, UNP-RN (lohanne.forte@cear.ufpb.br). [2] Docente do curso de Medicina Veterinária, UnP - RN. [3] Graduandos em Medicina Veterinária, UnP - RN.

Fraturas em felinos que tem acesso à rua são comuns. Dentre os segmentos mais afetados, as fraturas de pelve constituem 22 a 32% da casuística clínica. O tratamento pode ser conservador ou cirúrgico, sendo a fisioterapia indispensável em ambas as escolhas devido a seus inúmeros benefícios associados. Diante disso, o trabalho tem como objetivo relatar os benefícios da fisioterapia em um felino politraumatizado. Um felino adulto, macho, PCB, foi atendido na clínica da UnP- Natal/RN, com suspeita de ter sido atropelado há 3 semanas. Após realização de raio-x, constatou-se fratura no corpo do ílio do lado direito, simples oblíqua e fechada, além de luxação coxofemoral do lado esquerdo. Após estabilização clínica, optou-se pelo tratamento conservador associado a fisioterapia. O felino encontrava-se com déficit proprioceptivo em ambos os membros pélvicos, paresia no membro pélvico direito, com extrema dificuldade de apoiar o membro esquerdo. Iniciou-se o protocolo fisioterapêutico com uso do ultrassom terapêutico, a 1 MHz de frequência, variando a intensidade de 0.5 até 0.7w/cm² durante 10 min; seguido pela massoterapia por 5 minutos utilizando a técnica da fricção. Em seguida, o FES foi utilizado, iniciando com 5mA de intensidade e atingindo 25mA, durante 10 min; logo após, o estímulo proprioceptivo era realizado por 5 minutos com o auxílio de uma escova com cerdas; o exercício seguinte era a ADM por 3 minutos e, para finalizar, a crioterapia por 5 minutos. Após 12 sessões, o felino deambulava com total coordenação, atravessando obstáculos e correndo, com déficit proprioceptivo quase nulo. A eficácia da fisioterapia foi comprovada com o protocolo adotado, reduzindo o tempo previsto de recuperação e melhorando a qualidade de vida do paciente.

Palavras chave: fratura de pelve, luxação coxofemoral, ultrassom terapêutico.

AUMENTO DE LINFONODOS ABDOMINAIS E SUA RELAÇÃO COM PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICOS EM GATOS DOMÉSTICOS ASSINTOMÁTICOS (RESULTADOS PARCIAIS)

Oliveira, R.S.L.[1]; Borges, N.C.[2]; Silva, M.S [1]; Oliveira, K. S.[2]. [1]- Aluna do programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás (rslemosolivera@gmail.com). [2]- Docente, Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás.

O aumento de linfonodos abdominais está associado a processos inflamatórios, infecciosos e neoplásicos em gatos, mas a importância clinica deste achado em animais assintomáticos ainda não foi determinada. Foram avaliados 31 gatos aparentemente saudáveis e realizados hemograma, bioquímica sérica, teste para FIV/FeIV e ultrassonografia abdominal. Dois animais foram excluídos do estudo por apresentares doenças sistêmicas. Dos 29 gatos avaliados, oito (27,5%) apresentaram linfonodos aumentados, sendo que dois apresentaram aumento leve e seis apresentaram aumento acentuado, com formato arredondado. Nenhum dos animais apresentou resultados positivos no exame de FIV/FeIV. Os gatos com linfonodomegalia apresentaram diminuição no percentual de linfócitos em comparação aos gatos sem aumento de linfonodos (17,5±4,47 e 23,33±0,71; p=0,042), redução na concentração de albumina sérica (2,69±0,47 e 3,18±0,47; p=0,015) e aumento de GGT (0,87±0,83 e 0,33±0,48; p=0,037), mas estas dentro do valor de referência. Os valores de hemácias, hematócrito, proteína sérica total, ALT, creatinina e ureia foram menores nos animais com linfonodomegalia quando comparados aos sem alterações em linfonodos, mas sem diferença estatística. Os valores de plaquetas, leucócitos, neutrófilos, FA e globulinas foram maiores nos com linfonodos aumentados, também sem diferença estatística. A linfopenia pode estar associada com a redistribuição dos linfócitos circulantes para os tecidos e a redução da albumina sérica pode ocorrer na fase aguda de um evento inflamatório. A presença de linfonodos aumentados em animais assintomáticos está associada com parâmetros hematológicos e bioquímicos, e deve ser investigada.

Palavras-chave: Felinos, linfonodomegalia, ultrassom.

AVALIAÇÃO ANTI-INFLAMATÓRIA DO DIMETILSULFÓXIDO (DMSO) EM CADELAS DIAGNOSTICADAS COM NEOPLASIA MAMÁRIA E SUBMETIDAS À MASTECTOMIA UNILATERAL

Santos, I.F.C.[1]; Rahal, S.C.[2]; Brandão, C.V.S.[2]; Trindade, P.H.E.[2]; Santos, M.M.[2] 1. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia Animal, FMVZ, UNESP, Botucatu (ivansantos7@hotmail.com) 2. Docentes do Departamento de Cirurgia Veterinária e Reprodução Animal, FMVZ, UNESP, Botucatu 3. Discentes do Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia Animal, FMVZ, UNESP, Botucatu

O Dimetilsulfóxido (DMSO) é uma substância conhecida na Medicina Veterinária, principalmente devido à sua ação anti-inflamatória. Visto que a mastectomia unilateral induz um processo inflamatório acentuado, o objetivo do estudo foi avaliar o efeito anti-inflamatório do DMSO® em cadelas com neoplasia mamária e submetidas à mastectomia unilateral. Para tal, foram utilizadas 20 cadelas adultas, sem raça definida, de porte médio, diagnosticadas com neoplasia mamária. Após os procedimentos cirúrgicos, o DMSO® injetável (0,1 mL/kg) foi administrado por via intravenosa em três momentos distintos: 15 minutos antes do término do procedimento cirúrgico, 24 e 48 horas após a cirurgia. Foi realizada avaliação macroscópica, hemograma, bioquímica sérica e efeitos colaterais. Não foi observado dor, edema ou alteração de coloração na região da ferida cirúrgica durante os três momentos avaliados, com consequente cicatrização adequada da região após as aplicações do fármaco. Foi observada uma diminuição significativa dos valores dos eritrócitos, hemoglobina, proteína total, plaquetas e alanina aminotransferase, porém, permanecendo dentro dos limites padrões da espécie. Não foram observados efeitos colaterais em nenhuma das cadelas. Concluiu-se que o DMSO® apresentou ação anti-inflamatória em cadelas submetidas à mastectomia unilateral, mediante os achados clínicos e laboratoriais.

Palavras chaves: tumor de mama, cão, inflamação.

AVALIAÇÃO BIOQUÍMICA DA FUNÇÃO HEPATORRENAL DE CÃES COM LEISHMANIOSE VISCERAL SUBMETIDOS AO TRATAMENTO COM MILTEFOSINA

ARAÚJO, T.N.[1]; COSTA, E.W.S.[1]; CALDAS, R.N.B.[1]; SARMENTO, V.A.S[1]; OLIVEIRA, G.A.[2]. 1. Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac (tiburcionatalia@gmail.com) 2. Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac.

Exames bioquímicos da função hepatorrenal podem auxiliar no monitoramento terapêutico de cães com leishmaniose visceral (LV) fornecendo dados sobre o comprometimento de órgãos permitindo intervenções terapêuticas e um prognóstico da enfermidade. Objetivou-se avaliar a função hepática e renal de cães com LV submetidos ao tratamento com miltefosina 2%. Foram coletadas amostras sanguíneas de 10 cães positivos ao exame imunocromatográfico DPP (Dual Plate Platform) e/ou RIFI (Reação de Imunofluorescência Indireta) e ELISA (Ensaio Imunosorbente ligado à Enzima). As amostras foram encaminhadas ao Laboratório de Análises Clínicas de Medicina Veterinária do CESMAC. Foram verificados a função hepática pela Alanina aminotransferase (ALT), Fosfatase Alcalina (ALP), Proteínas totais, e Albumina, e a renal pelos níveis de creatinina e ureia. Dos 10 cães positivos, 90% (9/10) iniciaram o tratamento apresentando hiperproteinemia e 10% (1/10) com hipoproteinemia, 40% (4/10) hipoalbuminemia, 20% (2/10) baixa nos níveis de ALT e 10% (1/10) aumentado o ALT, 10% (1/10) com hiperuremia e 10% (1/10) com hipocreatinemia. Ao final do tratamento 90% mantiveram a hiperproteinemia, 30% a hipoalbuminemia, 30% aumentaram os níveis de ALT, 10% surgiram com hipercreatinemia e 10% com hiperalbuminemia. Os níveis bioquímicos na maioria dos casos mantiveram seus status, apesar da redução em alguns percentuais. Assim, pode-se verificar que a análise bioquímica é fundamental em pacientes com leishmaniose e auxilia na verificação do comprometimento hepatorrenal. Podendo sugerir o uso durante o monitoramento clínico prolongado.

Palavras-chave: *Leishmania infantum*; Miltefosina; Diagnóstico.

AVALIAÇÃO CLÍNICA E MICROBIOLÓGICA DE OTITE EXTERNA DE CÃES ATENDIDOS NA CLÍNICA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE PAULISTA DE BAURU

Rissi, G. M.[1], Cioni, C. F.[1], Dantas, L. O.[2], Appolinário, C. M.[1], Torres, V. F.[2], Destro, M. M[2]. (lilidantas@yahoo.com) 1 Médica Veterinária autônoma, 2 Docente UNIP/Bauru.

Na clínica de pequenos animais, a otite externa representa cerca de 20% da casuística do atendimento de cães. O diagnóstico é realizado pela anamnese, pelo exame físico e determinação do agente etiológico a fim de instituir a conduta terapêutica adequada. O objetivo desse estudo foi determinar em cães, com suspeita clínica de otite externa, os principais sinais clínicos apresentados, os microrganismos mais frequentemente isolados e seu perfil de sensibilidade a antimicrobianos. Foram registrados durante a anamnese e o exame físico os sinais clínicos apresentados pelos animais e colhidas, com auxílio de swabs estéreis, amostras de ambos os condutos auditivos para cultivo em ágar base acrescido de 5% de sangue ovino desfibrinado e ágar MacConkey. A identificação dos microrganismos foi baseada nas características de cultivo, morfotintoriais e provas bioquímicas. Todos os isolados bacterianos foram submetidos ao antibiograma, pelo método de difusão em discos. Dos sinais clínicos observados os mais frequentes foram: presença de secreção (98,3%) e prurido (70,0%), enquanto que a presença de otohematoma foi o de menor ocorrência (3,3%). *Staphylococcus* sp. foi o agente mais isolado, presente em 92,5% dos cultivos. Quando ao perfil de sensibilidade frente aos antimicrobianos utilizados, observou-se que a neomicina foi a apresentou maior sensibilidade (85,8%), seguidas pela gentamicina (82,5%) e tobramicina (81,2%), enquanto a penicilina apresentou a maior resistência (66,2%). Identificando os sinais clínicos e o agente envolvido na enfermidade possibilita um diagnóstico e um tratamento direcionado e eficaz a fim de prevenir a disseminação de bactérias multirresistentes.

Palavras-chaves: Otite externa; Cultivo bacteriano; Antibiograma; cães.

AVALIAÇÃO DA APLICAÇÃO DE MEMBRANAS À BASE DE EXTRATO DE BARBATIMÃO E COLAGENASE COMO POTENCIAL AGENTE REPARADOR DE FERIDAS EM UM CÃO – RELATO DE CASO

Souza, K. R. P[1]; Júnior, P. C. S[1]; Santos, M. D. C[1]; Fonseca, A. M. S[1]; Santos, M. R .C[1]; Portella, V. G.[2]; 1. Graduandos em Medicina Veterinária- Faculdade Pio Décimo 2. Professora Doutora da Instituição de Ensino Faculdade Pio Décimo (Viviane.portella@piodecimo.edu.br)

O reparo tecidual é um processo complexo que envolve várias etapas. As terapias alternativas para acelerar esse processo têm ganhado destaque por serem pouco invasivas e de baixo custo. Assim, o objetivo deste trabalho foi avaliar o efeito da aplicação tópica de biomembranas contendo extrato de barbatimão e colagenase no processo de cicatrização e na atividade antimicrobiana em um cão com dermonecrose local. Um cão da raça poodle, macho, com 1 ano e 7 meses, foi encaminhado ao Hospital Veterinário Dr. Vicente Borelli, em Aracaju/SE, em fevereiro de 2019, apresentando dermonecrose local na região abdominal lateral, com aspecto exsudativo, hiperêmico, edema local, equimose, eritema e dor intensa. Diante disso, realizou-se a debridação da lesão que resultou numa úlcera de intensa profundidade e extensão. Antes de aplicar as membranas, mensurou-se a extensão da lesão com folha A4 para o processamento no *software* Conta Pixel® e, assim, avaliar a evolução do reparo do tecidual. Após isso, higienizou-se a lesão com solução fisiológica e aplicou-se membranas contendo extrato de barbatimão e colagenase sobre a lesão a cada 3 dias durante um ciclo de 19 dias. Um curativo com gaze estéril foi usado para estabilizar as membranas, sendo trocado diariamente. Em 6 dias de tratamento foi observado tecido de granulação, retração das bordas, menor quantidade de exsudato, redução da hiperemia e edema. Após 17 dias, o paciente apresentou mínima sensibilidade ao toque, exibindo melhora clínica, podendo ser evidenciada intensa retração das bordas e lesão completamente cicatrizada. O presente estudo evidencia a importância do uso de fitoterápicos com o objetivo de favorecer a cura de soluções de continuidade, garantindo mínimo desconforto para o paciente, uma vez que o processo de cicatrização foi acelerado, reduzindo a atividade microbiana e garantindo bem-estar ao animal.

Palavras chaves: Cicatrização, Fitoterápicos, pele, biomembranas.

AVALIAÇÃO DE COMPRA DE RAÇÕES PARA CÃES E GATOS EM MOSSORÓ/RN

SOARES, K.K.S[3]; ALVES, N.D.[1]; FEIJÓ, F.M.C.[1]; RODRIGUES, G.S.O.R[1]; SANTOS, C.S.[4]; SANTOS, P.V.F.[2]. 1. Professor(a) Doutor na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) (nilza@ufersa.edu.br)2. Graduando em Medicina Veterinária pela UFERSA 3. Médico veterinário autônomo 4. Servidor público da UFERSA

A indústria de alimentos para pets é uma criação recente. Nas fabricas, todos os processos durante a produção de rações são controlados através das boas práticas de fabricação (BPF), fazendo com que as rações adquiridas em embalagens lacradas tenham um padrão de segurança alimentar. Diferente das rações vendidas á granel, no qual as embalagens são rompidas, expondo os produtos aos fatores ambientais e vetores. Com isso, o objetivo do presente trabalho foi analisar a preferência dos tutores quanto à compra de rações vendidas a granel ou embalada de fabrica na cidade de Mossoró/RN. Desse modo, o presente trabalho foi realizado durante o período de setembro a dezembro de 2019, no qual foi aplicado um questionário a 67 tutores de cães e gatos residentes da cidade de Mossoró/RN, com questões a respeito da aquisição de rações à granel ou pacotes fechados de fábrica. Participaram da pesquisa pessoas maiores de 18 anos que concordaram em assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), onde constavam todas as informações sobre o projeto. Quando perguntado aos tutores de cães o tipo de ração que costumavam comprar, 57,50% afirmaram que a granel e 42,50% compram em embalagem fechada de fábrica. Quanto aos tutores de gatos, 70,73% afirmaram comprar a granel e 29,26% em embalagem de fábrica. Sendo este um dado importante, tendo em vista que rações vendidas a granel não possuem garantia de segurança alimentar podendo colocar a saúde dos animais em risco. Portanto, conclui-se que a compra a granel de rações para cães e gatos foi expressiva, demonstrando assim à necessidade de esclarecer a população sobre os possíveis riscos relacionados ao fornecimento de rações fracionadas.

Palavras chaves: Segurança alimentar, ração fracionada, pets.

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DOS TUTORES DE GATOS DOMÉSTICOS (*Felis Catus*) SOBRE A SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA FELINA NO MUNICÍPIO MACEIÓ – AL

BORGES, M.R.A.[1]; AMARAL, Y. Y. C.[1]; REY, T.C.M.[1]; SOUSA, L.B.[1]; OMENA, P.N.M.[2]; ANDERLINI, G.P.O. S.[3] 1. Graduanda do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac (manuelaaregina@hotmail.com) 2. Médica Veterinária 3. Docente do Centro Universitário Cesmac

A Síndrome da Imunodeficiência Felina é causada por retrovírus pertencentes ao gênero Lentivirus, o mesmo do HIV, que acometem exclusivamente felinos. O vírus é transmitido por diversas vias, onde a principal é através da saliva. Por se tratar de um vírus, a doença não tem cura e o tratamento é inespecífico. Neste estudo foi avaliado o conhecimento dos tutores de gatos domésticos sobre a Síndrome da Imunodeficiência Felina no Município Maceió-Al, por meio de questionário realizado em Clínicas Veterinárias. Dos tutores entrevistados, apenas 32,40% possuíam conhecimento acerca da doença, 65,6% eram mulheres e 34,4% eram homens. Dentre os tutores entrevistados 61,20% possuíam 1 ou 2 gatos domésticos, sendo 61,20% dos animais domiciliados e 38,40% semidomiciliados, onde apenas 8,40% dos animais já havia realizado exame de diagnóstico para a FIV. A ocorrência da infecção é maior onde existe uma alta densidade de felinos semidomiciliados ou de vida livres. O estudo torna-se ainda mais preocupante, pois observa-se que os tutores de gatos semidomiciliados (97/250), em sua maioria (72/97) apresentaram um completo desconhecimento acerca da FIV e que menos de 9% dos tutores entrevistados afirmaram já ter realizado teste para FIV em seus animais. Os resultados apontam para a necessidade, e importância, de realização de campanhas de conscientização para alertar os tutores acerca dos riscos que seus animais correm ao estarem expostos a transmissão do vírus, além de evidenciar a importância do acompanhamento médico veterinário de rotina aos felinos, pois apesar da maior parte dos tutores possuírem gatos domésticos domiciliados, a grande maioria não tem conhecimento acerca da doença.

Palavras chaves: FIV, Felinos, Vírus.

AVALIAÇÃO DO ÓLEO DE CRAVO E LIDOCAÍNA COMO ANESTÉSICOS PARA JUVENIS DE *Betta splendens*.

Lima, M.C.J.S.[1]; Forte, L.O.[2]; Campos, S.C.L.[3].

[1] Docente do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Potiguar – UnP, RN. (mairalima4@hotmail.com); [2] Discente do Curso de Medicina Veterinária, UnP - RN; [3] Médica Veterinária autônoma.

A beleza, o baixo manejo e a fácil comercialização como peixe ornamental, consagrou o *Betta splendens* popular no Brasil e, sua criação, se tornou uma importante fonte de renda para pequenos produtores. Contudo, o estresse ocasionado pelo transporte e a rotina de manipulação dos animais resultam em muitos óbitos, fazendo-se necessário desenvolver práticas de bem-estar para melhorar a qualidade de vida dos animais e minimizar perdas econômicas. Diante dessa necessidade, o trabalho compara o óleo de cravo e a lidocaína 2% como anestésicos/analgésicos para juvenis de *Betta splenden*. Foram utilizados 20 (vinte) peixes, 10 (dez) animais para cada anestésico (concentração de 10 mg/mL), sendo que cada grupo de 5 peixes foram submetidos a concentração de 100 mg/L (grupo 1) e 400 mg/L (grupo 2) de lidocaína e 100 mg/L (grupo 3) e 400 mg/L (grupo 4) de óleo de cravo. Os peixes foram imergidos em solução anestésica em recipientes de plástico de 1 (um) L, com pH de 6,2. Os resultados demonstraram que o óleo de cravo apresentou um efeito anestésico superior, com menor variação individual entre os animais do mesmo grupo, quando comparado à lidocaína, em peixes *Betta splendens*. As doses de 100 mg/L dos dois anestésicos não foram eficazes na indução da anestesia profunda e, a lidocaína, mesmo na dose de 400 mg/L, não ocasionou anestesia profunda adequada. Por isso, a lidocaína, nas doses apresentadas, pode servir para redução do estresse, mas não deve ser recomendado para um procedimento cirúrgico. A atuação de um fármaco varia para cada espécime de peixe, por isso, não havendo relato do uso de lidocaína na indução anestésica em banhos de imersão em juvenis de *Betta splenden*, os resultados apresentados são de extrema importância para que se busquem fármacos mais eficazes para o objetivo desejado.

Palavras-chave: Anestesia, lidocaína, óleo de cravo, peixes ornamentais.

AVALIAÇÃO DO TESTE DE CONTATO (*Patch Test*) PARA DIAGNÓSTICO DE REAÇÃO ADVERSA A ALIMENTOS EM CÃES COM PRURIDO CRÔNICO.

CRUZ, A.C.O.[1]; OLIVEIRA, J.P.[2]; FARIAS, M.R.[3] 1. Graduanda em Medicina Veterinária na PUCPR (ari.ane10@hotmail.com). 2. Doutora em Ciência Animal pela PUCPR. 3. Professor Doutor Adjunto III da PUCPR.

Cães com dermatite atópica podem apresentar uma resposta tardia de hipersensibilidade a proteínas alimentares que pode suscitar prurido intenso, primário, crônico e perene. Seu diagnóstico é difícil e geralmente associado a baixa adesão ou a desistência pelos tutores. O objetivo deste trabalho é avaliar se o teste de contato com extratos alimentares pode ser útil na identificação de reação adversa a alimentos em cães com prurido crônico. O estudo foi aprovado pelo CEUA- PUCPR nº 01251 e subdividido nos Grupos 1 (composto por vinte cães com prurido crônico) e 2 (formado por sete cães hígidos e sem histórico de doença dermatológica pregressa). Para realização do teste de contato, extratos vaselinados de peixe, bovino, suíno, frango, soja, trigo, leite, ovo, arroz e batata foram preparados na concentração de 5g de substrato proteico cru com 2g de vaselina, colocados em contensores (Allergochambers ®) e em seguida mantidos em contato com a pele da região lateral torácica do cão, previamente tricotomizada, por 48 horas. Após esse período, os contensores eram removidos e a presença de pápulas, manchas ou placas eritematosas interpretadas como positivas. Os extratos alimentares de proteína de soja (50%) e frango (45%) foram os maiores causadores de reação positiva no teste de contato, entretanto, não houve diferença estatística na quantidade de animais hígidos e cães com prurido crônico reagentes aos extratos de peixe, bovino, suíno, trigo, leite, ovo e arroz. Os extratos de soja, frango e batata apresentaram maior reatividade no grupo experimental em relação ao controle. A reação ao teste de contato com extratos alimentares ocorreu de forma semelhante em ambos os grupos para a maioria das proteínas testadas, não servindo este exame para subsidiar diagnóstico, mas talvez para estabelecimento de protocolos de dietas restritivas nestes animais.

Palavras-chave: Hipersensibilidade alimentar. Patch Test. Dermatopatia.

CANINO COM TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL CUTÂNEO E FILARIOSE POR *Dipetalonema sp*: RELATO DE CASO

SILVA, S. de J. N.[1]; TRINDADE, G. L.[1]; CERQUEIRA JÚNIOR, J. C. N. de[1]; CERQUEIRA, L. DE J. N. [1]; PERINOTTO, W. M. de S.[2]; GOMES, A. P. P.[3] 1. Graduando(a) em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (samaraneves_13@hotmail.com) 2. Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia 3. Médica Veterinária do Hospital Universitário de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O Tumor Venéreo Transmissível Canino (CTVT) compreende uma neoplasia que acomete principalmente a genitália externa dos cães, podendo afetar qualquer outra parte do corpo, a partir da implantação de células neoplásicas durante o contato entre os animais. A dipetalonemose é uma parasitose provocada por nematoide do gênero *Dipetalonema sp*., pertencente à superfamília Filaroidea, acomete cães e gatos, transmitido pelos ectoparasitos *Ctenocephalides* spp. e *Rhipicephalus sanguineus*, sendo uma filariose pouco patogênica. Sua correta identificação permite a diferenciação do helminto de alta patogenicidade, *Dirofilaria immitis*. Dessa forma, objetiva-se relatar o caso de um cão, macho, adulto, SRD, diagnosticado com CTVT cutâneo e filariose por *Dipetalonema sp*. O diagnóstico pautou-se nos achados citológicos de nódulos cutâneos, apresentando células neoplásicas arredondadas com predominância plasmocitoide e citoplasma moderado, compatível com CTVT. Foram identificadas microfilárias associadas aos elementos sanguíneos, sendo diferenciadas pelas técnicas parasitológicas de Gota Espessa e de Knott, confirmatórias para *Dipetalonema sp*. O CTVT é uma neoplasia que merece atenção, visto seu alto poder de transmissibilidade, sendo imprescindível o diagnóstico e a instituição do tratamento correto. O *Dipetalonema sp.* não apresenta maiores riscos para o animal, entretanto, necessita do diagnóstico diferencial para *D. immitis,* parasito que poderia causar graves danos a saúde do paciente.

Palavras-chave: neoplasia canina, CTVT, filariose, dipetalonemose, ectoparasitos.

CÃO NATURALMENTE INFECTADO POR *BRUCELLA SP*.EM ÁREA URBANA. RELATO DE CASO

NASCIMENTO. G.O[1]; Lira Junior. A. C. O.G[1]; Mata. D. A. T[1]; Lima, S.G[1]; Escodro, P.B[2].; Notomi. M.K[2] 1. Graduandos do curso de medicina veterinária da Universidade Federal de Alagoas-UFAL. gu.nascimento95@gmail.com 2. Professora Associada do curso de medicina veterinária da Universidade Federal de Alagoas-UFAL.

Brucelose é uma enfermidade infectocontagiosa cosmopolita, de caráter crônico e zoonótico, causada pela bactéria do gênero *Brucella* spp. O trabalho descreve um relato de infecção por Brucella abortus em um cão com orquite, residente na área urbana. Um cão, SRD, não castrado, com aproximadamente nove anos, apresentou-se com a queixa de uma lesão cutânea linear profunda, de 5,0cm, na parte caudal da bolsa escrotal, que se apresentava aumentada de tamanho e edemaciada. Após exames de hemograma, bioquímico, ultrassonografia abdominal e testicular, optou-se pela orquiectomia escrotal. Após dois meses, o animal retornou apresentando um agravamento do aumento da bolsa escrotal e envolvimento do edema no prepúcio. Diante da suspeita de brucelose, o soro foi encaminhado para teste sorológico (AAT). O resultado foi sororeagente para o antígeno de *Brucella abortus* e, apesar da brucelose em cães ser mais comumente relacionada a infecções causadas pela *B. canis*, pode-se ocorrer a infecção por outras espécies desse gênero, como ocorreu nesse relato. Diante do acesso que o paciente tinha a vísceras cruas descartadas na feira livre, suspeita-se que seja a possível fonte de infecção. É preciso reduzir a morbimortalidade da doença através de medidas preventivas, eliminando ou minimizando a exposição, através da vigilância em saúde, seja pela exposição ocupacional, ambiental ou pelo consumo de produtos contaminados. Cães semi-domiciliados e de vida errante podem apresentar uma infecção por brucelose em área urbana podendo elevar o risco de transmissão da zoonose.

Palavras-chave: Saúde pública, zoonoses, brucelose, canino

CARACTERIZAÇÃO MORFOLÓGICA DE INFECÇÃO NATURAL POR *PLATYNOSOMUM FACTOSUM* EM FÍGADO DE FELINO

ROCHA, G.T.A.[1]; BERNIERE, E.M.[1]; CERQUEIRA, L.A.[1]; BEZERRA, R.M.A.M.[2]; CARVALHO, K.S.[3]; BASTOS, I.V.M.[3] 1. Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac (gabriela.rocha28@hotmail.com) 2. Técnica de Laboratório do Centro Universitário Cesmac 3. Docente do Centro Universitário Cesmac

A platinosomíase é uma doença parasitária das vias biliares, o principal causador da doença nos gatos é um trematódeo chamado *Platynosomum factosum*. Esse parasita tem como hospedeiro intermediário a lagartixa, mais conhecida no estado de Alagoas como catenga. Porém, até o momento não se tem o conhecimento de relatos de casos de platinosomíase em Alagoas, sendo este o primeiro relato. Objetivou-se, então, relatar um caso de platinosomíase em Alagoas, evidenciando suas características morfológicas. Foi enviado para o laboratório de histopatologia da Clínica Escola de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac, fragmentos de fígado, fixado em formal a 10%, oriundo de necropsia realizada em aula prática de animal de rua, que veio a óbito nas imediações da faculdade, sem histórico. O principal achado macroscópico do fígado relatado, no encaminhamento, foi uma moderada congestão e amarelamento difuso do órgão. As amostras foram processadas pelo método de rotina para o exame histolpatológico e corados em Hematoxilina e Eosina. Os cortes histológicos do fígado revelaram intensa hiperplasia de ductos biliares associado a um moderado infiltrado inflamatório predominantemente linfoplasmocitário, moderada biliestase, proliferação de tecido conjuntivo ao redor dos ductos, caracterizando fibrose. No interior dos ductos biliares observou-se a presença de trematódeo adulto, compatível com *Platynosomun* spp. além de fibrose ductal e áreas de hiperplasia de ductos biliares. Além de hepatócitos com moderada vacualização intracitoplasmática, caracterizando uma difusa e moderada degeneração gordurosa. Diante disso, considera-se o primeiro relato de platinosomíase em Alagoas.

Palavras-chave: *Platynosomum;* felino; Alagoas

CARCINOMA BRONQUÍOLO-ALVEOLAR EM CANINO ATENDIDO NO HOSPITAL ESCOLA DE MEDICINA VERETINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

CERQUEIRA JÚNIOR, J. C. N. de[1]; LEAL, J. O.[1]; TRINDADE, G. L.[1]; PIRES, A. A. L.[1]; SANTIN, F.[2]; OLIVEIRA FILHO, J. C. de[2] 1. Graduando em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (julio_cerq@hotmail.com) 2. Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Tumores de origem primária pulmonar, a exemplo do carcinoma bronquíolo-alveolar, são bastantes preocupantes devido ao seu poder de metástase e a rápida progressão das lesões. Os principais sinais clínicos envolvidos são: dispneia, dor torácica, cianose, hemotórax e efusão pleural. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho é relatar o caso de uma cadela atendida e diagnosticado com carcinoma bronquíolo-alveolar no Hospital Universitário de Medicina Veterinária (HUMV) da UFRB. Foi atendido no HUMV-UFRB uma cadela, pinscher, 14 anos, pesando 4,11 kg, em que vinha apresentando tosse seca e dificuldade respiratória a mais de 1 ano. No exame clínico observou-se mucosas pálidas e sopro cardíaco de grau II. Após exame de raio x foi observado que o pulmão direito apresentava uma área circunscrita de maior radiopacidade sugestivo de uma massa, além de líquido na cavidade torácica. Foi realizada uma toracocentese nos dois lados torácicos drenando cerca de 90 ml de líquido cavitário observando uma melhora na respiração. O paciente foi internado logo em seguida ao procedimento e no mesmo dia veio à óbito após uma angústia respiratória. Foi realizado a necropsia do animal e observou que macroscopicamente havia uma massa que tomava quase que a totalidade do lobo cranial direito do pulmão sobrepondo praticamente toda extensão do coração. Para o exame microscópico foi colhido material dando como resultado o carcinoma bronquíolo-alveolar. Com isso, é valido ressaltar que o carcinoma bronquíolo-alveolar, apesar de raro, deve ser considerado um importante diagnóstico diferencial na investigação clínica.

Palavras-chave: Neoplasia pulmonar, patologia, toracocentese.

CARCINOMA DE CÉLULAS BASAIS EM UM PERIQUITO-AUSTRALIANO (*Melopsittacus undulatus*) – RELATO DE CASO

Machado, R.S.[1]; Angst, J.P.S.[1]; Da Silva, R.S.[1]; Santini, R.M.[2]; Da Silva, M.C.[3], Bassuino, D.M[4]. 1. Discentes de Veterinária na UNICRUZ 2. Veterinário na Clínica VittaFort 3. Veterinária no Laboratório Qualem 4. Docente de Veterinária na UNICRUZ. (rodrigo@vittafortsm.com.br)

O carcinoma de células basais é um tumor epitelial raro e de malignidade variável. Objetivou-se relatar um caso de um periquito-australiano com 7 anos de idade e 37g atendido em uma Clínica Veterinária em Santa Maria, RS, com histórico de aumento de volume em região dorsocaudal próximo à glândula uropigial e evolução clínica de trinta dias. Após atendimento e jejum de 3 horas, a ave foi contida para exérese cirúrgica com lidocaína a 2% e butorfanol na dose de 2mg/Kg e induzida com anestésico inalatório via máscara facial. Macroscopicamente, o nódulo apresentava superfície ulcerada, 0,6 cm x 0,8 cm de diâmetro e consistência firme. O nódulo foi excisado em elipse e optou-se pelo processo de cicatrização por segunda intenção, devido a elevada tensão na região e espessura tegumentar. Foram administrados antibiótico tópico (rifamicina sódica), meloxicam 0,2mg/Kg e cefovecina sódica 8mg/Kg no pós-operatório e determinada a alta do paciente. Após 10 dias a ave retornou para avaliação onde observou-se cicatrização tecidual completa. O nódulo foi encaminhado para exame histopatológico, o qual evidenciou uma proliferação neoplásica de células epiteliais redondas, ovais ou poliédricas, com discreto citoplasma, organizadas em forma de ninhos, entremeados por moderado estroma colagenoso. Os núcleos eram ovais e os nucléolos evidentes. Havia ainda áreas multifocais de diferenciação escamosa. O diagnóstico conclusivo foi de carcinoma de células basais queratinizante. Neoplasias tegumentares são relativamente comuns em aves, especialmente de cativeiro. O tratamento indicado é a exérese cirúrgica, entretanto recidivas podem ser observadas.

Palavras chaves: ave, neoplasia, achados patológicos, exérese cirúrgica.

CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS DE TERCEIRA PÁLPEBRA DE CÃO

SOUZA, S.R.[1]; Valões, M.C.[1]; Lima, A.J.[1]; Silva, A.S.[1]; Neto, C.T.[1], Carvalho, K.S.[2]; Barbosa, E.F.[2]; Anderlini, G.P[2]. 1. Discente no Centro Universitário Cesmac (samarahrocha@hotmail.com) 2. Docente no Centro Universitário Cesmac.

As neoplasias têm uma especial importância em clínica de animais de companhia, constituindo a causa mais frequente de morte em cães e gatos, isso se deve principalmente ao aumento da média de vida dos animais, sendo que 30% afetam a região ocular. Um canino da raça Retriever Labrador, com 10 anos de idade, macho, foi encaminhado a Clínica Escola do Centro Universitário Cesmac, no dia 18 de março de 2019 com suspeita de nódulo palpebral. Após anamnese, o animal foi submetido ao procedimento cirúrgico para retirada de nódulo. A remoção do nódulo palpebral foi realizada e esse fixado em solução de formol a 10% e encaminhado ao laboratório de histopatologia veterinária do Cesmac, para avaliação histopatológica. Depois de ser recebido no laboratório foi realizada a confecção da lâmina e em seguida lido em microscópio óptico. O tecido apresentava uma massa de população de células neoplásicas acometendo aproximadamente 55% do fragmento analisado, invadindo derme e região subjacentes, não encapsulada, pouco delimitada, arranjada em ninhos compactos de queratinócitos. As células que compõe a neoplasia apresentam citoplasma escasso levemente eosinofílico, contendo o núcleo basofílico, redondo com a cromatina frouxa e mais um núcleo evidente. Notou-se discreto a moderado infiltrado linfocitário e foram observadas discreta a moderada anisocitose e anisocariose e raras figuras de mitose. Considerando o material examinado do nódulo palpebral, os achados histológicos foram compatíveis com Carcinoma de Célula Escamosa. Este tumor é uma causa comum para a realização da enucleação em cães, porém, no relato desse paciente não foi necessário a enucleação, foi realizado somente a retirada do tumor. O carcinoma de células escamosas é uma neoplasia que pode ser evitada, instruindo os tutores dos riscos que a exposição à radiação solar pode desencadear em animais mais sensíveis a essa patogenia.

Palavras chaves: Radiação solar, neoplasias, carcinoma de células escamosas.

CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS VARIANTE VERRUCOSO EM REGIÃO ATÍPICA DE CÃO

Ferreira, L.O.[1]; Souza, A.C.M.[1]; Carvalho, K.S.[2]; Anderlini, G.P.O.S.[3.]; Omena, P.N.M.[3]; Neto, B.R.O.[3] 1. Discente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL (laisoliveirf@hotmail.com) 2. Docente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL. 3 Médico Veterinário Autônomo – Maceió/AL.

O carcinoma espinocelular é uma neoplasia maligna dos queratinócitos. A variante de CCE verrucoso é uma forma rara, quando acomete a espécie canina ocorre geralmente na cavidade oral e raramente em região peniana. Foi atendido em uma clínica veterinária particular de Maceió – AL, um canino da raça maltês, seis anos de idade, com histórico de polaciúria, lambedura peniana e frequente movimento de cópula com um brinquedo de pelúcia. Ao exame clínico observou-se balanopostite e demais parâmetros semiológicos sem alterações. Para diagnóstico de triagem realizou-se exame citopatológico, constatando carcinoma de células escamosas com inflamação supurativa. Através dos achados clínicos associados à citologia, foi indicada a amputação parcial do pênis por meio de intervenção cirúrgica. O material foi colocado em formol a 10 % e encaminhado para o laboratório de Histopatologia do Centro Universitário Cesmac, para o processamento histológico de rotina com a confecção da lâmina e leitura em microscópico óptico, revelou-se neoplasia endofítica, caracterizada por moderada proliferação papilamotosa, apresentando bordas arredondadas, projetando-se para a derme e formações de anastomoses. Conclui-se que o diagnóstico foi compatível para CCE variante verrucoso.

Palavras chaves: Neoplasia, carcinoma verrucoso, oncologia.

CARCINOMA DUCTAL MEIBOMIANO EM CÃO

Malta Sobrinho, M.A.L.[1], Omena, P.N.M.[2], Lima, K.A.C.P.[2], Anderline, G.P.O.S.[3], Barbosa, E.F.G.[3], Carvalho, K.S.[3] 1. Discente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL (marcusmaltavet@gmail.com) 2. Pedigree Veterinária LTDA – Maceió/AL 3. Docente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL

O carcinoma ductal meibomiano é um tumor maligno oriundo das glândulas de Meibom, localizadas na superfície interna das pálpebras. Os cães afetados têm entre três e quinze anos de idade e representa cerca de 1% dos casos de neoplasias cutâneas em cães. Considerando a importância do diagnóstico e tratamento, objetivou-se neste trabalho relatar o diagnóstico de um carcinoma ductal meibomiano em cão. O presente estudo relata o caso de um canino macho, sem raça definida, com cinco anos, pesando 18,7kg que foi atendido em uma clínica veterinária particular em Maceió apresentando aumento de volume com cerca de 1cm na pálpebra inferior esquerda. O paciente foi submetido a exérese do nódulo com a incisão palpebral em V e, na sequência, blefaroplastia. O nódulo foi acondicionado em solução de formol à 10% e encaminhado para análise no Laboratório de Patologia Veterinária do Centro Universitário Cesmac para leitura em microscopia óptica. Microscopicamente, notou-se proliferação celular de origem ductal, formando lóbulos, divididos por tecidos conectivo fibrovascular. As células apresentam moderado citoplasma, núcleo redondo, grande e cromático, nucléolo proeminente, exibindo moderado pleomofismo e algumas figuras de mitose. Apresenta ainda invasão de porção acinar e resposta inflamatória com predominância de neutrófilos, obtendo diagnóstico de carcinoma ductal meibomiano. Este tumor deve ser diferenciado de outros neoplasmas que ocorrem nas imediações das pálpebras como papilomas e histiocitomas, porém, todos esses tumores são facilmente distinguidos através da avaliação histológica. A única forma de diferenciar neoplasias meibomianas e sebáceas é pela localização anatômica. O prognóstico é reservado, visando a possibilidade de metástases para os linfonodos regionais e a alta chance de recidiva devido sua malignidade.

Palavras-chaves: Glândulas meibomianas, oftalmologia veterinária, tumor.

CARCINOMA GÁSTRICO DE CÉLULAS EM ANEL DE SINETE EM CÃO DA RAÇA CHOW-CHOW

Souza, T.J.[1], Mendes, B[2], Babo Terra, V.J.[3], Palumbo, M.I.P.[3]1. Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais FAMEZ/UFMS (E-mail: tayza.jsouza@gmail.com)2. Acadêmica de Medicina Veterinária FAMEZ/UFMS 3. Médica Veterinária FAMEZ/UFMS 4. Professora Dr(a) FAMEZ/UFMS.

O carcinoma gástrico de células em anel de sinete é caracterizado por acúmulo de mucina fora do citoplasma da célula, deixando o núcleo em formato de meia lua. Foi atendido no hospital veterinário da UFMS um cão da raça chow-chow, macho, 8 anos de idade, não castrado, com histórico vacinal e de vermifugação atualizados. A queixa principal era de êmese crônica com evolução de 3 meses, hiporexia, emagrecimento progressivo e melena. Ao exame físico apresentou desidratação de 8%, taquipneia e taquicardia. Apresentou linfopenia contínua que variou de 870 a 575/mm3 (ref.:1.000 a 4.800/mm3) e posteriormente anemia indicativa de doença crônica 2,73 e 3,93 10/UL (ref.: 5,5 a 8,5 10/UL), hemoglobina 4,8 e 5,8 g/dL (ref.: 12 a 18 g/dL), volume globular 16,8 e 20 % (ref.:37 a 55%) nos hemogramas realizados nos dias 26/04/2019, 17/05/2019, 31/05/2019 e 05/06/2019 respectivamente. A ultrassonografia abdominal evidenciou gastrite moderada com diferencial para neoplasia. A esofagoscopia e gastroscopia revelaram esofagite de refluxo e presença de úlcera em região antro pilórica. Foi coletada amostra para histopatologia e prescritos ondansetrona, omeprazol, maropitant, prednisolona, cloridrato de metoclopramida, fluidoterapia diária e alimentação hipercalórica. A extensão da neoplasia, abrangendo da cárdia ao piloro, observada à laparotomia exploratória impossibilitou a realização da gastrectomia. O animal veio a óbito no pós-cirúrgico. A histopatologia revelou carcinoma de células em anel de sinete. Neoplasias gástricas são consideradas raras e devido os sinais inespecíficos dificultam o diagnóstico precoce. C.G.C.A.S. possuem o prognóstico reservado. Diante de quadros eméticos crônicos deve-se incluir diferencial para neoplasias gástricas.

Palavras chaves: Carcinoma gástrico, êmese crônica, gastrite.

CASTRAÇÃO PRECOCE EM CÃO FILHOTE INDUZIDO POR AUMENTO DE LIBIDO

GOMES, B.M.M. ALVES, M.F; Graduanda na Faculdade Pio Décimo (brunnamorais_@outlook.com) (marinafonseca-@hotmail.com).

A testosterona é um hormônio reconhecido como o hormônio masculino que estar relacionado a cães com comportamentos agressivos e com o aumento de libido, porém é o tipo de comportamento não muito comum em cães filhotes. Um canino filhote da raça dachshund, macho, de sete meses, foi atendido em uma clínica particular na cidade de Aracaju SE no dia 08 de novembro de 2019, cujo histórico desse paciente era de excesso de libido. Foi sugerido para esse paciente fazer a dosagem de testosterona seguida de Orquiectomia. O método utilizado para a dosagem de testosterona foi a quimioluminescência onde na primeira coleta de sangue realizada 20 minutos antes da castração obteve o resultado em >1600,0, a segunda dosagem foi realizada 20 minutos após a castração que resultou em 439,0, com um mês após a castração uma nova coleta foi realizada resultando em >20,00. Antes da castração o cão apresentava comportamento de excitação excessiva o tempo inteiro, nas duas primeiras semanas após ser castrado apresentou estresse e agressividade com outros animais, comportamento que não era apresentado anteriormente, depois de duas semanas o comportamento normalizou e o excesso de excitação diminuiu de forma significante. Nesse período observou-se que a sintomatologia descrita pela tutora era o comportamento do animal devido ao excesso de libido onde foi reduzida significativamente, dessa forma sugerindo a influência direta desse hormônio, nesse caso para cães com distúrbios comportamentais sexuais fica sugerida a castração junto ao acompanhamento da dosagem hormonal.

Palavras chaves: dosagem hormonal aumenta de libido, canino.

CEGUEIRA ASSOCIADA Á BABESIOSE CANINA – RELATO DE CASO

COSTA, G.C.[1]; OLIVEIRA, A.J.M.[1]; SILVEIRA, N.G.V.DE.J[2] 1. Graduando Medicina Veterinária em Universidade Federal de Sergipe (Graziellevet12@gmail.com) 2. Médica Veterinária em Hospital Veterinário Dr. Vicente Borelli

A babesiose canina é uma doença comum, de caráter hemoparasitário, causada pelo agente *Babesia spp*. O seguinte relato de caso tem como objetivo comprovar que a cegueira é um sinal clínico ocasionado pela doença, assim como a eficácia no tratamento da mesma, tornando-a reversível. Um cão da raça Pitbull, macho, seis meses de idade, foi atendido no Hospital Veterinário Dr. Vicente Borelli no dia 30/10/2019 com histórico de perda gradativa da visão, durante exame clínico o animal apresentou midríase paralítica em ambos os olhos, tutor relatou que animal ia de encontro a objetos e apresentava-se desorientado, estava com todas as vacinas e vermifugação em dia, porém relatou a presença de carrapato. O resultado do hemograma com anemia, leucopenia e trombocitopenia, sugeria hemoparasitose. Iniciou-se tratamento com doxiciclina, foi solicitada Sorologia IgM por ELISA para Babesia e Erliquia, a qual foi reagente para ambas. Em sua consulta de retorno, oito dias após a primeira, relatou que animal não apresentou melhora no quadro. Iniciou-se tratamento para babesiose, que consiste na aplicação de Imizol e atropina via subcutânea, também foram receitados Simparic e Prednisolona, pois tutor também relatou que animal apresentava-se prostrado e com dores em articulações. Após quinze dias tutor retornou com o animal para a segunda aplicação dos mesmos, e relatou que assim que iniciou este tratamento o animal recuperou a visão, além de cessar as dores articulares. Apesar do resultado da sorologia ter sido reagente para as duas doenças, pode-se concluir que a causa da cegueira estava relacionada apenas a babesiose, pois o tratamento para erliquiose já havia sido iniciado desde a primeira consulta e o animal não obteve nenhuma melhora do quadro de perda da visão.

Palavras Chaves: *Babesia spp*, perda da visão, tratamento.

CISTO DE INCLUSÃO EPITELIAL CORNEANO EM CÃO POR ARRANHADURA DE GATO

DA SILVA, A.G.[1]; GUBERMAN, U.C.[2]; PERLMANN, E.[3] 1. Discente do curso de pós graduação em oftalmologia veterinária/ANCLIVEPA-SP (deiagomesvet@gmail.com) 2. Médica veterinária oftalmologista do Instituto de Oftalmologia/IOV-ES 3. Médico Veterinário/Petcare-SP

O cisto de inclusão epitelial corneano é uma afecção rara que consiste na implantação de células epiteliais no estroma corneano. Caracteriza-se por uma formação cística de 1 a 6 mm, crônica e indolor, preenchida por células epiteliais e proteínas com lúmen limitado por epitélio escamoso não queratinizado. Podem ser de origem traumática, iatrogênica ou congênita. Os diagnósticos diferenciais incluem abcesso estromal, neoplasias, dermóide, ceratopatia bolhosa, estafiloma e prolapso de íris. O diagnóstico definitivo é obtido por meio de biópsia e histopatologia. O tratamento consiste na realização de ceratectomia lamelar superficial associada ou não a técnicas de recobrimento. O objetivo do trabalho é relatar um caso de cisto de inclusão epitelial corneano em uma cadela da raça boxer, castrada, de 10 anos de idade. O animal foi atendido com aumento de volume intraestromal, esbranquiçado e encapsulado em quadrante temporal superior da córnea e bléfaroespasmo em olho esquerdo, com histórico de trauma ocular no mesmo olho há 10 meses durante uma briga com um gato. Realizou-se uma ceratectomia lamelar superficial e avanço conjuntival 180° e sutura com pontos simples separados com nylon 10-0. O tratamento com antibiótico e lubrificante tópicos foi realizado por 20 dias, com recuperação completa, porém houve recidiva de um cisto epitelial central de 0,05mm com 56 dias de pós-operatório. O histopatológico confirmou o diagnóstico de cisto de inclusão epitelial corneano. Essa afecção foi descrita em cães, gatos, lhamas e humanos. Na literatura, dos 33 casos relatados em um estudo, 14 são de origem traumática, 8 iatrogênica, 11 de origem desconhecida e 4 por arranhadura de gato.

Palavras chaves: córnea, cisto de inclusão epitelial, cão, arranhadura.

COLOPEXIA E DEFERENTOPEXIA EM HERNIORRAFIA PERINEAL UTILIZANDO TELA DE POLIPROPILENO EM CÃO – RELATO DE CASO

CERQUEIRA JÚNIOR, J. C. N. de[1]; TRINDADE, G. L.[1]; MOREIRA, K. D. C.[1]; JUNQUEIRA, L. dos S.[1]; MATOS, E. K. dos S.[1]; BONFADA, A. T.[2]; 1. Graduando em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (julio_cerq@hotmail.com) 2. Médico Veterinário do Hospital Universitário de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O enfraquecimento dos músculos que formam o diafragma pélvico pode resultar em uma hérnia perineal, levando os órgãos da região abdominal e pélvica a sofrerem uma transposição caudal para o períneo. Alguns sinais clínicos observados são: tenesmo, constipação, aumento do volume perineal, estrangúria, disúria e anúria, sendo a herniorrafia perineal o método corretivo mais indicado. Dessa forma, o presente trabalho tem o objetivo de relatar o caso de um cão que foi atendido apresentando dificuldade em urinar e sem defecar há vários dias sendo diagnosticado com hérnia perineal. Foi atendido no Hospital Universitário de Medicina Veterinária da UFRB um canino, macho, SRD, 12 anos, não castrado, pesando 26 kg, apresentando espasmos e uma massa próxima ao ânus. No exame físico o animal encontrava-se inconsciente, frequência cardíaca de 160 bpm e taquipneia, além de um aumento de volume em região perineal. O paciente foi encaminhado para cirurgia, em que pôde ser confirmado a hérnia perineal com encarceramento da bexiga e parte do intestino. Foi realizada a orquiectomia e a retração dos ductos deferentes e bexiga para a cavidade abdominal, em seguida foi posicionada e ancorada uma tela de polipropileno na região do defeito muscular. Posteriormente foi feita a fixação dos ductos deferentes (deferentopexia) e parte da parede do colón (colopexia) na parede da cavidade abdominal, a fim de evitar que essas estruturas se desloquem novamente. Dessa maneira, é possível concluir que as técnicas utilizadas em questão podem promover uma restauração da saúde do paciente juntamente com um pós-operatório cuidadoso.

Palavras-chave: Cão, hérnia perineal, bexiga, cavidade abdominal

COMPLEXO GRANULOMA EOSINOFÍLICO FELINO: RELATO DE CASO

Tertulino, M.D.[1]; Veloso, L.S.[1]; Oliveira, S.P.[1]; Nogueira, I.C.S.[1]; Faria, H.M.[1]; Leal, S.L.R.S.[2] 1. Graduando em Medicina Veterinária – UFERSA (moises.tertulino@gmail.com) 2. Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais – HOVET/UFERSA.

Complexo granuloma eosinofílico são lesões de pele e cavidade oral resultantes de processos alérgicos provocados por atopia, hipersensibilidade alimentar, idiopática, congênita e picadas de ectoparasitas. Suas lesões podem ser classificas em granuloma eosinofílico, placas eosinofílicas e úlcera indolente. Seu diagnóstico definitivo pode ser feito com histopatológico e o tratamento consiste em eliminar a causa primária e reverter o quadro com imunossupressor e glicocorticoides. Objetivou-se descrever o caso de complexo granuloma eosinofílico. Um felino, macho, 02 (dois) anos, sem raça definida, atendida no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit Rosado Maia – HOVET/UFERSA. O tutor relatou que há 3 (três) semanas o paciente presentava lesões na pele. No exame físico não exibiu alterações sistêmicas dignas de nota e a pele apresentou lesões ulcerativas em placas na região ventral do tórax e inguinal. Foi solicitado: citologia de pele, em que apresentou numerosas células epiteliais descamativas e cocos e pequena quantidade de blastoconídeos de *Malassezia sp*.; inprint de pele com presença de numerosas células epiteliais descamativas, cocos e neutrófilos. Para a realização do diagnóstico definitivo foi solicitado um dermatohistopatológico, sendo observado distensão por infiltrado inflamatório constituído por neutrófilos, eosinófilos, macrófagos, áreas multifocais de colagenólise, camada epidérmica espessada e com uma área extensa ulcerada recoberta por restos celulares necróticos e crosta fibrino-leucocitária, concluindo um quadro da placa eosinofílica. O tratamento realizado foi Prednisolona (1 mg/kg) por via oral (desmame por 30 dias reduzindo ¼ da dose por semana) e Dermotrat® pomada (Gentamicina, Miconazol e Betametasona), ambos a cada 12 horas, durante 30 dias. O paciente apresentou melhora clínica após o tratamento.

Palavras-Chave: Dermatologia, *Felis catus*, placas.

COMPOSIÇÃO DE URÓLITOS DE CANINOS E FELINOS

Gomes, V.R.[1]; Ariza, P.C.[2]; Queiroz, L.L.[2]; Bastos, M.C.[3]; Lazagna, Y.[3]; Fioravanti, M.C.S[4] [1]Doutoranda em Ciência Animal, EVZ/UFG (veridiane.rgomes@yahoo.com.br); [2]Doutoranda em Ciência Animal, EVZ/UFG; [3]Acadêmica de Medicina Veterinária, EVZ/UFG; [4]Professora Doutora, EVZ/UFG

A urolitíase é uma das principais doenças que afetam o trato urinário. Os urólitos são classificados conforme o tipo mineral presente e, são considerados consequência de outras enfermidades. As causas de formação das concreções urinárias podem estar diretamente associadas ao trato urinário, como infecção, ou relacionada à uma doença metabólica, como hiperadrenocorticismo. Foi determinada a composição de urólitos de 78 caninos e 24 felinos por meio da técnica de espectroscopia de energia dispersiva (EDS) no Laboratório Multiusuário de Microscopia de Alta Resolução da Universidade Federal de Goiás (Labmic/UFG) e por análise química. O presente trabalho foi aprovado pelo comitê de ética no uso de animais em pesquisa (CEUA/UFG). Dos cálculos caninos analisados: 25 eram de oxalato de cálcio, 18 de estruvita, quatro de urato amônio, três de xantina e 27 foram classificados como composto. Com relação as amostras provenientes de felinos: 11 urólitos eram de urato amônio, seis de estruvita, três de oxalato de cálcio e quatro foram classificados como composto. Os urólitos de oxalato de cálcio e estruvita corroboram com dados de literatura, como os mais comumente encontrados. Entretanto urato amônio, observado nas análises até o momento, como o mais frequente na espécie felina, é citado como o terceiro tipo de cálculo mais observado em ambas espécies. Sendo a urolitíase considerada consequência de outras enfermidades, identificar a composição das pedras é essencial para reconhecer a causa de base, instituir o tratamento e as medidas preventivas.

Palavras chave: microscopia, técnicas de análise, urolitíase

COMUNICAÇÃO INTERVENTRICULAR COM AGRAVO DE SÍNDROME DE EISENMENGER EM CÃO ADULTO – RELATO DE CASO

Pacó, T.R.[1]; Rocha, C.C[1]; Mendonça, M.S.B[2]; Diniz, A.N.[3]; Antunes, J.M.A.P[4]; 1. Residente no Hospital Veterinário da UFERSA. 2. Graduanda em Medicina Veterinária na UFAL (thays.paco.21@gmail.com). 3. Professora adjunta do curso de Medicina Veterinária da UFAL. 4. Médico Veterinário do Hospital Veterinário da UFERSA.

A comunicação interventricular é uma cardiopatia congênita caracterizada pelo não fechamento do septo interventricular no período embrionário ou pós-natal gerando falha na separação entre a circulação sistêmica e pulmonar. A gravidade das consequências hemodinâmicas da CIV depende da extensão do defeito e magnitude do fluxo através deste. Comumente o desvio ocorre da esquerda para a direita devido a resistência vascular sistêmica ser superior a pulmonar. Este relato descreve os achados ecocardiográficos em um cão, macho, SRD de 4 anos atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Semi-Árido com histórico de intolerância ao exercício, cianose e episódios de síncope diagnosticado na ecocardiografia com CIV perimembranosa com dilatação atrial e ventricular direita, descontinuidade do septo interventricular em região subaórtica medindo aproximadamente 5 mm e a avaliação Doppler evidenciou fluxo turbulento reverso caracterizando shunt da direita para a esquerda (síndrome de Eisenmenger). Apesar de função sistólica preservada, observou-se diástole anormal. Várias doenças cardíacas podem levar a sintomatologia clínica apresentada pelo paciente deste caso, sendo assim podemos concluir que o exame complementar de imagem foi fundamental para diagnóstico desta cardiopatia congênita uma vez que a suspeita da mesma não é comumente levantada em pacientes adultos. A ecocardiografia permitiu identificar o defeito, definir seu tamanho e extensão, determinar a direção do fluxo sanguíneo pelo mesmo e avaliar as consequências hemodinâmicas definindo prognóstico e colaborando na escolha do tratamento apropriado.

Palavras-chave: Cardiopatias congênitas, cardiologia veterinária, ecocardiografia.

CONDROMA VERTEBRAL EXTRADURAL EM CÃO: RELATO DE CASO

Cavalcante, L.A.[1]; Góes, A.P.R.[1]; Rodeiro, L.S.S.[1]; Palma, J.C.B[2]; Neto, F.A.D[3]
1.Discentes do Curso de Medicina Veterinária – UNIME (cavalcantesleo@hotmail.com) 2. Médica Veterinária 3. Prof. Dr. Escola de Medicina Veterinária da UFBA

Condromas são neoplasias benignas de crescimento lento caracterizadas pela formação de tecido cartilaginoso. Quando acometem o canal medular classificam-se em extradurais, intradurais-extramedulares e intramedulares, levam a compressão medular ou de raiz nervosa causando dor e sinais de déficit motor. Relata-se a ocorrência de condroma extradural em uma cadela, golden retriever, 23,6kg, 10 anos, castrada, atendida no Hpet – Hospital Veterinário. O animal apresentava déficit motor de progressão lenta, que evoluiu de claudicação discreta a paraparesia em quatro meses. Ao exame clínico demonstrava dor em coluna vertebral toracolombar, reflexos em membros torácicos normais e aumentados em pélvicos, ausência de propriocepção, sensibilidade dolorosa profunda preservada, atrofia muscular e panículo em T6-7. Foi realizada tomografia da coluna vertebral toracolombar. Foi identificada a presença de formação arredondada no canal medular de T6, à direita do canal vertebral, com deslocamento e compressão da medula para a esquerda, lise óssea na lâmina dorsal e direita de T6. Paciente foi encaminhada para procedimento cirúrgico. Realizou-se laminectomia dorsal de T5 a T7. A lâmina óssea dorsal-lateral direita foi removida com facilidade pela fragilidade óssea, a massa possuía aspecto quebradiço, sendo removida em partes. No exame histopatológico foi evidenciado presença de matriz condroide com densa população de condrócitos desorganizados e aglomerados, discretamente pleomórficos e uniformes. Compatível com condroma. Paciente apresentou melhora gradativa e retorno da função normal dos membros pélvicos, permanecendo com pequeno déficit. Cinco meses após procedimento cirúrgico não foram observados sinais de progressão do déficit motor.

Palavras-chave: Tomografia computadorizada; laminectomia; condroma.

CONDROSSARCOMA DE ORIGEM CRANIANA EM CÃO

Magalhães, F.S.[1]; Leão, C.L.A.A.[1]; Rodrigues, K.F.[2]; ROCHA, N.S.L.[2]; Lopes, R.R.F.B.[3]
1. Estudante de Medicina Veterinária da UFPI (Felipe3_4@hotmail.com) 2. Médico(a) Veterinário(a) autônomo(a) 3. Mestrando em Ciências Veterinárias da UFPI

Os condrossarcomas são os sarcomas ósseos de segunda maior prevalência em cães, no entanto, esse tipo de neoplasia com origem primária em ossos cranianos é pouco relatado. Um cão macho, 11 anos, 19kg, sem raça definida, foi atendido em uma clínica veterinária com a queixa principal de aumento de volume em região frontal da cabeça, com evolução de 8 meses, no qual a tutora alegava crescimento progressivo rápido. Ao exame clínico-físico o paciente apresentava mucosas ocular e oral normocoradas, bom escore corporal, temperatura retal 38.0°C, ausência de alterações em ausculta cardíaca e pulmonar e presença de um nódulo com 8cm x 6cm na região frontal de crânio, não ulcerado e aderido a musculatura local. Foi então indicado coleta por citologia aspirativa por agulha fina (CAAF) da massa em questão e realização de radiografia de crânio afim de descartar lise óssea. O CAAF somente apontou inflamação local e na radiografia não havia comprometimento ósseo, sendo optado por ressecção cirúrgica do nódulo com posterior exame histopatológico. A macroscopia do exame demonstrou consistência arenosa, aspecto regular compacto a granular e coloração esbranquiçada. No laudo microscópico observou-se proliferação de células alongadas e estelares, com produção de matriz mixóide e condroide com focos de mineralização, sendo o diagnóstico conclusivo para condrossarcoma. Como tratamento adjuvante à cirurgia, foi indicado 5 sessões a cada 21 dias de quimioterapia utilizando Doxorrubicina na dose de 30 mg/m².

Palavras chaves: sarcoma ósseo, crânio, lise óssea.

CONTRIBUIÇÃO DO ESOFAGOGRAMA NO AUXILIO DIAGNÓSTICO DA ESTENOSE ESOFÁGICA EM FELINOS, PREVIAMENTE SUBMETIDOS A OVÁRIO-SALPINGO-HISTERECTOMIA

Podestá, V.S.[1], Gonçales, L.A.M.[1], Carvalho, L.A.R.[2], ARAUJO, D.R.[3] 1-Mestrandos em Medicina e Bem Estar Animal – UNISA-SP, 2 - Docente do curso de Medicina Veterinária das Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE (leticiaarc@yahoo.com.br), 3 - Acadêmica do curso de Medicina Veterinária das Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE

Estenose esofágica é uma importante causa de regurgitação em cães e gatos, sendo relativamente incomum nesses pacientes, e pode ocorrer em consequência de lesão no esôfago e esofagite. As causas mais comuns incluem: hérnia de hiato, refluxo pós-anestésico, vômito persistente, corpos estranhos esofágicos e ingestão de agentes corrosivos. Vários sedativos e anestésicos diminuem o tônus do esfíncter esofágico inferior, promovendo o refluxo de suco gástrico e enzimas, causando esofagite por refluxo e consequente formação de estenose. O diagnóstico de estenose esofágica pode ser feito através de esofagograma ou endoscopia, sendo o primeiro, o melhor método para identificar com precisão o número e a localização das estenoses. Foi encaminhado, para exame radiográfico, uma paciente felina, SRD, de idade desconhecida, com suspeita de obstrução esofágica. A mesma havia passado por cirurgia de ovário-histerectomia há aproximadamente quinze dias, e a partir disso, apresentou quadros de regurgitação. Ao exame radiográfico simples, não foram observadas alterações. Após a administração de contraste a base de sulfato de bário, houve um acúmulo do mesmo em região de entrada de tórax, notando-se importante diminuição do lúmen esofágico, com pequena progressão da coluna de contraste para o estômago, confirmando a presença de estenose esofágica em referida região, corroborando com outros autores, que incluem o esofagograma como importante ferramenta para o diagnostico da estenose esofágica.

Palavras chave: estenose, esôfago, felinos, esofagograma, radiografia.

COR TRIATRIATUM SINISTRUM, COMUNICAÇÃO INTERATRIAL E INTERVENTRICULAR EM GATO PERSA

Lucena, A.R.[1]; Brasil, R.B.[2]; Lopes, G.S.[3]; Alves M.B[2]. 1. MV, MSc, Sócia Proprietária e Coordenadora Técnica da Clincardio Cardiologia Veterinária – RJ. Rua Guilherme Moreira, casa 150 – Freguesia Jacarepaguá, CEP: 22765-220, alessandra@clincardioveterinaria.com.br 2. Estudante de Medicina Veterinária pela UFRRJ. 3. Estudante de Medicina Veterinária pela UNIFESO.

Alterações cardíacas congênitas normalmente são identificadas em animais jovens e podem representar traços hereditários ou defeitos embriogênicos durante a gestação. Tais anomalias são menos vistas em gatos comparado a cães, além de serem mais prevalentes em gatos machos e de raça pura. Como consequência às cardiopatias, podem surgir alterações em outros sistemas orgânicos, sendo um dos mais associados o sistema urinário. Este trabalho objetiva servir como base de consulta a toda comunidade acadêmica e da área de Medicina Veterinária. Relata-se um caso extremamente raro de um gato, macho, persa, de dois anos de idade, acometido por três anomalias congênitas (cor triatriatum sinistrum, comunicação interatrial e comunicação interventricular) atendido na Clincardio Cardiologia Veterinária, Rio de Janeiro em julho de 2015. O paciente foi diagnosticado com cor triatriatum sinistrum (CTS) aos cinco meses de idade e apresentava episódios constantes de edema pulmonar e síncope. Num primeiro momento, o animal apresentava-se dispneico, estressado e descompensado clinicamente. Na ausculta pulmonar foi possível perceber ruído adventício descontínuo (crepitação) áspero, característico de edema. Já na ausculta cardíaca havia a presença de sopros sistólico e diastólico grau VI. Foi feito um ecocardiograma no qual foi possível confirmar o CTS e diagnosticar comunicação interventricular (CIV), além da presença de um fluxo turbulento confuso horizontal partindo do átrio esquerdo em direção a artéria aorta. Foi prescrito para o paciente Clopidogrel 20mg, Mulungu (Passiflora e Valeriana), Cloridato de Benazepril 5mg, Furosemida 40mg e pasta manipulada contendo: 1mg de Atenolol, 1mg de Citrato de Sildenafila, 3mg de Espironolactona e 0,5mg de Pimobendam. Além disso, o consumo de ração cardíaca e aumento da ingestão hídrica foram recomendados. A posologia adequada dos medicamentos foi ajustada conforme revisão clínica. Aos quase seis anos de idade, o animal foi eutanasiado devido ao desenvolvimento de síndrome cardiorrenal nos últimos seis meses de vida, acompanhada de intensa hipotensão. Na necropsia foi possível diagnosticar a comunicação interatrial (CIA), classificada como CIA *secundum* devido ao defeito estar localizado na região da fossa oval. O tratamento clínico demonstrou grande sucesso, garantindo qualidade de vida ao paciente, além de uma sobrevida estável por quatro anos.

Palavras-chave: felinos, cardiopatia, congênita

CORREÇÃO DE COLOBOMA PALPEBRAL ATRAVÉS DE TRANSPOSIÇÃO DA COMISSURA LABIAL EM UM FELINO - RELATO DE CASO

Mônaco, L.C.[1]; Mateus, N.L.F.[1]; Batistussi, J.L.[1]; Figueiredo, G.R.F.[1] Madruga, G.[2] 1. Programa de Aperfeiçoamento em Clínica Médica de Pequenos Animais - Clínica Veterinária Unigran (nathalia.fontoura@unigran.br) 2. Programa de Pós Graduação em Cirurgia Veterinária da Faculdade de Ciências Agrária e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista Unesp

Coloboma palpebral é uma enfermidade congênita e rara que se caracteriza pela falha no desenvolvimento da porção externa da pálpebra, observada principalmente na espécie felina. Geralmente apresenta-se bilateral, acometendo apenas as pálpebras superiores. O presente trabalho tem como objetivo relatar o caso de um felino macho, de 6 meses de idade, sem raça definida, atendido em um Hospital Veterinário. Ao exame físico oftalmológico foi observado ausência da pálpebra superior do olho direito e manifestações oculares unilateral direita como dor, blefaroespasmo, secreção e opacidade corneana. Frente ao diagnóstico clínico confirmatório de coloboma palpebral, optou-se pela correção cirúrgica utilizando a técnica de transposição da comissura labial para correção do coloboma. Após oito dias da cirurgia, o animal apresentou necrose em 40% da pálpebra superior devido à falta de suprimento sanguíneo para o tecido transposto. Foi então realizada uma segunda cirurgia para remoção da necrose tecidual. O animal apresentou movimentação satisfatória da pálpebra superior, apesar de restauração parcial da estrutura, devido a não união total da pele após a remoção da porção necrosada. Conclui-se que o emprego da técnica de transposição da comissura labial para a correção da agenesia palpebral pode promover correção parcial da deformidade. No entanto, o resultado pode ser suficiente para proporcionar melhora na qualidade de vida do paciente e resolução dos sinais clínicos oculares previamente observados em consequência do coloboma.

Palavras-chave: agenesia, técnica cirúrgica, gato doméstico, pálpebra

CRANIOTOMIA TRANSFRONTAL PARA EXÉRESE DE MENINGIOMA PAPILÍFERO GRAU III EM CÃO - RELATO DE CASO

Castanho, G.O.M.[1]; Ribeiro, C.H.C.[2] 1. Graduando em medicina veterinária da Universidade Positivo 2. Médico veterinário responsável pelo Serviço de neurologia, neurocirurgia e neuroimagem do Hospital Veterinário Batel (neuromedvet@gmail.com).

Os meningiomas são as neoplasias encefálicas mais comuns em cães e gatos. Normalmente são de característica benigna, porém 1 a 11% podem-se apresentar de maneira maligna. Um canino, macho, da raça Poodle, 13 anos de idade, castrado, foi atendido no Hospital Veterinário Batel com histórico de crises epiléticas focais em região de face e cervicalgia a 1 mês com piora progressiva. Exame neurológico revelou alterações em região tálamo-cortical esquerda. Realizado ressonância magnética de encéfalo onde revelou presença de massa única arredondada de contorno irregular em porção de lobo frontal esquerdo de 0,55x0,77cm. Foi realizado craniotomia por acesso transfrontal, após a visualização completa do nódulo, foi realizada a ressecção total do tumor e controle hemorrágico realizado com esponjas hemostáticas e bisturi elétrico bipolar. Colocado polimetilmetacrilato estéril para fechamento do acesso ósseo com quatro parafusos corticais de 6mm. Paciente encaminhado para unidade semi-intensiva para tratamento nosocomial, avaliação da escala de consciência/Glasgow, sendo instituído terapia pós-operatória com manitol (1mg/Kg/TID/IV) e de suporte. O animal obteve melhora total dos sinais clínicos e completa nove meses de pós-operatório sem crises epilépticas. Análise histopatológica concluiu meningioma papilífero maligno (grau III). Meningiomas de grau III são consideradas de alto grau proliferativo e infiltrativo, possuindo alto número de células em mitose, necrose, perda da arquitetura normal celular, e raramente, pode levar a metástase. As craniotomias são os principais métodos de tratamento de tumores encefálicos, possibilitando o envio das amostras para análise e descompressão do encéfalo afim da melhora dos sinais clínicos.

Palavras chaves: Craniotomia, meningioma, Tumor intracraniano, convulsão.

CRANIOTOMIA TRANSFRONTAL PARA EXÉRESE DE MENINGIOMA TRANSICIONAL BENIGNO – RELATO DE CASO

Ribeiro, C. H. C.[1]; Queiroz, T. N. L. [1]; Sillas, T. [1]; Nerone, T.G. [1] Castanho, G.O.M.[2]
1. Médico Veterinário do Hospital Veterinário Batel (neuromedvet@gmail.com).
2. Graduando em medicina veterinária da Universidade Positivo.

Meningioma é o tipo mais comum de neoplasia intracraniana em animais de companhia, o qual pode invadir os tecidos adjacentes e tornar sua ressecção completa difícil. Um cão, macho, da raça Poodle, 12 anos de idade, foi atendido no Hospital Veterinário Batel com histórico de crises epilépticas há um mês com piora progressiva, alterações de comportamento há 4 meses como andar compulsivo, alteração no ciclo de sono/vigia e andar em círculos. Foi realizado tomografia computadorizada onde revelou presença de neoformação de limites parcialmente definidos, localizada em lobo frontal direito medindo cerca de 1,5x1,4cm. Realizado craniotomia por acesso transfrontal, onde foi realizado a dissecação em fragmentos, hemostasia foi realizada com auxilio de esponja hemostática e bisturi bipolar e o fechamento do crânio com Polimetilmetacrilato estéril. Instituído terapia pós-operatória com manitol (1g/kg/TID/IV) e suporte. Paciente obteve melhora total dos sinais clínicos e completa 3 anos de pós-operatório sem crises epilépticas. Histopatológico concluiu meningioma transicional (Grau I). Neoplasias de grau I são consideradas de baixo potencial proliferativo e com possibilidade de cura seguida de ressecção cirúrgica, conforme no caso relatado. A combinação da terapia cirúrgica e radioterapia é o tratamento mais eficaz, porém poucos centros possuem disponibilidade de radioterapia, sendo então a conduta cirúrgica a mais difundida.

Palavras chaves: Craniotomia, meningioma, Tumor intracraniano, convulsão.

CREME A BASE DE FOLHAS DE CAJÁ (*Spondias mombin L.*) NO TRATAMENTO DE LESÕES CUTÂNEAS INFECCIONADAS EM CÃES

SANTOS, P.V.F[1]; ALVES, N.D[2]; FEIJÓ, F.M.C.[2]; SANTOS, C.S.[3], FERNANDES, F.C.[4]; OLIVEIRA, F.E.S.[4] 1. Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA)(paulavivian.s@hotmail.com) 2. Professor(a) Doutor na UFERSA. 3. Servidor público da UFERSA. 4. Médico Veterinário(a) autônomo

Entre os notáveis avanços da medicina moderna estão os medicamentos fitoterápicos que são obtidos a partir de derivados vegetais. Nesse contexto, a *Spondias mombin L.*, conhecida como cajazeira, é usada como fitoterápico e presenta inúmeras propriedades medicinais, dentre estas a antimicrobiana. Desse modo, o objetivo com o presente trabalho foi avaliar a eficácia antibacteriana do creme à base de folhas de cajá *(Spondias mombin L.)* no tratamento das lesões cutâneas infeccionadas em cães. Para tal, foram confeccionadas 20 bisnagas com creme à base de cajá à 1% no Laboratório de Microbiologia Veterinária da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Três animais (A, B e C) que apresentavam lesões cutâneas infeccionadas participaram do experimento, mediante autorização dos seus tutores. Os animais foram tratados por 21 dias com aplicação a cada 12 horas do creme sobre as lesões. Nos dias 0, 7, 14 e 21 foram realizadas coletas das lesões para avaliação do crescimento bacteriano. No dia zero (0) houve crescimento bacteriano em todas as amostras coletadas e semeadas, sendo a contagem bacteriana de $4{,}4x10^4$ UFC/g, $2{,}5x10^3$ UFC/g, $2{,}9x10^3$ UFC/g para os animais A, B e C, respectivamente. No dia 07 o animal C apresentou contagem de $1{,}5X10^3$ UFC/g. Para os animais A e B não houve formação de colônias. Nos dias 14 e 21 não houve formação de colônias para nenhum animal. Conclui-se que o potencial antimicrobiano do creme a base de cajá foi significativo para inibir o crescimento bacteriano com uma semana de tratamento para os animais A e B. E duas semanas de tratamento para o animal C, mostrando a importância terapêutica desse fitoterápico.

Palavras chaves: Fitoterápico, potencial antimicrobiano, lesões na pele.

DEMODICIDOSE EM UM CÃO, AGRAVADA POR PIODERMITE E MALASSEZIOSE

AREDES, L.H.G.[1]; ALMEIDA, A.B.L.[1]; MATOS, R.A.T.[2]; OLIVEIRA, C.A.A.[2]; SILVA, R.R.F.[2]
1. Acadêmicos de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac (lisandra.aredes@hotmail.com) 2. Docentes do Centro Universitário Cesmac

Demodicidose canina é causada pelos ácaros *Demodex canis* e *Demodex injai*. Cães acometidos podem apresentar ainda piodermite secundária. A malasseziose é decorrente da proliferação de *Malassezia pachydermatis*, ocorrendo secundariamente a alguma dermatopatia subjacente. Com isso, objetivou-se relatar um caso de demodicidose canina agravada com piodermite e malasseziose em um cão. Foi atendido um cão da raça Weimaraner, 4 meses de idade, 15kg e com pouco apetite. No exame clínico, o cão apresentou apatia, temperatura de 39,8°C, alopecia eritema, formação de crostas hemorrágicas em cabeça, face ventral do tórax, abdome, pescoço e membros, além de untuosidade, odor de ranço e intenso prurido. O animal vinha sendo tratado por 2 semanas com cefalexina 25mg/kg, prednisolona 0,5mg/kg e banhos com xampu de peróxido de benzoíla 2,5%. Realizou-se exame parasitológico do raspado cutâneo, coletado em três locais diferentes e citologia de material coletado por esfoliação de área lesionada. No exame parasitológico foram visualizados larvas, ovos e ácaros da espécie *Demodex canis*. O tratamento foi continuado com cefalexina (25mg/kg por mais 30 dias) e doramectina (0,6mg/kg, até a realização de 2 parasitológicos negativos). Na citologia, visualizou-se inúmeras bactérias cocóides e fungos do gênero malassezia. Devido a isso, foi acrescentado ao tratamento Itraconazol (10mg/kg q24h. VO, durante 3 semanas) e banhos a cada 72h com xampu de sulfeto de selênio a 2,5%, durante 6 semanas. O animal apresentou melhora após o início do tratamento e as lesões já não existiam ao completar 12 semanas de tratamento, quando foram realizados dois exames parasitológicos de pele negativos no intervalo de duas semanas. Desta forma, conclui-se que é fundamental a realização dos exames parasitológico e citológico, antes de estabelecer um protocolo terapêutico da demodicidose generalizada, principalmente, se agravada por piodermite e marcante malasseziose.

Palavras chaves: Dermatopatia, *Demodex canis*, *Malassezia*.

DEMODICOSE CANINA: EFICÁCIA DO SAROLANER NO TRATAMENTO – RELATO DE CASO

Oliveira, P.R.[1]; Lima, N.J.F[1]; Costa, I.S.A[2]; Oliveira, C.R.F[2]; Freitas; Ribeiro, M.J.F[3]; Sousa, J.S.[3] 1. Médica Veterinária da UFPI (Paula.ro94@hotmail.com) 2. Acadêmica de Medicina Veterinária da UFPI; 3. Médica Veterinária da UEMA

A demodicose é uma doença inflamatória parasitária dos cães causada pelo ácaro *Demodex canis*. Fatores como desordens genéticas ou imunológicas, alimentação de baixa qualidade, estresse, endoparasitoses, imunossupressão por agentes quimioterápicos e corticoides, além de alterações endócrinas durante o ciclo estral também são listados como contribuintes para o surgimento das lesões. Pode ser localizada ou generalizada e ocorrer na fase juvenil ou adulta, respectivamente. Um cão, macho, Chow Chow, de 6 meses, foi atendido na clínica veterinária "Clinipet" de Santa Inês-MA no dia 13 de outubro de 2019, com sinais de alopecia localizada e prurido intenso, com piora do quadro nas últimas semanas. Na anamnese não foi relatada queixa significativa acerca dos demais sistemas. Ao exame físico geral, o paciente apresentava hipertermia, apatia, desidratação moderada. Ao exame dermatológico foi observada alopecia localizada, pústulas na região da cabeça, crostas e lesões ulcerativas dispersas pelo corpo. Foram realizados exames complementares como hemograma, exame parasitológico do raspado cutâneo de três locais e cultura fúngica em meio Sabouraud dos pelos coletados. Ao raspado cutâneo foi observada a presença do ácaro *Demodex spp*. A cultura fúngica apresentou crescimento de *Endotrix spp*., sendo negativa para dermatófitos. O diagnóstico definitivo foi estabelecido como demodicose associada à piodermite bacteriana secundária e fúngica. O tratamento prescrito foi cefalexina (30 mg/kg, VO, BID, 21 dias), devido à piodermite secundária, cloridrato de ranitidina (2 mg/kg, VO, BID, 21 dias), como protetor de mucosa gástrica, banhos semanais com shampoo manipulado à base de clorexidine 2% e miconazol a 2% até novas recomendações, e sarolaner (Simparic®) para cães de 10 a 20 kg em três administrações por via oral em intervalo mensal. O paciente retornou aos 14 dias, apresentando melhora do estado geral e dos sinais clínicos específicos. O exame parasitológico do raspado cutâneo foi repetido, o qual revelou ausência do parasita. O tratamento de escolha foi o sarolaner, pertencente à uma nova e potente classe de ectoparasiticidas para animais de companhia. O sarolaner foi eficaz para o tratamento do paciente e pode ser utilizado como boa opção terapêutica para o tratamento da demodicose localizada ou generalizada por promover rápida cura clínica e parasitológica.

Palavras chaves: Cão, *Demodex,* dermatopatias.

DEMODICOSE FELINA POR DEMODEX GATOI

FRANÇA, R.K.N.[1] 1. Médica Veterinária Dermatóloga em Rosane França Dermatologia Veterinária (rosane.vet@hotmail.com)

A demodicose felina é uma condição parasitária incomum que afeta a pele dos gatos, porém emergente. Pode ser causada por três espécies de ácaros: *Demodex cati*, *D. gatoi* e uma terceira, provisoriamente chamada de *D. felis*. Das três, a espécie *D. gatoi* é a de menor tamanho e se localiza no estrato córneo da pele, podendo ser transmitida por contato direto a outros gatos, sem estar relacionada à imunidade. Os animais acometidos têm um nível variável de prurido e alopecia, tendo um diagnóstico difícil através do raspado cutâneo devido à sua localização superficial e lambeduras excessivas. Uma felina, de 2 anos de idade, Sem Raça Definida, deu entrada num consultório particular, com a queixa principal de prurido intenso na região da cabeça e pescoço, com muita queda de pelo. Ao exame clínico, constatou-se intensa descamação com dois focos alopécicos na região frontal da cabeça. Raspados cutâneos através de impressões com fita de acetato foram realizados nestes locais para pesquisa de ácaros, na qual foi visualizado um da espécie *Demodex gatoi*. O tratamento instituído foi a administração de duas doses de Moxidectina tópica (*pour on*) com intervalo de 21 dias entre cada aplicação. No intervalo entre as aplicações, foi realizado um novo raspado cutâneo, mas nenhum ácaro foi visualizado. O tutor referiu melhora total do prurido, com crescimento total dos pelos e sem recidivas até o presente momento, revelando a eficácia da Moxidectina tópica com apenas uma aplicação. A demodicose felina é de rara ocorrência e muitas vezes subdiagnosticada, sendo de fundamental importância a realização de exames complementares para correto diagnóstico e tratamento.

Palavras chaves: demodicose, felino, tratamento.

DERMATITE ULCERATIVA COMPORTAMENTAL FELINA-ASPECTOS CLÍNICOS E EPIDEMIOLÓGICOS

RÜNCOS, L.H.E.[1], Oliveira, R.S.L.[2], Farias, M.R.[3] [1-] Aluna do programa de Pós-graduação em Ciência Animal, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (larissa.runcos@gmail.com) [2-] Aluna do programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás [3-] Docente, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica do Paraná

A Dermatite Ulcerativa Comportamental (DUC), anteriormente denominada dermatite ulcerativa idiopática felina (DUI) se caracteriza por lesões ulcerativas auto-induzidas. Provavelmente envolva um componente de prurido psicogênico, que leva ao comportamento de coçar compulsivamente até o ponto de causar lesões tegumentares profundas. No presente trabalho relatamos as características epidemiológicas de seis pacientes referidos a um serviço de psiquiatria veterinária na região sul do Brasil. O diagnóstico foi estabelecido mediante da busca ativa de fatores estressores emocionais, além da persistência do comportamento auto-lesivo após a exclusão de dermatopatias alérgicas e parasitárias. Dentre os seis gatos atendidos, a idade ao início do problema variou de 1 a 4 anos. Quatro eram machos e duas fêmeas, sendo todos castrados e todos exclusivamente intradomiciliados. O tipo de lesão variou desde escoriações leves até ulcerações profundas e extensas. A topografia lesional variou dentre os pacientes, mas sempre envolveu regiões da cabeça e cervical. Dois gatos apresentavam ulceras na região cervical, dois apresentavam lesões na região mentoniana e pré-auricular; dois gatos apresentavam lesões nas regiões temporais da face; e dois gatos apresentavam escoriações e queilite inferior e angular. Em todos os casos foi possível identificar situações de vida emocionalmente instáveis e importantes fatores estressores no ambiente, rotina e relações sociais. Nos pacientes estudados, percebesse um início do problema após a puberdade e ainda em idade adulta jovem, o que coincide com a fase de vida mais comum de início de transtornos-obsessivos compulsivos em gatos.

Palavras-chave: dermatopatias, gatos, psicogênica

DERMATOFITOSE, AGRAVADA POR FOLICULITE BACTERIANA E ECTOPARASITOSE EM CÃO

AREDES, L.H.G.[1]; ALMEIDA, A.B.L[1]; FREITAS, K.F.[1]; LIMA, A.[1]; SILVA, R.R.F.[2]; MATOS, R.A.T.[2] 1. Acadêmicos em Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac (lisandra.aredes@hotmail.com) 2. Docentes do Centro Universitário Cesmac

As dermatofitoses são causadas por fungos, principalmente do gênero *Microsporum*, de caráter zoonótico altamente contagioso. A foliculite bacteriana é causada por bactérias do gênero *Staphylococcus*. Com isso, objetivou-se relatar um caso de dermatofitose agravada por foliculite bacteriana e ectoparasitose em um canino. Foi atendido um cão, SRD, 8 anos de idade, macho, pesando 5kg, com pelo curto e semidomiciliado, na Comunidade Quilombola da cidade de Santa Luzia do Norte, AL, durante as ações da Liga Acadêmica de Clínica de Pequenos Animais (LAPAN). Ao exame clínico, o animal apresentou temperatura de 38,1°C, 120 bpm, linfonodo submandibular esquerdo levemente aumentado e poplíteo direito aumentado, além de áreas de alopecia, eritema, pápulas, presença de crostas, secreção purulenta, prurido e presença de pulgas e carrapatos. Realizou-se um raspado cutâneo, das áreas alopécicas, coletado de três locais diferentes, e colheita de secreção purulenta da pele, com auxílio de *swab* estéril. O material colhido, foi encaminhado para realização de cultura bacteriana e fúngica. Após o isolamento, os microrganismos foram identificados como sendo *Staphylococcus sp.* e *Microsporum canis*. Baseado nos sinais clínicos e no resultado dos exames complementares, diagnosticou-se dermatofitose, agravada por foliculite bacteriana e ectoparasitose. Foi então prescritos banhos com cetaconazol shampoo (q72h) por 60 dias, cefalexina VO (q12h), por 14 dias e aplicado fipronil topspot. Após 6 semanas, já não haviam lesões e coletou-se material para nova cultura fúngica, com resultado negativo. Portanto, uma criteriosa anamnese e exame físico, associado aos exames complementares, são fundamentais para o diagnóstico e o sucesso no tratamento, visto tratar-se de dermatopatias que causam incômodos aos animais e ainda aos tutores.

Palavras chaves: Dermatofito, Piodermite, ectoparasita, cão.

DERMATOPATIAS PSICOGÊNICAS EM GATOS - ESTUDO RETROSPECTIVO

RÜNCOS, L.H.E.[1], Oliveira, R.S.L.[2], Farias, M.R.[3] [1]- Aluna do programa de Pós-graduação em Ciência Animal, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (larissa.runcos@gmail.com) [2]- Aluna do programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás [3]- Docente, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica do Paraná

A alopecia psicogênica é um tipo de transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) em gatos, caracterizada pela lambedura excessiva, que pode estar associada a outros comportamentos compulsivos auto-lesivos direcionados a pele, como a mordedura, sucção ou arrancar dos pelos. Ainda é uma doença pouco estudada e com escassas publicações nacionais. O objetivo desse trabalho foi realizar um estudo retrospectivo dos aspectos clínicos e epidemiológico de 23 casos referidos a serviço de psiquiatria veterinária, na região sul do Brasil, entre 2012 a 2019. Todos os gatos eram intradomiciliados, castrados, com idades entre dois e 17 anos, 12 fêmeas e 11 machos. A idade de início da doença variou de 6 meses à 9 anos, sendo que 18(78%) iniciaram entre 2 e 4 anos de idade. Dentre os tipos de comportamentos compulsivos realizados, 12(52%) gatos realizavam apenas lambedura excessiva; oito(34%) lambedura e a mordedura da pele; e três(13%) realizavam a mordedura da pele e mordedura e arrancamento de pelos. Em relação aos aspectos clínicos dermatológicos 14(60%) gatos apresentavam áreas de tonsura, hipotricose e alopecia com pele ilesa; 8(34%) apresentavam alopecia e áreas de dermatite, e 1(4%) paciente apresentava ulcerações profundas. Em relação a topografia lesional 13(56%) gatos realizavam comportamentos auto-lesivos na região do abdome, sendo que 11(47%) destes também apresentavam lesões em outras regiões do corpo; 7(30%) nos membros pelvicos; 3(13%) gatos presentavam alopecia generalizada no corpo todo, com exceção da cabeça; 3(13%) alopecia nas costas,3(13%) na região inguinal, 3(13%) na região perineal e perigenital, sendo que vários gatos apresentavam lesões em mais de uma região do corpo. Dez(43%) dos pacientes apresentaram melhora clínica, 7(30%) melhora parcial e recidivas, e 6(26%) tutores desistiram do tratamento.

Palavras-chave: Comportamento, alopecia, felina

DESCRIÇÃO RADIOGRÁFICA DE RETENÇÃO DE CARTILAGEM ULNAR EM CÃO

Guedes, T.A[1]; Souza, D.R[2]; Santos, J.J.C[2]; Souza e Silva, A.A[3]. 1 Estudante de graduação em Medicina Veterinária, UFPB Campus II, (nany.thais27@gmail.com). 2. Discentes do Programa de Residência em Medicina Veterinária UFPB. 3. Médica Veterinária em Focus Diagnóstico - PB

A retenção da cartilagem endocondral é uma doença esquelética do desenvolvimento que acomete principalmente a metáfise distal da ulna de cães de raças grandes, mas também pode ocorrer no epicôndilo lateral do fêmur. Sua etiologia não é bem definida. A radiografia é uma ferramenta essencial pare a avaliação adequada das deformidades características da doença. O presente relato descreve as alterações clínicas e radiográficas de um cão, fila brasileiro que apresenta a enfermidade. Um cão, macho, fila brasileiro, com 6 meses de idade, pesando 40 KG, foi atendido no Hospital Veterinário da UFPB com queixa de dificuldade em se locomover há cerca de 2 meses. O animal apresentava relutância para se exercitar e correr, e um aumento de volume em ambos os membros posteriores com posicionamento palmígrado e alteração de marcha. Após a avaliação clínica, em que a suspeita foi uma deformidade congênita, o animal foi encaminhado para o exame radiográfico, onde foram notadas áreas radioluscentes de formato cônico com margens discretamente escleróticas em metáfise distal de ulna, deformidade angular com arqueamento cranial de rádio, e osteófitos em margens epifisárias proximais craniais de rádio. No entanto, o animal apresentava adequada congruência articular. Os achados radiológicos associados a clínica do animal concluíram o diagnóstico de retenção de cartilagem ulnar. Fica evidente a importância da realização de exames de imagem em casos de suspeita de deformidades congênitas, principalmente as relacionadas as estruturas ósseas. Os sinais clínicos muitas vezes são semelhantes em diversas enfermidades do crescimento, e apenas exames de imagem são capazes de elucidar o diagnóstico.

Palavras-Chave: deformidade, cão em desenvolvimento, radiografia.

DIAGNÓSTICO CITOLÓGICO NA DERMATOFITOSE – RELATO DE CASO

Ferreira, T.C.[1*]; Moraes, P.V.S.[2]; Torres, V.L.[2]; Silva, E.J.S.[3]; Pinheiro, A.Q.[1] 1. Docente da Faculdade de Veterinária da Universidade Estadual do Ceará (tiago.cunha@uece.br). 2. Discente da Faculdade de Veterinária da Universidade Estadual do Ceará. 3. Médico Veterinário Autônomo.

A dermatofitose é uma micose superficial que acomete cães e gatos, sendo diagnosticada por meio de exames complementares, isolados ou associados. Dentre os métodos utilizados, a citologia vem se destacando devido à possibilidade de detecção do microorganismo no tecido, confirmando o processo infeccioso. Nesse sentido, objetivou-se relatar um caso de Dermatofitose cujo diagnóstico foi possível por meio da realização de exame citológico. Uma fêmea canina, 12 anos de idade, foi atendida apresentando um aumento de volume em pálpebra superior direita, com evolução de sete dias. Ao exame físico, a lesão encontrava-se alopécica e inflamada, com presença de conteúdo viscoso à palpação, compatível com quérion dermatofítico. Na ocasião, realizou-se exame citológico com punção por agulha fina, assim como cultura fúngica da secreção proveniente da lesão. Em avaliação citológica, foi possível visualizar um infiltrado inflamatório piogranulomatoso, assim como numerosas estruturas redondas ou ovoides, de citoplasma basofílico com fino halo periférico, sendo morfologicamente compatíveis com artroconídeos de dermatófitos. A cultura fúngica foi realizada em ágar Mycosel, com o objetivo de confirmar os achados citológicos. No ágar utilizado foi observado crescimento de colônias sugestivas de *M. canis*, confirmadas por meio da coloração com lactofenol azul de algodão. A terapia da paciente baseou-se no uso de Itraconazol (Drogavet®) em suspensão (10mg/kg/dia) por um período de 45 dias. A partir do exposto, conclui-se que o exame citológico pode ser uma alternativa diagnóstica para a Dermatofitose, destacando-se pela sua facilidade de execução, rapidez e baixo custo.

Palavras chaves: Quérion dermatofítico, dermatomicose, micose superficial.

DIAGNÓSTICO DE FIV E FeLV PELO MÉTODO DE TESTE ELISA EM GATOS SUBMETIDOS A CIRURGIA ELETIVA NA CLÍNICA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE PAULISTA CAMPUS BAURU

Mangueira, D.K.A.[1], Dantas, L.O.[1], Rodovalho, M. V. T.[1], Destro, M. M.[1], Sgarbosa, S. H. P. V.[1] 1. Universidade Paulista – UNIP/Campus Bauru. (danykarol@gmail.com)

A Imunodeficiência viral felina (FIV) e a Leucemia viral felina (FeLV) são doenças virais, ambas da família Retroviridae endêmicas em todo o mundo. O FIV é um vírus RNA do gênero *Lentivirus*, geralmente infecta gatos adultos, machos, não castrados, com acesso à rua. A Leucemia viral felina (FeLV) é causada por um vírus RNA do gênero *Gammaretrovírus*. A saliva e o contato prolongado são as principais vias de transmissão de ambas as doenças. Antes de realizar qualquer procedimento cirúrgico é de extrema importância saber se o animal está infectado, mesmo não apresentando sintomas. O objetivo da pesquisa foi identificar a presença de Imunodeficiência Viral Felina (FIV) e/ou Leucemia Viral Felina (FeLV) em gatos saudáveis que tiveram a intenção de realizar cirurgia eletiva na clínica Veterinária do Campus UNIP Bauru, no período de março a maio de 2019. A identificação foi realizada por meio de teste sorológico SNAP® FIV/FeLV COMBO utilizando sangue total, hemograma e exame físico. Das 20 amostras de sangue analisadas, uma apresentou resultado positivo para FeLV (5%) e nenhuma apresentou resultado positivo para FIV. O animal positivo não apresentou alterações hematológicas e doenças secundárias. A baixa porcentagem pode ser devido ao número reduzido de atendimentos de felinos no período da pesquisa ou pela fase regressiva da doença aonde os felinos apresentam resultado falso-negativo. Conclui-se que o SNAP® FIV/FeLV COMBO auxilia na detecção da doença em animais aparentemente saudáveis, sendo um exame indicado antes dos procedimentos cirúrgicos.

Palavras-chave: FIV. FeLV. Teste rápido. Gatos. Felinos.

DIAGNÓSTICO DE LEISHMANIOSE VISCERAL EM CANINOS E HUMANOS PELO SISTEMA PÚBLICO DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE ITAPORANGA-PB, EM 2018 E 2019

Lopes, J.R.G.[1] 1. Médico Veterinário Responsável Técnico pela Farmácia Básica Veterinária do Município de Itaporanga-PB (macyo_mv@hotmail.com)

A leishmaniose visceral é uma doença infecto-parasitária crônica, considerada primariamente como uma zoonose. Com o objetivo de avaliar os aspectos clínicos da Leishmaniose Visceral, foi realizado um levantamento de casos humanos e caninos em 2018 e 2019, diagnosticados pelo Sistema Público de Saúde de Itaporanga-PB. Os dados em humanos foram coletados na 7ª Regional de Saúde de Piancó-PB, através de fichas epidemiológicas e, em caninos, pelas fichas clínicas da Farmácia Veterinária Básica do município de Itaporanga-PB. Foram diagnosticados 103 (24,12%) cães com Leishmaniose Visceral Canina, nos anos de 2018 e 2019, de um total de 427 cães testados, utilizando o Teste Rápido DPP® Bio-Manguinhos e confirmados com o método ELISA. Os principais sintomas observados nos animais reagentes foram: linfadenomegalia (54,3%), alopecia (38,8%), lesões cutâneas (29,1%), onicogrifose (23,3%), emagrecimento (23,3%), anemia (13,6%), ceratoconjuntivite (8,7%), atrofia muscular (3,8%), hemorragia (2,9%) e artrite (1,9%). Dez animais (9,7%) apresentavam-se clinicamente saudáveis. Neste mesmo período foram diagnosticados sete casos de Leishmaniose Visceral em humanos, utilizando os métodos de Imunofluorescência Indireta e ELISA. Nesses pacientes, os principais sintomas observados foram: febre (85,7%), palidez (71,4%), tosse e/ou diarreia (57,1%), baço e/ou fígado aumentados de tamanho (57,1%), emagrecimento (57,1%), fraqueza (42,8%), quadro infeccioso (42,8%), vômito (14,2%), icterícia (14,2%), edema (14,2%) e pancitopenia (14,2%). Conclui-se que a infecção é endêmica neste município e faz-se necessária o desenvolvimento de políticas públicas que visem à prevenção e o controle desta patologia.

Palavras chaves: Leishmaniose, sinais clínicos, zoonose.

DIAGNÓSTICO PARASITÁRIO DE PSITACÍDEOS DO CRIATÓRIO CONSERVASIONISTA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO CESMAC

COSTA, E.W.S.[1], PIMENTEL, A.V.F.[1], SARMENTO, V.A.S[1], QUEIROZ FILHO, I.B.[1], ROCHA, G.T.A.[1], VIEIRA FILHO, M.A.[2], OLIVEIRA, G.A.[2] [1] Discente do Centro Universitário Cesmac (erickawcosta@gmail.com) [2] Docente do Centro Universitário Cesmac

A periodicidade de exames de rotina é de suma importância para a prevenção das doenças parasitárias e para a manutenção do bem-estar dos animais. Sabe-se que helmintos do gênero *Capillaria,* são normalmente encontrados em pássaros de vida livre ou criados em criatórios. Animais com carga parasitária baixa, não apresentam alterações clínicas, já os com carga parasitária alta podem apresentar falta de apetite, apatia, queda de penas, diarreia e podem chegar ao óbito caso não sejam diagnosticados e tratados rapidamente. Assim, o controle parasitário dos papagaios do Criatório Conservacionista do Centro Universitário Cesmac é uma medida preventiva adotada por docentes e discentes da instituição, visando manter o bem-estar dos animais. Foram coletadas amostras fecais no recinto dos papagaios, que contêm 7 papagaios verdadeiros (Amazona aestiva) e 8 papagaios do mangue (*Amazona* amazonica). As amostras obtidas foram transportadas em potes de coleta estéreis até o Laboratório de Doenças Parasitárias do Centro Universitário Cesmac, onde foram submetidas à técnica de flutuação descrita por Willis-Mollay e realizada a leitura em microscópio óptico na objetiva de 10x. Clinicamente os animais estavam saudáveis e com fezes de coloração e consistência normais. Contudo, foram observados ovos de Capillaria nas fezes de 6 animais, correspondendo a 53% de infecção dentro do recinto. O tratamento da capilariose consiste na limpeza do recinto e na utilização de anti-helmínticos como albendazol nos animais infectados. Levando-se em consideração que nenhum dos animais apresentava alterações clínicas aparentes, fica evidenciada a importância do diagnóstico preventivo para manutenção da saúde e do bem-estar animal.

Palavras-chave: helmintose, *Capillaria,* papagaio

DIROFILARIOSE CANINA: RELATO DE CASO

Oliveira, M. B.[1]; Gomes, I. S. S.[1]; Fontes, P. A.[2]; Delfino, A. A. S.[3] 1. Graduando(a) em Medicina Veterinária, Faculdade Pio Décimo, Aracaju-SE (matheusoliveiravet@gmail.com) 2. Médica Veterinária, autônoma, Aracaju-SE 3. Professora da Faculdade Pio Décimo, Aracaju-SE.

A dirofilariose é uma zoonose parasitária que pode se apresentar nas formas clínica ou subclínica, acometendo os caninos, felídeos domésticos e silvestres e os humanos. Objetivou-se relatar um caso de dirofilariose em canino errante da cidade de Aracaju-SE. Um canino, SRD, macho, com um ano de idade, pesando 11,7 kg e não-domiciliado foi atendido no Hospital Veterinário Dr. Vicente Borelli em Aracaju-SE. No exame físico observou-se secreção ocular unilateral e peniana, linfadenopatia e desidratação leve. No exame clínico todos parâmetros encontravam-se dentro da normalidade fisiológica para espécie. Realizou-se tratamento inicial com doxiciclina via oral (10 mg/kg – SID). O sangue foi coletado para realização esfregaço em lâmina, hemograma completo, avaliação das enzimas hepáticas - Alanina Aminotransferase (ALT) e Aspartato Aminotransferase (AST), além da quantificação de ureia e creatinina. Realizou-se sorologia pelo método imunocromatográfico. No dia seguinte, o animal veio a óbito em função de uma parada cardiorrespiratória, procedendo-se exame necroscópico. Foi encontrada *Microfilária sp*. durante o esfregaço hematológico e exame direto. No hemograma foi identificada anemia normocítica normocrômica, linfocitose e hiperproteinemia. A avaliação da função hepática e renal mostrou-se sem alteração. Contudo, o exame sorológico mostrou-se positivo para dirofilariose. No exame necroscópico, foi evidenciada a presença de *Dirofilária immitis* em artéria troncopulmonar e câmara cardíaca direita. Conclui-se que número de caninos acometidos pela dirofilariose cresce constantemente, sendo os animais errantes os representantes de grande parte dos casos que, se não diagnosticados e tratados precocemente, pode resultar em óbito.

Palavras-Chave: caninos errantes, patologia cardíaca, diagnóstico.

DIROFILARIOSE EM CÃO DA RAÇA COCKER SPANIEL: RELATO DE CASO

Rodrigues, R.P.S.[1]; Silva, A.B.S.[1]; Leitão, K.R.S.[1]; Rufino, A.K.B[1]; Silva, I.R[1]; Alves, F.R.[1]. Núcleo de Diagnóstico por Imagem Veterinário Especializado – NUDIVE, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina (kelvinramon2@gmail.com).

A dirofilariose canina é uma doença causada por um nematódeo e caracteriza-se por sua ampla distribuição mundial em áreas litorâneas. A presença de vermes adultos nas artérias pulmonares provoca lesões vasculares além de dilatação do ventrículo direito, hipertrofia concêntrica e hipertensão pulmonar. O ecocardiograma é um procedimento não invasivo e sensível, utilizado juntamente com testes sorológicos para o diagnóstico desta doença. Foi atendido em uma clínica particular no município de Teresina-PI um cão, Cocker Spaniel, 6 anos e 10kg. Na anamnese, o tutor relatou que o cão morou anteriormente em região litorânea e que o mesmo passou a apresentar emagrecimento, dispneia, tosse e cansaço. O exame clínico demonstrou dispneia, caquexia, mucosas normocoradas e linfonodos palpáveis normais. Foram solicitados: teste rápido SNAP 4Dx PLUS e ecocardiograma. Ao ecocardiograma percebeu-se dilatação do ramo direito de artéria pulmonar com presença de formas adultas de dirofilárias e hipertensão pulmonar. Instituiu-se o tratamento sintomático: antibiótico (doxiciclina 5mg/kg), prednisolona (1mg/kg) e vermífugo à base de moxidectina e imidacloprida (1ml/animal), protocolo padrão semelhante ao utilizado em relatos anteriores, os quais apresentaram resultados satisfatórios. A retirada cirúrgica dos vermes adultos não foi indicada devido à elevada probabilidade de desenvolvimento de tromboembolismo. O animal obteve melhora clínica após o tratamento. O conhecimento das zonas de risco para a dirofilariose, bem como um exame clínico completo e sistemático, associado ao teste rápido foram de fundamental importância para o diagnóstico da doença. O ecocardiograma foi essencial para confirmação e avaliação das repercussões hemodinâmicas, possibilitando o estabelecimento do tratamento e permitindo o acompanhamento da regressão dos sintomas.

Palavras-chave: Ecocardiografia, cardiologia veterinária, epidemiologia

DISGERMINOMA EM CADELA – RELATO DE CASO

RAFFAELLI JR, C.H.[1]; FREHSE, C.S.[2] 1. Médico Veterinário autônomo - Clínica Veterinária Torres (celsoraffaelli@hotmail.com) 2. Médica Veterinária autônoma – Clínica Veterinária Torres

Neoplasias ovarianas são relativamente raras em cadelas. Dentre elas, o disgerminoma em especial está entre as menos comuns. É um tumor das células germinativas do ovário, de crescimento lento, e normalmente sem sinais clínicos específicos, exceto aqueles causados pela ocupação de espaço abdominal. Uma cadela poodle miniatura, com nove anos de idade, pesando 7 kg, foi levada à Clínica Veterinária Torres em Curitiba-PR, devido a um aumento de volume abdominal. O paciente apresentava comportamento, apetite, micção, defecação normais, e se encontrava em anestro há cerca de cinco anos. Ao exame clínico os parâmetros fisiológicos estavam sem alterações. À palpação abdominal percebia-se uma massa grande, de consistência firme, sem sinais de dor à manipulação. Radiografias abdominais revelaram a presença de uma massa radiopaca com aproximadamente 15 cm de diâmetro na região mesogástrica esquerda. Realizou-se então uma laparotomia exploratória, onde se encontrou o ovário esquerdo muito aumentado, com cerca de 13 cm de diâmetro. O útero e o ovário direito apresentavam aparência macroscópica normal. Uma ovariossalpingohisterectomia foi realizada e o ovário anormal encaminhado para histopatologia. Nenhuma outra anormalidade foi encontrada na cavidade abdominal. O resultado do exame histopatológico indicou um disgerminoma, com êmbolos de células neoplásicas em veias e vasos linfáticos. Radiografias torácicas não evidenciaram a presença de metástases pulmonares. Quimioterapia foi recomendada, porém o proprietário optou por não realizá-la. O animal recuperou-se da cirurgia sem complicações, indo a óbito 931 dias após o procedimento, por enfermidade não relacionada à neoplasia.

Palavras chave: disgerminoma, cadela, neoplasia ovariana

DISGERMINOMA EM OVÁRIO DE CADELA IDOSA SUBMETIDA A OSH (RELATO DE CASO)

Schneider da Silva, L.[1] ,Oliveira, J.S. [2]; Paula, F.A.S.[3], Lehnen, P.L.[2] , Peliser, J.R.[4] 1. Professor de Técnicas Cirúrgicas da Universidade Estadual de Goiás – UEG (luciano.schneider@gmail.com). 2. Médica Veterinária da Clínica Veterinária Mr. Dog – Goiânia - Go. 3. Anestesiologista da Clínica Veterinária Mr. Dog. 4. Acadêmica de Medicina Veterinária – UEG.

O disgerminoma é uma neoplasia considerada rara em cadelas, são originadas de células germinativa. Sua apresentação é comumente unilateral, é uma neoplasia com características malignas apresentando altas taxas de mitoses, seu crescimento se dá por expansão e sua taxa de metástase está entre 10 e 30 %, podem ser achados durante procedimentos cirúrgicos ou necropsia. Este trabalho relata o diagnóstico da neoplasia disgerminona em uma cadela expondo os sinais clínicos, achados cirúrgicos, patológicos e histológicos. Foi atendido na clínica Mr. Dog (Goiânia, Goiás) um cão da raça maltês, 13 anos, não castrada, peso 3,85 kg. Os sinais clínicos relatados foram prostração anorexia, hipofagia, hipodipsia. No exame de ultrassonografia abdominal as alterações constatadas foram o corno uterino esquerdo com diminuição da ecogenicidade e discretamente aumentado, presença de estruturas císticas. Próximo ao rim esquerdo em topografia de ovário esquerdo foi observado uma neoformação de 10cm com contornos definidos, irregulares, ecogênicos, heterogênea com presença de formações císticas difusas. Diante disso, a conduta médica veterinária foi encaminhar o paciente para o procedimento cirúrgico de ovariohisterectomia para a retirada da neoformação. Os ovários foram coletados e encaminhados para o exame de Histopatologia. Como resultado, a microscopia revelou que o tumor era formado por células germinativas, proliferadas intensamente vascularizadas tendo como conclusão diagnóstica de disgerminona. Paciente se recuperou bem após a cirurgia e vem sendo acompanhado a cada 6 meses com oncologista e avaliações laboratoriais seriadas.

Palavras chaves: tumor de células germinativas, sistema reprodutor feminino, pequenos animais.

DISPLASIA DA VALVA TRICÚSPIDE CONGENITA EM CÃO – RELATO DE CASO

Macêdo, A.T.M.[1]; Mendonça, M.S.B[2]; Diniz, A.N.[3]; Marques, J.C.C[4], Oliveira, K.P[4], Kasper, P.N[4]; 1. Mestranda da UFAL. 2. Graduanda em Medicina veterinária da UFAL (anath23@hotmail.com). 3. Professora do curso de Medicina Veterinária da UFAL. 4. Técnicas do HVU da UFAL.

A displasia da tricúspide é uma cardiopatia congênita, rara, se caracteriza pelo subdesenvolvimento das cordoalhas tendíneas e músculos papilares, espessamento dos folhetos valvares, agenesia do tecido valvar e separação incompleta dos componentes valvares da parede ventricular. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de displasia de tricúspide em grau avançado em filhote mestiço da raça Blue Heeler. Cão, 6 meses de idade, deu entrada no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Alagoas, apresentando dispneia moderada, abaulamento abdominal, melena, hiporexia há 5 dias, motivo pelo qual a tutora o levou. No exame físico específico apresentou sopro grau IV com foco em tricúspide, pulso aumentado em jugular, pulso femoral hipocinético, mucosas cianóticas e frequência cardíaca de 140 bpm. A ultrassonografia evidenciou hepatomegalia com dilatação dos vasos hepáticos e confirmação de líquido livre em região abdominal, os órgãos apresentavam-se em topografia normal. No exame radiográfico, observou-se aumento da silhueta cardíaca nas projeções laterais e ventrodorsal, onde, nesta última, o aumento das câmaras direita formam um padrão "D" invertido na imagem radiográfica. O exame ecocardiográfico confirmou a cardiopatia congênita, com encurtamento tendíneo, hipoplasia de músculo papilar e folheto septal, regurgitamento acentuado de tricúspide. Medidas médico-hospitalares foram feitas para conforto do paciente, o quadro era crítico, apresentando hipotermia, levando-o a óbito após um dia de internamento. Os achados macroscópicos em necropsia foram dilatação excêntrica de átrio e ventrículo direito, valva tricúspide subdesenvolvida, achatamento de musculatura cardíaca direita com aspecto globuloso e aumento de câmaras cardíacas esquerdas, o fígado aumentado e com parênquima congesto, a causa morte foi descrita como insuficiência cardiorrespiratória. Dessa forma, os sinais apresentados pelo paciente eram sugestivos de patologia cardíaca e exames complementares específicos não podem ser descartados apenas pela pouca idade do animal, visto que patologias congênitas muitas vezes são subdiagnosticadas.

Palavras chaves: cardiopatia, cianose, cordas tendíneas.

DOENÇA INFLAMATÓRIA INTESTINAL LINFOPLASMOCÍTICA COM INTUSSUSCEPÇÃO EM UM CÃO

Ferro, A. F. S.[1]; Oliveira, F. M.[2]; Figueiredo, L. S.[2]; Souza, R.A; Silva, J. O.[3] 1. Médico Veterinário gastroenterologista (allissonfab3@yahoo.com.br) 2. Acadêmico da faculdade Pio Décimo. 3. Nutróloga veterinária

A doença inflamatória intestinal linfoplasmocítica (DIIL) é uma doença de origem idiopática que pode ocorrer em cães e gatos. Ocasionada pela infiltração de linfócitos e plasmóscitos na lâmina própria podendo mesmo acometer estômago, intestino delgado e intestino grosso. As manifestações clínicas são diarreia crônica, vômito, disquesia e perda de peso. Perfis hematológicos e bioquímicos não contribuem com o diagnóstico, mas auxiliam a excluir outras patologias. A endoscopia digestiva alta com biópsia para exame histopatológico são decisivos para o diagnóstico de DIIL. O tratamento envolve uso de antibióticos, modificação da dieta e terapia imunossupressora. Aqui objetiva-se relatar o caso de uma cadela da raça buldogue francês, 4 anos de idade, não castrada; encaminhada com histórico de diarreia crônica, aumento da frequência de defecação, perda de peso, muco nas fezes, flatulência e falta de apetite. No exame físico a paciente exibia baixo escore corporal (2/9). A tutora relatou que a paciente possuía histórico de coproparasitológico de fezes positivo para toxocara, sendo tratado com sucesso; também apresentou anteriormente um quadro de intussuscepção, a qual foi tratada com realização de enterectomia, sendo retirado também parte do pâncreas. A endoscopia digestiva alta e colonoscopia foram realizadas e o histopatológico determinou o diagnóstico de doença inflamatória intestinal linfoplasmocítica. A paciente foi tratada com prednisona 0,6 mg/kg/BID, S-Adenosil-Metionina 20 mg/kg/SID, Mesalazina 10mg/kg/BID e Metronidazol 15mg/kg/BID e foi indicado a mudança de dieta para tilápia moída cozida, batata doce, cenoura cozida e suplemento mineral em pó. Após 60 dias de tratamento o quadro clínico do animal encontrava-se restabelecido, com ganho de peso e quadro gastrointestinal sem alterações.

Palavras chave: Gástrica, enterite, duodeno, colite

DOENÇAS DO PACIENTE GERIÁTRICO: INSUFICIÊNCIA RENAL CRÔNICA E ACHADOS NEOPLÁSICOS EM LEÃO AFRICANO (*PANTHERA LEO)* - RELATO DE CASO.

VILA-NOVA, N.S.[1]; MONTEIRO, M.W.V[2]; FREIRE, F.M.S[2]; NERY, T.F.L[3]; BARBOSA, F.M.S[4]; DIAS, G.F[1] 1. Docente de Medicina Veterinária da Faculdade Nova Esperança - FACENE PB (nadja.vilanova@hotmail.com) 2. Discentes de Medicina Veterinária da Faculdade Nova Esperança - FACENE PB. 3. Médico Veterinário do Parque Zoobotânico Arruda Câmara/PMJP, João Pessoa-PB. 4. Mestranda em Ciência Animal do Programa de Pós Graduação Ciência Animal, UFPB, Areia- PB.

O leão africano (*Panthera leo*) é considerado o segundo maior felino do mundo (ALDEN et al., 1998). Quando criados em cativeiro por apresentarem maior expectativa de vida, em relação aos de vida livre, estão sendo diagnosticados com patologias relacionadas ao paciente geriátrico, tais como neoplasias ou quadros de insuficiência renal crônica (IRC). O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de IRC e achados neoplásicos em um leão residente do Parque Zoobotânico Arruda Câmara, na cidade de João Pessoa-PB. O animal foi submetido a exames por apresentar quadro sugestivo de insuficiência renal, a urina apresentava colúria, hematúria e dor ao se levantar e, portanto resistência ao movimento. Foi realizado o hemograma, bioquímica sérica, relação de proteína e creatinina urinária (RCP) e urinálise. O mesmo apresentou anemia normocrômica, indicativo de IRC em estágio final, sendo essa associada à inadequada produção de eritropoietina (importante estimulante da produção das hemácias) pelos rins lesionados, além de proteinúria e azotermia. O mesmo veio a óbito durante anestesia para realização dos exames, sendo encaminhado a posterior necropsia. Na avaliação histopatológica, o felídeo apresentou um quadro de glomerulonefrite, corroborando com os achados laboratoriais, além de numerosos nódulos brancos, firmes, medindo cerca de 0,5cm distribuído no parênquima pulmonar (adenocarcinoma papilar primário).

Palavras-chave: *Panthera leo.* Insuficiência renal. Neoplasias.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL SOBRE BIODIVERSIDADE PARA CRIANÇAS NO SUL DO PIAUÍ

Alves, A.V.C.[1]; Garcia, A.R.L.M. [1]; Andrade, F.J.C. [1]; Guerra, M.M.S. [1]; Sousa, W.S. [1]; Catenacci, L.S. [2] 1. Graduando em Medicina Veterinária, Universidade Federal Do Piauí, Bom Jesus, Piauí, Brasil (annevcosta@gmail.com) 2. Professora do Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil

A escola é um lugar essencial para o processo de formação ambiental e esse precisa ser adquirido desde cedo a fim de ensinar que a responsabilidade na preservação do meio ambiente é de todos. Para atingir a comunidade escolar infantil é relevante usar recursos pedagógicos diferentes dos tradicionais. O trabalho teve como objetivo realizar visitas em escolas de Bom Jesus, Piauí, levando materiais lúdicos com abordagem de temas ambientais importantes para a região. Foram escolhidas quatro escolas rurais e urbanas de ensino fundamental de 1º e 6º ano, acompanhadas durante três meses consecutivos. As temáticas foram decididas seguir a sucessão ecológica, abordando a importância de solo, flora e fauna. Para cada turma foi feito um roteiro de trabalho com os pontos que seriam abordados para uma experiência igualitária, com palestras além da utilização de material como o quadro e pincel, maquetes, exposição dos solos, animais empalhados, uso de fantoches e jogos. Ademais, foi passado um questionário antes e depois de cada apresentação verificando se as perspectivas dos alunos sobre os assuntos haviam mudado. Em relação ao solo, os alunos do 1º ano, diferente do 6º ano, não apresentaram mudança no entendimento, o que nos levou a repensar na didática usada. Por esse motivo, os temas seguintes foram abordados de forma ainda mais lúdica a eles, com uso de fantoches, obtendo melhora nos resultados sobre flora e fauna. Em síntese, houve cada vez mais superação das dificuldades e melhoria no entendimento dos alunos, uma evolução advinda de informações claras e didáticas, reafirmando a necessidade de persistir na educação ambiental.

Palavras chave: conscientização, escolas, fauna, animais silvestres.

EFEITO DA MAGNETOTERAPIA E LASERTERAPIA NA CONSOLIDAÇÃO DE FRATURA EM FELINO

SOUSA, R.A.[1]; MENDONÇA, L.A.[2]; SANTOS, G.B.C.[2]; CARVALHO, A.K.A.[2]; MURIEL, M.L.P.[3]; SILVA, A.C.A[4] Técnico do laboratório de doenças parasitárias da Universidade Federal do Piauí. 2. Acadêmica de Medicina Veterinária na Universidade Federal do Piauí (laisamvet@gmail.com). 3. Professora do Cesmac-AL. 4. Professora Substituta da Universidade Federal do Piauí.

A Magnetoterapia e o laser terapêutico têm sido utilizados cada vez mais como alternativas fisiátricas na Medicina Veterinária, em detrimento da redução no tempo de recuperação e cicatrização, proporcionando analgesia e proliferação celular. O objetivo desse trabalho é relatar o efeito da magnetoterapia e laserterapia na aceleração do processo de consolidação óssea em felino. Foi acompanhada uma gata, SRD, com histórico de fuga, retornando com fratura na tíbia do membro pélvico direito, sendo submetida à cirurgia para a colocação de placa, pino e estabilização óssea. Após 18 dias, o animal saltou de uma altura de aproximadamente 2 metros, resultando no impacto e no desarranjo da placa, sendo preconizada uma nova cirurgia associada à conduta fisioterápica para a rápida progressão na regeneração óssea. Foram realizadas 6 sessões de ambas as técnicas, uma vez por semana, com duração de 20 minutos cada. Na laserterapia, foi utilizado o laser de baixa potência, com frequência de 6 Joules distribuídos em pontos por toda a extensão do membro pélvico direito. Na magnetoterapia, foi preconizada uma frequência de 60 hertz. Após o final do tratamento, a consolidação quase completa da fratura foi confirmada radiologicamente e optou-se por não retirar a placa e o pino para garantia da consolidação total. Diante do exposto, conclui-se que os efeitos das técnicas fisioterápicas foram satisfatórios, em virtude da rapidez no processo de recuperação da fratura.

Palavras–chave: Magnetoterapia, laserterapia, consolidação óssea.

ELETROQUIMIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE CARCINOMA INVASOR DE CÉLULAS DE TRANSIÇÃO EM BEXIGA URINÁRIA DE CÃO - RELATO DE CASO

TORRE, F. V.[1], MELO JÚNIOR, E.C.[1], COSTA, B.S.[1], FERRAZ, R.M.[2], SILVA, I.C.C.[3], SILVA, E.C.S.[4] 1. Discente em Medicina Veterinária – UFRPE, Recife –PE. (fernanda.vt1999@gmail.com) 2. Médico Veterinário Autônomo, Recife-PE. 3. Docente do Departamento de Medicina Veterinária - UNINASSAU, Recife-PE. 4. Docente do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal - UFRPE, Recife-PE.

O carcinoma de células transicionais (CCT) é o tipo tumoral mais comum envolvendo o trato urinário de cães. A Eletroquimioterapia (EQT) tem apresentado resultados satisfatórios na oncologia veterinária sobre tumores cutâneos e subcutâneos de diferentes tipos histológicos. Objetiva-se relatar o êxito do tratamento com EQT em um canino, spitz alemão, fêmea, 7 anos, diagnosticada com CCT, após cistotomia para retirada de urólitos, onde observou-se a presença de um pólipo na região do trígono vesical, sendo retirado sem margem de segurança e enviado para análise histopatológica. A paciente foi submetida a tomografia computadorizada (TC), que constatou a presença de uma formação neoplásica densa e infiltrativa na região do trígono. O procedimento eletroquimioterápico foi realizado diretamente na área afetada (pulsos elétricos com intensidade de 1300 V por 200 microssegundos, totalizando oito pulsos), após 5 minutos da administração do sulfato de bleomicina (15 mil UI/m², por via intravenosa). Os achados tomográficos após 4 meses e 3 semanas da EQT, indicaram aspecto regular da parede da vesícula urinária e não foi observada a presença de massa na região do trígono, constatando-se a regressão da lesão visibilizada no exame anterior. Após 1 ano e 3 meses da EQT, realizou-se uma nova TC, mantendo-se o quadro estável da paciente. A escolha pela EQT levou em consideração a impossibilidade de remoção cirúrgica e a agressividade tumoral, visto que na literatura, a resposta as terapias convencionais não é tão efetiva. O método eletroquimioterápico adotado no presente relato demonstrou efetividade na remissão do CCT com apenas uma sessão.

Palavras-chave: Câncer, vesícula urinária, eletroquimioterapia, canino.

ENDOCARDITE BACTERIANA EM BULL TERRIER – RELATO DE CASO

Lucena, A.R.[1]; Santos, T.C.M.[2]; Lopes, G.S.[3]; Barreto, M.L.B.[2]; Carvalho, V.H.J.G[4]. 1. MV, MSc, Sócia Proprietária e Coordenadora Técnica da Clincardio Cardiologia Veterinária – RJ. Rua Guilherme Moreira, casa 150 – Freguesia Jacarepaguá, CEP: 22765-220, alessandra@clincardioveterinaria.com.br 2. Estudante de Medicina Veterinária pela UNESA. 3. Estudante de Medicina Veterinária pela UNIFESO. 4.Estudante de Medicina Veterinária pela UFF.

A endocardite infecciosa (EI) é uma doença sistêmica causada por colonização bacteriana ou fúngica do endocárdio valvar ou mural. A área mais afetada é o lado esquerdo do coração, com acometimento da valva mitral, aórtica ou ambas. É uma doença pouco frequente em cães, com morbidade e mortalidade elevadas. Este trabalho possui o objetivo de servir como base de consulta a comunidade acadêmica de Medicina Veterinária. Relata-se o caso de um cão da raça Bull Terrier, macho, 7 anos de idade, atendido na Clincardio Cardiologia Veterinária, Rio de Janeiro, em julho de 2020, acometido por endocardite bacteriana. O histórico do animal incluía cansaço recorrente e mucosas hipocoradas no exame clínico. Na avaliação ecocardiográfica, evidenciou-se moderado a severo espessamento valvar mitral; valvulopatia aórtica e mitral; leve dilatação atrioventricular esquerda; moderado refluxo valvar mitral e suspeita de endocardite mural e valvar devido a hiperecogenicidade do endocárdio ventricular esquerdo e valvar mitral reveladas. Foi realizado hemograma do paciente, que revelou leucocitose e neutrofilia absoluta. O diagnóstico de endocardite bacteriana foi confirmado através da hemocultura com antibiograma, que revelou a presença de *Bacillus sp* sensível a Azitromicina, Cefoxitina, Ciprofloxacina, Clindamicina, Enrofloxacina, Gentamicina, Neomicina, Marbofloxacina e Norfloxacina. A realização do Holter 48 horas evidenciou a presença de atividade ectópica supraventricular isolada, um episódio de taquicardia atrial não sustentada e atividade ectópica ventricular monomórfica isolada. Foi prescrito para o paciente: Cloridrato de benazepril 5mg, Pimobendam 1,25mg, Ômega 3 1000mg, Acetilcisteína 20mg/kg, Pantoprazol 20mg e Meropenem 24mg/kg injetável. Após episódio de dispneia e engasgo, o animal voltou a ser atendido, apresentando ausculta pulmonar com aumento de ruído e discreta dispneia. Em seguida, foram adicionadas à prescrição Furosemida 40mg e Espironolactona 25mg até a revisão. Em 15 dias, um novo ecocardiograma foi realizado, não revelando controle do quadro infeccioso. A partir disso, a antibioticoterapia endovenosa foi modificada para Gentamicina, atingindo o sucesso terapêutico. O correto acompanhamento do animal possibilitou uma terapêutica adequada a partir da antibioticoterapia, que foi capaz de estabilizar o quadro clínico.

Palavras-chave: mural, hemocultura, antibioticoterapia.

ENTERITE CRÔNICA DECORRENTE DE DISBIOSE INTESTINAL EM PACIENTE DIABÉTICO – RELATO DE CASO

CERQUEIRA JÚNIOR, J. C. N. de[1]; TRINDADE, G. L.[1]; FERREIRA, O. B. A. S.[1]; SANTIN, F.[2]; GOMES, A. P. P.[3]; SOUZA, T. S. de[3] 1. Graduando em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (julio_cerq@hotmail.com) 2. Docente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia 3. Médico Veterinário do Hospital Universitário de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O trato gastrintestinal é composto por uma microbiota natural com diversos agentes bacterianos na sua mucosa. Uma alteração dessa microbiota pode causar a disbiose intestinal, caracterizado pela redução da capacidade de absorção e perda das ações imunes, deixando assim esse ambiente susceptível a doenças inflamatórias. Desta forma, o objetivo do presente relato é descrever os sinais clínicos e a evolução de um paciente canino diabético com quadro de enterite crônica devido à disbiose intestinal. Foi atendido no Hospital Universitário de Medicina Veterinária da UFRB uma cadela, Pinscher, 4 anos de idade, pesando 2,4 kg com o histórico de estar apresentando há 3 meses fezes amolecidas e sanguinolentas, dores abdominais diárias e vômito em seguida. No hemograma foi observado leucocitose por neutrofilia com presença de metarrubricitos e no exame coproparasitológico não foi encontrado nenhum parasito gastrointestinal, sendo receitado Metaclopramida 0,4 mg e Giardicid® 1,2 ml. O paciente retornou ao hospital 1 mês depois devido à queixas de apatia, fezes amolecidas, dores abdominais, êmese e perda de peso evidente (1,955 kg), no exame de USG o intestino apresentava-se com espessamento de parede, motilidade reduzida e conteúdo pastoso e líquido, sendo receitado dessa vez amoxicilina com clavulanato 30 mg por 14 dias, logo de imediato a tutora informou que as fezes voltaram ao normal e os sinais apresentados anteriormente diminuíram. Sendo assim, é importante estar atento as alterações causadas pela disbiose e realizar todos os exames necessários para descartar outras causar e chegar ao seu diagnóstico.

Palavras-chave: Microbiota; trato gastrointestinal; enterite crônica.

ENTEROANASTOMOSE TÉRMINO-TERMINAL COM AJUSTE DE BORDAS PÓS-EXERESE DE ADENOCARCINOMA INTESTINAL EM UM CÃO

Castro, L.R.M.S.[1]; Souza, T.M.[2]; Melo, A.C.[2]; Braga, L.L.[3]; Lima, A.J.S. [1]; Pedrosa, C.S. [2] 1. Graduando do curso de Medicina Veterinária pela UFPI (luciana.rangelia@gmail.com); 2. Residente HVU-UFPI; 3.Médico veterinário

Neoplasias no trato gastrointestinal em pequenos animais são pouco comuns, e quando ocorrem prevalecem em região de cólon e reto. O adenocarcinoma é uma neoplasia de origem epitelial, sua morfologia assemelha-se a um pólipo, sendo de crescimento lento e surgindo com mais frequência no duodeno e cólon, com tendência a metastizar, de forma infiltrativa ou nodular. Foi atendido no Hospital Veterinário Universitário da UFPI, um canino, Pastor Alemão, 9 anos apresentando principal perda progressiva de peso, êmese e sensibilidade dolorosa abdominal. Ao exame ultrassonográfico, identificou-se um conteúdo fluido, não progressivo e área de plissamento em região de jejuno, sugerindo área de obstrução intestinal. O animal foi submetido a celiotomia exploratória, onde foi observado extensa área de dilatação com fluido e gás, cranialmente a uma massa que obstruía o lúmen intestinal em região de jejuno. Optou-se então pela ressecção da massa com margens de 3cm de tecido saudável, seguida de uma anastomose término-terminal com ajuste na discrepância de tamanho das alças devido ao tamanho desigual das bordas, para isso seccionou-se uma porção do intestino em formato de cunha na borda antimesentérica do lúmen maior. A enterorrafia foi realizada com padrão simples descontínuo utilizando fio nylon 3-0. Na terapia pós-operatória foi administrado cefalotina (30mg/Kg/IV/BID), metronidazol (15mg/Kg/IV/BID), morfina (0.4mg/Kg/IM/TID) e meloxicam (0.2mg/Kg SC/SID). A massa foi submetida a análise histopatológica, confirmando adenocarcinoma. Após alta médica, retornou semanalmente para reavaliação ultrassonográfica durante 1 mês. Não ocorreram complicações pós-cirúrgicas no caso descrito e o animal apresentou melhora progressiva. Durante os três meses subsequentes ao procedimento não foi evidenciado ocorrência de recidiva, bem como de metástase.

Palavras-chave: Neoplasia, obstrução, enteroanastomose

EPIDEMIOLOGIA DAS INFESTAÇÕES POR PULGAS EM CÃES DOMICILIADOS DO MUNICÍPIO DE VIÇOSA, ALAGOAS, BRASIL

Martins, K.C.S.[1]; Nascimento, A.F.[1]; Zeferino, R.L.[1]; Vieira, A.M.A[1]; Santos, J.V.[1]; Almeida, J.C.[2] 1. Graduando de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Alagoas (arthurfnascimento@outlook.com) 2. Docente da Universidade Federal de Alagoas

O controle das infestações por pulgas em animais pode ser difícil em função de fatores ambientais e sanitários. O objetivo desse trabalho foi identificar as espécies de pulgas predominantes e condições favoráveis às infestações em cães no município de Viçosa/AL. Os critérios para incluir um cão na pesquisa foram: presença de pulgas e ser domiciliado. As pulgas foram coletadas utilizando pinças anatômicas ou manualmente e acondicionadas em microtubos com álcool 70°. Os tutores responderam a um questionário epidemiológico referente ao ambiente e sanidade do cão. No total 50 cães foram inspecionados, sendo 58% machos e 42% fêmeas, predominando animais entre 1-6 anos de idade (60%) e sem raça (90%). Com relação ao ambiente, 86% (43/50) dos cães acessavam o interior da casa e 28% (14/50) subiam no sofá/cama; 50% (25/50) dos abrigos dos animais tinham piso de terra, 84% (42/50) das casas eram perto de terrenos baldios e 46% tinham jardim ou quintal com grama. Os dados referentes à sanidade animal revelaram que 74% (37/50) dos cães tinham acesso à rua e 36% (18/50) dos tutores relataram que animais de rua acessavam o quintal da casa. Além disso, 82% (41/50) e 48% (24/50) dos cães eram vacinados e vermifugados respectivamente e 10% (05/50) dos tutores mencionaram terem sido picados por pulgas. Das 103 pulgas coletadas 75% (77/103) eram *Ctenocephalides felis* e 25% (26/103) eram *C. canis*. Não foram encontradas pulgas de interesse em saúde pública como a *Tunga penetrans* e *Pulex irritans*. Condições ambientais e sanitárias favoráveis a infestação por pulgas, foram identificadas nos cães da região. Para bons resultados no tratamento anti-pulgas, tais condições epidemiológicas devem ser consideradas e discutidas com os tutores.

Palavras-Chaves: ambiente, cão, pulga

ESPOROTRICOSE EM PACIENTE FELINO ATENDIDO NO HOSPITAL ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

TRINDADE, G. L.[1]; CERQUEIRA JÚNIOR, J. C. N. de[1]; FERREIRA, O. B. A. S.[1]; MACEDO, L. A.[1]; PIRES, A. A. L.[1]; GOMES, A. P. P.[2] 1. Graduando em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (glisboatrindade@outlook.com) 2. Médica Veterinário do Hospital Universitário de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

A esporotricose é uma micose de origem subcutânea, com aspecto piogranulomatoso, causada pelo fungo Sporothrix schenckii. Pode ocorrer transmissão para o homem sendo caracterizado como uma zoonose, porém a maior incidência acontece em felinos, onde as lesões ocorrem de forma mais comum na região distal de membros, cabeça ou base da cauda. Dessa forma, objetivou-se relatar o caso de um felino, fêmea, que apresentava lesões cutâneas de rápida evolução, as quais levaram a suspeita clínica e diagnóstico de esporotricose. Foi atendido no Hospital Escola de Medicina Veterinária da UFRB um felino, SRD, fêmea, adulta, pesando 2,7 kg, apresentando, segundo o tutor, o aparecimento de lesão no nariz de rápida evolução, sem prurido, espirros com secreção nasal bilateral e dispneia, foi relatado também que o animal vivia em um sítio com outros felinos, sendo que um destes também possuía lesões semelhantes. Ao exame físico, o animal apresentava-se magro, desidratação leve a moderada, linfonodos submandibulares e retro faríngeo reativos, além de lesão ulcerada em focinho e lábio. Com isso, foi realizada biopsia da lesão do lábio e focinho e após avaliação microscópica utilizando a coloração de metenamina de prata de Grocott foi possível identificar a presença de Sporothrix schenckii, corroborando com o diagnóstico de esporotricose felina. Desse modo, a observação das características das lesões, histórico do animal e exames complementares são fundamentais para a investigação clínica e diagnóstico final da doença que é de extremo cuidado e preocupação devido ao seu alto poder zoonótico.

Palavras-chave: Esporotricose felina, zoonose, Sporothrix schenckii

ESPOROTRICOSE FELINA, ZOONOSE EMERGENTE NO NORDESTE: RELATO DE CASO

Cavalcante, C.G.S.[1]; Galdino, G.P.[1]; Oliveira, K.P.C.O.[1]; Melo, E.V.[2]; Pires, A.P.C.[3]; 1. Médico Veterinário da Clínica Veterinária Quatro Patas. 2. Graduanda na Universidade Federal de Alagoas (anap.castropires@gmail.com). 3. Docente do Centro Universitário Cesmac.

A esporotricose, causada por *Sporothrix schenckii*, é uma dermatomicose de caráter zoonótico, adquirida através da inoculação do fungo por meio de mordeduras e arranhaduras de animais infectados, principalmente gatos. O agente apresenta distribuição mundial e a doença é considerada endêmica na América Latina. Objetivou-se relatar um caso de esporotricose em um gato e chamar a atenção para o aumento da incidência desta zoonose na região nordeste do país. Um felino adulto, macho, sem raça definida, não castrado, foi resgatado e encaminhado para uma clínica veterinária particular em Maceió/Alagoas apresentando lesões cutâneas nodulares, ulceradas, crostosas e exsudativas distribuídas ao longo de dígitos, membros, dorso e plano nasal. Realizou-se exame citológico que revelou acentuada inflamação piogranulomatosa e numerosos macrófagos preenchidos por estruturas leveduriformes condizentes com *Sporothrix* spp. Diante deste resultado foram coletadas amostras do exsudato cutâneo para a realização da cultura fúngica, na qual houve crescimento de colônias morfologicamente compatíveis com *Sporothrix schenckii*. Iniciou-se, assim, o tratamento com Itraconazol manipulado na dose de 30 mg/kg. Houve melhora clínica importante, porém, três semanas após o início da terapia, observou-se um quadro elevado de infecção. Foi administrado Cefovecina sódica, em dose única, e optou-se então, por acrescentar banhos semanais a base de cetoconazol. Após duas semanas sob essa terapêutica, o animal apresentou melhora significativa, sem surgimento de novas lesões. Reitera-se a necessidade da inclusão da esporotricose no diagnóstico diferencial de dermatopatias nodulares e exsudativas em felinos de Maceío/Alagoas.

Palavras-Chave: fungo, gatos, saúde pública.

ESTUDO DE PREVALÊNCIA DE DISPLASIA COXOFEMURAL EM CÃES DA RAÇA BULLDOG FRANCÊS NO MUNICIPIO DE ARACAJU SE

MOURA, R.B.A.[1]; GOIS, J.R.[2]; BARRETO, C.P.[2]; SILVA, M.L.R.[3]; 1. Acadêmico em medicina veterinária pela Faculdade Pio Décimo (rrramom@hotmail.com.br). 2. Médico Veterinário do Hospital Veterinário Dr. Vicente Borelli. 3. Médico Veterinário Radiologista Centro Diagnóstico LABOVET.

A displasia coxofemoral caracteriza-se pelo desenvolvimento anormal da articulação coxofemoral e deterioração das estruturas articulares causando incongruência entre a cabeça do fêmur e o acetábulo. As principais causas são genéticas, nutricionais, ambientais e hormonais. Os sinais clínicos incluem anormalidades deambulatórias e intolerância a exercícios. O método diagnóstico de eleição é o exame radiográfico que em seu método convencional tem uma variação considerável quanto aos critérios de classificação e a idade para realização do exame. O objetivo do presente trabalho foi analisar a prevalência da DCF em cães da raça Bulldog Francês realizando estudo retrospectivo em 150 radiografias de cães dessa raça, pertencentes ao arquivo do Centro Diagnóstico LABOVET, no município de Aracaju SE, entre janeiro de 2017 a dezembro de 2019. Cães de ambos os sexos, sendo 63 fêmeas e 87 machos, com idade entre três meses e treze anos. Os cães não possuíam sinais clínicos relacionados à doença. Para a mensuração do grau de displasia usou-se o ângulo de Norberg. Das radiografias avaliadas 90% apresentaram algum grau de displasia, sendo que 13% se revelaram levemente displasicos, 22% demonstraram ter um grau moderado, enquanto 55% foram diagnosticados com DCF grave. Observou-se ainda que um percentual de 48% desses animais, tinham idade igual ou inferior a 2 anos. Logo, é possível notar que embora a casuística da patologia seja maior em cães mais velhos, no presente estudo foi possível avaliar que na raça Bulldog Francês não foi observada essa correlação, tendo em vista o auto número de diagnósticos precoces. O sexo não demonstrou associação com a DCF.

Palavras Chave: displasia coxofemural, radiografia veterinária, ângulo de Norberg.

ESTUDO MORFOMÉTRICO DA CAVIDADE OROFARÍNGEA DA RAPOSA-DO-CAMPO E DO CÃO DOMÉSTICO

ARAÚJO FILHO, G. de A.[1], ALMEIDA, F. L. V. de[1], OLIVEIRA, A. dos S.[1], SOUZA, M. O. L. de[1], BARROS, R. L. S. de[1], PIMENTEL, D. de S.[2], 1 Graduandos em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Alagoas, Viçosa-AL, Brasil (geraldoalmeida81@gmail.com); 2 Professor adjunto da Área de Morfologia Animal, da Universidade Federal de Alagoas, Viçosa-AL, Brasil;

A raposa-do-campo (*Lycalopex vetulus*) apresenta hábitos comportamentais noturnos e dieta preferencialmente composta por insetos. Em função da carência de estudos anatômicos morfométricos em canídeos silvestres, objetivou-se com o trabalho, realizar um estudo morfométrico dos componentes anatômicos da cavidade orofaríngea da Raposa-do-Campo. Para realização, foram utilizados dois canídeos, sendo um da espécie *C. familiaris* do sexo feminino SRD e outro da espécie *L. vetulus*, do sexo feminino. No Laboratório de Anatomia Animal o espécime silvestre foi fixado através da infusão de solução de formaldeído a 10% pela artéria carótida comum esquerda, além de aplicações intramusculares, seguido por imersão em tanque contendo a mesma solução fixadora, por período de 48 horas. Após, foram realizadas análises morfométricas da cavidade orofaringiana. Foram observadas diferenças nas aferições morfométricas do palato duro (PD) e da língua (LG) do *L. vetulus* e no *C. familiaris*. Os valores biométricos, no *L. vetulus* de comprimento e largura do PD foram de 57,22 mm e 19,10 mm, respectivamente, sendo na LG 109,33 mm para o comprimento e 15,74 mm para largura. Na espécie *C. familiaris*, os valores morfométricos de PD e LG foram de 68,23 mm de comprimento e 36,95 mm de largura para o PD, e de 112,02 mm de comprimento e 43,60 mm para a largura da LG. Pode-se concluir que, embora os animais estudados sejam da mesma família, diferenças morfométricas na cavidade orofaríngea foram observadas, sendo compatíveis com os hábitos alimentares do *L. vetulus*.

Palavras chaves: canideo silvestre, anatomia, raposa.

ESTUDO RESTROSPECTIVO DOS CASOS NOTIFICADOS DE RAIVA EM CÃES NA REGIÃO NORDESTE DO BRASIL NOS ÚLTIMOS ANOS (2005 – 2019)

Araújo Júnior, F.M.[1]; Costa, I.S.A [1]; Cruz, Y.S.[1]; Alves, A.V.C.[1]; Oliveira, V.L.S.[1]; Lima, N. F.[1]; 1. Acadêmico (a) de Medicina Veterinária, UFPI/CPCE (francieljunior@hotmail.com)

A raiva é uma enfermidade caracterizada por uma encefalopatia fatal causada pelo vírus da família *Rhabdoviridae* e gênero *Lyssavirus.* Na região nordeste do Brasil, sabe-se que a raiva é endêmica, tendo a espécie canina como uma das mais acometidas pela doença. A OIE, em seu Código Sanitário para os Animais Terrestres, classifica a raiva como uma importante zoonose, com grande significância em saúde pública, objetivou-se descrever a prevalência da raiva na espécie canina na região nordeste do Brasil durante os últimos quinze anos. Através do banco de dados do Sistema de Informação em Saúde Animal do MAPA, realizou-se um levantamento dos casos notificados da enfermidade no período de 2005 a 2019 para verificar sua prevalência nos estados que compõem a região nordeste do Brasil. Durante o período investigado, o Brasil totalizou 3690 casos notificados da espécie canina, onde 332 casos ocorreram na região nordeste, perfazendo um total de 9% dos casos notificados em todo o país. O estado do Maranhão obteve destaque no número de notificações com 160 casos, totalizando 48% das notificações da região em estudo. O Pernambuco totalizou um número de 54 casos, onde a maioria concentrou-se no primeiro semestre dos anos. Alagoas (3/332) e Sergipe (6/332) foram os estados com o menor número de notificações, onde os registros notificados encontraram-se nos meses de agosto a novembro, o que foi diferente no Piauí (19/332), Rio Grande do Norte (17/332) e na Paraíba (10/332) em que apenas 10% dos casos ocorreram no segundo semestre. Os estados da Bahia (27/332) e Ceará (36/332) destacaram-se por serem as regiões onde as notificações foram presentes em quase todos os meses dos anos verificados. O estudo mostra que a raiva hoje ainda é uma enfermidade preocupante onde em determinadas localidades do país a prevalência das notificações de caso em cães é bastante frequente, o que torna isso um sério problema, visto que a interação homem e cão está cada vez mais íntima e também pela grande quantidade de cães errantes expostos. Métodos de controle são aplicados nessas regiões por órgãos responsáveis, na tentativa de conter o grande número de acometimento tanto nos animais, quanto em humanos devido seu alto grau de letalidade.

Palavras-chave: *Lyssavirus,* Cães; Cosmopolita; Zoonose

ESTUDO RETROSPECTIVO (2012/2019) DOS CASOS DE LINFOMA CANINO ATENDIDOS PELO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFRPE

Melo Júnior, E.C.[1]; Costa, B.S.[1]; Torre, F.V.[1];Almeida, T.B.[2]; Vargas, N.B.[3]; Oliveira, A.A.F.[4].1.Estudante de graduação de Medicina Veterinária UFRPE (ecesdrascabral@gmail.com) 2. Mestrando vinculado ao Programa de Pós Graduação em Medicina Veterinária (PGVET) UFRPE 3. Residente no Hospital Veterinário UFRPE 4. Professora vinculada ao Departamento de Medicina Veterinária (DMV) UFRPE

O linfoma canino é uma neoplasia caracterizada pela proliferação de linfócitos com características malignas que geralmente origina-se em órgão linfoides, como medula óssea, baço e linfonodos. Objetivou-se analisar a ocorrência dos casos de linfoma canino durante o período 2012 a 2019 diagnosticados pela área de patologia do Departamento de Medicina Veterinária - UFRPE, bem como a idade, o sexo e a raça dos animais. Ao todo foram diagnosticados pela avaliação citológica 126 cães com linfoma. Com relação a ocorrência, em 2012 foram diagnosticados 7,14% (9/126) animais, em 2013 7,93% (10/126), em 2014 8,73% (11/126), em 2015 11,9% (15/126), em 2016 12,6% (12,6%), em 2017 20,63% (26/126), em 2018 15, 07% (19/126) e em 2019 15,87% (20/126). Com relação a raça, 56, 9% (70/126) eram sem raça definida, 7,3% (9/126) da raça Pitbull, 6,5% (8/126) da raça Poodle, 4,9% (6/126) da raça Boxer, 23,8% (30/126) eram de outras raças e 2,38 (3/126) não tiveram a raça registrada. Com relação ao sexo, 50,79% (64/126) eram fêmeas e 49,21% 62/126) machos. Com relação a idade, filhotes (até 1 ano) representaram 1,59% (2/126), adultos (de 1 a 9 anos) representaram 60,32% e idosos (10 anos de idade ou mais) representaram 30,16% (38/126) do total, 7,93% (10/126) não tiveram a idade informada no registro. É possível notar que houve um incremento no número de casos de linfoma ao longo dos anos e que a maioria desses animais eram sem raça definida, predominantemente adultos e que não houve preferência de sexo nos casos analisados.

Palavras-chave: linfoma, ocorrência, raça, sexo e idade.

ESTUDO RETROSPECTIVO DA PREVALÊNCIA DE AGENTES BACTERIANOS E UTILIZAÇÃO DE ANTIMICROBIANOS EM AMOSTRAS CLÍNICAS EM UM HOSPITAL VETERINÁRIO DE BELO HORIZONTE, MG.

RIBEIRO, V.M.[1], OTTINO, J[2].; FARIA, J.A.[1], TELES, P.P.A.[3], BOTH, L.R.[1], 1. Santo Agostinho Hospital Veterinário (ribeirovm@yahoo.com.br) 2. Depto. Parasitologia, ICB, UFMG 3. Depto. de Patologia Geral, ICB, UFMG

A infecção bacteriana é uma ocorrência comum na rotina Veterinária e a cultura com antibiograma possui importância na identificação do agente e terapêutica eficaz. Foi realizado um estudo retrospectivo em um hospital veterinário em Belo Horizonte de 54 casos de cultura com antibiograma, avaliando o agente, antimicrobiano utilizado e tratamento instituído. Em 54 exames, 27(50,9%) eram de urina (cistocentese); com crescimento de *Escherichia coli* em 11(40,7%), *Staphylococcus* sp *em* 6(22,2%), *Klebsiella* sp em 5(18,5%), *Enterobacter* sp em 3(11,1%) e *Providencia* sp e *Serratia* sp em 1(3,7%) cada. As drogas mais sensíveis foram as penicilinas e fluorquinolonas com sucesso em 63% dos casos; os demais não retornaram para reavaliação. Onze secreções auriculares revelaram em 9(81,9%), *Staphylococcus* sp, seguido por 1(9%) *Pseudomonas* sp e 1(9%) de *Streptococcus* sp. A neomicina foi mais indicada para infecções estafilocócicas. Quinze amostras foram de lesões cutâneas, com 11(73,3%) de *Staphylococcus* sp e 10(66,7%) de *S. pseudointermedius*, sendo que em dois ocorreu cura espontânea, sem tratamento. Um caso (1,8%) de secreção prostática demonstrou *Klebsiella* sp com sensibilidade a carbapenêmicos. O tratamento empírico com gentamicina e imipenem intraprostáticos e enrofloxacino oral, alcançou cura clínica por 8 dias. Recidiva após esse período foi tratada com meropenen intraprostático e sistêmico e alcançou cura clínica por 9 dias e nova recidiva. O conjunto desses resultados demonstraram que exames microbiológicos são importantes no tratamento das infecções sintomáticas, porém nem sempre a cura é alcançada. O acompanhamento clínico é essencial e o uso empírico de antibióticos pode se sobrepor a resultados laboratoriais desde que a resposta clínica seja satisfatória.

Palavras-chave: Microbiologia, antimicrobianos, prática clínica

EVOLUÇÃO CLÍNICA DE FIBROSSARCOMA EM UM CÃO: RELATO DE CASO

Matos, E. K. dos S.[1], Junqueira, L. dos S.[1], Ferreira, O. B. A. de S.[1], Pires, A. A. L.[1] Cardoso, R. de C.[2], Bonfada A. T.[2].1.Estudante de graduação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) (esther_kayla@hotmail.com) 2.Médico Veterinário do Hospital Universitário de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

O fibrossarcoma é uma neoplasia de tecido conjuntivo com caráter maligno, com crescimento de velocidade imprevisível. O tratamento consiste na ressecção com margem ampla. O objetivo do trabalho é descrever um caso de fibrossarcoma em um cão. Uma cadela, SRD, de 10 anos, avaliada no Hospital Universitário de Medicina Veterinária, com histórico de um tumor na região perineal direita com evolução de 15 dias, em região subcutânea, nodular, fixa, indolor, flácida a firme e com cinco cm de diâmetro. A PAAF identificou fibrossarcoma, com células de formatos fusiforme, estrelado e arredondado, células binucleadas, trinucleadas e multinucleadas, células gigantes multifacetadas, microvacuolizações e presença de matriz rósea intracitoplasmática e extracelular. Após a consulta o tumor teve rápido crescimento e dobrou de tamanho em sete dias após a punção. Foi realizada a ressecção tumoral 30 dias após a avaliação inicial, já com 15 cm de diâmetro, com a pele tendo desenvolvido eritema sobre o tumor. Na cirurgia, removeu-se grande parte do tecido mole adjacente ao períneo, incluindo musculatura dos glúteos e da região posterior da coxa. A neoplasia apresentava aspecto de coloração esbranquiçada, com dificuldade em diferenciação do tecido saudável e de onde era o limite do tumor. O diagnóstico histopatológico confirmou fibrossarcoma cutâneo, sem definição da margem. Após seis meses houve recidiva, porém o paciente só retornou aos 240 dias da cirurgia, com uma massa 20cm de diâmetro e desvio da cauda e do ânus para esquerda, causando disúria e disquezia. Com o crescimento progressivo e intenso e com a piora da disúria e da disquezia o tutor optou pela eutanásia. Conclui-se que a dificuldade em se conseguir margem ampla de remoção tecidual na região do períneo favoreceu a recidiva do tumor, que teve evolução clínica total de 270 dias após intervenção cirúrgica.

Palavras-chave: mesenquimal, recidivante, oncologia.

FARMACODERMIA A ANTIMICROBIANO BETA-LACTÂMICO E IDENTIFICAÇÃO DE KLEBSIELLA PNEUMONIAE MULTIRRESISTENTE EM LESÃO CUTÂNEA DE CADELA – RELATO DE CASO.

LIMA, K.F.[1]; Oliveira, L.M.S.[1]; Silva, L.V.C.[1]; Oliveira, G.B.[2]; Melo, F.V.S[2]; SILVA JÚNIOR, J.I.S.[2]. 1.Estudante de Medicina Veterinária da UFAPE (kethelynfreitas@gmail.com) 2. Médico Veterinário formado pela UFRPE.

A Farmacodermia consiste em uma reação adversa de hipersensibilidade após exposição a alguma substância. Pode se manifestar em pele, mucosas e anexos, sendo clinicamente representada como dermatite esfoliativa e necrólise epidérmica tóxica. É considerada pouco comum em cães, todavia, a maior parte dos relatos estão associados aos □-lactâmicos. Objetiva-se relatar o caso de um canino, fêmea, sem raça definida, 20kg, 3 anos, errante, que apresentou feridas no dorso, com evolução agressiva, no pós-operatório de ovariohisterectomia. Como protocolo foi instituído: meloxican (0,1 mgkg, SID, por 3 dias), cefalexina (20mgkg, BID, por 8 dias), dipirona (25mgkg, BID, por 3 dias) e pomada, na ferida cirúrgica. No relato da tutora foi evidenciado apatia, anorexia e presença de extensas lesões de pele, com secreção purulenta, odor forte e desprendimento de pele, o que foi constatado durante a avalição clínica. As características das lesões foram compatíveis com o diagnóstico clínico de Farmacodermia a Cefalexina, antibiótico □-lactâmico classificado como primeira geração de cefalosporinas. Foi realizada a suspensão da medicação e o paciente seguiu para internação, onde foi realizada analgesia, ampla tricotomia, limpeza utilizando soro fisiológico, desbridamento mecânico e coleta de material para antibiograma. A terapêutica para o caso foi: enrofloxacina (5 mgkg, BID), analgesia multimodal e curativos, utilizando óleo de girassol ozonizado. O resultado do antibiograma apontou a presença de *Klebsiella pneumoniae*, a qual se mostrou resistente a Ampicilina, Ceftazidima, Ceftriaxona, Cefuroxima, Ciprofloxacina e Gentamicina. Indicou-se que a presença da bactéria estaria relacionada ao ambiente inadequado que o animal vive. O protocolo pós-internação prosseguiu-se com o enrofloxacina (5mgkg, BID, por 8 dias) e analgesia, assim como continuidade da limpeza e curativos diários, até a completa cicatrização das feridas. Observou-se remissão e contração das lesões, assim como evolução positiva do quadro clínico geral do paciente.

Palavras chaves: Farmacodermia, beta-lactâmico, hipersensibilidade.

FARMACODERMIA EM CÃO APÓS USO PROLONGADO DE CETOCONAZOL TÓPICO E ORAL: RELATO DE CASO

Martins, L.T.[1]; Garrido, L.H.A.[2] 1. Discente do curso de graduação em Medicina Veterinária da UAM (lauratrivellato@hotmail.com) 2. Médica Veterinária da Garrido Centro de Especialidades Veterinárias

Define-se como farmacodermia a reação adversa a fármacos que se manifesta na pele, mucosas e anexos, isoladamente ou associada a alterações em outros órgãos ou sistemas. Sua ocorrência é rara e mal diagnosticada em cães devido a semelhanças das lesões cutâneas com outras doenças dermatológicas. Dentre os sinais dermatológicos apresentados, está a necrólise epidérmica tóxica (NET), uma dermatopatia rara, variavelmente dolorosa, descrita como um transtorno vesicular ulcerativo extenso da pele e mucosas que acomete cães, gatos e seres humano. Descreve-se um caso de necrólise epidémica tóxica em cão fêmea, sem raça definida (SRD), com apresentação cutânea de vesículas, bolhas, áreas de necrose e úlceras por toda a extensão corporal, com grau severo de desidratação e sepse. Histórico de uso de cetoconazol por via tópica e oral por 8 meses. Estabeleceu-se o tratamento por meio de reposição hidroeletrolítica e Convênia® (Cefovecina Sódica, Zoetis). Foram obtidas amostras do tecido cutâneo para realização de exame histopatológico, o qual apresentou necrose de queratinócitos de forma generalizada, nos permitindo confirmar a suspeita diagnóstica de NET. Sepse e desidratação são as causas frequentes de óbito em pacientes com esta afecção.

Palavras chaves: Farmacodermia, necrólise epidérmica tóxica, cetoconazol.

FEOHIFOMICOSE SISTÊMICA EM CADELA: RELATO DE CASO

JESUS, C.F.G.[1]; ANDRADE, A.C.[1]; SOARES, T.O.[2]; SANTOS, J. D.[3] 1 – Docente – Faculdade Regional da Bahia (UNIRB) (carlafabianamv@hotmail.com) 2 – Discente – Faculdade Regional da Bahia (UNIRB) 3 - Médica Veterinária Pós-graduada em Diagnóstico por Imagem – CENTROVET

A Feohifomicose é um termo genérico para doenças cutâneas e sistêmicas causada por vários gêneros de fungos oportunistas patogênicos que se desenvolvem em tecido sob a forma de hifas septadas, pseudo-hifas ou leveduras que acomete, principalmente, animais imunocomprometidos. Uma cadela da raça Pastor Alemão, com três anos de idade, não castrada, sem histórico de vacinação apresentou dentre os vários sinais clínicos o aumento de linfonodos generalizado, foi submetida a exames de imagem e sangue. Nos exames de sangue foram encontradas alterações como: anisocitose, policromasia, discreta trombocitopenia (193 mil/mm³), discreta leucocitose (18,00 mil/mm³), linfocitose e ausência de hemoparasitas. No ultrassom os cornos uterinos preenchidos por conteúdo anecoico de alta celularidade, paredes com sinais de degeneração e espessura de 2,34 cm e 2,08 cm. O baço apresentava contornos referenciais, volume marcantemente aumentado, ecotextura grosseira às custas de imagens puntiformes ecogênicas, ecogenicidade marcantemente diminuída, arquitetura vascular dentro da normalidade e sinais de linfonodomegalia generalizada com aspecto reativo, podendo considerar diagnósticos diferenciais de Linfoma. Foi solicitado a citologia de linfonodos onde observou-se grande quantidade de hifas septadas, de coloração basofílica, com presença de estruturas internas e formações globosas observadas por toda a extensão das lâminas, poucos dias depois da coleta o animal veio a óbito. Diante dos achados clínicos, laboratoriais e patológicos descritos neste estudo, pode-se concluir que infecções fúngicas, como a feohifomicose, devem ser incluídas no diagnóstico diferencial de patologias sistêmicas.

Palavras-chave: micoses; citologia; linfonodos.

FIBROSSARCOMA PÁLPEBRAL EM UM GATO: RELATO DE CASO

SILVA, R.B.[1], SANTOS, J.N.[1], FEIJÓ, F.S.[1], OLIVEIRA, R.E.C.[1], NOTOMI, M. K.[2] GOMES, L.C.V.M.[3]. 1.Discente de graduação em Medicina Veterinária da UFAL, Viçosa/AL (ra_fa_bs@hotmail.com); 2. Docente de graduação em Medicina Veterinária da UFAL, Viçosa/AL. 3. Médica veterinária da UFAL.

O fibrossarcoma está incluso no grupo das neoplasias que acometem tecidos moles com origem no tecido mesenquimatoso, que acomete os fibroblastos. Pode se desenvolver em diferentes tecidos, como gordura, músculo, tecido fibroso, vasos e nervos, sendo que os locais de maior ocorrência são pele e tecido subcutâneo. O presente relato descreve o caso de um gato, SRD, macho, de pelagem clara, castrado, 7 anos, peso de 4,9 Kg, apresentando um tumor sólido em região palpebral do olho direito. O tutor relatou que há 6 meses o animal apresentava um pequeno nódulo avermelhado, que foi crescendo rapidamente ao longo do tempo. O animal demonstrava prurido intenso e sensibilidade dolorosa. No exame citológico foi realizada a coleta, através Punção Aspirativa Por Agulha Fina (PAAF), sendo verificado uma proliferação mesenquimal com potencial maligno sugerindo fibrossarcoma, sendo necessário a histopatologia do tumor para a confirmação. Após os resultados dos exames o procedimento cirúrgico foi decidido e realizada a enucleação e uma blefarectomia do olho direito. Após 15 dias, o animal foi reavaliado apresentando uma cicatrização de sucesso e sem vestígios de nenhum tumor. No exame histopatológico observou-se uma proliferação neoplásica de aspecto mesenquimal. Células neoplásicas em arranjo de feixes multidirecionais e com morfologia semelhante à fibroblastos: alongadas, citoplasma eosinofílico, núcleo variando de oval a alongado. Pleomorfismo celular e nuclear moderados, com presença de células binucleadas e baixo índice de mitoses. Apesar do fibrossarcoma ser uma neoplasia frequente em gatos, sua localização em pálpebra é rara. A grande maioria dos tumores palpebrais são carcinomas e melanomas, mas como o fibrossarcoma tem a característica de ser induzível, além da neoplasia primária, processos inflamatórios crônicos e infecções por Vírus da Leucemia Felina (FeLV) poderiam estar envolvidos como fator desencadeante do processo neoplásico.

Palavras chave: gato, tumor, pálpebra, olho, sarcoma.

FISIOTERAPIA APLICADA EM TRATAMENTO DE TRAUMA MEDULAR EM FELINO: RELATO DE CASO

ARAÚJO, S. C.[1]; SOUTO, L. S.[1]; SILVA, S. de J. N.[1]; ARAÚJO, E. A. S. de.[2]; SILVEIRA, R. C. R. de.[3]; BORGES, N. F.[4] 1. Graduanda em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (samaraneves_13@hotmail.com) 2. Graduanda em Medicina Veterinária, Faculdade de Tecnologia e Ciências 3. Médico Veterinário, Faculdade de Tecnologia e Ciências. 4. Docente, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

A fisioterapia deve ser entendida como uma terapia complementar, buscando resoluções de problemas e até mesmo como meio profilático. Vem ganhando notoriedade no universo da veterinária e os profissionais são capazes de identificar desordens mecânicas e traçar protocolos apropriados a fim de recuperar a funcionalidade física do indivíduo. Nesse contexto, objetiva-se relatar o emprego da fisioterapia em um caso de felino acometido por lesão medular, cursando com paralisa dos membros pélvicos e recorrentes infecções urinárias (cistites hemorrágicas). Iniciou-se o tratamento com administração de vitaminas e medicamentos. Posteriormente, empregou-se uma terapia multimodal com o uso de acupuntura e fisioterapia aliadas a magnoterapia. Intercalaram-se sessões de exercícios físicos tanto em solo (com o auxílio de órteses, obstáculos, esteira ou eletroterapia) como em água, e alongamentos, alternando entre magnoterapia e laserterapia, visando a melhoria na funcionalidade das articulações, bem como, correção dos movimentos, propriocepção, manejo da dor e relaxamento. Obteve-se a melhoria no estado físico do paciente, redução do andar plantígrado e execução de atividades como brincar e alongar-se. Mediante relato, evidencia-se a importância do trabalho de reabilitação animal, considerando o retorno a função em determinados casos, melhoria do bem-estar, bem como, a independência fisiológica. A fisioterapia compreende uma área da Medicina Veterinária em ascensão, devendo atentar-se a importância de examinar o paciente de forma holística, buscando sempre novas pesquisas e terapêuticas.

Palavras-chave: terapia multimodal, lesão medular, felinos.

FISIOTERAPIA PARA TROMBOEMBOLISMO FIBROCARTILAGINOSO EM CÃES - RELATO DE CASO

Nosdeo, L.[1]; Vituri, F.[1]; Henrique, D. L.[2]; 1. Médica Veterinária Fisiatra na Flor de Lótus Centro de Reabilitação Animal – São Paulo – Brasil (leticia.nosdeo@flordelotusacupuntura.com.br) 2. Mestre em Medicina Veterinária em Bem-estar Animal - UNISA – São Paulo – Brasil.

O tromboembolismo fibrocartilaginoso (TEFC) ocorre após obstrução isquêmica na medula espinhal e seu diagnóstico definitivo é realizado através da ressonância magnética (RM). Embora não cause óbito, suas sequelas limitam o paciente mas podem ser abrandadas com a fisioterapia. Canina, adulta, 8 anos, schnauzer miniatura, foi encaminhada para a internação no dia 09 de dezembro de 2019 com alterações neurológicas de início agudo como rigidez cervical, ausência do reflexo flexor nos 4 membros, tetraparesia com espasticidade dos membros do lado esquerdo. Após o atendimento clínico e RM, foi fechado o quadro para TEFC. Deu-se início à fisioterapia, realizando controle de dor com técnicas de massoterapia, laserterapia e magnetoterapia. Posteriormente, realizou-se eletroterapia, cinesioterapia e hidroterapia, com o objetivo de melhorar a coordenação motora, reflexos flexores, tônus muscular e amplitude de movimento. Após 30 sessões, a paciente deambulava sem auxílio e apresentava ganho de massa muscular. O presente trabalho demonstrou que é possível ter boa evolução no quadro neurológico em animais que realizam fisioterapia. Embora alguns déficits neurológicos possam permanecer, é possível promover qualidade de vida e independência do paciente com a prática da reabilitação veterinária além do aumento da expectativa de vida já que a eutanásia deixa de ser uma opção.

Palavras-chave: embolia fibrocartilaginosa, canina, reabilitação, neurológica

FLAPE DE PADRÃO AXIAL EPIGÁSTRICO SUPERFICIAL CAUDAL APÓS LESÃO GRAVE EM UM CÃO: RELATO DE CASO

FERREIRA, O. B. A. de S.[1]; MATOS, E. K. dos S.[1]; JUNQUEIRA, L. dos S. [1]; BROTAS, D. F de R.1; CARDOSO, R. de C.[2]; BONFADA, A. T.[2]. 1. Estudante de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (olgabeatrizvet@gmail.com) 2. Médico Veterinário do Hospital Universitário de Medicina Veterinária (HUMV), Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Os flapes cutâneos são utilizados para reconstruir diversos defeitos em pele, possibilitando o fechamento primário e reduzindo o tempo para cicatrização. O presente trabalho tem o objetivo de relatar o uso de flape de padrão axial epigástrico superficial caudal em um cão após lesão grave traumática em região da tíbia esquerda. O animal recebeu atendimento no HUMV da UFRB com um ferimento extenso na face medial do membro pélvico esquerdo envolvendo a pele, musculatura e tendões, com exposição óssea de uma porção da tíbia. Foi realizado tratamento inicial com curativos diários que resultou em tecido de granulação sobre a parte óssea, mas com deficiência em migração da pele. A área do flape foi demarcada previamente, tendo como limite cranial a região com distância aproximada de uma vez e meia entre a mama torácica caudal esquerda e o limite do defeito. O limite caudal foi a mama inguinal esquerda. A área receptora foi preparada, reavivando as bordas da pele. Após a dissecação da porção doadora, foram utilizadas suturas de reparo para sua manipulação e rotação de 180^0 até a região receptora, que depois de acomodada foram suturadas nas bordas do flape com fio mononylon 3-0 em padrão de sutura simples interrompido em toda extensão. O fechamento do defeito cirúrgico da região doadora foi iniciado com a reaproximação subcutânea com suturas no padrão Sultan, tipo ''*walking*'', para redução de espaço, com fios absorvíveis e a dermorrafia realizada com o padrão Sultan com fio mononylon 2-0. Após 18 dias, de pós-operatório sem eventos complicadores e com cicatrização satisfatória, os pontos foram retirados.

Palavras-chave: retalho, cicatriz, cutâneo.

FREQUÊNCIA DE PARASITOS GASTRINTESTINAIS EM CÃES ATENDIDOS NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (HUMV – UFRB)

FERREIRA, O. B. A. de S.[1]; NOVAES, R. P. M.[1]; MATOS, E. K. dos S.[1]; BROTAS, Dyandra Fernandes de[1]; JUNQUEIRA, L. dos S.[1]; PERINOTTO, W. M. de S.[2]. 1. Estudante de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (olgabeatrizvet@gmail.com) 2. Docente de Enfermidades Parasitárias dos Animais e Parasitologia Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O grande número de parasitos gastrintestinais com poder zoonótico torna necessária a busca por um controle para diminuir a ocorrência das doenças em homens e animais. O objetivo deste trabalho foi determinar a frequência de parasitos gastrointestinais em cães atendidos no HUMV-UFRB, através de um levantamento dos resultados de exames coproparasitológicos, pelas técnicas de Willis-Molay e Hoffmann, executadas na rotina do Laboratório de Parasitologia do HUMV-UFRB no período de julho de 2018 a julho de 2019. Através da análise dos dados verificou-se que dos 101 cães que participaram do estudo, 45 (44,6%) tinham ao menos um gênero de parasito gastrintestinal e que nove animais apresentaram infecção mista, sendo o parasito de maior prevalência o *Ancylostoma* sp. Outros parasitos, ainda que em menor frequência foram encontrados, tais como: *Cystoisospora* sp. (4,95%), *Toxocara* spp. (3,96%), *Strongyloides* spp. (2,97%), *Trichuris* spp. (1,98%), *Dipylidium* spp. (0,99%). Para verificar possíveis fatores de risco, foram analisadas as variáveis sexo, raça e idade, sendo possível perceber uma tendência de maior parasitismo em machos, animais sem raça definida e menores de um ano de idade, porém sem significância estatística. O índice de amostras positivas evidencia o risco a que estão expostos os seres humanos que convivem com animais infectados, reforçando a importância do diagnóstico, tratamento e controle desses tipos de parasitoses.

Palavras-chave: endoparasitoses, animais de companhia

FREQUÊNCIA DOS ANTÍGENOS ERITROCITÁRIOS DO SISTEMA AB EM FELINOS DOMÉSTICOS DE SALVADOR, BAHIA

Simões, P. G. L.[1], Brito, J. A.[2], Lacerda, L.A.[3], Moroz, L.R.[2], Hlavac, N.[4] 1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Escola de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Federal da Bahia (EMVZ/UFBA), Salvador, BA. 2. Laboratório de Análises Clínicas Veterinárias (LAC), Hospital Universitário de Medicina Veterinária Prof. Renato R. de Medeiros Neto (HOSPMEV), EMVZ/UFBA, AC: 3. Centro Diagnóstico Blut's, Porto Alegre, RS 4. Departamento de Anatomia Patologia e Clínicas Veterinárias, LAC, HOSPMEV, EMVZ/UFBA (rch.nicole@ufba.br).

A medicina transfusional em felinos está em franco desenvolvimento e novas pesquisas sobre imunohematologia vêm sendo aprimoradas o redor do mundo. No entanto, poucos pesquisadores desafiaram-se a mapear a frequência do tipo sanguíneo dos felídeos brasileiros, sendo este o primeiro trabalho realizado no estado da Bahia. Os principais antígenos eritrocitários felinos estão representados no sistema AB, composto por três tipos A, B e AB. O objetivo deste estudo foi determinar a frequência dos tipos sanguíneos, do sistema AB, nos felinos domésticos atendidos no Hospital de Medicina Veterinária Prof. Renato R. de Medeiros Neto da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA. Para tal, foram avaliadas amostras sanguíneas, por conveniência, de 241 felinos e a tipagem sanguínea foi realizada pela técnica de hemaglutinação em tubo de ensaio com lectina de *Triticum vulgaris* e confirmado por tipagem reversa ou imunocromatografia, quando necessário. Os resultados obtidos demostram que o tipo sanguíneo A foi o mais frequente, 95,8% (231/241), seguido pelo tipo sanguíneo B com 3,73% (9/241) e apenas 1 felino AB (0,41% - 1/241) sendo este, o tipo sanguíneo mais raro. Em relação ao padrão racial, dos gatos tipo A, 214 (88,7%) eram mestiços, 7 Persas (2,9%), 6 Siameses (2,5%) e 4 Angorá (1,6%). Dos tipo B, 8 eram mestiços (3,3%) e 1 Persa (0,4%). O único felino do tipo AB, era Persa (0,4%). Existem estudos publicados sobre frequência de tipos sanguíneos de felinos em cinco estados brasileiros (MS, PA, PB, RJ, RS). Os resultados deste estudo corroboram os relatos destas regiões brasileiras, onde o tipo A é predominante em gatos mestiços. Deve-se orientar os tutores – principalmente de animais padreadores - e médicos veterinários a identificar o tipo sanguíneo do animal em consultas de rotina. O conhecimento acerca do tipo sanguíneo é importante na prevenção de reações transfusionais e isoeritrólise neonatal, que podem ser potencialmente fatais.

Palavras-chave: Medicina transfusional, tipagem sanguínea felina, imunohematologia.

HAMARTOMA COLAGENOSO PIGMENTADO – RELATO DE CASO

BARBOSA, L.K.G.[1]; MOTA, L.R.[2]; CASTELAR, D.B.M.[2]; CARVALHO, L.A.R.[3] SOARES, A.E.[4]. ARAÚJO, D.R.[4].[1]Docente do curso de Medicina Veterinária no Centro Universitário UniFG (luceliakaroline@gmail.com). [2]Médico Veterinário. [3] Docente do curso de Medicina Veterinária das Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE. [4] Academico do curso de Medicina Medicina Veterinária das Faculdades Integradas do Norte de Minas – FUNORTE.

O hamartoma colagenoso pigmentado é uma alteração que ocorre de forma adquirida e vista como hiperplasia de um ou mais componentes da pele sendo tumores não neoplásicos. Foi atendido um cão, com uma lesão no membro pélvico esquerdo, edemaciada e com secreção, apresentando a mesma há mais de 2 anos, além de claudicação do mesmo membro. No exame físico observou-se uma lesão/nódulo hiperpigmentada de mais ou menos 5-6 cm de diâmetro, com um tecido frouxo, com vários pontos de abertura, por onde minava uma secreção clara, além de edema. Com a suspeita de uma possível piodermite ou uma neoplasia, foi coletado material para exames complementares e foi realizada biopsia excisional. O histopatológico caracterizou a amostra como uma pele hirsuta, além de haver nódulo elevado, bem delimitado, expansivo, discretamente celular e formado por moderada quantidade de fibras colágenas e discretos fibroblastos. Na superfície epidérmica observou-se moderada quantidade de células pigmentadas. O diagnóstico definitivo do histopatológico revelou se tratar de um hamartoma colagenoso pigmentado. Foi realizado tratamento conservativo, com corticoide e antibioticoterapia, (Prednisolona 1mg/kg com desmame e Cefalexina 20mg/kg B.I.D por 21 dias por via oral). Após o tratamento observou-se redução da lesão/nódulo, ausência de inflamação e secreção. O hamartoma colagenoso pigmentado é uma lesão comum nos atendimentos clínicos de rotina, sendo sua baixa incidência devido ao menor conhecimento dessa patologia e pela não realização de biopsia para histopatológico.

Palavras chaves: Hamartoma colagenoso, hiperplasia, neoplasia.

HEMANGIOSSARCOMA CUTÂNEO EM GATO: RELATO DE CASO

Borba, D.X.[1]; Santos, I.K.S.[1]; Santos, I.N.[2]; Júnior, J.P.Q.[3]; Andrade, L.S.S[4]. 1. Estudante de graduação de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural de Pernambuco -UFRPE, danielle.xavier.borba@gmail.com. 2. Estudante de graduação de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande. 3. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência Veterinária, Departamento de medicina veterinária UFRPE 4. Professora associada do Departamento de Medicina Veterinária UFRPE.

O hemangiossarcoma é uma neoplasia maligna originada de células endoteliais, de ocorrência em várias espécies domésticas, sendo raramente reportados em gatos. Os nódulos apresentam-se de tamanhos variados, multicêntricos, com crescimento rápido e alta capacidade de infiltração. Um gato, macho, castrado, 12 anos foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em janeiro de 2019, este apresentava nodulação na região do flanco. Após avaliação clínica, foi indicada ressecção cirúrgica do nódulo. A nodulectomia ocorreu em 16 de fevereiro de 2019, cujo avaliação histopatológica evidenciou macroscopicamente nódulo com tamanho 5,0 x 3,0 x 2,0 cm, de consistência firme, não aderido, não encapsulado e infiltrado na musculatura. Microscopicamente apresentava celularidade moderada, pobremente delimitada, expansiva, repleto de hemácias e fibrina com áreas sólidas, delimitadas por células endoteliais, fusiformes, moderadamente pleomórficas. Núcleos ovalados e arredondados com cromática granular, 1 a 2 núcleolos proeminentes, apresentando cinco figuras de mitoses em 10 campos na objetiva de 40x. O resultado histopatológico foi conclusivo para hemangiossarcoma. Após recuperação cirúrgica, o animal foi submetido a quimioterapia, sendo utilizado o protocolo a base de carboplatina na dose de 180 mg/m² a cada 21 dias, no total de 04 sessões. O animal segue em acompanhamento clínico e até o presente momento não apresentou sinais de recidiva.

Palavras chaves: Hemangiossarcoma; Felino; diagnóstico; prognóstico.

HEPATITE CRÔNICA EM CÃO – RELATO DE CASO

Pinheiro, A.M.C[1], Paula, D.V.S.[1], Soares, T.O.[2]; Santos, J.D.[3], Filho, W.M.A.[4]; Ribeiro, A.A.R.[5] 1 – Discente – UFAL (castroaldinha@gmail.com). 2 – Discente – UNIRB. 3 – Médica veterinária ultrassonografista 4 – Médico veterinário – clínica veterinária É o Bicho 5 – Docente - UNIRB

A hepatite crônica é considerada um distúrbio secundário a uma das diversas causas possíveis de injúria hepática. Nela, a arquitetura do fígado apresenta-se alterada devido a fibrose hepática difusa no parênquima lobular, característicos de um processo crônico, progressivo e irreversível. Um canino, Chow chow, fêmea, 7 anos, foi encaminhado para realização de exame ultrassonográfico com queixa de perda de apetite, vômito, emagrecimento progressivo e apatia. Foi constatada a presença de uma massa homogênea, hiperecogênica, com contornos definidos, que mediu aproximadamente de diâmetro 8,9 cm, começando em topografia de ovário direito e se estendendo para região da linha alba até o lado esquerdo do abdômen, sendo estes achados compatíveis com formação neoplásica. As análises bioquímicas demonstraram fosfatase alcalina (FA) e alanina aminotransferase (ALT) muito acima da taxa de referência, sugerindo constante injúria hepática. Em novo exame ultrassonográfico, foi constatada, em topografia esplênica, estrutura hiperecogênica, heterogênea, amorfa, medindo mais de 9 cm de diâmetro, com extensão desde topografia cranial da bexiga até topografia hepática, da topografia de rim esquerdo até topografia de rim direito, dificultando a visibilização de alguns órgãos e aspecto sugestivo de neoplasia. Após o óbito do animal, foi realizada necropsia onde, microscopicamente, foi observada perda parcial da arquitetura tecidual hepática, destacando áreas multifocais de fibrose em região periportal a médio zonal, representado por numerosos feixes de fibroblastos reativos, vasos neoformados e moderados agregados linfoplasmocitários. Ainda foi possível observar hiperplasia ductal biliar, congestão, colestase e telangectasia. Com base nas alterações encontradas no exame histopatológico, conclui-se que o animal apresentava um quadro de hepatite crônica em resolução.

Palavras-chave: Ultrassonografia, hepatite, necropsia.

HEPATITE E NEFRITE AGUDAS GRAVES EM CANINO POSITIVO PARA TRÊS SOROVARES DE LEPTOSPIROSE.

CARVALHO, L.F.[1]; LIMA, A.G.[1]; BUONORA, R.R.[1]; WATTS, M.L.[1]; BARROS, A.V.[2]; 1. Estagiária em ACLIVE clínica veterinária (larissafernandesc22@gmail.com) 2. Médica veterinária e responsável técnica em ACLIVE clínica veterinária.

A infecção por leptospiras ocorre tanto em ambientes rurais quanto urbanos, cães de qualquer idade, raça ou gênero podem desenvolver leptospirose, senão forem previamente imunizados. Um cão adulto, fêmea, 5 anos de idade, que nunca havia sido vacinada, deu entrada na aclive clínica veterinária no dia 04 de novembro de 2020 apresentando quadro de letargia, icterícia e inapetência. No momento da consulta foi realizado coleta de sangue para sorologia de leptospirose, hemograma e bioquímicos (uréia, creatinina, ALT, FA), solicitando-se ultrassonografia abdominal, além de efetuada a aplicação de antibacteriano de uso injetável, pronto para uso, à base de Benzilpenicilina G, Procaína, Benzilpenicilina G Benzatina e Dihidroestreptomicina, associado à um anti-inflamatório não-hormonal, o Piroxicam e o antiparasitário diaceturato de diminazeno com posteriores repetições como medida emergencial. Mediante o quadro clínico, o animal iniciou de imediato o tratamento com omeprazol- 0,8 mg/kg, doxiciclina- 6mg/kg, sucralfato- 1g, lisado ácido de timo de vitelo- 5ml/animal e spirulina- 1 comprimido/10kg. O teste sorológico mostrou-se reagente para: leptospira canicola, leptospira icterohaemorragiae e leptospira Pomona, no hemograma observou-se hiperproteinemia, e todos os testes bioquímicos encontravam-se alterados: uréia- 411 MG/DL, creatinina- 4,9 MG/DL, FA- 284 UI/L, ALT- 110 UI/L. No exame ultrassonográfico foi possível constatar esplenomegalia. No dia 06 de novembro de 2020 o animal apresentou melena e hematêmese devido a úlceras gastrointestinais causadas pela uremia, sendo necessária a administração de ácido tranexâmico-15mg/kg e ondansetrona- 0,5mg/kg. Dada a continuação do tratamento por 30 dias, a paciente foi evoluindo e apresentando melhora clínica. A vacinação é de extrema importância para saúde do animal, e consequentemente dos seres humanos que lhe cercam, levando em consideração que a leptospirose é uma doença de caráter zoonótico.

Palavras chaves: leptospirose, cão, icterícia.

HEPATITE NECROSUPURADA, MULTIFOCAL A COALESCENTE, INTENSA COM ESTEATOSE DIFUSA E MODERADA EM CÃO GERIÁTRICO: RELATO DE CASO

CASTRO, L.R.M.S.[1]; SANTANA, A.L.C.[1]; NASCIMENTO, M.J.[2]; SILVA, A.L.X.[2]; SOUSA, A.R.[2] 1. Graduanda em Medicina Veterinária UFPI 2. Médica Veterinária (mariajosevete@gmail.com).

Um canino adulto, fêmea, castrado, 14 anos, 14 Kg, SRD, foi atendido na Clínica Veterinária Animal's, Teresina-PI, no dia 30 de outubro de 2019, com sinais de episódios esporádicos de êmese de coloração amarelada. Solicitou-se avaliação ultrassonográfica, hematológica e bioquímica, onde detectou-se a presença de massa em cavidade abdominal em topografia de rim direito com dimensões de 10 cm x 5 cm, linfopenia absoluta e aumento significativo das enzimas hepáticas (FA 3.033,0 U/L; TGP/ALT 242,0 U/L e bilirrubina total 2,17 mg/dL). A paciente foi submetida à cirurgia de laparotomia exploratória para retirada da massa, onde constatou-se sua aderência ao fígado e visualizou-se baço com integridade bastante comprometida, decidindo-se por conseguinte esplenectomia total. A massa foi encaminhada para biópsia para análise histopatológica, cujo laudo determinou tratar-se de uma hepatite necrosupurada, multifocal a coalescente, intensa com esteatose difusa e moderada, de alteração inespecífica, sem visualização de agentes ou alterações sugestivas de neoplasia, indicando a sua cronicidade devido à uma inflamação continuada causada por provável persistência do estímulo antigênico. O animal teve uma boa recuperação e no dia 14 de fevereiro de 2020 retornou para reavaliação, solicitando-se novamente exames hematológicos e bioquímicos, onde detectou-se as enzimas hepáticas quase totalmente dentro dos parâmetros normais (FA 156,0 U/L; TGP/ALT 108,0 U/L; albumina 3,4 g/dL e proteínas totais 6,4 g/dL) e enzimas renais e parâmetros hematológicos sem alterações, sem mais quadros de êmese.

Palavras chaves: Hepatopatia, geriatria, canino.

HÉRNIA ABDOMINAL CONGÊNITA EM FELINO DOMÉSTICO

Batista, M.M.S.[1]; Santos, J.B.F.[1]; Mendes, L.T.A[1]; Rodrigues, J.L.[1]; Fireman, I.C.[1]; Gutierrez, L.G.[2]; 1. Graduanda em medicina veterinária no centro universitário cesmac (myllena.maary@gmail.com) 2. Profa titular do centro universitário cesmac

A hérnia abdominal é definida como uma protrusão anormal de parte do conteúdo abdominal, permitida através de defeitos adquiridos ou congênitos da parede externa do abdômen. Hérnias de origem congênita ocorrem quando há desenvolvimento incompleto ou defeituoso do órgão. Objetivou-se neste trabalho descrever a ocorrência de uma hérnia abdominal congênita em um felino doméstico. Foi atendido na Clínica Escola Veterinária do Cesmac, um felino, macho, quatro meses, SRD, com o peso de 0,615 gramas, com histórico desconhecido e queixa de diversas anomalias. O animal foi encaminhado ao setor de clínica cirúrgica de pequenos animais, onde ao exame físico foi observado que apresentava aumento de volume em região do flanco esquerdo. Foram solicitados exames de ultrassonografia abdominal e hemograma. Na avaliação ultrassonográfica foi visibilizado a perda da continuidade da parede abdominal em região mesogástrica lateral esquerda, com presença do baço e alças intestinais. O animal foi encaminhado para cirurgia onde foi realizada a herniorrafia com colocação de tela de polipropileno. Defeitos congênitos são definidos como anormalidades da estrutura ou função presentes ao nascimento (fatores genéticos ou ambientais), ou ainda pela combinação de ambos. Em muitos casos, as causas são desconhecidas. Existem dois tipos de hérnias, as verdadeiras, onde a constituição se dá pelo anel, saco e conteúdo herniário, cuja ausência de algum destes elementos é considerada como falsa hérnia. O aumento de volume em região de flanco esquerdo teve como diagnóstico a hérnia abdominal congênita, visto que durante o procedimento foi possível verificar a presença da má formação da musculatura, presença do saco e conteúdo herniário, realizando a correção cirúrgica onde foi essencial e efetiva para o caso.

Palavras-Chave: protrusão, flanco esquerdo, herniorrafia

HIPERCALCEMIA IDIOPÁTICA FELINA: RELATO DE CASO

DE OLIVEIRA, M.C.[1]; LOPES, D.J.[2]; PAIM, M.G.[2]; POPPL, A.G.[3] 1. Graduanda em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 2. Pós-Graduanda em Ciências Veterinárias - UFRGS 3. Professor Adjunto do Departamento de Medicina Animal - UFRGS (alan.poppl@ufrgs.com)

O cálcio (Ca) sérico está presente nas formas total (CaT), ionizado (CaI), o qual é a fração biologicamente ativa, e complexado a proteínas. Os principais hormônios envolvidos na regulação sérica do Ca são o paratormônio (PTH), calcitonina e o calcitriol (D3). Hipercalcemia é uma condição clínica eventualmente negligenciada pela falta de mensuração periódica deste eletrólito. Um felino macho, adulto, castrado, de idade desconhecida, foi atendido no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS para realização de exames de rotina. Os resultados indicaram valores de hematologia, bioquímica sérica e T4 total dentro dos limites de referência. Foi documentada hipercalcemia total (11 mg/dL; referência 6,2-10,2) e ionizada (1,67 mmol/L; referência 1,07-1,5) com valores normais fósforo. Foi solicitada repetição dos exames confirmando a alteração: CaT 12,97 mg/dl, e CaI 1,71 mmol/L. Foram mensurados na mesma amostra PTH (0,31; referência 0,4-1 pmol/L) e D3 (22,3 ng/mL; referência 25-120), que se apresentaram reduzidos frente a hipercalcemia, descartando hiperparatireoidismo primário (HPP) e hipervitaminose D. Doença renal crônica (DRC) foi excluída pela avaliação de fósforo sérico, ecografia abdominal e urinálise, os quais não apresentaram-se compatíveis com DRC, embora foi constatada litíase vesical com cristais de oxalato de cálcio, pH 6,5 e densidade urinária 1.047. Procedeu-se também ultrassonografia cervical para avaliação das paratireoides, que apresentaram-se dentro da normalidade. De acordo com os exames realizados, e ausência de neoplasias ou granulomas, assumiu-se o diagnóstico de hipercalcemia idiopática, causa mais comum de hipercalcemia em felinos, a partir da exclusão de outras causas. O tratamento inicial prescrito foi a base de dieta rica em fibras para reduzir a absorção intestinal de Ca.

Palavras-chave: Gatos, cálcio, paratireoides, paratormônio, calcitriol

HIPERCRESCIMENTO DENTÁRIO E MÁ OCLUSÃO EM HAMSTER ANÃO RUSSO CAMPBELL (*PHODOPUS CAMPBELLI*)

Maia, C.F.[1]; Nascimento, G.M.[1]; Vidal, B.D.B.L.G.[1]; Macedo, A.M.M.C.[2]; Siqueira, P.H.A.C.[3]; Cruz-Junior, C.A.C.[4]. 1. Membro do Geas UniCEUB, Graduanda de Medicina Veterinária. (camila.fm@sempreceub.com). 2. Graduanda de Medicina Veterinária na Universidade de Brasília. 3. Médico Veterinário, Proprietário da Clínica Veterinária Point Animal. 4. Coordenador do curso de Medicina Veterinária do UniCEUB.

Com a popularidade de animais silvestres como pets não convencionais, a procura por atendimento clínico vem se aumentando, principalmente em roedores, pois estes apresentam frequentes problemas dentários devido a sua dentição elodonte. O hipercrescimento dentário causa desconforto no animal, podendo gerar uma má oclusão, acarretando severas complicações. O objetivo deste caso é relatar a importância do manejo preventivo dentário em roedores. Um hamster anão russo campbell (*Phodopus campbelli*) foi atendido na clínica Point Animal, apresentando aumento de volume submandibular. De acordo com o tutor, o animal se alimentava normalmente, sendo fornecido frutas e legumes e ração de baixa qualidade. No exame físico foi observado má oclusão dentária e hipercrescimento dos incisivos inferiores, sem sinal de inflamação ou secreções externas. No exame radiográfico foi achado a presença de abcesso facial. Como tratamento foi realizado drenagem cirúrgica, aplicando a técnica de marsupialização. No pós-operatório foi utilizado Meloxicam, Enrofloxacino, probiótico e pomadas furanil e vetaglós. Não foi possível a retirada dos dentes incisivos inferiores devido a não autorização do tutor, ocasionando a retomada do abcesso e o óbito do animal. O hipercrescimento dos dentes incisivos pode ser acarretado por diversos fatores, sendo eles, genéticos, hereditários, ambientais e alimentares, tendo como consequência a presença de abscessos faciais. Para evitar essas afecções dentárias é importante um manejo preventivo, especialmente com uma dieta adequada, que facilita o atrito e desgaste dos dentes, além de consultas periódicas e o diagnóstico precoce realizado por profissionais especializados na área.

Palavras chaves: pets não convencionais, tratamento dentário, roedores.

HIPERPLASIA FIBROEPITELIAL MAMÁRIA FELINA E OS LIMITES DA EXPANSÃO MAMÁRIA APÓS A OVARIOHISTERECTOMIA: RELATO DE CASO

Marques de Melo, E.H. *[1]; Garrido, R. A.[2]; Jabour, F.F.[3]; Câmara, D.R.[4]; Notomi, M.K.[4]; Souza, W. F.[4] 1.Discente do Mestrado em Ciência animal da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), emmvet@gmail.com*; 2. Discente da Faculdade de medicina veterinária da UFAL; 3. Docente da Faculdade de medicina veterinária da UNINASSAU-AL; 4. Docentes do Mestrado em Ciência animal da UFAL.

Hiperplasia fibroepitelial mamária (HFM) é um aumento mamário anormal comum em gatas púberes ou em gestação. Progesterona (P4) endógena ou exógena em sinergia com Growth Hormone (GH) e Fator de crescimento semelhante a Insulina-1 (IGF-I), potencializam a proliferação de células normais da mama a ponto de ruptura cutânea. A terapêutica eficaz é a ovário histerectomia (OVH) com atenção tópica às feridas quando presentes. Bloqueador de P4 é um importante adjuvante. Em uma Organização não governamental em Maceió-AL foi atendida para castração, uma gata, siamesa, domiciliada, 3,5kg, vermifugação e vacinas desatualizados, transcorridos 10 dias de uma injeção de P4, apresentava discreto aumento no terceiro e quarto par mamário. Realizou-se a OVH. As superfícies mamárias foram fotografadas e medidas com uma trena a cada 10 dias. No dia 1(dia da OVH) os únicos aumentos, no terceiro e quarto pares, mediam 2cm; o limite de expansão foi observado no 55° dia para o primeiro par mamário atingindo 20 cm e no 90° dia onde o quarto par mamário atingiu 19cm; com rupturas cutâneas. No 105° dia após a OVH observou-se involução das HFM. No 182° dia constatou-se estado fisiológico mamário. Na literatura o 10° dia após a OVH é um referencial de início da redução das HFM, contudo um persistente aumento mamário ocorre em algumas gatas que recebem P4 exógena. Receptores de P4 ativos, estimulam GH e IGF-1que por ação autócrina, parácrina e endócrina resultam em autonomia celular mamária. Este caso evidenciou a eficácia da OVH e os limites de um persistente crescimento mamário auto limitante.

Palavras-chave: mama, crescimento persistente, progesterona, gata.

HISTERECTOMIA PARA CORREÇÃO DE PROLAPSO DE OVIDUTO EM FÊMEA DE JABUTI PIRANGA (*Chelonoidis carbonaria*)

OLIVEIRA, M.E.F.[1]; SOUZA, M.O.L.[1]; PAULA, D.V.S.[1]; SANTOS,T.J.N.[1]; OLIVEIRA, E.L.R.[2]
1. Graduandas de Medicina Veterinária pela UFAL (maria.fonseca@ceca.ufal.br) 2. Médico Veterinário doutorando em Animais Selvagens pela Unesp-Botucatu.

Atualmente, os quelônios passaram de animais de vida livre para pets e, muitas vezes, podem vir à tona patologias provenientes do manejo incorreto desses animais. O prolapso de oviduto pode ocorrer associado à retenção de ovos e de patologias que causem o tenesmo como infecções parasitárias, fúngicas ou bacterianas no tecido superficial da cloaca, litíase vesical, constipação, assim como distúrbios neurogênicos nos músculos do esfíncter cloacal (FRYE, 1991; MADER,1996). Tem-se como objetivo relatar o caso de um Jabuti Piranga com prolapso de oviduto submetida a histerectomia como correção. Foi atendido, no CEMPAS, um jabuti fêmea de 10 anos, apresentando prolapso de oviduto de aspecto friável. No exame clínico foi constatado os sinais relatados, mas sem nenhuma outra alteração e com parâmetros dentro da normalidade, incluindo o hematológico. Com isso, o animal foi encaminhado para cirurgia de correção. Como protocolo anestésico, para MPA foi utilizado midazolam 2 mg/kg IV, para indução anestésica utilizou-se Propofol 12 mg/kg IV, animal foi intubado e mantido na anestesia inalatória com Isoflurano. O animal foi posicionado em decúbito dorsal, para maior acessibilidade. Foi utilizado uma microrretífica para abertura do plastrão e acesso ao celoma. Foi realizado a ooforectomia bilateral e salpingectomia com remoção total do oviduto. Para o pós operatório foi prescrito Morfina 0,5 mg/kg IM, a cada 12h por 5 dias, Meloxicam 0,1 mg/kg IM, a cada 24h por 5 dias e Enrofloxacino 5 mg/kg IM, a cada 12h por 5 dias. Conclui-se que a intervenção cirúrgica, sendo necessária, foi de fundamental importância para a devolução do bem-estar animal, constatado após recuperação total.

Palavras chaves: Histerectomia, quelônios, prolapso.

IMPLANTE BILATERAL DE CATETER DUPLO J GUIADO POR ULTRASSONOGRAFIA EM CÃO COM URETERÓLITOS - RELATO DE CASO

Schneider da Silva, L.[1], Costa, R. O. [2]; Oliveira, I. G.[3], Gonçalves, I. [3] 1. Professor de Técnicas Cirúrgicas da Universidade Estadual de Goiás – UEG, Nefrologista e Urologista - Mr. Dog (luciano.schneider@gmail.com). 2. Médico Veterinário e Imaginologista da Clínica Veterinária Mr. Dog – Goiânia - Go. 3. Acadêmico de Medicina Veterinária – UEG.

O implante de cateter duplo J ureteral é uma prática ainda recente e pouco relatada na medicina veterinária. É utilizado para fornecer desvio do fluxo urinário em obstruções ureterais e na prevenção de complicações pós-operatórias em cães e gatos. O objetivo deste trabalho é relatar o caso de um cão com ureterolitíase bilateral, apresentando azotemia, hipertensão arterial, hidronefrose bilateral, dilatação de ureteres, prostração, inapetência e sinais clínicos de dor. O paciente foi atendido na clínica veterinária Mr. Dog (Goiânia-GO), animal macho, da raça Maltês, peso 2Kg e com 13 anos de idade. Foi submetido a ultrassonografia e radiografia digital para diagnóstico, mensuração dos cálculos, localização dos ureterólitos e planejamento cirúrgico. O tratamento utilizado foi a ureterotomia bilateral por microscopia com a remoção dos cálculos, microsutura dos ureteres e posterior cistotomia com a implantação bilateral dos cateteres duplo J de 3Fr, guiado por ultrassonografia. Após 48 horas o paciente restabeleceu o fluxo urinário, saiu do quadro de azotemia, apresentou parâmetros clínicos de normalidade. Para o planejamento cirúrgico, as ultrassonografias pré-operatórias seriados foram de extrema importância, assim como no transoperatório, guiando a implantação intrapélvica renal do cateter. Após 60 dias o cateter duplo J foi retirado por cistotomia minimante invasiva e os exames laboratoriais se mantiveram com parâmetros de normalidade. Conclui-se que a implantação do cateter duplo J, mesmo que bilateral, foi altamente eficaz para o tratamento das ureterolitíases obstrutivas, restabelecendo o fluxo urinário do paciente.

Palavras-chave: stent ureteral; cães; obstrução ureteral.

IMPLANTE DE CATETER DUPLO J EM UM GATO COM OBSTRUÇÃO URETERAL, GUIADO POR ULTRASSONOGRAFIA - RELATO DE CASO.

Schneider da Silva, L.[1], Dias, M. L. M. [2]; Ghazalé Junior, I. G.[3], Souto, K. R.[3], Carrijo, L. L.[3], Silva, D. C.[4] 1.Professor de Técnicas Cirúrgicas da Universidade Estadual de Goiás – UEG (luciano.schneider@gmail.com). 2. Médica Veterinária da Clínica Doctor Vet – Brasília - DF. 3. Monitor de Cirurgia em Pequenos Animais e Acadêmico de Med. Veterinária – UEG. 4. Professor de Patologia Geral da Universidade Estadual de Goiás – UEG.

O implante de cateter duplo J ureteral é uma prática ainda recente e pouco relatada na medicina veterinária. É utilizada para fornecer desvio do fluxo urinário em obstruções ureterais e na prevenção de complicações como estenose pós-operatórias de ureter em cães e gatos. Objetiva-se relatar um caso de um gato com ureterolitíase direita, onde o tratamento utilizado foi a ureterotomia com a retirada do cálculo e posterior implantação de cateter duplo J, guiado por ultrassonografia. Foi atendido na clínica veterinária Doctor Vet um gato da raça Ragdoll com 5 anos de idade, com histórico de ureterolitíase direita, pieloectasia direita, hidronefrose moderada e dilatação generalizada de ureter. Como tratamento, optou-se pela ureterotomia direita por microscopia cirúrgica, retirada do cálculo, seguida de microureterorrafia e implante cirúrgico de cateter duplo J por cistotomia, com extensão desde a vesícula urinária até a pelve renal direita. Para o planejamento cirúrgico a tomografia foi de extrema importância, assim como no trans-operatório a ultrassonografia guiando a implantação intrapélvica do cateter. Logo após a cirurgia foi realizado radiografia digital para acompanhamento e registro do bom posicionamento do cateter. Após 30 dias os exames laboratoriais demonstraram melhora clínica, com normalização da ureia e creatinina sérica. Ouve também melhora significativa, pela imagem ultrassonográfica, da morfologia renal do paciente, não apresentando mais pieloectasia. Conclui-se que a implantação do cateter duplo J é altamente eficaz para o tratamento de ureterolitíases obstrutivas, após a remoção do ureterólito por microscopia cirúrgica. A ultrassonografia transoperatória foi uma ferramenta importante para o bom posicionamento do implante.

Palavras chaves: stend ureteral, felino, ureterólito.

IMPLANTES DE OURO EM ACUPONTOS COMO TRATAMENTO DE AGRESSIVIDADE EM FELINO: RELATO DE CASO

Moreira, Y. F.[1]; Lima, S. G.[2]; Notomi, M. K.[3], Escodro, P. B.[3] 1. Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL (yanemoreira4@gmail.com) 2. Médica Veterinária pós graduanda em vigilância laboratorial da raiva no Instituto Pasteur 3. Professores do curso de Medicina Veterinária da UFAL.

Os distúrbios comportamentais, principalmente a agressividade, são responsáveis pelo abandono e morte de grande número de felinos, matando mais do que as doenças infecciosas, neoplásicas e metabólicas combinadas. Cerca de 50 % dos casos de problemas comportamentais apresentam complicações médicas, casos em que a prática da acupuntura é indicada por equilibrar as emoções psíquicas e a energia Shen dos órgãos responsáveis pelos transtornos, além de acalmar e tratar a ansiedade. A dificuldade de realização das técnicas tradicionais de agulhamento acupressão em felinos, faz com que técnicas como o implante de micropartículas de ouro em acupontos surjam como opção para espécie. O objetivo deste trabalho é apresentar o relato de implante de ouro nos pontos de acupuntura em uma gata que apresentava agressividade após realização de ovariohisterectomia (OH) há mais de 3 anos. Para realização do procedimento, a paciente foi submetida à anestesia dissociativa com midazolam e cetamina, com inserção das micropartículas de ouro em sete pontos de acupuntura: Yintang, Vaso Governador (VG) 20, Coração 7, VG 14, BAI HUI, Estômago 36 e Rim 1. O tratamento apresentou-se eficaz, sendo que com 7 dias após o implante a gata apresentava comportamento natural da paciente, interagindo positivamente com seus tutores e demais contactantes. Além disso, o animal não apresenta recidivas de agressividade há mais de três anos, indicando a longevidade terapêutica do uso do implante de ouro em felinos, entretanto necessita mais pesquisas para comprovação da eficácia em distúrbios comportamentais da espécie.

Palavras chave: Gato, acupuntura, distúrbios comportamentais, shen.

INCIDÊNCIA DE ORFANDADE EM CÃES NEONATOS – CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E MORTALIDADE

Hibaru, V.Y.[1]; Pereira, K.H.N.P.[1]; Correia, L.E.C.S.[2]; Souza, F.F.[2]; Chiacchio, S.B.[1]; Lourenço, M.L.G.[1] 1. Departamento de Clínica Veterinária, UNESP, Botucatu, SP (vyhibaru@gmail.com) 2. Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária, UNESP, Botucatu, SP.

A orfandade é um fator de risco para a mortalidade de filhotes, visto que é uma condição de ausência parcial ou total de cuidados maternos essenciais à sobrevivência neonatal. O objetivo deste estudo foi descrever os índices de orfandade em cães neonatos. O estudo incluiu 735 cães neonatos atendidos no Hospital Veterinário da UNESP, campus Botucatu, entre janeiro de 2018 e novembro de 2019. O índice de orfandade correspondeu a 43.4% (319/735) dos neonatos atendidos, sendo as principais causas relacionadas a agalactia/hipogalactia materna 23.5% (75/319), ninhada numerosa 15.7% (50/319), síndrome do leite tóxico por mastite materna 14.4% (46/319), ausência de sucção/neonato fraco 12.2% (39/319), doença materna 9.4% (30/319), fenda palatina/lábio leporino 6.3% (20/319), morte materna 5.9% (19/319), prematuridade 5.3% (17/319), rejeição/falha no instinto materno 3.8% (12/319) e abandono pelo tutor 3.5% (11/319). As principais consequências da orfandade foram hipoglicemia, hipotermia, desidratação, pneumonia aspirativa, síndrome do definhamento, falha na transferência da imunidade passiva, infecções e sepse, que ocorreram em decorrência da falta de identificação precoce do problema, falta de assistência adequada, negligência e por erros no manejo pelo tutor. A taxa de mortalidade neonatal total foi de 8% (59/735) e a taxa de mortalidade entre os neonatos órfãos correspondeu a 18.5% (59/319). O conhecimento sobre o correto manejo neonatal pelos médicos veterinários e a correta instrução aos tutores são fundamentais para minimizar as consequências da orfandade e a taxa de mortalidade.

Palavras-chave: Órfãos, manejo neonatal, filhotes, cão recém-nascido.

INCIDÊNCIA DE URÓLITOS EM CÃES ASSOCIADOS AO USO DE ALOPURINOL NO TRATAMENTO DA LEISHMANIOSE CANINA E SUA OCORRÊNCIA GERAL EM CÃES NO PERÍODO DE 2005-2019 EM BELO HORIZONTE (MG).

RIBEIRO, V.M.[1], REIS, M.K.L.[2], FONSECA, N.M.[1], TAVARES, L.P.D.V.B.[1] 1. Santo Agostinho Hospital Veterinário (ribeirovm@yahoo.com.br) 2. Universidade Federal de Minas Gerais

Foi realizado um estudo retrospectivo, no período de 2005 a 2019, sobre a incidência de urólitos em cães atendidos em um hospital veterinário de Belo Horizonte (MG) portadores ou não de leishmaniose visceral (LV). Foram revistas 150 fichas de cães acometidos por urólitos e os resultados da análise de seus cálculos. Destes, 30(20%) apresentavam histórico de LV e 25(83,3%) faziam uso de alopurinol em seu tratamento de rotina. Muito se discute sobre a ocorrência de cálculos de xantina em animais tratados com alopurinol, tendo em vista que esse fármaco inibe a enzima xantina oxidase, que realiza a conversão de oxipurinas, incluindo a xantina, em ácido úrico. Dentre os animais que faziam uso do alopurinol, apenas 5(20%) tinham analises identificando a xantina na composição do urólito. Durante o período avaliado, as amostras eram enviadas para laboratórios conforme a disponibilidade e escolha do médico veterinário, tendo sido observado resultados de cinco laboratórios distintos. Somente em dois desses laboratórios haviam resultados indicando a presença de xantina na composição dos urólitos. Os resultados deste estudo sugeriram que pode haver uma limitação técnica em alguns laboratórios na identificação de cálculos de xantina, tornando os resultados subestimados frente a real incidência desse componente em animais tratados com alopurinol. Outro aspecto foi que somente nos animais submetidos ao tratamento com alopurinol foi identificada xantina na composição dos cálculos e os outros minerais identificados em outras analises podem não ter identificado a real composição do cálculo e ter levado a manejos de alimentação e condutas inadequadas. Sugere-se que perante o envio da análise de urólitos, o laboratório seja consultado previamente sobre a sua expertise em identificar cálculos de xantina.

Palavras chaves: Leishmaniose, alopurinol, cálculo de xantina.

ÍNDICE DE MASSA CORPORAL EM CÃES QUE RESIDEM EM APARTAMENTOS

Diniz, S. J. B. [1]; Cordão, M. A. [2]; Tanikawa, A. [2;] Lima. R. M. [1]; Amaral, A. P.[1]; Gadelha, P. V. T.[1] 1.Graduanda em Medicina Veterinária, Faculdades Nova Esperança, Facene/Famene (vetsimonefacene@bol.com.br) 2. Professor (a), Doutora em Medicina Veterinária, Faculdades Nova Esperança, Facene/Famene.

Com o crescimento da urbanização, e com os elevados índices de violência, a procura de moradia em prédios se tornou a opção mais desejada e segura para a população. E concomitante, a sociedade está cada vez mais optando por ter animais de companhia, sendo os cães, os mais estimados pelos humanos, no entanto, os apartamentos possuem espaço restrito para atividades recreativas, reduzindo as atividades desses animais. Diante disso, objetivou -se avaliar o Índice de Massa Corporal Canino, de cães que residem em apartamentos. Foram utilizados 18 cães de idades, raças e sexo diferentes, criados em apartamentos, de um condomínio, na cidade de João Pessoa-PB. Após a análise dos dados, de acordo com o IMCC adaptado para cães, observou se que 50% dos cães se encontram dentro da condição de peso ideal, 33,3% estão obesos e os outros 16,7% estão em condição de magros. Nota se que a maioria dos cães criados em apartamento, nestas condições, apresentam peso ideal, isto está diretamente relacionado com os cuidados de alimentação diante dos tutores, pois todas as rações ofertadas para os cães em estudo, estavam de acordo com as exigências nutricionais individuais, além disso os mesmos realizavam atividades físicas diárias com seus tutores.

Palavras-chaves: alimentação animal, nutrição animal, peso corporal

ÍNDICES DE MORTALIDADE NEONATAL EM CÃES

Hibaru, V.Y.[1]; Pereira, K.H.N.P.[1]; Santos, M.M.[2]; Souza, F.F.[2]; Chiacchio, S.B.[1]; Lourenço, M.L.G.[1] 1. Departamento de Clínica Veterinária, UNESP, Botucatu, SP (vyhibaru@gmail.com) 2. Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária, UNESP, Botucatu, SP.

As taxas de mortalidade neonatal em cães são consideradas elevadas, variando de 5,7 a 21,2% globalmente. No Brasil, dados sobre a mortalidade neonatal canina são escassos. O objetivo do estudo foi descrever os índices de mortalidade neonatal em cães e as principais causas. O estudo incluiu 669 neonatos de 152 ninhadas atendidas no Hospital Veterinário da UNESP, campus Botucatu, entre janeiro de 2018 e setembro de 2019. A taxa de mortalidade total foi 16.7% (112/669), 40% (61/152) das ninhadas tiveram pelo menos um caso de natimortalidade ou mortalidade neonatal. Os natimortos corresponderam a 7.7% (51/669) da mortalidade total, e a mortalidade neonatal a 9% (61/669). Infecções foram as causas da morte em 51.8% (58/112) dos filhotes, destas, 30.3% (34/112) ocasionadas por sepse bacteriana, e 21.4% (24/112) por outras infecções bacterianas, virais e parasitárias. Outras causas da mortalidade foram malformações congênitas 15.2% (17/112), destas 5.3% (6/112) ocorreram por eutanásia devido às malformações incompatíveis à vida, asfixia/hipóxia por distocia 9.8% (11/112), síndrome do definhamento do neonato em filhotes de baixo peso 6.2% (7/112), pneumonia aspirativa 3.6% (4/112), agalactia 2.7% (3/112), traumas 1.8% (2/112), administração de anticoncepcional na cadela 1.8% (2/112) e causas desconhecidas 7.1% (8/112). A mortalidade neonatal foi considerada elevada, contudo, a assistência clínica a todos os recém-nascidos do estudo minimizou a taxa de mortalidade neonatal. Desta forma, o pré-natal e o atendimento neonatal precoce são de grande relevância para maior sobrevida destes pacientes.

Palavras-chave: Cães, filhotes, taxa de mortalidade, óbito neonatal.

INFECÇÃO RESPIRATÓRIA RESISTENTE POR *KLEBISIELLA SPP*. EM PAPAGAIO VERDADEIRO (*Amazona aestiva*): RELATO DE CASO.

FEIJO, F.M.C.[1]; ALVES, N.D.[1]; DIAS, G.N.[2]; BENICIO, L.D.M.[2] FERNANDES, F.C.[3]; JUNIOR, F.R.P.[4] 1. Professor (a) Doutor na Universidade Federal Rural do Semi-Árido 2. Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural o Semi-Árido 3. Mestrando em Ambiente, Sociedade e Tecnologia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido 4. Residente da Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Silvestres e Exóticos do Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

Os membros da superfamília Psittacoidea, estão entre as espécies de aves mais procuradas, apreendidas e consequentemente encaminhadas aos centros de atendimento e de triagem animal. Portanto são frequentemente mantidos em ambiente doméstico como aves cativas. Contudo a presença destas aves em domicilio, sem permissão/assistência veterinária devida, podem representar um significativo risco zoonótico e servir de veículo para deflagração de cepas de enterobactérias multirresistentes, como *Klebsiella* spp. Nesse contexto um papagaio adulto, fêmea, atendida no ambulatório de animais silvestres e exóticos da UFERSA, apresentando espirros e secreção nasal persistente à tratamentos anteriores. Fora feito lavado de seio nasal e coleta de material biológico. Esse foi encaminhado para o laboratório de microbiologia veterinária da Ufersa para identificação do agente microbiano. Na citologia pós-coloração de gram, foi observado bacilo gram negativo; quanto a macroscopia, observou-se colônia mucoide quando semeada em agar MacConkey a 37ºC que mediante provas bioquímicas: H_2S, indol, motilidade, urease, citrato, lisina, produção de gás e fermentação de glicose e lactose – identificou-se *Klebisiella* spp. A amostra foi semeada em Agar Müeller Hinton para a confecção do antibiograma, que indicou sensibilidade somente à tetraciclina. Concomitantemente ao resultado foi-se iniciado o tratamento. Logo, o potencial zoonótico e antropozoonótico do agente, destaca a importância do diagnóstico microbiológico como ferramenta essencial e de relevância para determinação de antimicrobianos capazes de eliminar a fonte de infecção, favorecendo assim uma terapia eficiente e precisa para humanos e animais.

Palavras-chave: Klebsiella sp., infecção respiratória, aves silvestres

INFESTAÇÃO POR *LYNXACARUS RADOVSKYI* EM GATOS DOMÉSTICOS (*FELIS CATUS*) NO MUNICIPIO DE JOÃO PESSOA – PARAÍBA: RELATO DE CASO.

VILA-NOVA, N.S.[1]; FREIRE, F.M.S[2]; MONTEIRO, M.W.V[2]; MELO, S.K.A[2]; 1. Docente de Medicina Veterinária da Faculdade Nova Esperança - FACENE PB (nadja.vilanova@hotmail.com) 2. Discentes de Medicina Veterinária da Faculdade Nova Esperança - FACENE PB.

A linxacariose é uma dermatopatia ocasionada pelo parasito *Lynxacarus radovskyi*, um ácaro Sarcoptiforme, de grande importância na clínica de felinos. Cinco felinos SRD, quatro fêmeas e um macho, com idades entre 1 e 4 anos, sendo três de pelo longo e dois de pelo curto, residentes em apartamento e sem contato frequente com áreas externas, apresentavam prurido intenso, alopecia, e pelagem com aspecto salpicado. Os animais em questão já haviam recebido um diagnóstico diferencial de piolho e sido tratados com Selamectina, tendo sido a infestação completamente controlada. O tutor relatou que não fez o devido controle no ambiente, e semanas depois os animais apresentaram novamente os sintomas. Após a reinfestação, ainda sob o diagnóstico de piolho, foram tratados com Fipronil que não reduziu completamente a presença dos ácaros nos pelos, e em poucas semanas os animais apresentavam recidiva da infestação. A coleta foi feita em três dos cinco animais, escolhidos aleatoriamente. Após avulsão, os pelos foram armazenados em coletores esterilizados para a realização do tricograma. Os animais acometidos que têm o pelo longo apresentavam maior sintomatologia, principalmente cor da pelagem salpicada. Além disso, os ácaros foram facilmente observados a olho nu nesses animais do que naqueles de pelo curto. A Selamectina se mostrou eficaz na primeira dose, cessando completamente os sintomas. Já o Fipronil mesmo após sucessivas aplicações os sintomas diminuíam, entretanto persistiam e se intensificavam dias após a aplicação, o que pode sugerir resistência ao medicamento. Observar-se que gatos de pelo longo são mais propensos a hiperinfestação e manifestação dos sintomas.

Palavras chave: Felino, *Lynxacarus radovskyi*, Ácaro.

INFLUÊNCIA DA OBESIDADE FELINA NA FRUTOSAMINA E GLICOSE

Costa, R.S.[1], Oliveira, J.T.S[1]; Lima, A.C.R.[2]; Guedes, P.E.B.[3], Munhoz, A.D.[4]; Carlos, R.S.A.[4] 1. Pós-Graduandas em Ciência Animal, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). 2. Discente Graduação Medicina Veterinária UESC. 3. Pós doutorado, UESC. 4. Docente, curso de Medicina Veterinária, UESC (rsacarlos@uesc.br).

A obesidade felina pode causar distúrbios metabólicos, como a diabetes, caracterizada por hiperglicemia, e a elevação de frutosamina indica hiperglicemia persistente. Objetivou-se avaliar a influência da obesidade na dosagem de glicose e frutosamina. O estudo foi aprovado pelo CEUA UESC (010/19). Foram avaliados 75 gatos domésticos de ambos os sexos, castrados, pesados e avaliados quanto ao escore corporal, para seleção e distribuição nos grupos experimentais: Grupo I (GI) com 25 gatos, escore corporal até 5 (normais), Grupo II (GII) – 25 gatos, escore 6 (sobrepeso) e Grupo III (GIII) – 25 gatos, escore ≥7 (obesos). Foram coletados 5ml de sangue para a dosagem de frutosamina, por meio do analisador bioquímico semiautomático Bioplus (BIO 200L), utilizando Frutosamina (Labtest Diagnóstica S.A., Lagoa Santa – MG Brasil). Para aferição da glicose, utilizou-se o glicosímetro veterinário (Gluco Calea-Wellion), leitura realizada após a colheita de uma gota do sangue total. Para análise estatística dos dados foi utilizado o teste Kruskal-Wallis. O GI apresentou valores médios de frutosamina (µmol/l) e de glicose (mg/dL), respectivamente, de 244,2 e 110,1, o GII 285 e 126,1 e o GIII 274,8 e 133,5. Todos os grupos revelaram valores de frutosamina dentro da normalidade (referência 146-271) e GII e GIII, hiperglicemia (referência 70-110). Houve diferença significativa para frutosamina entre o GI e o GII ($p = 0,0003$) e entre o GI e o GIII ($p = 0,0018$); para glicose entre o GI e o GIII ($p = 0,0179$). Apesar da frutosamina em gatos diabéticos ser maior que 400 µmol/l, acredita-se que o ganho de peso pode estar causando, além da hiperglicemia, aumento progressivo de frutosamina, sugerindo o risco de desenvolvimento de diabetes.

Palavras-chave: *Diabetes mellitus*, felinos, glicemia.

INFLUÊNCIA DA OBESIDADE FELINA NA PRESSÃO ARTERIAL SISTÓLICA (PAS)

Costa, R.S.[1]; Oliveira, J.T.S[1]; Navarro, A.W.M.[2]; Guedes, P.E.B.[2]; Munhoz, A.D[4].; Carlos, R.S.A.[4] 1. Pós-Graduandas em Ciência Animal, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). 2. Discente Graduação Medicina Veterinária UESC. 3. Pós doutorado, UESC. 4. Docente, curso de Medicina Veterinária, UESC (rsacarlos@uesc.br).

A obesidade felina é caracterizada pelo peso corpóreo igual ou superior a 20% do ideal. Em humanos, já é comprovado que o excesso de peso pode contribuir para a hipertensão arterial sistêmica. No entanto, em gatos há poucos estudos nesse sentido. Dessa forma, objetivou-se investigar se a obesidade felina interfere na PAS. Para tanto, foram incluídos no estudo 75 felinos domésticos de ambos os sexos, castrados. O estudo foi aprovado pelo CEUA da UESC, sob o número 010/19. Os felinos passaram por uma triagem clínica prévia, na qual foi realizada a pesagem desses e avaliação do escore corporal, para seleção e distribuição nos grupos experimentais. O Grupo I (GI) foi composto por 25 gatos com escore corporal até 5 (ideal), o Grupo II (GII) por 25 gatos com escore 6 (sobrepeso) e o Grupo III (GIII) por 25 gatos com escore 7 ou superior (obesos). A fim de minimizar fatores estressantes que pudessem alterar a PAS, as avaliações foram realizadas nas próprias residências, no membro anterior, utilizando um Doppler ultrassônico veterinário (VD 610V- Medmega). Foram realizadas três aferições para obtenção da média. A análise estatística foi realizada com teste de Tukey. Os resultados revelaram que os animais do GI apresentaram PAS (mmHg) média de 142,4, do GII 160 e do GIII 162,8. A análise estatística indicou que a diferença foi significativa entre o GI e GII e entre o GI e GIII ($p < 0,01$). Embora os valores médios encontrados nos três grupos estejam dentro do aceitável para a espécie felina (133,6 a 162,0mmHg), houve um aumento progressivo dos mesmos à medida que o escore aumentou. Assim, sugere-se que o sobrepeso e a obesidade felina foram fatores que predipuseram os gatos desse estudo a aumento da PAS.

Palavras-chave: PAS, *Felis catus*, gordura corporal.

INFLUÊNCIA DA OBESIDADE FELINA NO SORO AMILÓIDE

Costa, R.S.[1], Oliveira, J.T.S[1], Guedes, P.E.B.[2], Carlos, R.S.A.[3] 1. Pós-Graduandas em Ciência Animal, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). 2. Pós doutorado, UESC. 3. Docente, curso de Medicina Veterinária, UESC (rsacarlos@uesc.br).

A obesidade felina é a doença nutricional mais comum em gatos domésticos, considerada de caráter inflamatório. Sabendo-se que o soro amiloide (SAA) é uma proteína que se encontra aumentada em processos inflamatórios, objetivou-se avaliar a influência da obesidade na dosagem do SAA. Foram avaliados 75 felinos domésticos de ambos os sexos, castrados. O estudo foi aprovado pelo CEUA/UESC (010/19). Os gatos passaram por uma triagem clínica, na qual foram pesados e avaliados quanto ao escore corporal, para seleção e distribuição nos grupos experimentais: Grupo I (GI), composto por 25 gatos, escore até 5 (normais); Grupo II (GII), 25 gatos, escore 6 (sobrepeso); Grupo III (GIII), 25 gatos, escore ≥7 (obesos). Foram coletados 5ml de sangue desses (veia jugular), armazenados em tubos sem EDTA, para a dosagem da SAA, realizada por meio do aparelho Vcheck, utilizando Feline SAA (BioNote, Inc., Gyeonggi-do – Republic of Korea), mensuração quantitativa. Dos 75 felinos avaliados, apenas dois apresentaram valores anormais (183,1ug/ml e 178,4ug/ml; referência: < 5,00ug/ml), ambos pertencentes ao GIII. Dentre esses, um gato (A) apresentou leucocitose por neutrofilia no hemograma, com sugestão clínica de Rinotraqueíte. O outro animal, contactante do (A), tinha clínica compatível com rinotraqueíte, mas não apresentou alteração hematológica. Foi prescrito tratamento sintomático para ambos e após realização do tratamento, ambos os gatos apresentaram concentrações normais de SAA. Sabe-se que em indivíduos hígidos, a concentração de SAA é muito baixa, entretanto naqueles com quadro patológico inflamatório ou infeccioso ocorre o aumento (quantidades consideradas anormais: maior que 10ug/ml). Assim, sugere-se que, nas condições desse estudo, não houve relação entre a obesidade e os valores de SAA.

Palavras-chave: Gato obeso, inflamação, proteína amiloide.

INGESTÃO DE RESÍDUO ANTROPOGÊNICO POR BIGUÁ *(Nannopterum brasilianus)*: RELATO DE CASO

ALMEIDA, I.C[1], SANTOS, A.P.[2], EGERT, L.[2], ALVES, D.C.[2], VANSTREELS, R.E.T.[2] 1. Discente em Medicina Veterinária, Faculdade Pio Décimo, Aracaju, Sergipe, Brasil (isadoracampos4@hotmail.com) 2. Instituto de Pesquisa e Reabilitação de Animais Marinhos, Cariacica, Espírito Santo, Brasil

Atualmente, 8 milhões de toneladas de plástico são lançadas nos oceanos todos os anos, somando-se às 150 milhões de toneladas que já se acumulam e circulam nos oceanos do planeta. Estes resíduos constituem uma importante ameaça à fauna marinha, pois podem se enroscar em animais ou ser ingeridos, causando a lesões graves e até a morte. O biguá (*Nannopterum brasilianus*) é uma ave que habita ambientes aquáticos continentais e litorâneos da América Latina, alimentando-se de peixes, crustáceos, moluscos e anelídeos. Um biguá macho adulto proveniente de Vila Velha-ES foi atendido no Instituto de Pesquisas e Reabilitação de Animais Marinhos. O animal apresentava-se magro (0,072 kg), apático e prostrado, e veio a óbito durante a noite após a admissão. Na necropsia, foi encontrado um barbeador descartável com 11 cm de comprimento, do modelo BIC® Sensitive Shaver (popularmente conhecido como "Prestobarba"). A mucosa gástrica apresentava-se com úlceras profundas e hemorrágicas, e a causa de morte foi atribuída a inanição secundária a gastrite ulcerativa por corpo estranho. Este caso ilustra os impactos graves que o lixo pode ter sobre a fauna marinha. Os plásticos descartáveis (*single-use plastics*), como é o caso do barbeador que causou a morte do biguá neste relato, correspondem a 50% da produção plástica mundial. Estes itens, cuja utilidade é de poucos segundos a minutos, persistirão no ambiente por milhares de anos, constituindo uma ameaça à fauna. Por este motivo, é urgente que se adotem políticas públicas (e iniciativas pessoais) para a abolição de produtos plásticos descartáveis, substituindo-os por itens reutilizáveis e biodegradáveis.

Palavras-chave: ave aquática, suliforme, lixo.

INSUFICIÊNCIA RENAL AGUDA CAUSADA POR HIPERVITAMINOSE D EM CÃO COM CONSEQUENTE EVOLUÇÃO PARA DOENÇA RENAL CRÔNICA

Costa, B.S.[1]; Melo Júnior, E.C.[1]; Torre, F.V.[1]; Jesus, C.V.A.[1]; Moraes, T.A.[1] Cardoso, P.G.S.[2] 1. Estudante de graduação em Medicina Veterinária na UFRPE (bia10triiz@gmail.com). 2. Médica Veterinária do Hospital Veterinário (HOVET) – UFRPE

A vitamina D, adquirida pelos cães e gatos através da dieta, possui como metabólito o calcitriol, que uma vez ativado pelo paratormônio (PTH), apresenta como ação biológica promover o aumento nas concentrações sanguíneas de cálcio, através da reabsorção nos túbulos proximais renais, absorção nos enterócitos e osteoclase. A hipercalcemia ionizada é uma das causas de insuficiência renal aguda (IRA), por causar vasoconstrição renal, necrose tubular aguda por efeitos isquêmicos e tóxicos, inflamação tubulointersticial, dentre outros fatores. Um cão, macho, da raça dachshund, um ano, foi atendido no Hospital Veterinário da UFRPE apresentando como histórico a ingestão acidental de um frasco inteiro de comprimidos de Vitamina D na concentração de 5000 UI, há três dias, apresentando em seguida poliúria, polidipsia, apatia, falta de apetite e êmese. No perfil bioquímico, os índices elevados foram de ureia (110,6 mg/dL), creatinina (2,5 mg/dL) e cálcio (15,40 mg/dL). O paciente foi submetido à terapia específica para IRA, mostrando redução nos níveis séricos de cálcio (9,07 mg/dL), creatinina (1,23 mg/dL) e ureia (73,7 mg/dL), posteriormente. Após alta, o paciente não compareceu no retorno imediato, retornando apenas quatro meses depois apresentando poliúria e polidipsia, em ultrasssonografia aumento de ecogenicidade de região cortical e perda de definição corticomedular bilateral, creatinina de 0,68 mg/dL, ureia 83,5 mg/dL, cálcio ionizado 1,5 mg/dL e cálcio total 13 mg/dL, sendo classificado como doente renal crônico IRIS estádio 1 (DRC1), e segue em tratamento e monitoramento.

Palavras-chave: intoxicação, vitamina D, calcitriol, insuficiência renal.

INTERAÇÃO DOS TUTORES E SEUS ANIMAIS DOMÉSTICOS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Alves, N.D.[1]; Santos, P.V.F.[2]; Feijó, F.M.C.[1]; Silva, A.B.B.[2]; Fernandes, M.A.D.[2]; Rodrigues, G.S.O.[1]. 1. Professor(a) na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) (nilza@ufersa.edu.br). 2. Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

A situação causada pelo novo coronavírus alterou diretamente o cotidiano das pessoas, assim, podendo afetar o relacionamento de homens e animais. Nesse contexto, existem evidências científicas de que os animais melhoram a vida e a saúde das pessoas. Além de servirem de apoio psicológico para as famílias, reduzindo os níveis de estresse e as tendências suicidas, algo de grande importância em momentos de distanciamento social, como a pandemia do COVID-19. Com isso, o objetivo do presente trabalho foi analisar a interação dos tutores e seus animais domésticos durante a pandemia do COVID-19. O trabalho foi realizado durante o período de agosto a novembro de 2020, no qual foram aplicados 452 questionários com a população de Mossoró/RN, com questões a respeito da relação dos guardiões com seus pets. Nos resultados, obtivemos que quando questionado se durante a pandemia o tutor passou a ter mais cuidado com seu pet, interagiu com ele com maior frequência, se sentiu reconfortado com a presença dele no ambiente, se o pet lhe acompanhava nas atividades domésticas e se houve aumento da interação dos familiares com o animal, 61,8%, 75,1%, 82%, 73,1% e 64,8% respondeu que sim e 38,2%, 24,9%, 18%, 26,9% e 35,2% respondeu que não, respectivamente. Esses dados podem estar relacionados com o fato de as pessoas terem passado mais tempo em casa com seus animais, terem se sentido mais solitárias com o isolamento social e além de considerar seus animais membros da família. Portanto, conclui-se que é provável que as pessoas estreitaram seus laços afetivos e aumentaram a interação com seus animais, sendo essa relação harmoniosa importante, pois traz benefícios mútuo.

Palavras-chaves: Coronavírus, isolamento social, pets.

INTOXICAÇÃO MEDICAMENTOSA E INSUFICIÊNCIA RENAL AGUDA EM FELINO

Barros, T.A.[1]; Borges, R.S.M.[1]; Barreto, G.M.F.[2]. 1. Graduanda em Medicina Veterinária pela UFERSA (tamya-ab@hotmail.com). 2. Residente no Hospital Veterinário da UFERSA.

O Ibuprofeno é um anti-inflamatório não esteroidal contra indicado em felinos por metabolização conjugada ao ácido glicurônico, promovendo eliminação lenta e consequente insuficiência renal. Objetiva-se relatar uma intoxicação em felino jovem por administração oral de Ibuprofeno. Foi atendido em janeiro de 2020, no HOVET, em Mossoró-RN, felino, macho, não castrado, sem raça definida (SRD), com um ano e três meses, pesando 2,8kg. Relatado pelo proprietário que o animal pouco urinava a quatro dias, sendo observada uma pequena quantidade de urina com sangue. Durante exame físico o paciente encontrava-se apático, com mucosas hipocoradas, hematúria, hiporexia e hipodipsia, havia presença de dor durante a palpação abdominal, desidratação de 7% e disúria, porém durante anamnese ao ser pressionada a bexiga, o animal conseguiu liberar jatos consideráveis de urina, constatou-se também que o órgão não estava muito repleto, descartando a possibilidade de obstrução uretral. A suspeita clínica inicial era cistite devido aos sinais clínicos, foram solicitados exames complementares como creatinina e ultrassonografia abdominal (US), sendo realizado apenas a creatinina, apresentando uma quantidade exacerbada de 13mg/dL, no qual a variação normal é de 0,7-1,7mg/dL, caracterizando uma provável insuficiência renal aguda. Não foi possível realizar a US por paciente evoluir a óbito. O proprietário revelou que a piora do quadro ocorreu após administração oral de dois comprimidos de Ibuprofeno/600mg, um dia antes do atendimento. Como tratamento usou-se fluidoterapia, para normalizar o equilíbrio hídrico e restaurar a perfusão renal, administrando também Bionew® (0,56mL/kg a cada 24 horas) intravenoso. O diagnóstico precoce e adequado garante cuidados necessários para promover a sobrevida do animal.

Palavras chave: Doença renal, Felídeos, Ibuprofeno, Toxicologia.

INTOXICAÇÃO POR ANTI-INFLAMATÓRIO NÃO ESTEROIDAL EM UM CANINO PEDIÁTRICO: RELATO DE CASO

SANTOS, J.N.[1]*, SILVA, R.B.[1], FEIJÓ, F.S.[1], OLIVEIRA, R.E.C.[1], NOTOMI, M. K.[2], GOMES, L.C.V.M[3] 1.Discente de graduação em Medicina Veterinária da UFAL, Viçosa/AL (july.nascimento20@gmail.com); 2. Docente de graduação em Medicina Veterinária da UFAL, Viçosa/AL; 3. Médica Veterinária do Hospital Veterinário Universitário da UFAL, Viçosa/AL.

O uso de medicamentos na rotina dos tutores sem prescrição médica é um fato comum na clínica de pequenos animais, principalmente quando a suspeita envolve o abuso excessivo dessas substâncias. O presente relato descreve o caso de um canino, fêmea, 3 meses, 1.2 kg, intoxicado por uma dose de 400 mg de nimesulida em 4 dias. Ao exame físico a paciente apresentou apatia, e sinais gástricos, como hiporexia e dor abdominal intensa, porém com ausência de vômitos. Após utilização de sucralfato foi possível visualização de úlcera estomacal com aparelho ultrassonográfico. No hemograma notou-se anemia discreta e presença de *Ehrlichia* spp. em esfregaço sanguíneo. Não houve evidência de alterações renais ou hepáticas nos exames bioquímicos de rotina. O tratamento se baseou primariamente na resolução do quadro gastrintestinal, utilizando cloridrato de ranitidina (2,5 mg/kg, VO, BID, 10 dias), sucralfato (30 mg/kg, VO, TID, 7 dias) e controle da dor com cloridrato de tramadol (4 mg/kg, VO, TID, 5 dias). Ao iniciar o tratamento, a paciente apresentou melhora dos sinais e posteriormente deu-se início ao tratamento de eleição para *Ehrlichia spp*. com doxiciclina (5 mg/kg, VO, BID,30 dias). Após quatro dias apresentou normofagia, estabilizando os sinais clínicos completamente ao longo dos 30 dias de tratamento. Sinais gástricos são efeitos característicos do uso excessivo de anti-inflamatorios não esteroidais, porém estudos mostram que as substâncias seletivas para COX-2 apresentam efeitos relativamente brandos. A administração de nimesulida em dose 100x superior a recomendada, em um canino de 3 meses, provocou sinais gastrintestinais, apatia e dor abdominal, sem a presença de vômito, constatando que não se deve descartar a suspeita de gastrite, na ausência desse sinal.

Palavras-chave: gastrointestinal, iatrogênico, nimesulida, pediatria.

INTUSSUSCEPÇÃO GASTROESOFÁGICA EM CÃO – RELATO DE CASO

Marques, R. M. S.[1]; Fonsêca A. G. O. [2] ; Souza, L. M.[2] 1. Acadêmico de medicina veterinária, Universidade Potiguar 2. Acadêmico de medicina veterinária, Universidade Tuiuti do Paraná (amazonas250@hotmail.com)

A intussuscepção gastroesofágica é uma doença desconhecida e geralmente ocorre em animais jovens e de raças de grande porte. É uma enfermidade rara caracterizada pela invaginação do estomago na porção distal esofágica. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de intussuscepção gastroesofágica em um cão que também apresentava megaesôfago e expor seu protocolo de tratamento medicamentoso e cirúrgico. Foi atendido em clínica veterinária um cão, da raça Husky Siberiano, de 2 anos, do sexo feminino com queixa clínica de regurgitação após alimentar-se, anorexia e apatia. Ao ser conduzido para consulta foi realizado exame físico e com isso foi solicitado a radiografia no qual foi constatado presença de megaesôfago através do laudo radiográfico, além disso, o estômago estava posicionado na cavidade torácica com englobamento do esôfago com impressão diagnóstica de intussuscepção gastroesofágica, megaesôfago e pneumonia aspirativa. Foi realizada a administração de fluidoterapia, antieméticos, analgésicos e o animal era alimentado em cadeira especial em posição bipedal. O animal teve um quadro de dispneia e após ser estabilizado passou pelo procedimento cirúrgico. A cirurgia teve como objetivo desfazer a intussuscepção, e durante a cirurgia foi observado que a mucosa do estomago estava com sinais de necrose. A cirurgia foi realizada com sucesso, no entanto, o animal passou a apresentar piora. Os exames laboratoriais mostram oscilações de temperatura, com creatina 4, ureia 200 e pouco, parte hepática alterada, albumina baixa 1.6, sugerindo septicemia, anemia e seu quadro declinava mais a cada dia. Apesar da cirurgia ter ocorrido bem, ela não resistiu ao pós-cirúrgico no qual as chances são mínimas para esse tipo de enfermidade. Dessa forma, é importante o incentivo de uma maior sensibilização dos tutores para assim tratar os animais acometidos de forma precoce e assim garantir um melhor prognóstico e aumento da longevidade dos animais.

Palavras chaves: cirurgia; intussuscepção gastresofágica; megaesôfago; cão.

ISOLAMENTO E RESISTÊNCIA BACTERIANA NO TRATO URINÁRIO INFERIOR DE FELINOS SAUDÁVEIS.

Batistussi, J.L.[1]; Figueiredo, G.R.D.[1]; Mateus, N.L.F.[1]; Mônaco, L.C.[1]; 1 Programa de aperfeiçoamento em clínica médica de pequenos animais, Clínica Veterinária Unigran, Dourados-MS (nathalia.fontoura@unigran.br)

As Doenças do Trato Urinário Inferior de Felinos (DTUIF) de etiologia bacteriana são descritas com pouca frequência devido à dificuldade para colonização bacteriana no trato urinário por sua alta concentração de ureia e baixo ph da urina. O presente estudo teve como objetivo isolar bactérias presentes no trato urinário de felinos saudáveis e verificar a ocorrência de resistência antimicrobiana. Foram coletadas através de cistocentese 37 amostras de urina de fêmeas felinas saudáveis, destinadas a ovário-histerectomia eletiva, escolhidas de forma aleatória. Para a análise, placas de ágar sangue foram estriadas e incubadas a 37°C por 24h. Após a incubação, as colônias foram submetidas à caracterização morfo-tintorial e bioquímica para suas identificações. Das 37 amostras, apenas em 09 foram isolados agentes bacterianos, sendo identificados *Escherichia coli, Staphylococcus aureus spp, Streptococcus pyogenes e Proteus mirabilis*. O perfil de sensibilidade antimicrobiana foi realizado pelo método de difusão em ágar Muller-Hinton. As bactérias isoladas foram inoculadas e os discos de antimicrobianos adicionados. Após incubação, os halos de inibição foram medidos e interpretados, revelou-se nas amostras positivas um índice de sensibilidade de 100% para Ceftiofur e Gentamicina, 80% para Ciprofloxacina e 30% para Amoxicilina. Destaca-se a ocorrência de 100% de índice de resistência das amostras para Penicilina G e tetraciclinas. Deve-se considerar o uso indiscriminado de tetraciclinas por profissionais e tutores no tratamento de hemoparasitoses, devido ao baixo custo e fácil acesso, o que pode contribuir com a resistência bacteriana ao fármaco. Os resultados reforçam a necessidade do isolamento bacteriano e antibiograma na rotina clínica veterinária para decisão terapêutica adequada do tratamento de infecções urinárias.

Palavras-Chave: Antibiograma, doença do trato urinário inferior, cistite.

LÁBIO LEPORINO EM CÃO NEONATO

Santos, J.B.F.[1]; Batista, M.M.S.[1]; Fireman, I.C.[1]; Feitosa, G.T.S.[1]; Gutierrez, L.G.[2]; Anderline, G.P.O.S.[2]; 1. Graduanda em medicina veterinária no centro universitário cesmac (joelyneb18@gmail.com) 2. Profa titular do centro universitário cesmac

O lábio leporino é uma malformação congênita da face, causando abertura deformante nos lábios superiores do animal. Apresenta-se de forma isolada ou associada a anomalias do palato secundário. Esse comprometimento oral constitui uma condição multifatorial, na qual a suscetibilidade genética é influenciada por fatores ambientais, os quais estão presentes ao longo do desenvolvimento embrionário. Foi atendido na Clínica Escola Veterinária do CESMAC, um canino de raça Dachshund com dois dias de vida, com histórico de não apreensão do mamilo da mãe, assim não alimentando-se de forma correta, pois apresentava engasgo com o leite. Ao exame físico foi observado que apresentava lábio leporino bilateral que consiste na divisão vertical congênita dos lábios, tendo como extensão apenas o lábio superior. A paciente foi tratada com manejo alimentar através de Suplemento Substituto do Leite Materno, a cada 2 horas, até novas recomendações. As fendas orais são anomalias craniofaciais que requerem reabilitação e vai desde intervenção cirúrgica até orientação nutricional, odontológica. A etiologia das malformações faciais ainda é desconhecida e controversa, não sendo possível isolar um fator causal específico, no entanto, existem evidências que a origem esteja relacionada com fatores genéticos e ambientais. A paciente apresentou melhora do quadro clínico, com as correções na alimentação e manejo, tendo um desenvolvimento saudável e satisfatório sendo observado a evolução do lábio leporino para que na idade ideal.

Palavras-Chave: malformação congênita; multifatorial; lábios superiores

LASERTERAPIA DE BAIXA POTÊNCIA NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDA CUTÂNEA: RELATO DE CASO.

POTT, P. J. K.[1], SANTOS, B. F. S[1]; MARTINS, N. A[2]; SOUSA, L. A. J.[3]; ARAUJO, G. H. M.[4]; ROMANI, A. F.[4]. 1. Discentes de Medicina Veterinária-Universidade Federal de Jataí (UFJ) priscillakirchhoff@gmail.com, 2. Mestranda em Biociência Animal-UFJ. 3. Residente HV/ UFJ 4. Docente de Medicina Veterinária – UFJ.

A terapia a laser de baixa potência (LBP) atua na aceleração metabólica dos tecidos, agindo na diminuição da dor, modulação da resposta inflamatória com redução do edema e do tempo de reparação das lesões cutâneas, por isso tem sido cada vez mais utilizada na Medicina Veterinária. O presente trabalho teve como objetivo relatar o tratamento de ferida cutânea por queimadura química (soda cáustica), com emprego de terapia LBP. Foi atendida uma gata SRD, com histórico de queda em recipiente para preparo de saponáceo à base de soda havia quatro dias. Ao exame físico foi observada grande área de necrose nos membros pélvicos encobertas por crostas, grande quantidade de secreção purulenta e miìases, sem alterações no hemograma. A paciente foi internada para procedimento de debridamento cirúrgico das lesões, empregou-se metadona 0,3 mg/kg na medicação pré-anestésica, 8 mg/kg de propofol para indução e manutenção em vaporização de isoflurano. Realizou-se lavagem da ferida com solução de clorexidina 2% e debridamento por abrasão para retirada de todo tecido necrosado, crostas e miíases presentes. Após o debridamento iniciou-se a terapia com laser de AlGaAl modelo Physiolux Dual, da marca Bioset – Tecnologia em Bioequipamentos (São Paulo) previamente calibrado pelo fabricante, comprimento de onda de (670 nm) potência 30 mW em dose de 5 J/cm² com aplicações nas bordas da ferida de forma pontual e intervalos equidistantes de 1 cm. A paciente foi mantida por três dias internada para controle da dor, sendo então realizadas três sessões da terapia LBP por semana, com intervalo mínimo de dois dias, combinado com limpeza da lesão e aplicação de Vetaglós® até reepitelização que ocorreu após 30 sessões. Conclui-se que a LBP foi eficiente na resolução das lesões teciduais, garantindo a reestabelecimento de sua função, minimizando as possíveis complicações além de reduzir o tempo de tratamento.

Palavras-chave: Laser, queimadura química, reeptelização.

LAVAGEM VESICAL COM SOLUÇÃO FISIOLÓGICA OZONIZADA COMO TRATAMENTO PARA RESISTÊNCIA BACTERIANA EM CISTITE CRÔNICA REINCIDIVANTE EM CÃO – RELATO DE CASO

Belido, N.M.[1], Caspary, A.C.S.L.[1], Rocha, A.A.[2]. 1. Discente medicina veterinária UNESA (Campos dos Goytacazes – RJ) – natalia_belido@hotmail.com 2. Docente medicina veterinária UNESA (Campos dos Goytacazes – RJ)

Infecções bacterianas no trato urinário, oriundas de microrganismos multirresistentes, são frequentes, principalmente na medicina veterinária, onde o uso de antibióticos ainda é realizado, por vezes, de forma indiscriminada. O tratamento das cistites crônicas inclui o uso repetitivo de antibiótico. A fim de minimizar o uso de antibióticos a ozonioterapia surge como alterativa nos tratamentos de doenças bacterianas. Essa modalidade utiliza o gás ozônio como agente terapêutico com eficácia antimicrobiana, além de anti-inflamatórias e hemostática. Este estudo relata o caso de um cão macho, raça bulldog francês, 3 anos, em quadro reincidivante de cistite ao longo de 8 meses. Paciente não apresentava alterações anatômicas que pudesse predispor o quadro infeccioso, as coletas para urocultura foram realizadas por cistocentese e uso de tratamentos prévios realizados corretamente, como preconizado em literatura e baseado nas culturas e antibiogramas realizados em cada exame. O quadro do paciente apresentava reincidiva em média 3 semanas após o término do tratamento convencional com antibioticoterapia. Institui-se protocolo de lavagem vesical pós sondagem, com solução fisiológica ozonizada (54µg/ml) em ciclos de 3 dias consecutivos+intervalo de 4 dias de repouso, totalizando 3 semanas. Ao término do tratamento foi repetido a urocultura indicando negatividade para crescimento bacteriano. Paciente mantem-se até o momento sem reicindiva dos quadros de cistite (8 meses após término do tratamento). Sugere-se que a ozonioterapia é eficaz como terapia alternativa com resultado satisfatório para tratamento de cistites, reduzindo o uso de antibióticos ao tratamento.

Palavras chave: Ozonioterapia, cistite crônica, resistência bacteriana, cão

LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA DIAGNOSTICADA POR CITOLOGIA DE NÓDULO DE MAMA EM PIRACICABA, SÃO PAULO

Pratti, A.N.A[1,2]; Melo,C.M.F[1]; Justolin,L.T[2]; Justolin,P.L.T[2]; Canciglieri,R.S[1,3*]1. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba-SP, Brasil 2. Hospital Veterinário Piracicaba Dr. Jacob, Piracicaba-SP, Brasil 3. Faculdade de Ciências Aplicadas – UNICAMP – Limeira-SP, Brasil (* rcanciglieri@gmail.com)

A Leishmaniose Visceral é uma zoonose causada por um protozoário do gênero *Leishmania,* tendo como principal vetor os flebotomíneos. A doença tem se expandindo, com aumento no número de novos municípios com casos autóctones. Em áreas endêmicas ela é mais facilmente diagnosticada, pelo conhecimento da população e serviços veterinários, já em municípios silenciosos o diagnóstico é desafiador, sobretudo nos quadros atípicos. Esse trabalho tem como objetivo relatar um caso de Leishmaniose Visceral Canina associado a nódulo mamário atendido em 2020, em Hospital Veterinário particular em Piracicaba, considerado silencioso não receptivo vulnerável para a doença. Uma cadela de 12 anos apresentava nódulo subcutâneo de 1 cm, em região mamária abdominal. O exame citológico constatou a presença de inflamação granulomatosa e formas amastigotas de *Leishmania* spp. O RT-PCR do aspirado de linfonodo revelou 1.815,14 cópias de DNA patógeno/uL. Exames complementares acusaram anemia macrocítica e hipocrômica, linfopenia, hiperproteinemia, proteinúria e hepatoesplenomegalia. Foi iniciado tratamento com miltefosina por 28 dias. Animal apresentou episódios de êmese, anorexia e aumento na concentração de creatinina, ureia, FA e ALT séricas controlados com tratamento de suporte. Após término do tratamento, o RT-PCR foi negativo, com zero cópias, porém, o nódulo mamário apresentou crescimento, revelando-se o carcinoma mamário em novo exame citológico. A presença de *Leishmania* spp no tecido mamário, demonstra oportunismo do parasito em quadros de imunossupressão relacionada à neoplasia mamária. O município não tem registros de casos autóctones, ou a presença do vetor, sendo crucial o diagnóstico com propósito de notificação epidemiológica e prognóstico terapêutico.

Palavras chaves: Leishmaniose Visceral Canina, Tumor Mamário, Citologia

LEPTOSPIROSE SUBCLÍNICA CANINA – RELATO DE CASO

ROCHA, M.R.[1], PEIXOTO, K.A.[1], SILVA, H.[2], PIRES, H.C.M.[2], PEREIRA, L. A.[2] 1. Acadêmica em Medicina Veterinária – EVZ/UFG (marianarrochavet@gmail.com). [2] MV We Pet[2]

A leptospirose é uma zoonose de disseminação ubíqua causada por bactérias patogênicas do gênero *Leptospira spp*. A manifestação da doença nos animais pode ser clínica ou subclínica. Sabe-se que os hospedeiros de manutenção e reservatório eliminam bactérias em sua urina sem mostrar sinais clínicos da doença. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de lepstopirose subclínica diagnosticada na cidade de Goiânia/GO em cão macho, Red Heeler, 9 anos, 26,1 Kg com histórico de vacinação a mais de 6 meses, contato com urina de rato não recente e queixa principal de hipertensão. Ao exame físico, os parâmetros apresentaram-se dentro da normalidade, incluindo a mensuração da pressão arterial. Foram solicitados: hemograma, SDMA, creatinina, ureia, urinálise, razão proteína creatinina urinária (RCPU), fósforo sérico, proteínas totais e frações, hemogasometria venosa com dosagem de eletrólitos, colesterol e triglicérides, ALT, FA, bilirrubinas direta e indireta e sorologia para leptospirose. Em relação aos exames solicitados, as únicas alterações encontradas foram: proteínas plasmáticas totais 9,4 g/dl (6-8 g/dl), SDMA de 21ug/dl (<= 14 ug/dl) e teste sorológico reagente para os sorovares *pomona* (1:100) e *wolffi* (1:100). O resultado sorológico indicou presença de anticorpos para um tipo de cepa ausente em vacina. Foi diagnosticado leptospirose subclínica com acometimento renal. O protocolo terapêutico instituído foi antibioticoterapia a base de doxiciclina na dose de 10mg/kg, VO, a cada 12 horas por 10 dias. Ao final do tratamento, foi refeito a sorologia para leptospirose e o resultado foi negativo. Nota-se a importância de não descartar doenças infectocontagiosas como a leptospirose mediante a alterações renais. Adequada anamnese e solicitação de exames complementares é de suma importância para identificação de casos subclínicos da doença.

Palavras-chave: leptospira, assintomático, zoonose.

LEVANTAMENTO DE INFECÇÃO POR *Leishmania infantum* EM CÃES (*Canis familiaris*, Linnaeus 1758) ATENDIDOS NA CLÍNICA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA

SILVA, P.P.E.M[1]; ARAÚJO, T.N.[1]; COSTA, E.W.S.[1]; CALDAS, R.N.B.[1]; SARMENTO, V.A.S[1]; OLIVEIRA, G.A.[2]. 1. Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac (milinhapimentelpassos@hotmail.com) 2. Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac.

A leishmaniose visceral é considerada uma zoonose de difícil controle e ampla distribuição, que tem como seu principal reservatório o cão. Objetivou-se realizar um estudo retrospectivo da infecção por *Leishmania infantum* em cães atendidos na Clínica Escola de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac diagnosticados pelo teste imunocromatográfico (DualPath Platform DPP) no período de fevereiro a junho de 2018. Para tal, foram analisadas 49 fichas e verificado o número de positivos e feito à caracterização clínica e epidemiológica dos animais. Em seguida foi aplicada estatística descritiva com valores relativos e absolutos. Das 49 fichas, 28,57% (14/49) tiveram laudos positivos emitidos e destes 57,14% foram sintomáticos, 57,14% cães com raça definida (CRD), 42,86% sem raça definida (SRD), 50% foram cães jovens, 35,71% cães adultos e 14,29%, cães seniores, 57,14% fêmeas e 42,86% machos, 57,14% de porte médio, seguido dos animais de grande porte com 28,57% e 14,29% foram de pequeno porte 64,29% eram cães de pelagem curta com um índice de prevalência expressivamente maior para a leishmaniose, se comparados com os de pelagem longa (35,71%). Diante disto pode-se verificar que a Clínica Escola de Medicina Veterinária do Cesmac atende um alto percentual de animais infectados, sugerindo assim aplicação de métodos preventivos a população discente e docente, bem como aos animais atendidos. Além disto, pode-se concluir ainda que animais CRD, jovens, fêmeas, porte médio e de pelagem curta parecem ser mais susceptíveis de acordo com os dados desse estudo.

Palavras-chave: Leishmaniose Visceral Canina. Diagnóstico. Imunogromatografia.

LINFOMA PRIMÁRIO INTRAOCULAR EM CÃO: RELATO DE CASO

Dembogurski, L. C CRMV PR 2195 1-Médico Veterinário, do Hospital Veterinário Prontodog (prontodogfoz@hotmail.com).

O linfoma está entre as neoplasias diagnosticadas com mais frequência no cão e é a neoplasia ocular secundária mais comum em cães. A etiologia do linfoma canino ainda não está elucidada, todavia, acredita-se na possível etiopatogenia multifatorial envolvendo eventos genéticos, exposição à radiação ionizante e carcinógenos químicos. Uma cadela, 5 anos de idade aproximadamente, 12kg, sem raça definida, deu entrada no Hospital Veterinário Prontodog de Foz do Iguaçu – PR. A paciente não era castrada, foi acolhida da rua. No exame clínico foi evidenciado neoformação na mucosa vaginal externa. A citologia do tecido mostrou presença de células redondas compatíveis com tumor venéreo transmissível. Foi realizada quimioterapia com sulfato de vincristina por 5 semanas, promovendo o desaparecimento da massa. Quatro meses após a quimioterapia notou-se aumento do bulbo ocular e neoformação intraocular no olho direto. Ao exame clínico foi evidenciado hiperemia conjuntival, moderado edema da córnea, e buftalmia. O exame de câmara anterior do olho direito, com uso de lâmpada de fenda evidenciou presença de neoformação lobulada, lisa, localizada entre 9 e 12 horas. Na ecografia ocular foi identificada presença neoformação medindo aproximadamente 0,3x0,5 cm, envolvendo a uvea anterior. O olho do paciente foi enucleado. O exame imunohistomoquímico confirmou ser linfoma linfocítico de baixo grau. Como medida preventiva foi instituído protocolo de quimioterapia de indução com Vincristina, Ciclofosfamida e Prednisolona. Foram realizadas ecografias abdominais e ocular (olho adelfo) a cada 21 dias, até o final da quimioterapia, e não foram evidenciadas alterações dignas de nota. Concluímos que o linfoma pode acometer o trato uveal dos cães, interferindo diretamente na qualidade de vida dos cães acometidos.

Palavras-chave: Oftalmologia, linfoma, neoplasia.

LOBECTOMIA PULMONAR TOTAL EM CÃO POR MORDEDURA

Oliveira, I.S.[1]; Nemézio, L.O.F[1]; Oliveira, L.M.[2]; SILVA, A.F.F[2]; Gutierrez, L.G.[3]; 1. Graduanda (o) em medicina veterinária no centro universitário cesmac (isabelina.gfl@hotmail.com) 2. Médico (a) Veterinário (o) autônomo (a) 3. Profa titular do centro universitário cesmac

Feridas por mordedura são cada vez mais comuns em cães, sendo a região torácica comumente acometida. A lobectomia pulmonar é um procedimento de baixa frequência na rotina clínica cirúrgica veterinária, sendo realizado somente quando não se tem a manutenção dos lobos pulmonares por alguma injúria. Neste caso, a lobectomia total só é indicada na existência de lesões maiores, as quais incluem-se: torções de lobo pulmonar, abcessos, atelectasia, neoplasias, enfisema pulmonar, seroma subpleural, coágulos, colapsos parciais e lacerações. Foi atendido em uma clínica veterinária um canino, macho, 3 anos, Pinscher, pesando 3,3 kg com histórico de mordedura por outro cão. O animal apresentava-se em posição ortopneica e com uma leve cianose lingual. No exame físico foi possível observar ausculta pulmonar abafada, saturação de 76% e avulsão muscular devido ao trauma penetrante pela mordedura, causando enfisema subcutâneo e pneumotorax. Condizente a estes achados, o animal foi encaminhado para toracotomia exploratória de urgência. Após inúmeras tentativas de recrutamento alveolar, foi determinada a inviabilidade do lobo médio pulmonar direito sendo necessária a excisão do mesmo pela técnica convencional de lobectomia pulmonar total. No pós operatório foi administrado Cefalotina 40mg/kg IV/BID por 5 dias, Ampicilina 10mg/kg IV/BID por 7 dias, Tramadol 4mg/kg IV/TID por 5 dias, Dipirona 25mg/kg IV/TID por 5 dias, Fentanil 2ug/kg IV em dose única e Meloxicam 0,1mg/kg IV/SID por 3 dias. Com 10 dias o animal retornou para retirada de pontos e recebeu alta médica. O trauma torácico é um dos procedimentos mais complexos na medicina veterinária, sendo necessária a avaliação de todos os sistemas do animal independente de sua etiologia. A correção cirúrgica de lobectomia pulmonar total se fez necessária e efetiva para o relato em questão de acordo com a literatura.

Palavra-chave: lobectomia, toracotomia, enfisema pulmonar.

MANEJO NUTRICIONAL EM CÃO DA RAÇA CHOW CHOW PORTADOR DE MEGAESÔFAGO IDIOPÁTICO

Silva; J.O[1], Gomes; B.M.M[2], Ferro; A.F.S[3], Torres; A.C.O[1]; 1. Graduanda de Medicina Veterinária da Faculdade Pio Decimo (juliene-se@bol.com.br) 2. Nutróloga Veterinária 3. Gastroenterologista Veterinário

Megaesôfago é o termo utilizado para descrever a dilatação do esôfago, caracterizada por sua hipomotilidade, e retenção de conteúdo alimentar e líquidos em seu lúmen. Pode ser classificado em primário ou secundário e ainda em congênito, idiopático ou adquirido. Um cão da raça Chow Chow, macho, três anos, foi encaminhado a Nutropet, situada na cidade de Aracaju-SE, no dia 23 de fevereiro de 2017, diagnosticado com megaesôfago idiopático para tratamento nutricional. O objetivo desse trabalho é mostrar a resposta clínica do paciente com perfil nutricional descrito. A terapia de suporte consistiu em protetores de mucosa, antibióticos e manejo alimentar adequado. Em pacientes com megaesôfago é recomendado fornecer alimento pouco volumoso, que irá diminuir a quantidade de refluxos. A gordura na dieta tem como benefício a alta densidade energética, um dos nutrientes de maior teor calórico associados à alta proteína e baixa fibra, auxiliando o paciente com baixo peso a recuperar seu peso ideal. Sabendo-se que o paciente com esta afecção necessita de alimentação com alto valor energético, foi escolhido a ração comercial seca superpremium para filhotes em forma pastosa, divididos em média quatro vezes ao dia, recomendando ao tutor deixar o pet em posição bipedal no mínimo 15 minutos pós-refeição. A textura do alimento fornecido dependeu da resposta do paciente, variando de forma líquida a sólida, respondendo melhor de forma pastosa. Em casos que o paciente não corresponda ao manejo é indicado o uso da sonda gástrica para que a nutrição seja realizada de forma efetiva. A escolha do perfil nutricional descrito, associados ao manejo vertical durante e após a alimentação, fracionado em maior número de vezes, foi possível constatar a revelação clínica do paciente, o ganho de peso gradativo e melhora da escore de condição corpórea, resultando na alta do paciente.

Palavras chaves: Megaesôfago, manejo nutricional, cães.

MEDICINA ALTERNATIVA NO TRATAMENTO DE FARMACODERMIA EM UM CÃO DA RAÇA AKITA: RELATO DE CASO

CASTRO, L.R.M.S.[1]; SANTANA, A.L.C.[1]; JESUS, W.J.[2]; SOUSA, J.M.[2]; SILVA, A.L.X.[2]; SOUSA, A.R.[2] 1. Graduanda em Medicina Veterinária UFPI 2. Médico(a) Veterinário(a) (alanad3@hotmail.com).

Um canino adulto, fêmea, fértil, 7 anos, 27 Kg, da raça Akita, com gestação aproximada de 60 dias, foi encaminhado à Clínica Veterinária Animal's, Teresina-PI, no dia 19 de janeiro de 2020, com sinais de abortamento. O animal foi imediatamente submetido à cesárea e ovariosalpingohisterectomia. No pós-operatório aplicou-se por via subcutânea meloxicam (0,1 mg/kg, SC, SID) e ranitidina (1,0 mg/kg, SC, TID). A cadela retornou 9 dias depois apresentando lesão difusa concentrada principalmente em região dorso-lombar, de característica descamativa, eritematosa, exsudativa e com descolamento de pele. Diagnosticou-se um quadro de farmacodermia devido à possível reação adversa ao uso de meloxicam e ranitidina aplicados subcutaneamente na região supracitada. A paciente foi submetida à cirurgia para debridamento e limpeza do ferimento e no pós-cirúrgico, realizou-se sessões de 20 minutos de moxabustão diárias sobre a lesão, por 12 dias consecutivos e, em seguida, aplicava-se óleo ozonizado para a realização do curativo. O gás ozônio (O_3) é uma molécula composta por três átomos de oxigênio em uma estrutura dinamicamente instável devido à presença de efeito mesomérico, possuindo grande poder oxidativo, bactericida, antiviral, antifúngico, estimulante de metabolismo do oxigênio e ativador do sistema imunológico. Moxabustão é uma técnica de aquecimento de regiões lesionadas ou de pontos de acupuntura através da queima direta ou indiretamente próxima ou sobre a pele, respectivamente, da erva medicinal *Artemisia vulgaris* ou *sinensis,* com a finalidade de promover melhora na circulação sanguínea, otimizando a cicatrização. O animal apresentou melhora clínica, com cicatrização total da lesão e recebeu alta no dia 28 de fevereiro de 2020.

Palavras chaves: Moxabustão, ozonioterapia, dermatologia, intoxicação, canino.

MELANOCITOMA JUNCIONAL

Lima, L.M.B[1]; Barbosa, L.R.A[1]; Neto, B.R.O[2]; Anderlini, G.P.O.S[3]; Carvalho, K.S[3]. 1. Discente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL (maressabeiriz@hotmail.com) 2. SAV – Serviço de Anestesia Veterinária 3. Docente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL

O melanocitoma juncional consiste na proliferação não congênita e benigna dos melanócitos localizados na junção dermoepidérmica. Foi atendido em uma clínica veterinária particular um canino, adulto, macho, da raça Shih Tzu, apresentando uma mancha escura no abdome. No exame físico, com exceção da estrutura negra de aspecto nodular localizada na região abdominal ventral próximo ao prepúcio, não foram encontradas outras alterações. Na realização de exames complementares no paciente, tais como hemograma, contagem de plaquetas, avaliação da função renal, hepática e glicemia, os resultados apresentavam-se dentro dos referenciais para a espécie, tornando-se apto, dessa forma, para a cirurgia. O animal foi encaminhado para o centro cirúrgico e foi mantido em anestesia geral e bloqueio local, dando procedência, assim, com a exérese utilizando incisão elíptica em margem segura. O nódulo foi conservado em formol a 10% e encaminhado ao laboratório de Histopatologia, tendo como descrição histopatológica a proliferação epidérmica irregular leve, com moderada pigmentação em estrato espinhoso e basal. Observaram-se também pequenos grupos de melanócitos e melanófagos presentes na derme superficial. O melanocitoma juncional é pouco frequente em cães, sendo mais comum em humanos e suínos. Ressalta-se a importância da análise histopatológica para diferenciação e estabelecimento do prognóstico em caninos com lesões cutâneas de coloração escura, proporcionando assim bem-estar para os pacientes e consequentemente seus tutores.

Palavras-chave: Oncologia, canino, pele.

MENINGOENCEFALITE LINFOPLASMOCÍTICA FELINA

Souza, A.C.M.[1]; Santos, J.B.F.[1]; Batista; M.M.S.[1]; Ferreira, L.O.[1]; Gutierrez, L.G.[2]; Barbosa, E.F.G.[2] 1. Discente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL (monteiroanaliaa@gmail.com) 2. Docente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL.

A meningoencefalite linfoplasmocitica é uma doença de curso agudo e progressivo em animais jovens, imunocomprometidos com localização de lesão no sistema nervoso central. Um felino, fêmea sem raça definida de 2 meses de idade foi atendido na Clínica Escola de Veterinária do Cesmac, com histórico de que foi encontrada na rua e fazia uso de Tobramicima colírio 0,3% há dois dias, onde o animal começou a apresentar fezes pastosas, ataxia evoluindo para ataxia não ambulatória, nistagmo e dispneia com agravamento do quadro em um período de 24 horas. Durante o atendimento o animal sofreu parada cardiorrespiratória levando a óbito. O mesmo foi encaminhado para necropsia sob suspeitas clínica de raiva ou intoxicação por Tobramicina. No exame necroscópico observou-se marcada hiperemia dos vasos do encéfalo. No exame histopatológico do sistema nervoso central, observou-se discreto a moderado infiltrado linfoplasmocítico que expandia multifocalmente as meninges e circundava os vasos sanguíneos. Em meio a substância cinzenta notou-se a presença de manguitos perivasculares, com discreta gliose multifocais. Conclui-se com base nos achados histopatológicos que o animal estava com meningoencefalite linfoplasmocítica, ou não supurativa, que pode ser viral, bacterina, fúngica ou protozoária.

Palavras chaves: Infiltrado linfoplasmocítico, Meninges, meningoencefalite felina.

METAPLASIA ESCAMOSA EM ADENOMA MAMÁRIO DE CADELA

LIMA, S. M.[1]; MONTEIRO, S. A.[2]; ANDRADE, R. L. F. S.[3] Discente em Medicina Veterinária pela Faculdade Pio Décimo (medvet.matheuslima@gmail.com) 2. Docente de Medicina Veterinária da Faculdade Pio Décimo 3. Patologista Veterinária – Animal Pat Lab – Laboratório Veterinário

Metaplasias em tumores mamários frequentemente ocorrem em neoplasias origem epitelial ductal, sejam elas adenomas ou carcinomas. Evolutivamente, a áreas de neoplasia podem sofrer malignização e culminar na formação de carcinomas de células escamosas mamários. Relata-se a metaplasia escamosa em um adenoma mamário de uma cadela. Uma cadela apresentando neoplasia em glândula mamária abdominal direita há cinco anos, o qual consistia em massa multilobada, não ulcerada, firme, foi submetida a mastectomia. O material foi encaminhado ao laboratório veterinário Animal Pat Lab, em Aracaju, Sergipe, Brasil, para avaliação histopatológica. Macroscopicamente a massa apresentava-se pouco delimitada, de aspecto marmorizado. A microscopia revelou características histopatológicas de adenoma mamário, com células epiteliais mamárias com baixo pleomorfismo dispostas em ductos e túbulos. Algumas destas estruturas apresentam-se obstruídas devido a proliferação de células diferenciadas em células escamosas, cujo centro desta metaplasia é composto por deposição lamelar de queratina. Não foram observados critérios de malignidade tumoral. As metaplasias escamosas na glândula mamária devem ser diferenciadas de carcinomas de células escamosas. Esta diferenciação se faz necessária pois a terapia em cada caso é distinta. O tratamento para adenomas com diferenciação escamosa não se difere das demais neoplasias benignas mamárias, cursando com a exérese cirúrgica associada a castração. Realização de exames histopatológicos em nódulos mamários são de extrema importância para caracterização dos subtipos histológicos das neoplasias mamárias.

Palavras-chave: Oncologia, diferenciação escamosa, tumor mamário.

METÁSTASES PULMONAR E HEPÁTICA DE TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL EM CAVIDADE NASAL – RELATO DE CASO

Melo Júnior, E.C.[1]; RIBEIRO, R.C.S.[2]; Cardoso, P.G.[2]; Costa, B.S.[1]; Torre, F.V.[1]; Ferreira, A.P.S[3].1. Estudante de graduação de Medicina Veterinária UFRPE (ecesdrascabral@gmail.com) 2. Médica Veterinária vinculada ao Hospital Veterinário (HOVET) UFRPE 3. Residente no Hospital Veterinário (HOVET) UFRPE

O Tumor Venéreo Transmissível (TVT) é uma neoplasia que acomete mais comumente as mucosas genitais e é transmitido através do coito. Apesar das características anaplásicas das células tumorais serem elevadas, é considerado uma neoplasia benigna, sendo a ocorrência de metástase em lugares extracutâneos algo raro. Um cão da raça Springer Spaniel, macho, 3 anos, resgatado foi atendido no HOVET-UFRPE com queixa de massa periférica e friável no plano nasal com secreção purulenta e presença de fístula na mesma região. O diagnóstico de TVT foi obtido através da realização do exame citológico da massa. Foi solicitada Tomografia Computadorizada da face e tórax, na face observou-se presença de massa ocupando a região de seio nasal direito, que obstruía totalmente a passagem de ar; presença de massa também na porção caudal de seio nasal esquerdo; além disso, notou-se importante área de lise óssea em osso nasal, osso palatino e osso frontal. Na tomografia de tórax observaram-se massas com características metastáticas em região mediastinal cranial, medial e caudal, sendo a lesão em região de mediastino médio a de maior dimensão, com invasão da lesão para região de hemitórax direito, promovendo compressão pulmonar importante, com consequente sinais de consolidação secundária dos lobos pulmonares cranial e médio direito. Além disso, também foram observadas lesões multinodulares em parênquima hepático. Foram realizadas 6 sessões de vincristina, obtendo-se remissão completa do tumor primário e das massas e nódulos metástaticos. Entretanto, mesmo após a remissão houve a persistência da consolidação lobar e da fístula em plano nasal.

Palavras-Chave: oncologia, TVT, metástases, pulmões, fígado.

METFORMINA OU DIETA ADJUVANTE PARA OBESIDADE E DIABETES MELLITUS PODEM PREVENIR A RESISTÊNCIA INSULÍNICA SECUNDÁRIA A GLICOCORTICOIDOTERAPIA EM GATOS?

LEAL, K.M.[1]; ROCHA, M.B.[2]; DE OLIVEIRA, M.C.[2]; DA COSTA, F.V.A.[3]; POPPL, A.G.[3]
1. Médica Veterinária, Hospital Veterinário UniRitter, Porto Alegre-RS. 2. Graduanda em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. 3. Professor Adjunto, Departamento de Medicina Animal, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (alan.poppl@ufrgs.BR)

O uso de glicocorticoides é considerado um importante fator de risco para diabetes mellitus felina (DMF). Dessa forma, foi realizado um ensaio clínico para avaliar se há efeito protetor da metformina (Met) ou de uma dieta comercial adjuvante para obesidade e DM (O&D) como fatores contra a resistência insulínica resultante do uso de glicocorticoides. O estudo incluiu 28 felinos atendidos no MedFel–HCV/UFRGS com indicação clínica para glicocorticoidoterapia. Os pacientes receberam 20 mg/gato (IM) de acetato de metilprednisolona (AMP) no tempo zero (T0) e foram divididos em 3 grupos: 1) O&D (n: 9) com troca da alimentação para ração Equilíbrio O&D (Total Alimentos); 2) Met (n: 9) com administração de metformina (25 mg/gato, PO, q24h, 30 dias) e 3) Controle (n: 10) que recebeu somente a AMP. Todos os pacientes foram avaliados no dia 0 (T0); dia 15 (T15) e dia 30 (T30) por meio de anamnese, exame físico, coleta de sangue para hemograma, bioquímica sérica e mensuração de insulina sérica. Índices de sensibilidade à insulina foram calculados a partir de glicemia e insulinemia ($P<0,05$). No T15, houve aumento na secreção de insulina e índice insulinogênico. O grupo Met comparado ao grupo Controle teve resultados superiores ($P<0,05$) de insulinemia e índice insulinogênico. Apesar de não significativa a diferença ($P>0,05$), os gatos do grupo O&D tiveram menor impacto na lipemia, e no peso corporal durante o estudo, e nem a dieta, nem a metformina conseguiram minimizar a resistência insulínica secundária a uma administração isolada de AMP. É necessário o estudo de pacientes em glicocorticoidoterapia crônica com AMP para que se possa avaliar se uma dieta adjuvante para obesidade e diabetes, ou a metformina, podem ter efeitos benéficos em reduzir o risco de DMF secundária a metilprednisolona.

Palavras chaves: metilprednisolona; diabetes mellitus felina; insulinemia; metformina; alimento coadjuvante

MICROBIOTA BACTERIANA RESIDENTE EM CLOACA DE CORUJAS-SUINDARA (*Tyto furcata*).

BENICIO, L.D.M.[1]; SOUZA, A.C.F.C.[1]; FEIJÓ, F.M.C.[2]; ALVES, N.D.[2]; SANTOS, C.S.[3]; JÚNIOR, F.R.P.[4]; 1. Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido. (denner2016mb@gmail.com). 2. Professor(a) Doutor na Universidade Federal Rural do Semi-Árido 3. Servidor público da Universidade Federal Rural do Semi-Árido 4. Residente da Clínica Médica e Cirúrgica de Animais Silvestres e Exóticos do Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

As corujas suindara (*T. furcata*) são animais cosmopolitas, onde existe a necessidade de conhecer sua microbiota, bem como a resistência a antimicrobianos para melhor terapêutica. Assim, objetivou-se descrever as bactérias que habitam a cloaca de sete suindaras jovens resgatados pela polícia ambiental e enviadas ao Hospital Veterinário no setor de animais silvestres da UFERSA. Foi realizado a coleta com suabes estéreis na região da cloaca e enviadas ao laboratório de microbiologia em caixa isotérmica para identificação bacteriana. As amostras foram semeadas em caldo BHI e ágar macconkey. As colônias foram submetidas à coloração de gram e provas bioquímicas como fermentação e oxidação de glicose, sacarose, maltose, lactose, manitol, produção de H_2S, produção de indol, motilidade, produção de urease, desaminação de lisina e utilização de citrato. As bactérias identificadas foram submetidas ao antibiograma em Ágar Müeller-Hinton a 37°C por 24 horas sendo testados os antimicrobianos amicacina, ciproflaxacina, cloranfenicol, gentamicina e tetraciclina. Os microorganismos identificados foram *Achromobacter denitrificans, Citrobacter* sp, *Staphylococcus* sp e *Streptococcus* sp. Quanto ao padrão de resistência, foi observado que a amicacina foi o antimicrobiano com o maior índice de resistência entre as bactérias identificadas. Conclui-se que a cloaca de suindara apresenta bactérias gram positivas e negativas, possuindo resistência a antimicrobianos utilizados em animais domésticas, devendo ser investigada essa relação.

Palavras-chaves: Suindara, bactéria, identificação.

MONITORAÇÃO NÃO INVASIVA DA RESSÃO INTRACRANIANA EM 15 CÃES E DOIS GATOS COM AFECÇÕES DO SISTEMA NERVOSO CENTRAL

Rocha, N.L.F.C.[1]; Bortulucci, D.E.[1]; Weizenmann, T.C.[2]; Cardoso, G.S.[3]; Bahr Arias, M.V.[4]
1. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ciência Animal da Universidade Estadual de Londrina (PPGCA/UEL). 2. Doutoranda do PPGCA/UEL. 3. Professor Adjunto, Departamento de Clínicas Veterinárias (DCV), UEL. 4. Professora Associada DCV/UEL (vicky@uel.br)

A monitorização da pressão intracraniana (PIC) raramente é realizada em pequenos animais devido a complicações e limitações das técnicas disponíveis. Um método de monitoramento não invasivo (Braincare®), possui um extensômetro de resistência elétrica que capta as deformações ósseas que podem ocorrer na hipertensão intracraniana (HI). A técnica foi então aplicada em 17 pacientes com diversas afecções neurológicas. Foram avaliados dois cães com mielopatias durante a realização de mielografia, quatro cães com meningoencefalites previamente à coleta de líquido cerebroespinhal (LCE), um cão comatoso com hipertensão arterial sistêmica e metástase encefálica de neoplasia a esclarecer, um gato comatoso por provável envenenamento e oito cães e um gato com traumatismo cranioencefálico (TCE). Constatou-se aumento da PIC nos dois cães submetidos à mielografia durante a injeção do meio de contraste, em três cães com meningoencefalite e em cinco pacientes com TCE. A injeção de contraste no espaço subaracnóideo induziu aumento da PIC, que foi detectada pelo monitor. Em cães com meningoencefalite é importante verificar se há HI, quando não há sinais clínicos sugestivos, para que manejo adequado seja feito antes da coleta de LCE para diminuir o risco de complicações. Nos casos de TCE, constatou-se que em três casos de HI a escala de coma estava alta, contradizendo estudos que só indicam o uso de diuréticos se a escala de coma estiver abaixo de oito. Assim, a NI-PIC foi um parâmetro importante e contribuiu para o tratamento e prognóstico dos pacientes.

Palavras-chave: Pressão intracraniana, crânio, mielografia, traumatismo cranioencefálico, líquido cefalorraquidiano.

MORTALIDADE TRANS-ANESTÉSICA DE CÃES E GATOS SUBMETIDOS A CIRURGIAS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFPB

NASCIMENTO, Y. G.[1]; SANTOS, J. J. C.[2]; ARCOVERDE, K. N.[2]; OLIVEIRA, L. V. S. X.[2]; SOARES, M. K. F.[2]; BOPP, S.[3] 1. Estudante de graduação de medicina veterinária, UFPB (ygor-maia@hotmail.com) 2. Residente do programa de clínica e cirurgia animal, UFPB 3. Professora DCV, UFPB.

A mortalidade de cães e gatos submetidos à anestesia é superior à de humanos, de acordo com a Sociedade Americana de Anestesiologia (BILLE et al., 2012), o que torna de grande relevância estudos nesta área com o intuito de colaborar para a minimização deste índice. Dessa forma, objetivou-se quantificar o índice de mortalidade trans-anestésica em cães e gatos submetidos a cirurgias no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba, correlacionando com o risco anestésico. Os dados foram obtidos através do levantamento das fichas anestésicas dos pacientes cirúrgicos, no período de 05 de fevereiro até 20 de dezembro de 2019, excluindo os pacientes submetidos a castração eletiva. Durante o período avaliado, dos 596 pacientes operados na rotina do hospital, obteve-se uma taxa de mortalidade de 1,84% (11/596), sendo cinco óbitos e seis eutanásias. Em relação ao risco anestésico destes 11 pacientes constatou-se: 9,09% ASA II (1/11); 9,09% ASA II E (1/11); 9,09% ASA III (1/11); 27,27% ASA III E (3/11); 27,27% ASA IV E (3/11); 18,19% ASA V E (2/11), ocorrendo um predomínio de pacientes ASA III E e ASA IV E. Em estudo realizado por Corrêa et al. (2009) o índice de mortalidade de pacientes anestesiados foi de 0,9%, o qual aproxima-se do dado obtido no presente trabalho (0,83%) ao desconsiderar os pacientes de eutanásia e de acordo com Brodbelt et al. (2008) pacientes com ASA acima de III apresentam maior índice de morte quando comparados com ASA I e II, corroborando com a predominância deste trabalho. Desse modo, conclui-se que quanto maior o risco anestésico maior será o risco de morte, sendo necessário maior atenção e preparo da equipe com este grupo de pacientes, para tentar reduzir o número de mortes.

Palavras chaves: ASA, morte, risco anestésico.

MUCINOSE CUTÂNEA EM CADELA DA RAÇA SHAR-PEI

NOGUEIRA, F. S[1]; SILVA. C.Q[2]; MARTINS, C. S[2]; SILVA, L. C[2]; SIMMER JUNIOR, S[2]. 1. Docente da Fundação Educacional de Andradina (nogueiracan@uol.com.br) 2. Discente do curso de Medicina Veterinária da Fundação Educacional de Andradina.

A mucinose é uma doença inflamatória de etiopatogenia incerta, caracterizada pelo acúmulo excessivo de mucina na derme ou folículos pilosos, com presença de mastócitos predominantes na derme. A mucinose se apresenta de forma idiopática ou secundária a alterações dérmicas benignas ou malignas, podendo ser classificada em focal ou generalizada de acordo com as suas características clinicas. Clinicamente na pele ocorre um inchaço, acompanhado de vesículas e bolhas, preenchidas com liquido viscoso, gerando consequentemente um espessamento da pele. Em casos severos podem afetar o sistema locomotor, pelo acumulo excessivo de mucina na derme dos membros. O diagnóstico definitivo é realizado por meio de exame histopatológico do local afetado. O tratamento tem como objetivo reduzir processos inflamatórios, reduzindo gradativamente a mucina, e visando qualidade de vida do paciente. Em casos severos, a remoção cirúrgica das vesículas bolhosas é indicada para reduzir o excesso de mucina e espessamento da pele. O presente trabalho tem como objetivo descrever um quadro de mucinose cutânea em uma cadela com dificuldades de locomoção nos membros pélvicos. Foi atendido no Hospital Veterinário Mundo Animal uma cadela, da raça Shar-pei, com 9 meses de idade. No exame físico evidenciou-se seborreia dérmica, alopecia na cauda, afinamento da epiderme com ulceras focais, além das bolhas de tamanhos variáveis, sendo a de maior relevância 10 x 8 cm no membro pélvico esquerdo e 14 x 10 cm no membro pélvico direito. Pela predisposição racial e aspectos clínicos, foi realizada biópsia de pele para confirmar a suspeita de mucinose cutânea e outras alterações. Foi evidenciado toda derme com dilatação de vasos sanguíneos e edema mixomatoso intenso com formação de lagos de mucina, o unido folículo piloso esta em fase telógena, sendo então fechado o diagnostico de mucinose cutânea e inatividade folicular. Diante dos resultados o tratamento prescrito foi administração de prednisolona, 1 mg/kg, por via oral, a cada 24 horas, por 21 dias, seguindo de uma redução gradativa da dosagem por mais 14 dias, com acompanhamento a cada 60 dias. A mucinose em cães ainda é rara, de característica incerta, porém com predisposição racial, e quando suspeitada, uma biopsia de pele deve ser realizada, para início imediato da terapia.

Palavras chave: alterações dérmicas, mucinose, shar-pei

MUMIFICAÇÃO EM FETO DE QUATI (*Nasua nasua*)

Sandes, V.N.F.G.1, ALBUQUERQUE, E.E.2, NASCIMENTO, E.M.3, Câmara, L.B.R.M.4
1. Mestranda da Universidade Federal de Alagoas (vitorianayreli@gmail.com) 2. Docente da Faculdade Nova Esperança 3. Docente da Faculdade Pio Décimo 4. Docente do Centro universitário CESMAC.

A mumificação fetal é um quadro patológico e asséptico que é consequência da morte fetal associada à absorção incompleta do feto, causando desidratação e deposição de cálcio em seus tecidos. A causa desta enfermidade é multifatorial e tem sido relatada em diversas espécies domésticas, no entanto não há relatos sobre esta ocorrência em Quatis. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é relatar a mumificação em feto da espécie Nasua nasua (Quati). Foi atendido na clínica escola do centro universitário CESMAC uma fêmea Quati adulta, oriunda do criatório conservacionista da própria instituição, que era mantida em recinto na companhia de um macho da mesma espécie. Ao exame clinico foi observado aumento de volume na região abdominal e das cadeias mamárias, havendo suspeita clínica de prenhez. Para confirmação do diagnóstico foi realizado exame ultrassonográfico, onde foi visibilizado a presença de um feto, com estrutura óssea definida, apresentando coluna, crânio, costelas e membros com calcificação homogênea, além de organogênese completa, evidenciando-se fígado, bexiga, estômago e coração. O feto apresentava frequência cardíaca de 248 bpm. Após 31 dias, foi realizado um novo exame ultrassonográfico, quando evidenciou-se ausência de batimentos cardíacos, perda de movimentação fetal, mas com manutenção definida das estruturas ósseas, sugerindo a partir destes achados a mumificação fetal. Em seguida, a fêmea foi encaminhada para o procedimento de ovariohisterectomia (OH), confirmando a suspeita ultrassonográfica. No intuito de identificar algum agente etiológico da mumificação, foi realizado coleta de fragmentos (feto e placenta) para análise de DNA de Neospora spp. e Toxoplasma gondii. No entanto, os resultados para ambos foram negativos, não sendo possível identificar a causa do processo de mumificação.

Palavras chave: Ultrassonografia, gestação, desenvolvimento fetal

NEOPLASIA DE NERVO PERIFÉRICO EM CANINO: RELATO DE CASO

SILVA, R.B.[1]; CHAVES, K.N.[1]; OLIVEIRA, R.E.C.[1]; SANTOS, J.N.[1]; GUTIERREZ, L. G.[2], de SOUZA, F.W.[3]. 1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da UFAL (ra_fa_bs@hotmail.com) 2. Docente de graduação em Medicina Veterinária do Centro Universitário CESMAC 3. Docente de graduação em Medicina Veterinária da UFAL

As neoplasias de nervos periféricos são raras em pequenos animais e caracterizam-se principalmente por neoplasias da bainha de mielina. O presente relato descreve um canino, fêmea, raça labrador retriever, com 11 anos de idade que chegou para atendimento apresentando déficit proprioceptivo do membro torácico esquerdo há aproximadamente 1 ano. Ao final do exame neurológico a paciente apresentava lesão sugestiva de neurônio motor inferior correspondente ao segmento entre a sexta vértebra cervical e a segunda vértebra torácica. No exame físico notou-se ainda a presença de uma neoplasia na região do plexo braquial. O animal foi encaminhado para avaliação tomográfica do segmento medular comprometido e da região axilar esquerda. Após o exame, foi observada uma neoformação com contornos definidos, aspecto homogêneo e atenuação radiográfica de tecidos moles (34 unidades Hounsfield), sendo possível verificar a sua origem desde o forame intervertebral esquerdo de C6-C7 até a região caudal a articulação escapulo umeral (com dimensões aproximadas do maior eixo da lesão de 2,73 cm de altura x 7,83 cm de comprimento x 2,10 cm de largura). A paciente foi submetida a realização da exérese dessa neoplasia (2,8 cm de altura x 6 cm de comprimento x 2 cm de largura) e à avaliação histopatológica definiu o tecido como sarcoma de partes moles grau II, sugestivo de neoplasia de bainha de nervo periférico. Após 9 meses da cirurgia, o animal encontrava-se sem evidências de metástases e com leve melhora da parte proprioceptiva do membro torácico esquerdo.

Palavras-chave: neoplasias da bainha de mielina, sarcoma, membro torácico, cão.

NÍVEIS DE EMPATIA DE PROFISSIONAIS COM MAIS DE 20 ANOS DE FORMADOS EM MEDICINA VETERINÁRIA.

Lima, M.C.J.S.[1]; Forte, L.O.[2]. [1]Docente do curso de Medicina Veterinária, UnP (mairalima4@hotmail.com). [2] Graduanda em Medicina Veterinária, UnP – RN.

A base de uma comunicação eficiente na medicina veterinária é o diálogo entre o tutor e o médico veterinário, permitindo uma relação de confiança mútua. Atualmente, uma das competências fundamentais para o estabelecimento dessa relação é a empatia, ação de se colocar no lugar do outro. Dessa forma, realizou-se um estudo visando analisar os níveis de empatia dos médicos veterinários formados há mais de 20 anos, utilizando um questionário online adaptado da Escala Jefferson de Empatia Médica. Foi avaliado o perfil do entrevistado e o nível de empatia através de perguntas baseadas na escala de Likert cujos valores vão de um(discordo totalmente) a sete(concordo totalmente). Quanto mais próxima a média de 7, mais empático seria o avaliado. Dentre os entrevistados, o total de profissionais de Medicina Veterinária com mais de 20 anos de formado que responderam o questionário foi de 28 (20,1%). A maioria foi do sexo masculino(67,9%) com uma média do nível de empatia(5,55) inferior ao sexo feminino(6,29). Outro fator importante ocorreu na avaliação da instituição de formação, profissionais formados em universidades públicas obtiveram média (6,15) superior à média dos formados em universidades particulares (4,97). Com relação à área de atuação, os que atuam na clínica de pequenos animais obtiveram média (5,91) superior aos que atuam com grandes animais (5,04). Os profissionais que obtiveram as maiores médias (7,0 e 6,90) atuam na área de medicina alternativa com pequenos animais, enquanto que as menores médias (4,10) foram obtidas por profissionais que atuam na clínica e reprodução de grandes animais. Esses resultados fazem parte de um estudo realizado pelas pesquisadoras visando avaliar o perfil empático de estudantes e profissionais do curso de Medicina Veterinária, para contribuir com possíveis melhorias na educação, podendo formar, assim, profissionais mais empáticos e melhorar a relação profissional-tutor.

Palavras-chave: Empatia, escala Jefferson, medicina veterinária.

O TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES NO BRASIL: UMA SOCIEDADE SILENCIADA

OLIVEIRA, A. S.[1]; SOUZA, M.O.L.[1]; SANTOS, T. J. N.[1]; OLIVEIRA, L. L.[1]; SANTOS, J. M. D.[1]; ALMEIDA, J. C.[2] 1. Graduandas de Medicina Veterinária pela UFAL (alineesoliveira07@gmail.com) 2. Professor Adjunto da UFAL.

O tráfico de animais silvestres é uma das principais causas de extinção da fauna. Por ano, cerca de 38 milhões de animais são retirados do Brasil e a cada dez animais traficados, apenas um sobrevive às condições de transporte e manejo. O objetivo dessa pesquisa foi investigar a opinião pública em relação à caça e tráfico de animais silvestres. Para isso foi elaborado um questionário no Google Formulários e enviado para listas de e-mails e redes sociais de estudantes e profissionais da área de silvestres, de diversas regiões do Brasil. O questionário solicitava a opinião das pessoas entrevistadas acerca da prática de caça, esporte e tráfico envolvendo animais silvestres no país. No total, 122 questionários foram respondidos de forma completa e os dados foram tabulados e analisados. A interação do público feminino - 81,1% (99/122) - teve maior cooperação em relação ao público masculino - 18,9% (23/122); 50% (61/122) do público possuía a faixa etária entre 16-22 anos. Dentre as respostas, 97,5% (119/122) dos entrevistados são contra a caça de animais silvestres para esporte e 78,7% (96/122) para a alimentação, porém, 19,7% (24/122) responderam que já se alimentaram em algum momento de carne de animal silvestre. Apesar da maioria ser contra a venda de animais silvestres, 17,2% (21/122) possuem estes animais em casa e 65,6% (80/122) conhece alguém que os possui. A maioria dos entrevistados - 63,6% (77/122) - relataram que já se depararam com animais silvestres na rua em que residem, e 52,5% (64/122) se posicionaram a favor de manter animais silvestres em Zoológicos. Em tempos de distanciamento social, o questionário online se mostrou uma ferramenta digital importante para identificar a opinião pública em relação às temáticas de conservação e preservação das espécies silvestres e assim orientar políticas públicas nessa área.

Palavras chaves: Tráfico, caça ilegal, conservação.

O USO DA MILTEFOSINA 2% EM CÃES INFECTADOS NATURALMENTE POR *Leishmania infantum* NAS FASES CLÍNICAS PRÉ-ESTABELECIDA PELO Canine Leishmaniasis Work Group.

OLIVEIRA, G.A.[1], COSTA, E.W.S.[2], SARMENTO, V.A.S.[2], FEITOSA, A.P.S.[3], SANTOS, F.A.B.[4], ALVES, L.C.[4] [1] Doutoranda do Instituto Aggeu Magalhães-FIOCRUZ-PE [2] Discente do Centro Universitário Cesmac (erickawcosta@gmail.com) 3 Pós doutoranda do Lika [4] Pesquisador do Instituto Aggeu Magalhães FIOCRUZ-PE

A leishmaniose visceral canina (LVC) é considerada uma doença tropical de caráter zoonótico potencialmente fatal, causada pelo protozoário *Leishmania infatum*. Visando melhorar a qualidade de vida dos foi autorizado o tratamento com a miltefosina, sendo esse o único medicamento oral liberado para o tratamento de LVC no Brasil. No presente estudo objetivou-se verificar o impacto da miltefosina 2% nas diferentes fases clínicas da LVC estabelecidas pelo Canine Leishmania Work Group. Foi desenvolvido um estudo experimental de ensaio clínico não randomizado. Foram diagnosticados 15 cães positivos pelo DPP, ELISA e/ou qPCR e separados em 3 grupos de 5 animais, sendo eles: exposto (GE), infectado (GI) e doente (GD). Submetidos a miltefosina 2% por 28 dias uma vez ao dia na dose de 1mL/10kg. A observação foi feita com intervalos de 10 dias. Ao exame clínico o GE foi todo oligossintomático do início ao final do tratamento sendo alopecia e hipotricose os sinais mais frequentes. Nos animais do GI e GD observou-se que todos começaram polissintomáticos com 20 dias tiveram uma piora nos sinais clínicos e terminaram com o status de oligossintomático, com ausência de sinais clínicos como a úlcera de pele. Mediante a análise clínica feita nos diferentes grupos, pode-se sugerir que a miltefosina 2% reduz os sinais clínicos dos animais submetidos ao tratamento.

Palavras-Chave: *Leishmania infantum*, leishmaniose visceral canina, mitelfosina 2%.

USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM ANIMAIS

MAIA, C.F.[1]; NASCIMENTO, G.M.[1]; MILAGRES, B.S.[2]; JUNIOR-CRUZ, C.A.[2] 1. Aluna de Medicina Veterinária do UniCEUB (freitasmaia.camila@gmail.com); 2. Docente do UniCEUB.

Com o objetivo de verificar o uso de plantas medicinais nos animais, em grupos especializados na temática presentes no Facebook, WhatsApp e aplicativo DogHero, foi realizado um estudo transversal observacional descritivo entre os dias 17 e 23 de agosto de 2018 com o uso do Google Forms. Foram respondidos 124 questionários dos quais 53,22% fizeram o uso de plantas medicinais como tratamento para animais. Todos os entrevistados que utilizaram as plantas receberam indicações, sendo 54,5% de famílias e amigos, 31,5% de médico veterinário, 9% por grupos em redes sociais e 5 % buscaram por artigos. O maior número de respostas para o uso de plantas medicinais em animais foi do Distrito Federal com 56,92% (região Centro-Oeste), seguindo de Pernambuco com 10,60% (região Nordeste) e Rio Grande do Sul com 7,5% (região Sul). Foram citadas utilizações em cães (37%), roedores (20%), felinos (14%), répteis (10%), aves (9%), bovinos (4%), equinos (4%) e peixes (1%). A camomila (*Chamomilla recutita*) foi a planta com maior relato de uso (19,60%), seguida por 14,28% do chá-verde (*Camellia sinensis*), 10,78% da babosa (*Aloe vera*), 9,80% do capim-santo (*Cymbopogon citratus*) e 9,80% da erva-de-gato (*Nepeta catari*). O maior uso de plantas medicinais foi para o tratamento da ansiedade (23,2%) seguido do tratamento de problemas no fígado e estômago e 10,4% para inchaço e 6,4% para obesidade. O cultivo próprio foi a principal forma de aquisição (36%), seguida das farmácias de manipulação (28,78%), feiras (18%) e lojas (8%). Conclui-se que o uso de plantas medicinais ocorre em diversas espécies de animais e nas mais distintas regiões do pais, demonstrando a importância de se aprofundar os estudos e difusão da etnoveterinária.

Palavras-chaves: fitoterápico, camomila, chá-verde.

OCORRÊNCIA DA SINDROME DA DISFUNÇÃO COGNITIVA EM CÃES

Alves, M. F.[1]; Oliveira, F. M.[2]; Nascimento, T. N. S.[2] ; 1. Medica Veterinária 2. Acadêmica da Faculdade Pio Décimo.

A Síndrome da Disfunção Cognitiva é representada por um grupo de sintomas relacionado ao envelhecimento do cérebro canino. Estas mudanças levam à um declínio da função cognitiva, como a memória, consciência, percepção e aprendizagem. Clinicamente, esta síndrome pode levar a muitas alterações comportamentais. O diagnóstico da SDC somente pode ser fechado após a exclusão de outras causas médicas e/ou comportamentais que o animal esteja apresentando. Este trabalho objetiva levantar dados acerca da Síndrome da Disfunção Cognitiva na cidade de Aracaju para isso foi realizada uma pesquisa a partir de questionário estruturado adaptado, com 84 tutores de cães, com idade a partir de 6 anos, provenientes da rotina clínica do Hospital Veterinário Dr. Vicente Borelli. No questionário perguntou-se sobre a rotina do animal, incluindo alimentação, realização de atividade física e presença de possíveis alterações de comportamento. Todos os dados foram tratados com a ferramenta Google Forms, gerando gráficos para cada pergunta. Foi possível constatar que a população de cães da cidade está mais longeva, logo, deve-se levar em consideração as patologias que se associam à idade avançada, inclusive a Síndrome da Disfunção Cognitiva que, apesar de muito presente, ainda é subdiagnosticada.

Palavras chave: Cérebro, Cognição, Comportamento, Envelhecimento.

OCORRÊNCIA DA SINDROME DA DISFUNÇÃO COGNITIVA EM GATOS

Santana A.M.[1]; Costa, M. M.[2]; Silva, E.R.S[2]; Souza, M.A.R.[3]. 1. Médica Veterinária autônoma 2. Acadêmica da faculdade Pio Décimo 3. Professora da Faculdade Pio Décimo. (andrea.manheze@hotmail.com)

A expectativa de vida dos gatos cresce a cada dia e com isso o número de animais idosos aumenta significativamente, trazendo cada vez mais desafios para a Medicina Veterinária. Muitas vezes esse crescimento da população geriátrica felina vem acompanhado do aparecimento de gatos com sinais de aparente senilidade. Quando se pensa em geriatria, logo se associa às alterações físicas que podem ser provenientes da redução das funções fisiológicas e comprometimento do sistema imune. No entanto esses animais podem apresentar mudanças comportamentais que são paralelas às mudanças físicas. Alguns animais apresentam discreta ou nenhuma mudança comportamental com a senilidade, enquanto outros desenvolvem um envelhecimento cerebral patológico, caracterizando a síndrome da disfunção cognitiva (SDC) que é uma desordem neurodegenerativa que cursa com alterações cerebrais que não podem ser atribuídas as condições médicas ou disfunções sensoriais e/ou motoras relacionadas ao envelhecimento. Ocorre redução cognitiva gradual, com déficits sensoriais, de aprendizagem, memória, percepção, padrão de sono, interações sociais e nível de atividade. A atual metodologia de diagnóstico é através de um questionário, nesse sentido, este estudo teve por objetivo avaliar a funcionalidade da ferramenta de diagnóstico e a ocorrência da afecção na cidade de Aracaju/SE, sendo assim, 50 tutores de gatos com mais de sete anos responderam um questionário estruturado adaptado e foi possível perceber que este de maneira isolada não permite a conclusão do diagnóstico.

Palavras-chaves: Distúrbios Mentais. Geriatria. Medicina Veterinária

OCORRÊNCIA DE *HEPATOZOON SP*. NA ROTINA DO LABORATÓRIO DE PATOLOGIA CLÍNICA

Rodrigues, A.K.S.[1]; Rocha, D.O.N.[1]; Silva, L.M.[2]; Marques, A.S.[2]; Cânejo, F.G.C.[2]
1.Médica veterinária autônoma (armelerodrigues@hotmail.com) 2. Graduando(a) do curso de medicina veterinária – UNIBRA.

O *Hepatozoon sp* é um protozoário que pode ser transmitido por artrópodes e acomete principalmente caninos domésticos e silvestres e a sua transmissão se dá pela ingestão de carrapatos contendo oocistos esporulados. O diagnóstico baseia-se na identificação do parasita intracitoplasmático em neutrófilos e monócitos durante a realização do hemograma. Objetivou-se relatar a ocorrência de *Hepatozoon sp* na rotina do laboratório de patologia clínica no período de um ano. Durante a realização de hemogramas de rotina e avaliação por microscopia óptica do esfregaço sanguíneo foi possível observar gametócitos de *Hepatozoon sp* intracelular à neutrófilo em amostras de 41 caninos em um total de 4.967 exames realizados no período de janeiro a dezembro de 2020 (0,82%). Os resultados positivos foram em caninos de ambos os sexos e de diferentes locais de moradia (domiciliados ou semi-domiciliados). Na avaliação da frequência quanto a idade os casos foram distribuídos em três faixas etárias, até 12 meses (11/41), de 1 a 8 anos (24/41) e acima de 8 anos (6/41). Dentre os hemogramas realizados pelo laboratório pode ocorrer eventual achado de hemoparasitas, ou seja, em animais onde não há sintomatologia. Grande parte dos casos positivos foram achados ocasionalmente, como ocorrido no grupo de animais até 12 meses, em sua maioria filhotes de primeira consulta ou vacina. No presente trabalho, com a observação de tantos casos de caninos infectados por *Hepatozoon sp* diagnosticados por meio de esfregaço sanguíneo, fica clara a importância dos exames de rotina, tanto em adultos quanto em filhotes, uma vez que os cães portadores de *Hepatozoon sp* podem ser assintomáticos, tornando importante a presença do Médico veterinário juntamente com os tutores para a conscientização de melhores métodos de prevenção e controle do vetor desse protozoário.

Palavras chaves: hemoparasitose, análise hematológica, rotina clínica.

OS BENEFÍCIOS DA CINOTERAPIA PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

VILA-NOVA, N.S.[1]; MELO, S.K.A.[2]; FERREIRA, J.F.N.[2]; SOUZA, F.H.N[1]; FARIAS D.N.[1]; OLIVEIRA, L.R.C[3] 1. Docentes da Faculdade Nova Esperança – Facene PB (nadja.vilanova@hotmail.com) 2. Discentes de Medicina Veterinária da Faculdade Nova Esperança – Facene PB 3. Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) consiste em um transtorno neuropsiquiátrico de caráter genético ou pela influência de fatores ambientais e se destaca pelo comprometimento da qualidade no desenvolvimento sociocomunicativo, além da presença de comportamentos estereotipados e um conjunto limitado de interesses e atividades. Diante disso, foram desenvolvidas intervenções que contribuem para o progresso efetivo das crianças autistas como a cinoterapia que transforma o cão em artifício de cumplicidade, catalisando emoções e afetividade, tornando-se um instrumento de socialização e de aprendizagem, além de melhorar o campo afetivo, social e familiar da criança. Foram realizadas terapias pelos participantes de um projeto de extensão da instituição de ensino Faculdade Nova Esperança, localizada no município de João Pessoa – PB, onde foram divididas em sessões que as crianças realizavam atividades em conjunto com os cães do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba, como tocar no pelo, jogar a bola, correr, dar petiscos e até mesmo circuitos. Além disso, buscou-se desenvolver os aspectos sensoriais utilizando o Método Montessori, onde foram confeccionados livros sensoriais, quebra-cabeça, jogo da memória, tapetes sensoriais e massagens. Foi relatado pelas genitoras das crianças, que antes de chegarem nas sessões, eles se apresentavam com os sinais clínicos do autismo acentuados, como ansiedade, estresse e ociosidade, além de dificuldade em relação ao toque, a sensibilidade auditiva a interação e a fala. As terapias desenvolveram aspectos antes não diagnosticados pelas mães como uma melhora no humor, na interação social, na aceitação do contato, além de desenvolver uma melhor dicção e redução do estresse e da ansiedade.

Palavras chaves: Cinoterapia, Criança, Autismo, TEA.

OS IMPACTOS NA APLICAÇÃO DE TÉCNICAS DE COACHING EM GRADUANDOS DE MEDICINA VETERINÁRIA

DINIZ, A.N[1].; MOURA, F.M.B.[2]; ALMEIDA, F.L.A.[2]; ALVES, J.L.[2];FRASSY, L.N.[3] 1.Médica Veterinária. Professora Adjunta da UFAL (anaemilia.diniz@vicosa.ufal.br). 2. Acadêmica de Medicina Veterinária da UFAL 3. Médica Veterinária. UFAL.

O *coaching* é um processo de desenvolvimento de competências. Por se tratar de uma metodologia recente no Brasil e sendo a Universidade Federal de Alagoas a primeira instituição pública de ensino superior a possuir uma disciplina que utiliza técnicas de *coaching* como parte do processo de formação de Médicos Veterinários, o presente estudo teve como objetivo avaliar o impacto da aplicação das ferramentas de *coaching* nesses estudantes. Em 2017 foi implementada no curso de Medicina Veterinária da UFAL uma disciplina eletiva para a graduação que utiliza o *coaching* como metodologia intitulada "Tópicos Integradores em Medicina Veterinária". Para este estudo foi elaborado um questionário com 17 perguntas e obtiveram-se 28 respostas dos alunos que fizeram a disciplina da graduação. Quando questionados se a disciplina os ajudou de alguma maneira, 93% afirmaram ter tido mudanças positivas pessoais e profissionais devido a disciplina, 86% sentiram mudanças em relação a planejamento e organização pessoal, 64% melhoraram seu desempenho acadêmico e 61% desenvolveram melhores relacionamentos com colegas e professores. A respeito dos maiores ganhos com essa disciplina 32% acreditam ter tido ganhos em todos os aspectos: clareza, produtividade, relacionamentos e notas. Todas as áreas do *coaching* abordadas na disciplina atingiram positivamente parte dos alunos sendo o objetivo da disciplina satisfatoriamente alcançado. Conclui-se que houve impacto positivo na carreira em mais de 97% dos alunos que cursaram a disciplina. As técnicas de coaching tem contribuído de forma efetiva para uma melhor formação profissional abordando temas não específicos da grade curricular do curso de Medicina Veterinária e de fundamental importância para a preparação dos profissionais, inserção no mercado de trabalho e desenvolvimento de carreira.

Palavras-chave: *coach*, desenvolvimento pessoal, medicina veterinária.

OS RISCOS DO USO DE FIXADORES ESQUELÉTICOS EXTERNOS EM CÃES DE PEQUENO PORTE

Gois, L.F.W.[1]; Sousa, P.M.V.[1]; Santos, L.M.N.[1]; Vieira, F. G. R.[1]; Ferreira, A. C. S. M.[1]; Duarte, M.M.[2] 1. Acadêmico de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Piauí (UFPI) (luiz.wolpert@hotmail.com) 2. Médico veterinário autônomo, Teresina, Piauí.

Fratura é a perda da continuidade da estrutura óssea ou da cartilagem, podendo ser de forma completa ou incompleta. A consolidação se dá através do estímulo do paciente, estabilidade mecânica e suprimento vascular adequado. No dia 20 de fevereiro de 2018, um canino adulto, Yorkshire, foi atendido em uma clínica veterinária na cidade de Teresina, Piauí. Durante a anamnese, o paciente apresentava claudicação e dor à palpação da pata direita, e o tutor relatou que o animal já tinha sido submetido a uma cirurgia com a utilização de um fixador externo bilateral, porém houve recidiva, e chegou à clínica com indicação de amputação. Através da radiografia, constatou-se uma fratura completa de rádio e ulna direita com desvio lateral de segmento ósseo, reabsorção óssea e foi observada a presença de áreas lise óssea. Após uma nova avaliação ortopédica, o animal foi submetido novamente à cirurgia, utilizando a técnica de fixação osteossíntese com placa e parafusos de aço, também foi utilizado o enxerto ósseo, conseguindo reestabelecer a integridade óssea do paciente dentro de três meses e a movimentação do membro após 48 horas da cirurgia. A administração de decanoato de nandrolona se fez necessário para estimular a produção de osteoblastos. O uso de fixadores externos em cães de pequeno porte deve ser evitado, devido à pouca quantidade de massa muscular e vascularização nessa região do animal, podendo assim, ocorrer necrose óssea térmica em razão do aquecimento do pino quando ele é inserido dentro do osso, o que ocorreu com o paciente na primeira cirurgia. Caso seja necessária a utilização de fixadores externos, deve-se atentar à aplicação correta e eficaz, pois a rotação do pino exercida no osso deve ser controlada, evitando assim a ocorrência de necrose que predispõe à fragilidade do osso do paciente.

Palavras chaves: Fratura, fixador, necrose.

OSTEOMA CUTÂNEO SECUNDÁRIO À SÍNDROME DE CUSHING

Barbosa, L.R.A[1]; Lima, L.M.B[1]; França, R.K.N[2]; Anderlini, G.P.O.S[3]; Carvalho, K.S[3]; Omena, P.N.M[4]. 1. Discente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL (leticiabbarbbosa@hotmail.com) 2. Especialista em Dermatologia 3. Docente do Centro Universitário Cesmac – Maceió/AL 4. Médica Veterinária

A Síndrome de Cushing, também denominada de Hiperadrenocorticismo (HAC), consiste em uma das endocrinopatias mais diagnosticadas em cães e está associada à produção ou administração excessiva de glicocorticoides. Esta doença possui diversas alterações, dentre elas o osteoma cutâneo, uma condição benigna rara cuja ação dos glicocorticoides sobre as proteínas transforma os íons de cálcio e fósforo em tecido ósseo, depositando-se na derme ou na hipoderme. Uma canina, com cinco anos de idade, da raça Pinscher foi atendida em uma clínica particular onde a queixa principal da tutora foi o surgimento de uma estrutura cutânea de consistência firme localizada no cotovelo esquerdo, que causava dor e desconforto à paciente. Ao exame pré-cirúrgico percebeu-se abdômen pendular e distendido, alopecia bilateral simétrica, pelo opaco e seco, além da diminuição da espessura da pele, sinais compatíveis com a Síndrome de Cushing a qual já havia sido diagnosticada previamente. A paciente foi submetida aos exames pré-operatórios, os quais revelaram discreta leucocitose neutrofílica, trombocitose, hipercolesterolemia e elevação da fosfatase alcalina cuja relação é, neste caso, à neoformação óssea. Os demais exames hematológicos e de urina não apresentaram alterações. No exame radiográfico da região acometida, observou-se aumento de volume dos tecidos moles, áreas de mineralização periférica e focos radiotransparentes entremeados. A paciente foi submetida à cirurgia para exérese da estrutura cutânea e o material foi encaminhado ao laboratório de Histopatologia do Centro Universitário Cesmac imerso em formol a 10%. A análise revelou ossificação apresentada como espículas irregulares de osso lamelar, com lacunas de osteócito e seu diagnóstico foi osteoma cutâneo. Ressalta-se a importância da biópsia excisional e análise histopatológica para um diagnóstico preciso trazendo o bem-estar através do bom prognóstico.

Palavras-chave: osteócito, Hiperadrenocorticismo, endocrinopatia.

OSTEOPATIA HIPERTRÓFICA EM CANINO DA RAÇA SHI-TZU: RELATO DE CASO

Santos, C.L.M.[1]; Rocha, L.T.[2]; Brandão, T.S.[2]; Mendonça, L.B.R.[3] 1. Discente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac (camilalmds@icloud.com) 2. Médica Veterinária autônoma atuante na cidade de Maceió-AL 3. Docente da matéria de Imaginologia Veterinária do Centro Universitário Cesmac

A osteopatia hipertrófica (OH) é uma doença incomum, caracterizada como uma síndrome clinicopatológica associada a neoformação periosteal ao longo da diáfise de ossos longos. Essa enfermidade ocorre de forma secundária a uma variedade de doenças, com destaque para doenças crônicas pulmonares. Foi encaminhado ao centro de diagnóstico Centrovet, um paciente canino da raça Shi-tzu, fêmea, de 4 anos de idade, apresentando histórico de claudicação do membro posterior esquerdo. Na avaliação radiográfica dos membros posteriores, foi observada uma reação óssea proliferativa e regular ao longo do periósteo do fêmur, tíbia e fíbula, resultando em espessamento das corticais ósseas de forma simétrica e bilateral. Notou-se alterações no trabeculado ósseo do osso calcâneo e metatarsos bilaterais, com menor acometimento társico. Foi observado um aumento de volume de radidodensidade de tecidos moles ao longo dos membros em estudo. Devido aos achados suspeitos de OH, o animal foi encaminhado para avaliação radiográfica de tórax, onde foi visto a presença de estruturas nodulares dispersas pelo parênquima pulmonar, homogêneas e algumas com aspecto mineralizado em permeio, sendo esses achados relacionados a processos neoplásicos. O diagnóstico de dirofilariose, utilizando o Snap 4 DX foi negativo. Dessa forma, as alterações previamente descritas na literatura corroboram com as alterações vistas nos exames radiográficos que foram realizados no paciente relatado, confirmando o diagnóstico de osteopatia hipertrófica.

Palavras chaves: Osteopatia, diagnóstico radiográfico, cão, patologia óssea.

OSTEOPATIA HIPERTRÓFICA EM CÃO: RELATO DE CASO

Rodrigues, R.P.S.[1]; Carlos, L.F.F.[1]; Carvalho, P.V.S.[1]; Oliveira, F.H.[1]; Leitão, K.R.S.[1]; Alves, F.R.[1]. Núcleo de Diagnóstico por Imagem Veterinário Especializado – NUDIVE, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina (larafontesfc97@gmail.com).

Osteopatia hipertrófica é uma doença osseoprodutiva generalizada do periósteo que afeta os ossos tubulares longos e curtos das extremidades. É geralmente causada por doença cardiopulmonar ou uma massa torácica ou abdominal. A patogênese ainda não é completamente entendida. A formação de novo osso tipicamente se inicia na extremidade distal dos os ossos e progride proximalmente. Foi atendido em uma clínica particular no município de Imperatriz-MA, uma cadela, Poodle, 11 anos, 13kg. O animal deu entrada devido a um agravamento de um quadro de edema de membros posteriores e anteriores. O tutor relata que o animal apresentava aumento de volume nas patas dianteiras e traseiras a aproximadamente um ano, mas que caminhava normalmente. Um mês antes da consulta, começou a claudicar, com piora progressiva, apresentando febre e cansaço ao exercício. Ao exame clínico, percebeu-se dispneia, abafamento de bulhas cardíacas e edema em membros. Solicitou-se exame radiográfico e ecocardiográfico (ECO). A radiografia torácica demonstrou massa em topografia de lobo pulmonar médio direito deslocando a silhueta cardíaca para a esquerda, de dimensões similares à da silhueta cardíaca. A radiografia de membros revelou reação periosteal de aspecto irregular em paliçada associadas aos ossos do tarso, tíbia, fíbula, fêmur e úmeros, sem comprometimento de superfícies articulares. O ECO demonstrou função cardíaca preservada. As alterações foram compatíveis com osteopatia hipetrófica. O animal foi encaminhado para a cirurgia para retirada da massa torácica, no entanto, não resistiu, vindo a óbito durante o procedimento. Um exame clínico completo e sistemático, associado aos exames de imagem foram fundamentais para o diagnóstico da doença e avaliação das repercussões hemodinâmicas, possibilitando o direcionamento do tratamento.

Palavras-chave: Imaginologia, oncologia, ortopedia

OSTEOSSÍNTESE DE FRATURA EM T-Y DE ÚMERO EM CÃO

Macikio, M.M.[1]; Freitas, V.M.L.[2]; Lima, D.A.[2]; Henrique, F.V.[2]; Jesus, C.[2]; Sá, M.J.C.[3]
1. Graduanda na Universidade Federal de Campina Grande (macikiomariana@hotmail.com) 2. Residente no Hospital Veterinário Prof. Dr. Ivon Macêdo Tabosa (HV-UFCG) 3. Professor na Universidade Federal de Campina Grande

As fraturas intracondilares representam cerca de 30% das fraturas distais de úmero. Um cão de três anos e meio, macho, SRD, deu entrada no Hospital Veterinário Prof. Dr. Ivon Macêdo Tabosa (HV-UFCG), sem apoiar o membro torácico direito. Ao exame físico notou-se dor intensa ao manuseio do membro, impossibilitando a rotação, flexão ou extensão do mesmo. Pela palpação notou-se crepitação. Na radiografia do membro foi confirmada a fratura fechada em T-Y distal de úmero. No hemograma não foram relatadas alterações, bem como nos parâmetros fisiológicos. O procedimento cirúrgico consistiu primeiramente em uma abordagem medial para inserção de um parafuso lag de 2.7mm x 32mm interfragmentário na diáfise do úmero. Então a estabilização da fratura intercondilar foi realizada com um parafuso lag de 3,5mm x 40mm em função compressiva. Logo após foi fixada uma placa LCP de 2.7mm com 9 furos, em função neutra. Foi feito então acesso lateral para colocação da placa de reconstrução de quatro furos para redução do fragmento distal e diáfise umeral. Foi realizada miorrafia com fio Vicryl 3-0 padrão Sultan ("X"), redução do espaço morto subcutâneo com fio Vicryl 2-0 em padrão vai-e-vem e dermorrafia com fio nylon 2-0 em padrão simples interrompido. O pós-operatório foi realizado com uso oral de amoxicilina + clavulanato de potássio (20mg/kg, BID) durante 15 dias, carprofeno (4,4mg/kg, SID) durante 8 dias. Também foi prescrito o uso tópico hirudoide, BID por 7 dias e alantol, BID, durante 10 dias. No primeiro retorno, com 14 dias, foi realizada avaliação e retirada dos pontos, observando-se apoio do membro para deambulação. No segundo retorno, com 28 dias, o animal já estava andando sem alteração.

Palavras chaves: Úmero, fratura T-Y, canino.

OTITE BACTERIANA POR *KLEBSIELLA SP*. EM CANINO: RELATO DE CASO

BENICIO, L.D.M.[1]; Oliveira, F.E.S.[1]; DIAS, G.N.[1]; FEIJÓ, F.M.C.[2]; ALVES, N.D.[2]; SANTOS, C.S.[3] 1. Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido. (denner2016mb@gmail.com). 2. Professor(a) Doutor na Universidade Federal Rural do Semi-Árido 3. Servidor público da Universidade Federal Rural do Semi-Árido

A otite externa é a inflamação dos componentes do meato acústico externo. Muitos casos não respondem ao tratamento instituído, logo, há a necessidade da identificação do agente etiológico. Um canino, macho, SRD, 4 meses, 4,5kg, deu entrada no Hospital Veterinário da UFERSA com descamação, secreção auricular bilateral e ato de coçar orelha. A secreção foi coletada e enviada para o laboratório de microbiologia veterinária onde foram realizados citologia, cultivo e provas bioquímicas. As colônias foram submetidas à coloração de Gram para visualizar a morfologia bacteriana, e as provas bioquímicas com o objetivo de determinar o gênero bacteriano. Foram utilizadas para este fim as provas bioquímicas OF, indol, motilidade, urease, citrato H_2S, gás, fenilalanina, lisina, lactose. A bactéria foi submetida ao teste de antibiograma através de um inóculo semeado em Ágar Müeller-Hinton, em seguida discos contendo antimicrobianos são posicionados sobre as placas, armazenadas em estufa bacteriológica a 37°C por 24 horas. As bactérias foram identificadas como bacilos Gram-negativos; a colônia possuía aspecto mucoide, brilhante, convexa. O resultado da citologia, colônia e provas bioquímicas indicaram bactéria do gênero *Klebsiella* sp. A cepa de *Klebsiella* sp. foi sensível a ciprofloxacina, aztreonam e tetraciclina. O tratamento instituído foi 5 gotas de solução otológica a base de ciprofloxacina 3mg/ml, a cada 12 horas durante 21 dias. O animal trazido ao hospital 7 dias após a consulta, foi submetido a uma nova coleta onde a cultura foi negativa, constatando a eliminação das cepas de *Klebsiella sp.*, após o início do tratamento. Em virtude do exposto, o diagnóstico microbiológico foi essencial para identificação bacteriana e determinação de um antimicrobiano eficaz, garantindo o sucesso da terapia.

Palavras-chaves: Canino, Otite, *Klebsiella* sp.

OTITES CAUSADAS POR *Malassezia pachydermatis,* E O EFEITO DO USO TÓPICO DE ÓLEO DE GIRASSOL OZONIZADO NO TRATAMENTO – RELATO DE CASO

Caspary, A.C.S.L[1]; Belido, N.M.[1]; Rocha, A.A.[2] 1. Discente medicina veterinária UNESA (Campos dos Goytacazes – RJ) – acarolsiqlopes@gmail.com 2. Docente medicina veterinária UNESA (Campos dos Goytacazes – RJ)

A *Malassezia pachydermatis* é um tipo de fungo, do gênero levedura, fazendo parte da microbiota da pele. Quando ocorrem alterações no microambiente local como aumento da temperatura, do substrato e da umidade, eleva-se o número de células ocorrendo a transição da forma comensal ao parasitismo. A ozonioterapia é uma forma de medicina alternativa que tem obtido bastante sucesso na medicina humana e ganhando espaço na medicina veterinária, principalmente pelo seu baixo custo e eficácia. Este estudo relata o caso de um paciente de raça bulldog inglês, 8 meses de idade apresentando intenso prurido, hiperemia, edema de pavilhão auricular, com diagnóstico de otite externa por *M. pachydermatis*. Adotou-se terapia tópica com óleo ozonizado a cada 12horas. Foi realizada a limpeza do conduto auditivo da paciente, com gaze umedecida em solução fisiológica previamente ozonizada. Após a limpeza, foram instiladas 10 gotas de óleo de amêndoas ozonizado, seguido de massagem da região auricular. A terapia foi repetida a cada 12 horas durante 10 dias. Após 3 dias de tratamento, a paciente não apresentava prurido, nem edema e hiperemia da região auricular. Os exames citológicos foram repetidos ao término do tratamento, indicando negatividade para observação de microrganismos. O acompanhamento foi feito ao longo de 30 dias, não apresentando recidivas. O tratamento alternativo foi eficaz com o intuito de averiguar se a introdução da ozonioterapia como um método terapêutico contribui para um melhor resultado sem o uso de antibióticos.

Palavras chave: Ozonioterapia, malasseziose canina, otite, óleo ozonizado.

OTOHEMATOMA UNILATERAL EM FELINA DOMÉSTICA, UMA ABORDAGEM DIFERENTE.

Borges, R.S.M.[1]; Lima, D.W.F.[2]; Vieira, A.K.R.[2]; Alves, L.S.[2]; Veloso, L.S.[1]; Calado, E.B.[3]. 1.Graduando em Medicina Veterinária na UFERSA (ryshelysonaly09@gmail.com). 2. Residente no Hospital Veterinário da UFERSA. 3. Docente de Clínica Cirúrgica de Animais de Companhia da UFERSA.

O otohematoma é afecção auricular muito comum na clínica de cães, sendo relativamente rara em gatos. Caracterizado por acúmulo de fluido serosanguinolento oriundo da ruptura de arteríolas auriculares, localizadas na intracartilagem. Descreve-se resolução cirúrgica de otohematoma unilateral em gato doméstico através do uso de suturas captonadas. Foi atendido no HOVET da UFERSA, uma felina doméstica, 12 anos, com peso corpóreo de 4,1 kg. Na anamnese, o tutor relatou prurido auricular intenso, havia três semanas. No exame físico, observou-se acúmulo de fluido com aspecto flutuante (hematoma auricular) e cerúmen enegrecido em ouvido acometido. A citologia auricular, constatou moderada quantidade de fungos do gênero *Malassezia sp*. Foi instituído tratamento clínico para otite, e encaminhada à cirurgia para resolução do hematoma auricular. Após preparo do campo cirúrgico e drenagem do fluido acumulado, com *punch* de 3mm, foram realizados fenestros dérmicos em locais pré-estabelecidos na área côncava, para drenagem. Foram retirados fibrinas e coágulos da cavidade neoformada. Foi fixado capton confeccionado a partir de segmento de escalpe, fixadas suturas com fio de náilon monofilamentar 2-0, em padrão Wolf. A paciente retornou após 15 dias para reavaliação e remoção das suturas. Embora a utilização de múltiplas incisões seja uma forma usual de promover a drenagem de otohematomas, a técnica com fenestros e utilização de capton permitiu redução do espaço morto anatômico, drenagem dinâmica, ao tempo que permitiu aderência entre a pele e cartilagem auriculares em sua cicatrização por segunda intenção. A presente técnica mostrou-se muito eficiente, de fácil execução e promoveu adequada recuperação sem intercorrências.

Palavras chaves: sutura captonada, auriculodrenagem, fenestração.

OZONIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE ÚLCERA DE CÓRNEA FELINA

Belido, N.M.[1], Caspary, A.C.S.L.[1], Rocha, A.A.[2]. 1. Discente medicina veterinária UNESA (Campos dos Goytacazes – RJ) – natalia_belido@hotmail.com 2. Docente medicina veterinária UNESA (Campos dos Goytacazes – RJ)

A úlcera de córnea é uma das patologias mais recorrentes na clínica oftálmica de pequenos animais, possuindo diferentes etiologias, e por vezes ocasionada em decorrência de predisposições raciais. A ozonioterapia tem apresentado crescente interesse na área veterinária, e dentre diversas formas da utilização desse gás, a ozonização de óleos apresentam importante função antimicrobiana e potencial ação regeneradora em diversos tecidos. Este estudo relata o caso de um paciente felino macho, raça persa, 4 anos, histórico de opacidade no olho esquerdo, lacrimejamento com secreção purulenta, e sem histórico de traumas. Após avaliação clínica, foi realizado teste com colírio de fluoresceína, indicando lesão extensa com impregnação do colírio. Optou-se por terapia alternativa com ozônio, uma vez que o quadro era reincidivante. Iniciou-se a adequação de óleo de girassol ozonizado, diluído em solução fisiológica (proporção 1:9), instilando-se 1 gota QUID. Após 7 dias de tratamento, optou-se pela terapia sem diluição do óleo em solução fisiológica, sendo mantida mesma posologia porém com óleo ozonizado *in natura*. A ozonização de determinados óleos pode causar ardência e irritação em mucosas e áreas mais sensíveis, principalmente a oftálmica, neste caso a adaptação do paciente foi realizada sem indicação de desconforto oftálmico, bem como total tolerância do mesmo á terapia. A avaliação foi feita a cada 7 dias, verificando-se indícios de neovascularização da córnea e cicatrização na primeira semana após uso do protocolo sem diluição. Após 3 semana de tratamento o animal não apresentava mais indícios de lesão, com teste de fluoresceína negativo. Sugere-se que a ozonioterapia tópica sirva como terapia alternativa e resultados satisfatórios em casos semelhantes, reduzindo o uso de antibióticos, bem como conferindo conforto e agilidade ao tratamento do paciente.

Palavras chave: Ozonioterapia, úlcera de córnea, felino.

PARACOCCIDIOIDOMICOSE EM CÃO – RELATO DE CASO

RAFFAELLI JR, C.H.[1]; CAPPONERO, D.[2]; BITTENCOURT, B.M.[3]; VENÂNCIO, P.H.J.[3] 1. Médico Veterinário autônomo - Clínica Veterinária Torres (celsoraffaelli@hotmail.com) 2. Médica Veterinária autônoma – Xvet Diagnóstico 3. Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária UTP

A paracoccidioidomicose é uma infecção fúngica sistêmica, endêmica, causada pelo fungo dimórfico *paracoccidioides brasiliensis*. Entre os sintomas estão inapetência, fraqueza, emagrecimento, palidez, febre, dispnéia, tosse e lesões na pele ou mucosas. O diagnóstico na medicina veterinária de pequenos animais é um desafio devido aos poucos relatos em literatura da doença nestes pacientes e consequentemente o pouco conhecimento da patologia pelos clínicos. Em 24 de novembro de 2018 foi atendido na Clínica Veterinária Torres – Curitiba – PR - um cão macho, SRD, com cinco anos de idade e 15 kg de peso, apresentando histórico de febre, prostração, êmese e epistaxe. O paciente foi internado para exames e tratamento. Apresentava hematócrito de 40% e leve leucocitose (17.200 leuc/µl), creatinina 1,3 mg/dL, ALT 35 UI/L, FA 285 UI/L, uréia 84 mg d/L. No esfregaço de ponta de orelha haviam alterações características de *paracoccidioides*. - estruturas arredondadas azuis de parede birrefringente e gemulação múltipla livre. Realizou-se cultura fúngica sanguínea em Hagar Sabouraud e inoculada em estufa à 30° C, onde observou-se após 10 dias crescimento macroscópico de colônia filamentosa pregueada branca com rachadura na superfície e reverso de coloração castanha. Após 20 dias o exame micológico direto com fita adesiva em lâmina, corado com azul algodão, exibiu no aumento de 400 x estruturas arredondadas de parede birrefringente ou dupla e gemulação múltipla ("orelha do Mickey"), características compatíveis com o fúngo dimórfico *paracoccidioides brasiliensis.* Iniciou-se então um tratamento com itraconazol na dose de 10 mg/kg (150mg) a cada 24hr por 21 dias. O paciente apresentou melhora no quadro, sem sinais de recidiva até após um ano do tratamento. O presente relato mostra a importância da inclusão da doença em diagnósticos diferenciais.

Palavras chaves: paracoccidiodes, cão, canino, micose sistêmica, paracoccidioidomicose

PARÂMETROS OFTÁLMICOS EM CÃES DA RAÇA BOIADEIRO AUSTRALIANO DA REGIÃO LITORÂNEA DO ESTADO DE SERGIPE

Lima, C. C. O.[1]; Santos, E. E. J.[2]; Souza, T. M. G.[2]; Souza, M. A. R.[3] 1. Médica Veterinária autônoma 2. Acadêmica da Faculdade Pio Décimo 3. Professora da Faculdade Pio Décimo (mary.souza@piodecimo.edu.br)

É reconhecido que alguns padrões oftálmicos podem ser influenciados por características raciais e climáticas, com isso, objetivou-se determinar os parâmetros oftálmicos dos cães da raça Boiadeiro Australiano. Foram avaliados 22 olhos, direito (OD) e esquerdo (OE), de animais machos e fêmeas com idade média entre 1 e 5 anos na cidade de Aracaju/SE. O exame teve início com a oftalmoscopia direta, seguido da realização do teste lacrimal de Schirmer (TLS), a tonometria de rebote para avaliação da pressão intraocular (PIO)e por fim a avaliação ocular com ultrassonografia em modo B. A oftalmoscopia direta não foram observadas alterações em nenhum dos pacientes. Os dados coletados foram avaliados pelo teste T Student, comparando os valores entre OD e OE, indicando se houve ou não diferença, cujo valor referencial é de $p < 0,05$. O valor de p no TLS foi igual a 1,07 e na PIO igual a 0,47, revelando que não houve diferença significativa em ambos. A média considerada para o TLS (teste lacrimal de Schirmer) foi de 18,90 ± 2,38 mm/min; a PIO foi de 13 ± 0,84 mmHg. Podemos concluir que os cães da raça Boiadeiro Australiano não apresentam alterações anatômicas oculares, e sugerimos como parâmetros os valores já elencados neste resumo.

Palavras-chave: Blue heeler. Ecobiometria. Produção lacrimal. Tonometria.

PARÂMETROS OFTÁLMICOS EM CÃES DA RAÇA PIT BULL DA REGIÃO LITORÂNEA DO ESTADO DE SERGIPE

SOUZA, D. S[1]; Costa, S. M. S.[2]; Jesus, F. N. A. [2]; Gomes, I. S. S[. 2], Souza, M. A. R. [3] 1. Médica Veterinária Autônoma 2. Acadêmico da Faculdade Pio Décimo e integrante do GICEPA. 3. Professora da Faculdade Pio Décimo e coordenadora do GICEPA. (mary.souza@piodecimo.edu.br).

É sábido que os olhos dos animais possuem peculiaridades interespecies, não obstante a oftalmologia comparada propõe a parametrização. O objetivo deste trabalho foi determinar os parâmetros oftálmicos dos cães da raça Pit bull. Avaliou-se 16 olhos (Olho Direito-OD e Olho Esquerdo- OE) de ambos os sexos, com idade entre um e 12 anos em Aracaju/SE. Realizou-se a oftalmoscopia direta, teste lacrimal de Schirmer (TLS), tonometria de rebote e por fim a ultrassonografia em modo B mediante uso de uma gota de proximetacaína. Para a estatistica utilizou-se a média ($\bar{x}$) e o Desvio Padrão (σ). Não foram observadas alterações na oftalmoscópia direta, todavia, observou-se entrópio de canto nasal na pálpebra inferior, condição que ainda não promovia afecções em nenhum dos olhos. Para TLS OD 21±4,03 e OE 22±6,86 ($\bar{x}$ e σ); para a pressão intraocular os valores aferidos suscitam numa média e desvio padrão OD 14,50±2,65 e OE 14±2,00. Para a ecobiometria apresentamos como média do tamanho do OD e OE, respectivamente 2,01±0,17; 2,03±0 ($\bar{x}$ e σ), tamanho da camara anterior 0,28±0OD e 0,29±0 OE ($\bar{x}$ e σ) e espessura da lente 0,78±0,1OD e 0,78±0OE ($\bar{x}$ e σ). Frente aos achados podemos concluir que o entropio é uma condição preponderante nesta raça e sugerimos como parâmetros norteadores para o TLS e PIO os valores citados acima.

Palavras-chave: Ecobiometria, Produção lacrimal, Tonometria.

Pectus excavatum EM FELINO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO

Araújo, S.B.S.[1]; Oliveira, S.P.[1]*; Vinhas, M.C.C.V.[1], Veloso, L.S.[1]; Tertulino, M.D.[1]; Oliveira, L.P.C.[2] 1. Graduando(a) em Medicina Veterinária, UFERSA (*suolivo@gmail.com) 2. Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais, Hospital Veterinário da UFERSA.

O Pectus excavatum caracteriza-se por ser uma deformidade do esterno e das cartilagens costais, que resulta em um estreitamento ventro-dorsal torácica. É comum que pacientes acometidos pela enfermidade apresentem funções respiratórias e cardiovasculares alteradas devido ao posicionamento anormal do coração. O objetivo deste trabalho foi relatar um caso de Pectus excavatum em felino doméstico. O animal foi atendido na rotina clínica do Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia (HOVET) da UFERSA, Campus Mossoró – RN. No exame físico, observou-se que havia uma depressão ventro-dorsal das esternebras, na região distal do esterno. Não foram observadas outras alterações no exame físico. Foi solicitada a realização de radiografia torácica para a caracterização da anomalia do esterno. O resultado deste exame indicou um desvio dorsal importante na extremidade caudal do esterno em direção ao interior do tórax, com acentuada curvatura, sugerindo Pectus excavatum. Além disso, observou-se silhueta cardíaca com dimensões aumentadas, apresentando-se em contato com a parede torácica, e presença de desvio importante ao hemitórax esquerdo. A partir disso, foi solicitada a realização de ecocardiograma, porém sua prática foi limitada, pois o pequeno tamanho do paciente dificultou a visualização adequada das estruturas. Foi recomendado que houvesse acompanhamento do paciente, porém a tutora não retornou. Apesar de pouco comum, é importante realizar o adequado diagnóstico de Pectus excavatum, com atenção às possíveis complicações que possam se apresentar a partir desta anormalidade.

Palavras-chave: Diagnóstico por imagem; alterações congênitas; desvio cardíaco.

PÊNFIGO FOLIÁCEO EM CÃO (Canis lupus familiaris): RELATO DE CASO

Veloso, L.S.[1]; Nogueira, I.C.S.[1]; Tertulino, M.D.[1]; Oliveira, S.P.[1]; Dias, D.C.A.[2]; Barreto, G.M.F.[2] 1. Discente no curso de Medicina Veterinária na UFERSA (lsv.lari@gmail.com) 2. Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais, Hospital Veterinário da UFERSA.

O Pênfigo foliáceo (PF) consiste na dermatopatia de etiologia autoimune mais comum dentre as doenças que abarcam o complexo pênfigo em cães e gatos. Caracteriza-se clinicamente pela presença de pústulas efêmeras, que podem tornar-se multifocais ou generalizadas. Devido à alta fragilidade das pústulas, geralmente encontra-se apenas as lesões secundárias, como pápulas, crostas, colaretes epidérmicos, alopecia e despigmentação nasal. Uma cadela, pinscher, de 5 anos de idade e 3 Kg, foi consultada com histórico de lesões de pele refratárias a diversas terapias já realizadas, além de presença de secreção nasal há alguns dias. O proprietário relatou que quando filhote o animal apresentou alopecia ne região abdominal e periocular e que com o tempo passou a surgir pústulas generalizadas e efêmeras associadas a prurido. O animal já tinha sido submetido a tratamentos antibacterianos, fungicidas e sarnicidas, sem êxito. Ao exame físico constatou-se secreção mucopurulenta nas narinas, descamação em todo o corpo, crostas e pústulas na região abdominal, além áreas difusas de alopecia e hiperqueratose no focinho e coxins. O hemograma e exames bioquímicos evidenciaram neutrofilia sem desvio à esquerda, eosinofilia, linfocitose, hipoglicemia, infecção por *Anaplasma platys* e o aumento nos níveis das enzimas hepáticas TGO/ AST e TGP/ALT. O exame histopatológico das lesões revelou a formação de fendas no extrato córneo, células acantolíticas individualizadas e moderado infiltrado inflamatório composto de células mononucleares (linfócitos, plasmócitos e macrófagos) na derme, confirmando a suspeita clínica de PF. O tratamento consistiu em terapia imunossupressora à base de corticoide, polivitamínico, doxiciclina, shampoo antisséptico e fungicida. O animal foi reavaliado quinzenalmente durante dois meses, não apresentando nenhuma melhora. Após esse período o animal veio à óbito.

Palavras-chaves: Dermatologia, doença autoimune, colaretes epidérmicos, terapia imunossupressora.

PERFIL CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICO DE CÃES DIAGNOSTICADOS COM HIPOTIREOIDISMO EM MANAUS.

Oliveira, N.M.C.[1]; Batista, P.A.[1]; Lima, B.M.[2]; Dinóla, L.A.[3]; Santo, E.F.E.[4] 1. Médica Veterinária Autônoma (nataliamanuelac@gmail.com). 2. Médica Veterinária pós-graduada em Clínica Médica e Cirúrgica de pequenos animais, Quallitas. 3. Médica Veterinária pós-graduada em Cirurgia de Tecidos Moles, Anclivepa - SP. 4. Docente do curso de Medicina Veterinária, Instituto Federal do Amazonas, Campus Manaus Zona Leste.

O hipotireoidismo é a desordem hormonal mais frequente em cães, sendo um dos maiores desafios diagnósticos entre as doenças endócrinas, por geralmente não possuir sinais clínicos específicos, bem como haver outras enfermidades que causam baixas concentrações dos hormônios tireoidianos, as quais podem acarretar um diagnóstico falso-positivo de hipotireoidismo. Neste contexto, objetivou-se realizar um estudo clínico e epidemiológico de hipotireoidismo em cães atendidos em clínicas de pequenos animais, no município de Manaus-AM. Foram coletados dados em relação à raça, sexo, idade, além dos principais sinais clínicos no período de janeiro de 2016 a maio de 2018, em clínicas de seis diferentes regiões da cidade. No total, foram identificados nove casos de hipotireoidismo canino. Observou-se baixa casuística no período, e dentre os casos coletados, evidenciou-se maior frequência em fêmeas (66,6%), castradas (66,6%), de meia-idade a idosos (77,8%), da raça Yorkshire, Beagle e Poodle, sendo 28,6% para cada uma delas. Os principais sinais clínicos apresentados entre os casos foi o aumento de peso (88,9%) e os sinais cutâneos (88,9%), entre estes, piodermites recorrentes e rarefação pilosa, com casos de alopecia bilateral. Frente a esses resultados, identificou-se as principais características dos casos de hipotireoidismo canino atendidos em Manaus e também a baixa casuística desta endocrinopatia, situação que sugere uma dificuldade diagnóstica na localidade em estudo. Logo, torna-se necessária a realização de maiores estudos na região para melhor conhecimento epidemiológico dessa endocrinopatia em Manaus.

Palavras chaves: Canino, endocrinopatia, tireoide.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA SÍNDROME DE ANSIEDADE POR SEPARAÇÃO ANIMAL NA ZONA SUL DE ARACAJU/SE

Oliveira, P.L.[1]; Santos, V.R.F.M.[1]; Nascimento, T.N.S.[1]; Portella. V.G.[2]. 1 Estudante de Medicina Veterinária da Faculdade Pio Décimo (Vithoria_regina@hotmail.com). 2 Professora da Faculdade Pio Décimo.

Humanos e animais, ao longo do tempo, construíram uma relação de diversas formas. Porém, devido às tarefas diárias, muitos tutores de animais passam grande parte do tempo fora de casa, deixando-os sozinhos, e isso, frequentemente, acarreta problemas de comportamento, os quais, se não tratados, podem evoluir para um quadro mais grave. Um desses quadros é chamado de Síndrome de Ansiedade por Separação Animal (SASA), caracterizada por um conjunto de comportamentos atípicos ocasionados pela ausência do tutor. Apesar de sua incidência, ainda é deficiente a exploração dessa síndrome no âmbito acadêmico e, até mesmo, em meio à população, já que, tais sintomas são considerados como malcriação. Diante desse cenário deficiente, o estudo pretendido visa traçar um esboço do perfil epidemiológico da SASA em cães situados na zona sul de Aracaju/SE. Foram aplicados questionários em tutores, buscando identificar cães que apresentam sinais clínicos da SASA. No total, foram entrevistados 80 (oitenta) tutores de cães, dos quais 67,5% (54/80) foram considerados positivos para a SASA (com um ou mais sinais clínicos) e 32,5% (26/80) foram considerados negativos. Dentre os sinais clínicos apresentados, destacaram-se a depressão, a vocalização excessiva e o comportamento destrutivo. Concluiu-se que a alta incidência da síndrome na localidade pesquisada exige que os setores públicos responsáveis pela saúde animal realizem campanhas de conscientização e sensibilização, bem como sejam realizados mais estudos para preencher as lacunas, focados tanto no comportamento animal quanto no do ser humano, pois um influencia diretamente no outro.

Palavras-Chave: comportamento animal, bem-estar animal, saúde animal.

PERFIL MICROBIOLÓGICO DAS OTITES EXTERNAS DE CÃES E GATOS ATENDIDOS EM CLÍNICA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA

Motta, P.B.M.M.[1]; Anjos, L.V.F.[1]; Bezerra, R.M.A.M.[2]; Matos, R.A.T.[3]; Silva, R.R.F.[3]; Luz, V.B.[3] 1. Discente do curso de Medicina veterinária do Centro Universitário CESMAC (paulabmotta@uol.com.br) 2. Técnica laboratorial do Curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário CESMAC. 3. Docente do Centro Universitário CESMAC.

A otite é uma manifestação clínica de uma afecção dermatológica frequentemente encontrada em pequenos animais domésticos, como cães e gatos. Classificada de acordo com a sua localização e gravidade do processo inflamatório em: otite externa, média e interna. No entanto a otite externa (OE) é definida como a inflamação de pele e estruturas acessórias do meato acústico externo, acomete principalmente cães, e menos usual em gatos. O presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento do perfil microbiológico de casos de otites externas em cães e gatos atendidos na Clínica Escola do Centro Universitário-CESMAC. Os animais triados e avaliados eram de ambos os sexos, diversas raças e idades variadas, todos apresentando queixas e sinais clínicos de otite externa. Foi realizada uma anamnese, exame clínico geral e otológico com auxílio de otoscópio. Amostras colhidas de ambos os ouvidos, com auxílio de suabes estéreis, foram acondicionadas em meio de transporte Stuart e em seguida encaminhadas para o Laboratório de Doenças Infecciosas da Clínica Escola do CESMAC, para a realização de exame microbiológico. Estas foram semeadas em placas contendo os meios de cultura em agar sangue, agar macConkey, agar sabouraud dextrose e em tubos estéreis contendo caldo BHI, incubadas em estufa bacteriológica a 37°C durante 24 a 72 horas. Após o crescimento das colônias, os microrganismos foram identificados com base na observação das características macroscópicas das colônias, características microscópicas por meio da técnica de coloração de Gram e provas bioquímicas. Foram colhidas amostras dos ouvidos de 32 animais, sendo 29 cães (90,62%) e 3 gatos (9,38%) no período de agosto de 2017 a maio de 2019. Observou-se positividade e presença de microrganismos em todas as amostras colhidas dos animais avaliados com queixas de OE. Destes animais, 15 cães e 3 gatos apresentaram infecções microbianas por *Staphylococcus sp.* (56,25%), 14 cães com presença de OE por mais de um microorganismo (43,75%), sendo identificados os seguintes gêneros: *Pseudomonas* (12,5%), *Klebsiella* (6,25%), *Proteus* (12,5%), *Malassezia* (12,5%). No que se refere aos gêneros microbianos, o *Staphylococcus* (56,25%), foi predominante nos achados isolados, definindo assim, o perfil microbiológico das amostras pesquisadas e contribuindo para a adequada escolha de antimicrobiano utilizado na terapêutica.

Palavras chaves: orelha externa, animais de companhia, microbiologia, bactérias.

PERITONITE INFECCIOSA FELINA COM LESÕES NEUROLÓGICAS

LIMA, S. M.[1]; CALDEIRA, P. S. M.[2], OLIVEIRA, L. C.[3], MONTEIRO, S. A.[4] 1. Discente em Medicina Veterinária pela Faculdade Pio Décimo (medvet.matheuslima@gmail.com). 2. Discente em Medicina Veterinária pela Faculdade Irecê. 3. Médica Veterinária Autônoma 4. Docente de Medicina Veterinária da Faculdade Pio Décimo

A peritonite infeciosa felina (PIF) é causada pelo Coronavirus felino, cursando com duas manifestações clínicas, a forma efusiva, com acúmulo de fluido intracavitário, e a forma não efusiva, com inflamação piogranulomatosa perivascular em diversos órgãos, incluindo o encéfalo. Relata-se um caso peritonite infeciosa felina com lesão neurológica em um felino, fêmea, de quatro meses, apresentando nistagmo, ataxia cerebelar, tremores de intenção e ausência de propriocepção. Havia o histórico de trauma três meses antes desta consulta, onde o paciente apresentou andar cambaleante durante três semanas, mas os sinais sumiram, sem necessidade de terapia. Diante do histórico e avaliação clínica e exames negativos para vírus da imunodeficiência felina e vírus da leucemia felina, estipulou-se tratamento com flunarizina (0,4 mg/kg, SID), predinisolona (0,5 mg/kg, BID). No dia seguinte o paciente apresentou severa dispneia, sendo encaminhado para tratamento intensivo, porém, não sobreviveu e foi necropsiado. No exame necroscópico havia protrusão cerebelar e moderada pneumonia intersticial. Na análise histopatológica havia plexocoroidite e encefalite piogranulomatosa e vasculite de mesmo padrão em serosa intestinal, pulmão e fígado. Os achados epidemiológicos, clínicos, anatomopatológicos e histopatológicos sugerem infecção por Coronavírus felino. Deste modo, expõe-se a necessidade de ser realizado diagnóstico diferencial de casos neurológicos de coronavirose felina de outras doenças com curso nervoso, incluindo traumatismos, devido a semelhança dos sinais clínicos.

Palavras-chaves: Neurologia, Coronavírus felino, traumatismo cranioencefalico.

PEROSOMUS ELUMBUS EM CÃO SEM RAÇA DEFINIDA

Sousa, V.S[1]; NUNES, J.M[1]; MOURA, N.O.[1]; OLIVEIRA, Q.S.A[1]; AMORIM, W.R[2]; SOUSA, C.P; [2] 1- Graduandos em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil (vansaraivaa@gmail.com) 2- Médico Veterinário residente em Clínica e Cirurgia de Pequenos animais do Hospital Veterinário Universitário da UFPI, Teresina, Piauí, Brasil

Um conjunto de afecções congênitas pode impactar em alterações estruturais da coluna vertebral dos animais, é o caso da agenesia *Perosomus elumbus, na qual* caracteriza-se por um processo de ossificação vertebral desordenado levando à compressão e encurtamento da coluna vertebral devido a permanência das vértebras em estado cartilaginoso. Este relato trata-se de um cão, macho, SRD de 01 mês, que deu entrada no Hospital Veterinário Universitário da UFPI, apresentando um histórico de paraplegia. Segundo o tutor, após o nascimento notou que o paciente tinha dificuldades de andar, o paciente não apresentava dificuldades para urinar e nem defecar. No exame clínico e neurologico, observou-se que as reações posturais torácicas normais, enquanto nos membros pelvicos apresentavam propiocepção e reação tátil ausentes, assim como reflexo de retirada. Notou-se um desvio no segmento lombar da coluna, com mobilidade e um aumento no espaço entre as vertebras, compativel com a ausencia de algumas vertebras lombares. Portanto, suspeitou-se de uma má formação congênita da coluna vertebral/medular. Para avaliação das alterações foi solicitado a radiografia da coluna toracolombar, no posicionamento latero-lateral e ventro-dorsal, então constatou-se que o paciente apresentava ausência de corpos vertebrais de 2ª a 5ª vértebras lombares, redução do diâmetro de corpo vertebral da 1ª vértebra lombar e aumento do diâmetro de corpo vertebral da 6ª vértebra lombar. Desta forma, devido à agenesia das vértebras lombares, foi possível determinar o possível diagnóstico de *Perosomus elumbus.*

Palavras-chave: congênitas, cães, perosomus elumbus

PERSISTÊNCIA DO FORAME OVAL E DO DUCTO ARTERIOSO EM FELINO - RELATO DE CASO

Góes, A.P.R.[1]; Cavalcante, L.A.[1]; Rodeiro, L.S.S[1]; 1. Discentes do curso de Medicina Veterinária – UNIME (paulargoes@outlook.com)

Dentre as cardiopatias congênitas em felinos a comunicação interventricular origina uma comunicação anormal entre circulações sistêmicas e pulmonar. E a persistência do ducto arterioso ocorre por uma falha no fechamento após o nascimento. Ocorrendo desvio sanguíneo da esquerda para a direita, sobrecarregando a circulação pulmonar e as câmaras cardíacas esquerdas.[1,2]. Felino, macho, SRD, 45 dias, foi atendido no setor de emergência da UNIME. Ao exame físico apresentava dispneia importante, padrão respiratório abdomino-costal, mucosas pálidas a levemente cianóticas e discreta desidratação. Não foi observado presença de sopro na ausculta. O raio-x mostrou aumento da silhueta cardíaca, predominantemente nos átrios, sugerindo presença de comunicação interatrial. Devido à evolução, severidade dos sinais clínicos apresentados e perda de qualidade de vida optou-se pela eutanásia. À necropsia observou presença de fluido seroso sanguinolento em cavidade torácica, aumento de volume cardíaco, ocupando grande parte da cavidade, comprimindo lobos pulmonares e abaulamento, principalmente na região do ápice. Ambos os ventrículos com consistência flácida. Abertura do saco pericárdico constatou presença de aproximadamente 1,5mL de líquido seroso. Na avaliação das câmaras cardíacas constatou-se presença de um orifício que permitia a comunicação interatrial. O ventrículo esquerdo apresentava aumento do lúmen cardíaco, adelgaçamento do miocárdio e presença de coágulos. Na base cardíaca observou-se persistência do ducto arterioso. Houve positividade no teste de docimasia hidrostática e, à secção do pulmão, presença de espuma no interior dos lobos, indicando edema pulmonar grau 1. Nos demais órgãos, não foram observadas alterações macroscópicas. Geralmente, o prognóstico depende basicamente da presença ou não de defeitos concomitantes[1]. E os achados no presente relato corroboram os sinais clínicos apresentados nas patologias descritas. Sendo a PDA rara em felinos domésticos.

Palavras-Chave: Cardiopatias; congênitas; PDA.

PIODERMITE DO PASTOR ALEMÃO EM UM CÃO

Chimenes, N.D.[1], Hasebe, J.H.[2], Castilho, M.O.[1], Rodrigues, V.D.[1], Palumbo, M.I.P.[3], Babo-Terra, V.J.[3] 1.Residente do Hospital Veterinário da FAMEZ/UFMS (natielly-dias@hotmail.com). 2. Aluna de Graduação do Curso de Medicina Veterinária da UFMS. 3. Professora Clínica Médica e Terapêutica de Pequenos Animais da FAMEZ/UFMS.

A piodermite do Pastor Alemão é uma piodermite profunda que frequentemente apresenta furunculose. O objetivo desse trabalho foi relatar o caso de um cão com essa dermatite enfatizando os sinais e a evolução clínica após início de tratamento. Foi atendida no Hospital Veterinário da UFMS uma canina, Pastor Alemão, fêmea, com cinco anos de idade, com queixa principal de lesões ulceradas com pústulas há seis meses. No exame dermatológico foram observadas lesões ulceradas nas regiões de flanco, membros, ânus e articulações tibiotársicas e cárpicas, com pústulas e secreção purulenta. Foram realizados hemograma, cujas alterações foram neutrofilia (15.252 mm^3, ref.: 3.000-11.500 mm^3) e linfopenia (492 mm^3, ref.: 1.000-4.800 mm^3), raspado de pele para pesquisa de ácaros e fungos, com resultados negativos e cultura com antibiograma das lesões que constatou presença de *Staphylococcus pseudintermedius* e *Streptococcus sp.*, ambos sensíveis à cefalexina. Foi iniciado tratamento com antibioticoterapia à base de cefalexina (30 mg/kg/a cada 12 horas), Spray à base de sulfato de neomicina, bacitracina de zinco e hidrocortisona (tópico/ a cada 24 horas), gluconato de clorexidina 1% para limpeza das lesões (tópico/a cada 24 horas) e shampoo à base de gluconato de clorexidina 4% (tópico/a cada 7 dias). Após 60 dias de tratamento o animal apresentou melhora completa do quadro clínico corroborando o diagnóstico de piodermite do Pastor Alemão. O protocolo de tratamento geralmente exige um total de oito semanas de terapia. O diagnóstico desse caso exigiu a exclusão de ectoparasitas e associação de achados laboratoriais e clínicos, sendo a resposta ao tratamento uma forma eficaz para sua conclusão.

Palavras-chave: canino, dermatite, prurido

PIODERMITE POR *Corynebacterium* EM FELINO.

LUZ, A.V.R.[1]; FRANÇA, A.M.[1]; SANTOS, M.D.J.[1]; ALMEIDA, B.I.[2]; SILVEIRA, A.M.[3]; Oliveira, E.T.A. [4]. 1. Discente em Medicina Veterinária na Faculdade Pio Décimo (aldavanessa_ap@hotmail.com) 2. Discente em Medicina Veterinária Universidade Tuiuti. 3. Docente Faculdade Pio Décimo. 4. Médica Veterinária da Clínica Univet.

A piodermite por *Corynebacterium spp.* é infrequente em felinos. Este agente é identificado na microbiota animal ou ambiental, podendo provocar o óbito de pacientes imunocomprometidos. Relata-se o caso de uma felina, FIV e FeLV negativa, de 1 ano e 5 meses de idade, resgatada de uma tubagem de esgoto. Após um ano do resgate, notou-se exsudato purulento periungueal e pústulas em todo o corpo. Inicialmente administrou-se Cefalexina (25 mg/kg, BID) durante 10 dias e Predinisolona (2 mg/kg BID por 5 dias e posteriormente reduziu-se a frequência e continuou a administração por mais cinco dias). Sem melhoria no quadro clínico, realizou-se cultura com antibiograma das lesões, a qual revelou o crescimento e isolamento de bactéria do gênero *Corynebacterium*, com alta resistência aos antibacterianos. A sensibilidade a Tetraciclina e Clorafenicol, permitiu alteração da conduta clínica, e iniciou-se a administração por via oral de Tetraciclina (25 mg/kg, TID) durante 10 dias e uso tópico de pomada a base de Clorafenicol associada a limpeza duas vezes ao dia, por um período de 15 dias. Após esta terapia, houve cura completa da infecção. O local insalubre o qual o indivíduo era provido possivelmente proporcionou a infecção primária, porém, uma imunodeficiência pode ter instigado a proliferação bacteriana e sua disseminação, pois, outros felinos que conviviam no mesmo ambiente não desenvolveram as lesões. Salienta-se a importância da avaliação minuciosa em dermatopatias cutâneas de felinos com formações de pústulas, fazendo-se essencial a utilização de exames complementares para melhor direcionamento da conduta clínica para manutenção da sanidade do paciente.

Palavras-chave: dermatopatia bacteriana, pústulas dérmicas, microbiológico.

PIODERMITE PROFUNDA CONSEQUENTE À PIODERMITE SUPERFICIAL – RELATO DE CASO

Oliveira, A. T. C[1]; SANTIAGO, I. L. T.[1]; FERREIRA, T. C.[2]. 1 – Graduando(a) de Medicina Veterinária da Faculdade de Veterinária da Universidade Estadual do Ceará (alexandretco@hotmail.com). 2 – Docente da Faculdade de Veterinária da Universidade Estadual do Ceará.

Dermatites infecciosas expressam diferentes padrões lesionais cutâneos, sendo o reconhecimento das lesões importante por levar à escolha do meio diagnóstico correto para identificação da enfermidade. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de piodermite profunda que evoluiu a partir de uma piodermite superficial não diagnosticada. Em uma clínica particular de Fortaleza/CE foi atendida uma cadela, SRD, 3 anos de idade, que havia sido diagnosticada erroneamente com dermatofitose há 7 meses, após um raspado de pele, e tratada, continuamente, com itraconazol e cetoconazol, por vias oral e tópica, sem sucesso. No exame dermatológico, constatou-se lesões vesicobolhosas sanguinopurulentas e úlceras difusas. Foram solicitados exame histopatológico (EH) e cultura bacteriana (CB) das vesículas, além de citologia das lesões ulceradas, obtendo-se o diagnóstico de piodermite profunda. Foi, então, receitado um xampu composto por clorexidina a 3% para uso tópico e, para uso oral, marbofloxacino, SID, por 30 dias e prednisolona, SID, por 15 dias. A paciente apresentou excelente resposta à terapia, com cicatrização das lesões. Na CB, foram isolados *Staphylococcus aureus* coagulase positivo. No EH foram descartadas a possibilidade de micobacteriose, doenças autoimunes e neoplasias. Diante disso, a antibioticoterapia foi extendida por mais 15 dias e foi associada ao uso de probióticos e terapia para reposição da barreira cutânea. A partir do exposto, conclui-se que piodermites superficiais, quando não diagnosticadas e tratadas, podem aprofundar, causando intenso desconforto ao animal. Reforça-se, ainda, que a interpretação das lesões cutâneas por Médicos Veterinários durante a avaliação clínica é essencial para a escolha do método diagnóstico adequado e terapêutica eficiente.

Palavras-chave: Dermatite Infecciosa. Staphylococcus aureus. Diagnóstico dermatológico. Dermatologia Canina.

POLIMIOSITE ASSOCIADA A SINAIS DE TRONCO ENCEFÁLICO EM UM CÃO

Chimenes, N.D.[1]; Maia, J.R.O.[1]; Neves, G.A.P[1]; Maragoni, Y.G.[1]; Palumbo, M.I.P.[2]; Babo-Terra, V.J.[2] 1. Residente do Hospital Veterinário da FAMEZ/UFMS. (natielly-dias@hotmail.com). 2. Professora de Clínica Médica e Terapêutica de Pequenos Animais da FAMEZ/UFMS.

A miopatia inflamatória generalizada é comumente denominada polimiosite que pode levar a um quadro de rabdomiólise grave. Lesões em tronco encefálico podem ocasionar opistótono, ampla base de sustentação, paresia ou plegia, síndrome de horner ipsolateral a lesão, defcits posturais ipsolaterais a lesão, entre outros. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de um cão com polimiosite associada a sinais de tronco encefálico de origem idiopática. Foi atendido no Hospital Veterinário da UFMS um canino, macho, 5 anos de idade, com queixa de principal de episódios de opistótono, sem histórico de exercício excessivo, picada de cobra ou escorpião. Foi realizado previamente sorologia para cinomose e leishmaniose não reagente. Na avaliação neurológica constatou tetraparesia flácida estrabismo ventromedial do lado direito, nistagmo vertical, ausência de propriocepção nos quatro membros e síndrome de Horner. Foi realizado dosagem sérica de creatina quinase (2433,9 ref.: 1.5 a 28.4 U/L), aspartato aminotransferase (68,2 ref.: 6.2 a 13 UI/L) urinálise ("urina cor de coca-cola"), foi descartado hipotireoidismo, distúrbios eletrolíticos e realizado PCR para *Ehrlichia canis*, *Hepatozoon* sp. e *Babesia canis vogeli* com resultado negativo, fechando o diagnóstico de polimiosite severa associada a sinais de tronco encefálico de origem idiopática. Foi iniciado tratamento à base de fluidoterapia, analgesia e monitoramento de débito urinário. Após sete dias, animal recebeu alta hospitalar e apresentou melhora do quadro neurológico após 20 dias de tratamento, permanecendo apenas como sequela o nistagmo vertical posicional. Para fechar o diagnóstico idiopático do caso relatado foram descartadas todas as possíveis causas para polimiosite e lesão em tronco encefálico. E mesmo iniciando tratamento adequado o prognóstico é reservado.

Palavras-Chave: idiopático, opistótono, rabdomiólise.

PÓLIPO NASAL ASSOCIADOA RINOSSINUSITE EM UM CÃO DA RAÇA POODLE

Souza, T.J.[1]; Silva, A.C.M.[2]; Simplício, L.L.[2]; Babo Terra, V.J.[3]; Palumbo, M.I.P.[3]. 1. Residente em Clínica Médica Pequenos Animais FAMEZ/UFMS (E-mail: tayza.jsouza@gmail.com) 2. Acadêmico de Medicina Veterinária FAMEZ/UFMS 3. Professor Dr(a) da FAMEZ/UFMS

Os pólipos nasais aparecem como nódulos pedunculados firmes de vários tamanhos que se projetam da mucosa nasal para o interior da cavidade nasal. Foi atendido no Hospital Veterinário da UFMS um cão da raça poodle, fêmea, 7 anos de idade e não castrada com a queixa de dispneia e ronco após a ingestão de um comprimido de doxiciclina. Ao exame físico o animal apresentava dispneia inspiratória, secreção nasal esverdeada, tosse improdutiva e cianose. Ao exame hematológico apresentou anemia leve com hemoglobina 11,7g/dL (ref.: 12 a 18 g/dL) e discreta neutrofilia 13.200/mm^3 (ref.: 3.000 a 11.500/ mm^3. Também foram realizadas radiografias dos seios nasais e tórax, não sendo evidenciadas alterações. Prescreveu-se o tratamento com amoxicilina com clavulanato 20 mg/kg (BID) durante 40 dias, prednisolona 1 mg/kg (SID) por 5 dias e N-acetilcisteina 3 mg/kg (BID) até novas recomendações, além de inalação (TID). Com o tratamento observou-se uma melhora discreta, sendo realizado o procedimento de rinoscopia e a broncoscopia, onde foi encontrado um pólipo nasal do lado esquerdo (de 0,3 cm de diâmetro) e rinossinusite. Foi realizada a ressecção do pólipo e coleta de material para a realização de cultura e antibiograma. A histopatologia confirmou ser um pólipo. A cultura revelou a presença de *Actinomyces sp*. e sensibilidade no antibiograma para amoxicilina com Clavulanato. O animal apresentou melhora significativa após o procedimento, porém, ainda apresenta um discreto ruído em seios nasais. A ocorrência de pólipos nasais em cães é rara e em alguns casos pode haver reincidência após sua retirada. A paciente, apesar de apesentar um ruído ao respirar, não apresenta cianose e nem dispneia, seguindo em observação com qualidade de vida.

Palavras-chave: pólipo nasal, rinoscopia, dispneia, rinossinusite

POLIRRADICULONEURITE EM CANINO APÓS VACINAÇÃO ANTIRRÁBICA: RELATO DE CASO

Santos, J.N.[1]; Silva, R.B.[1]; Oliveira, R.E.C.[1]; Chaves, K.N.; Souza, F.W.[1]; Kasper, P.N.[2]; 1. Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Viçosa/AL (wiecheteck@hotmail.com) 2. Médica Veterinária do Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Alagoas, Maceió/AL

A polirradiculoneurite idiopática aguda canina (PIAC) é uma doença imunomediada, de origem desconhecida, que acomete os axônios, bainha de mielina neural ou ambas estruturas, podendo afetar também raízes nervosas ventrais dos nervos espinhais. O presente relato descreve o caso de um canino, fêmea, shih-tzu, sete meses de idade, que apresentou tetraparesia flácida aproximadamente um mês após aplicação da vacinação antirrábica. O animal vivia somente em domicilio e após administração da vacina passou a andar de forma rígida, nos dois primeiros dias, evoluindo para fraqueza muscular dos membros pélvicos. Com cinco dias da vacinação, já não conseguia se locomover com os membros torácicos. Ao exame neurológico o animal apresentava paralisia flácida associada a sinais de neurônio motor inferior, manifestando reflexos espinhais diminuídos e nocicepção normal. A paciente foi encaminhada para realização de hemograma e bioquímicos, bem como pesquisa de hemoparasitas, que descartou a possibilidade de apresentar paralisia por carrapato. Segundo autores, os principais diagnósticos diferenciais para PIAC são miastenia gravis e botulismo. Não foram realizadas avaliações diagnósticas para miastenia gravis pelo histórico clínico e o botulismo foi descartado considerando ambiente em que o animal vivia. Suspeitou-se do diagnóstico presuntivo de polirradiculoneurite provocada por estimulação antigênica pós-vacinal. Como tratamento recomendou-se o suporte nutricional através de ração superpremium, troca periódica de decúbitos e fisioterapia passiva afim de evitar a atrofia muscular. A partir da quarta semana da avaliação neurológica, a paciente apresentou melhora significativa da propriocepção de todos os membros e a partir da quinta semana já se locomovia normalmente.

Palavras chave: Polirradiculoneurite; vacina antirrábica; cão; neuropatia.

PRESENÇA DE *Ascaridia galli*, *Aspiculuris sp.* e *Passalurus sp.* EM CACHORRO-DO-MATO (Cerdocyon thous) RESIDENTE EM CATIVEIRO

SARMENTO, V.A.S.[1]; COSTA, E.W.S[1]; CALDAS, R.N.B.[1]; MENDONÇA, A.C.V.[2]; VIEIRA FILHO, M. A.[3]; OLIVEIRA, G.A.[3]; [1]Discente do Centro Universitário Cesmac (vitoriasarmento15@gmail.com) 2 Médica Veterinária do Centro Universitário Cesmac 3 Docente do Centro Universitário Cesmac

O cachorro-do-mato é um animal de difícil manejo, sendo necessária contenção anestésica para coleta de material biológico, dificultando a realização de exames de rotina. A alimentação essencialmente proteica oriunda de outros animais como leporídeos, roedores e aves não inspecionadas, aumenta o risco do parasitismo predatório e acidental causando agravos à saúde do animal. A dificuldade de manuseio destes animais leva a escassez de literatura, assim objetivou-se relatar a presença de parasitismo por diferentes espécies de helmintos em cachorro do mato (*Cerdocyon thous*) mantido em cativeiro. Foi realizada uma visita clínica ao Criatório Conservacionista do Centro Universitário Cesmac. Ao exame clínico observou-se: apatia, perda de peso e pelo ressecado. Foi coleta amostra fecal e encaminhada ao Laboratório de Doenças Parasitárias da mesma instituição, onde foi submetida à técnica de Willis-Mollay. Constatou-se a presença de *Ascaridia galli*, Aspiculuris sp. e *Passalurus sp.* em grande quantidade, os quais são parasitas de galinha, rato e coelho, respectivamente. O animal não havia sido vermifugado e recebeu esse tipo de alimentação meses antes da realização do exame coproparasitológico. Sugere-se que o animal seja portador e hospedeiro paratênico. É importante ressaltar, ainda, que a vermifugação, o monitoramento e a qualidade do alimento fornecido são determinantes para a prevenção e melhora da saúde e bem-estar desses animais.

Palavras-chave: *Cerdocyon thous*; Parasitismo acidental; Helmintose.

PREVALÊNCIA DE ANAPLASMOSE EM FELINOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO (HVU/UFPI) EM TERESINA, PIAUÍ.

Castro, L. R. M. S.[1]; Lopes, O. F. M.[1]; Cardoso, J. F. S.[2] 1. Graduando do curso de Medicina Veterinária pela UFPI (luciana.rangelia@gmail.com); 2. Doutora e professora adjunta da UFPI.

A *Anaplasma platys* é uma bactéria que parasita plaquetas, comum em cães. No passado, os gatos não eram considerados como hospedeiros reservatórios, mas com a biologia molecular pode-se identificar a presença do agente, mesmo ainda sendo pouco comum. Objetivou-se determinar a prevalência da anaplasmose em felinos atendidos no Hospital Veterinário Universitário (HVU) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Teresina, Piauí. Foi realizada a análise nos dados de hemograma de cem felinos atendidos no HVU/UFPI, em busca da presença de mórulas sugestivas de *Anaplasma platys*, no período de outubro a novembro de 2019. Dentre os 100 hemogramas avaliados foram observados 11 felinos com presença de mórulas sugestivas de *A. platys*, perfazendo uma prevalência de 11%, destes 5 (45%) eram machos e 6 (55%) fêmeas. Em comparação com os trabalhos de Pinto et al. (2018) e Correa et al. (2011) em que 28,3% (17/60) e 9,89% (9/91) dos felinos possuíam mórulas nas plaquetas, respectivamente, o presente trabalho apresentou uma prevalência moderada. Utilizando-se técnicas moleculares, como a PCR, pode-se obter uma maior prevalência e/ou eficiência para confirmar o diagnóstico de anaplasmose, como notou-se no estudo dos autores citados, em que 20% e 13,18% dos avaliados foram positivos para *A. platys* ao PCR, e a maioria destes não apresentaram mórulas nas plaquetas, já que a observação das mórulas no esfregaço sanguíneo é difícil e pode haver alguns animais falsos negativos. Além disso, pode ter confusão e erros, pela semelhança estrutural, entre tais mórulas com grânulos plaquetários e mórulas de *Ehrlichia canis*. Conclui-se que os animais atendidos no HVU/UFPI no período de outubro a novembro de 2019 apresentaram moderada prevalência (11%) da anaplasmose, sendo importante considerar essa enfermidade na clínica de felinos.

Palavras-Chave: *Anaplasma platys*, gatos, Patologia Clínica.

PROLAPSO DA MUCOSA URETRAL EM CÃO DA RAÇA AMERICAN BULLY: RELATO DE CASO

SILVA, S. de J. N.[1]; MEDRADO, D. S. H. L.[1]; MOURA, I. de A.[2]; SANTIN, F.[3]; BORGES, N. F.[3]; BONFADA, A. T.[4] 1. Graduanda em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (samaraneves_13@hotmail.com) 2. Mestrando em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia 3. Cirurgiã Docente, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia 4. Anestesista, Hospital Universitário de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O prolapso da mucosa uretral compreende uma afecção pouco recorrente, acometendo principalmente, cães machos jovens e de raça braquicefálica, caracterizada pela protrusão da mucosa uretral a partir do óstio externo. Nesse sentido, objetiva-se relatar o caso de um cão macho, 9 meses, da raça American Bully, diagnosticado com prolapso de mucosa uretral, apresentando ao exame físico estrutura avermelhada e de contorno regular na extremidade do pênis, com intensa hemorragia. Foram realizados hemograma e ultrassonografia abdominal, sem alterações expressivas. O animal foi encaminhado para procedimento cirúrgico, sendo realizada a uretroplastia com ressecção da porção prolapsada e rafia da mucosa uretral remanescente com o pênis. Posteriormente, foi feita a orquiectomia pré-escrotal pela técnica das três pinças. Relatou-se a presença de gotículas de sangue e edema de uretra após dois dias do procedimento, realizando passagem de sonda e prescritos, meloxicam e pomada a base de fibrinolisina, desoxirribonuclease e cloranfenicol, havendo completa cicatrização da ferida. Considera-se que o prolapso da mucosa uretral está relacionado à excitação sexual, masturbação excessiva, infecção geniturinária ou causas genéticas. Pode ser feita a redução manual, quando não houver necrose de mucosa e a protrusão apresentar tamanho viável, entretanto, o procedimento de ressecção cirúrgica é o mais indicado, evitando recidivas e apresentando excelente prognóstico.

Palavras-chave: prolapso de uretra, cão macho, braquicefálicos, uretroplastia.

PROMOVENDO SAÚDE PÚBLICA ATRAVÉS DO CUIDADO ANIMAL

COSTA, E.W.S.[1], CALDAS, R.N.B.[1], SARMENTO, V.A.S[1], A, N.T.[1], OLIVEIRA, G.A.[2] [1] Discente do Centro Universitário Cesmac (erickawcosta@gmail.com) [2] Docente do Centro Universitário Cesmac

A importância do médico veterinário na saúde pública é incontestável, já que o cuidado com a saúde dos animais é um dos melhores métodos para garantir o controle de zoonoses. Em 2017, a comunidade Sururu do Capote foi acometida por um surto de tungíase. Diante disso, foi idealizado o projeto de extensão intitulado "Cuidado animal: uma alternativa no controle da tungíase humana" a fim de controlar a tungíase e outras zoonoses, oferecendo uma maior qualidade de vida à comunidade. O projeto foi realizado em parceria com a Comunidade Espírita Nosso Lar, que mobilizou a população e cedeu o local para os atendimentos. Foram beneficiadas pelo projeto 166 famílias, sendo 98 delas tutoras de cães e gatos e 68 de equinos. Os 166 animais foram submetidos a exames físico-clínicos criteriosos, os animais doentes foram encaminhados para o setor de farmácia, onde foram tratados. Houve ainda os que tiveram material biológico coletado para realização de exames laboratoriais, quando necessário. Durante o projeto foram feitas 74 amostras para identificação de ectoparasitas. Além da *Tunga penetrans* foram encontrados animais parasitados por *Xenopsylla cheopis*, *Lynxacarus radovskyi*, *Rhipicephalus sanguineus*, Rhipicephalus (Boophilus) microplus, *Ctenocephalides felis* e *Ctenocephalides canis*. Constatou-se que 132 animais estavam acometidos por zoonose de caráter parasitário, oferecendo riscos à população. O atendimento clínico aos animais da comunidade acrescidos de prevenção educativa aos tutores acerca de suas responsabilidades com os animais e a importância do acompanhamento médico veterinário para a manutenção da saúde animal e humana funcionou como ferramenta no combate e controle de zoonoses, visto que durante o andamento do projeto não foram mais constatados surtos de zoonose na população.

Palavras-Chave: bem-estar animal, zoonose, tungíase.

PROTOCOLO MAGNETOTERÁPICO E LASERTERÁPICO NO TRATAMENTO DE LESÃO VESTIBULAR UNILATERAL

SOUSA, R.A.[1], SOUSA, I.M.A.F.[2], VERDE, M.G.M.L[2], MOURA, R.C.[3], FRASSY, L.N.[4], SILVA, A. C. A.[5]. 1.Técnico do laboratório de doenças parasitárias da Universidade Federal do Piauí. 2. Acadêmica de Medicina Veterinária na Universidade Federal do Piauí (isabelmonnalyafs@gmail.com). 3. Residente em sanidade de ruminantes na Universidade Federal do Piauí. 4.Médica Veterinária - Mestre em ciência animal. 5. Professora substituta da Universidade Federal do Piauí.

A magnetoterapia e laserterapia possuem caráter analgésico, anti-inflamatório, cicatrizante, além disso, cabe ressaltar sua ação em patologias dermatológicas e neurológicas. O objetivo do trabalho é relatar o procedimento magnetoterâpico e laserterápico no tratamento de otite média e de uma lesão vestibular periférica unilateral. Foi acompanhada uma cadela, pinscher, com três anos de idade, vitima de um acidente de carro, durante o atendimento emergencial observou-se várias escoriações pelo corpo, uma otite média no antímero esquerdo e uma lesão vestibular periférica unilateral, fez-se necessário um colar cervical e uma tala na coluna devido à presença de nistagmo, lateralização da cabeça e desequilíbrio nos membros. Assim realizaram-se cinco sessões fisioterapêuticas, uma vez por semana onde a laserterapia foi utilizada na região cervical e nos dois ouvidos, enquanto a magnetoterapia foi realizada de 15 a 20 minutos por sessão na nuca e na cabeça. As duas práticas tinham a finalidade de realizar a estimulação neurológica, promover a analgesia e aceleração da cicatrização de feridas, bem como a redução dos espasmos musculares e da rigidez muscular, diminuição da lesão vestibular periférica e a partir da ação anti-inflamatória do laser e do magneto atenuação da otite. Após a fisioterapia adotou-se o protocolo cinestesico, onde o proprietário colocava o pescoço da cadela na posição correta e o soltava após um intervalo de 10 a 15 segundos, também foi adotado o treino de propriocepção que consistia no uso de obstáculos com o objetivo de manutenção do equilíbrio e melhoramento dos movimentos precisos do corpo. A partir do que foi exposto conclui-se que a utilização de magnetoterapia e laserterapia pode apresentar efeito analgésico, cicatrizante, relaxante muscular e, sobretudo anti-inflamatório em cadela que apresentou otite média e lesão vestibular periférica unilateral.

Palavras chaves: Magnetoterapia, laserterapia, lesão vestibular periférica.

PROTOCOLO OZONIOTERÁPICO NA CICATRIZAÇÃO DE AMPUTAÇÃO ESCAPULO UMERAL

SOUSA, R.A.[1]; MENDONÇA, L.A.[2]; SOUSA, I.M.A.F.[2]; CARVALHO, I.E.[2]; GOMES, M.V.S.[3]; SILVA, A.C.A[3] Técnico do laboratório de doenças parasitárias da Universidade Federal do Piauí. 2. Acadêmica de Medicina Veterinária na Universidade Federal do Piauí (laisamvet@gmail.com). 3. Acadêmico de Medicina Veterinária na Universidade Federal do Piauí. 4. Professora substituta da Universidade Federal do Piauí.

Por sua eficiente ação anti-inflamatória, bactericida e analgésica, o gás ozônio é uma alternativa favorável e cada vez mais frequente ao tratamento de feridas extensas e de difícil cicatrização. O objetivo do trabalho é relatar a eficiência do protocolo ozonioterápico na cicatrização de uma amputação escapulo-umeral. Foi acompanhada uma cadela adulta, SRD, vítima de um atropelamento, com fratura multifragmentar no membro torácico esquerdo, sendo preconizada a amputação na região da articulação escapulo-umeral. No membro contralateral houve perda das falanges restando apenas a 1ª falange, concomitante a diversas escoriações e de feridas abertas as quais não foi possível a realização de sutura devido insuficiência de pele no local. Foram utilizadas quatro técnicas evolvendo o gás ozônio e o óleo de girassol ozonizado, visando a desinflamação, desinfecção e a rapidez no processo de cicatrização das lesões. A primeira medida adotada foi a aplicação de óleo de girassol ozonizado três vezes ao dia, tanto no local da amputação quanto no membro torácico direito, para acelerar a reparação tecidual e cicatrização. A segunda técnica utilizada foi a introdução de ozônio por via intraretal, uma vez por semana, para estimular o sistema imunológico do animal e promover analgesia. Utilizou-se também a técnica de "bagging" na pata direita, com duração de oito a dez minutos por sessão. Em detrimento da inviabilidade da "bagging" na região amputada, foi preconizada técnica de "cupping", com a prevalência do gás por cerca de um minuto e meio no local da amputação, foram necessárias 12 sessões para finalizar a recuperação de todas as áreas lesionadas. Diante do exposto, conclui-se que os efeitos das técnicas ozonioterápicas foram satisfatórios na proliferação celular, efetivando a rapidez no processo de cicatrização das áreas acometidas.

Palavras–chave: Ozonioterapia, amputação, desinfecção, cicatrização.

PSEUDOCISTO PERINÉFRICO BILATERAL EM GATO DE 1 ANO DE IDADE – RELATO DE CASO

Silva, M.S.[1], Mendonça, A.C.[2] Oliveira, K.S.[3] 1. Pós-grad. em Ciência Animal, PPGCA/EVZ/UFG (marinasantos.vet@gmail.com) 2. Docente ICB/UFG 3. Docente EVZ/UFG.

Pseudocistos perinéfricos são conteúdos líquidos delimitados por sacos fibrosos sem a restrição do epitélio, localizados em região renal, raramente relatados em gatos jovens. Um felino macho, SRD, castrado de 1 ano de idade foi atendido em uma clínica veterinária com histórico de anorexia, polidipsia, emagrecimento progressivo e aparente oligúria. No exame físico foram observados distensão abdominal com hiperalgesia em região anatômica renal. A quantificação de creatinina 11,2 mg/dL (Valor de referência (VR) 0,8 a 1,8 mg/dL) e SDMA 30 μg/dL (VR 0 a 14 μg/dL) indicou a presença de DRC, segundo a classificação recomendada pela IRIS. Os exames laboratoriais revelaram ainda aumento do nitrogênio ureico 98 mg/dL (VR 16 a 36 mg/dL) e relação proteína/creatinina urinária acima de 0,7, sem a presença de hiperfosfatemia ou hipercalemia. Na ultrassonografia, notou-se redução da definição córtico-medular com discreta quantidade de distensão líquida subcapsular em rim direito (RD) e intensa quantidade no rim esquerdo (RE). Durante o procedimento cirúrgico para excisão da capsula, drenou-se 10 mL de fluido subcapsular do RD e 596 mL em RE. Na análise do líquido, a concentração de creatinina foi maior em comparação a sérica (9,89 mg/dL e 4,4 mg/dL, respectivamente), porém a concentração de potássio no líquido assemelhou-se a sérica (4,18 mmol/L e 3,65 mmol/L, respectivamente), não resultando em uma relação 2:1 como as observadas em uroperitôneo. Assim, a baixa celularidade com predomínio de neutrófilos e macrófagos, proteína 0,6 g/dL e densidade 1.012, pode-se classificar o líquido como transudato. Os dados demonstram que, embora a prevalência seja maior em gatos idosos, pseudocistos perinéfricos bilaterais podem ocorrer em felinos jovens, sendo um possível achado em pacientes doentes renais crônicos, onde a ultrassonografia e análise da efusão são importantes para seu diagnóstico e provável causa, respectivamente.

Palavras-Chave: doença renal crônica, SDMA, análise de efusões

QUADRO DE CLASSIFICAÇÃO DA EVOLUÇÃO DO CAMINHAR ESPINHAL EM CÃES SOB FISIOTERAPIA

Fontes, K. M. H. A. S.[1]; Schultz, A. G. R. [2]; Tudury, E. A. [3] 1. Médica Veterinária autônoma, Mestre pela UFRPE (katarinape@hotmail.com) 2. Médica Veterinária autônoma, Doutora pela USP 3. Professor Associado IV, Doutor, Departamento de Medicina Veterinária, UFRPE

O tratamento fisioterapêutico é importante para o desenvolvimento do caminhar espinhal. O objetivo deste trabalho foi criar uma classificação de cada etapa da evolução do caminhar espinhal em caninos submetidos a fisioterapia. Foram utilizados 14 animais paraplégicos com perda completa da nocicepção devido a trauma vertebral ou doença do disco intervertebral, localizadas na região T3-L3 da coluna vertebral, e realizadas avaliações semanais, como suporte de peso, movimentação dos membros pélvicos (MPs), capacidade de deambulação involuntária e ausência de nocicepção nos MPs. Assim foi criado um quadro com 6 graus funcionais: GRAU 1 – MPs não apresentam movimento mesmo sob estímulo nociceptivo na cauda, não pedalam; presença dos reflexos: flexor, patelar e algumas vezes em massa; ao levantar o cão não se mexe e nem se sustenta. GRAU 2 - igual ao anterior, porém o animal começa a apresentar pedalagem sob o estímulo nociceptivo na cauda; tenta se sustentar sozinho por poucos segundos e cai. GRAU 3 - começa a apresentar pedalagem sem estímulo nociceptivo e anda se sustentado pelo abdômen; não consegue se levantar sozinho, mas consegue se sustentar na posição quadrupedal por mais tempo. GRAU 4 - se levanta sozinho, mas dificilmente se sustenta ao tentar se deslocar; apresenta pedalagem espontânea e se locomove quando auxiliado no suporte do seu peso. GRAU 5 - inicia os movimentos de pedalagem e logo atinge estação; caminha (2 a 3 passos) sozinho descoordenadamente e cai. GRAU 6 – igual ao anterior, porém consegue caminhar sozinho (mais de 4 passos) antes de cair. Este quadro permitiu acompanhar de forma objetiva a evolução do caminhar espinhal dos pacientes durante o tratamento.

Palaras-chave: ausência de nocicepção; deambulação; trauma medular; exercícios terapêuticos; paralisia.

QUIMIODECTOMA EM FELINO: RELATO DE CASO

Junqueira, L. dos S.[1]; Matos, E.K. dos S.[1]; Pires, A.A.L[1]; Ferreira, O.B.A. de S.[1]; Santin, F.[2]; Oliveira Filho, J.C.[3] 1. Estudante de graduação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), (liziane.junqueira.2012@gmail.com) 2. Médica veterinária responsável pelo Setor de Clínica de Pequenos Animais da UFRB. 3. Médico veterinário responsável pelo Setor de Patologia da UFRB.

Os quimiodectomas são neoplasias da base cardíaca derivadas dos quimiorreceptores, sendo de rara ocorrência nos felinos domésticos. O presente trabalho tem como objetivo relatar os achados clínico-patológicos de um caso de quimiodectoma. Um felino, fêmea, sem raça definida (SRD), doze anos de idade, atendido no Hospital Universitário de Medicina Veterinária (HUMV) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, apresentava como queixa principal o emagrecimento progressivo há dois meses, fraqueza e hiporexia. O animal se apresentava magro, apático, com edemaciamento dos membros pélvicos, mucosas pálidas, frequência respiratória elevada e linfonodos reativos, além de nódulos localizados principalmente no dorso. A paciente faleceu poucos dias após o atendimento e foi submetida à necrópsia no HUMV, onde foram observadas massas tumorais arredondadas e irregulares próximas à base do coração, variando de 0,2 a 2,0 cm, com consistências diversas, desde macias a firme-elásticas, e coloração esbranquiçada e homogênea. Na superfície epicárdica existia ainda uma área focalmente extensa, deprimida e de coloração escura. As amostras histológicas produzidas evidenciaram múltiplas células poliédricas organizadas em ninhos, feixes e, por vezes, formando mantos, envoltas por moderado a elevado estroma fibroso. As células possuíam núcleos grandes, basofílicos, arredondados a ovais, citoplasma escasso, eosinofílico e com bordos distintos. A partir dos achados clínicos e histopatológicos, finalizou-se o diagnóstico de quimiodectoma. Devido a sua rara ocorrência, a literatura acerca dos quimiodectomas em gatos é bastante escassa, carecendo assim de mais estudos sobre tal enfermidade nos felinos domésticos.

Palavras-chave: Neoplasia, gatos, necrópsia.

QUIMIOTERAPIA NO CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS EM CÃO: RELATO DE CASO

FERRI, S.T.S Sanchez & Ferri Veterinária (simonatsanchez@hotmail.com)

O carcinoma de células escamosas (CCE) é uma das neoplasias malignas mais comuns em cães, sendo localmente agressivo e de baixa taxa de metástase. O prognóstico varia de acordo com a localização e o estágio clínico no momento do diagnóstico, que quando precoce e excisão cirúrgica completa for possível é bom, porém, quando houver lesões que envolvam estruturas ósseas, passa a ser reservado. No presenta relato, atendeu-se uma fêmea canina, poodle, 9,5 anos, com queixa de anorexia, sangramento bucal e vocalização há 15 dias e após a tosa, aumento de volume da mandíbula. No exame clínico observou extensa massa na região da mandíbula direita, comprometendo a parte inferior da língua e os dentes, friável e com sangramento. Os linfonodos adjacentes estavam normais. Solicitou-se exames para o estadiamento e no RX, a mandíbula direita (processo angular, coronóide e articular) apresentou áreas osteolíticas com discreta proliferação óssea e aumento do espaço articular temporo-mandibular. Os demais exames apresentavam-se normais. O paciente então, foi anestesiado para melhor inspeção e realização da citologia oncótica que diagnosticou CCE. A tutora optou por realizar a quimioterapia para dar qualidade de vida a paciente. Instituiu-se a quimioterapia (QT) com carboplatina (200mg/m^2) a cada 21 dias e tratamento de controle da dor. Na primeira QT houve uma discreta diminuição do tumor. Já na terceira QT a paciente apresentou leucopenia importante, intolerância a carboplatina e não houve diminuição satisfatória do tumor. Optou-se, então, pela doxorrubicina (1mg/kg) a cada 21 dias. A paciente apresentou boa tolerância ao quimioterápico e após a terceira QT o tumor apresentou redução de 60% do seu tamanho. Após 6 meses do diagnóstico, a paciente está mais ativa, com ganho de peso, sem vocalizações e medicada só com anti-inflamatório. Conclui-se que a QT foi importante para aumentar a expectativa de vida da paciente.

Palavras chaves: quimioterapia, carcinoma de células escamosas, cão, qualidade de vida.

RADIODIAGNÓTICO DE DISPLASIA FISEAL EM FELINO

Lima, L. F. C.[1]; Oliveira, A. B.[1]; Souza, R. A.[1]; Caldas, E. L. C.[2]; Santos Neto, E.[3]. 1. Médico Veterinário. (luizfernandolvet@hotmail.com) 2. Diretor do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Sergipe e Presidente do CRMV-SE 3. Estudante de medicina veterinária pela Faculdade Pio Décimo.

A displasia fiseal felina, conhecida como osteopatia metafiseal dos colos femorais, fratura da fise capital e síndrome de displasia fiseal capital felina, é uma afecção uni ou bilateral que resulta no deslocamento da epífise da cabeça femoral da metáfise proximal sobre a placa de crescimento do fêmur, na maioria das vezes, sem histórico de trauma e constantemente diagnosticado em felinos domiciliados que não tem acesso ao ambiente externo. Acomete, geralmente, felinos domésticos machos sem predisposição raça, orquiectomizados precocemente, acima de 1 ano, com escore corporal acima do indicado e que apresentam um retardo no fechamento das fises femorais. As manifestações clínicas variam de claudicação leve a avançada, incomodo e astenia nos membros pélvicos. O diagnóstico geralmente obtido através do histórico, exame clínico associado ao estudo radiográfico do membro, no entanto, o definitivo faz-se através da análise histopatológica da lamina óssea. O tratamento é de caráter cirúrgico, através da realização da osteoctomia, artroplastia total da pelve ou estabilização da fratura devendo levar em consideração a idade do animal. O objetivo do estudo é relatar o caso de um gato sem raça definida, de um ano de idade, sem histórico de acesso a rua ou trauma e apresentando claudicação principalmente do membro posterior direito (MPD) e com bastante sensibilidade do membro há cerca de dois meses, tratado com anti-inflamatório, mas com reincidiva; com cerca de oito dias de dificuldades na locomoção. Foi encaminhado ao LABOVET - Centro Diagnóstico Veterinário para realização das radiografias mediolateral e ventrodorsal (VD) do MPD, sendo possível a visualização da fratura fisária com deslizamento do colo em relação à cabeça femoral direita na projeção VD fechando o diagnóstico e descartando outros tipos de fraturas ou luxações.

Palavras-chaves: Doença articular, locomotor, radiologia.

REABILITAÇÃO E SOLTURA DE URUBU-REI *(Sarcoramphulus papa)* DE VIDA LIVRE

Alves, A.V.C.[1]; Andrade, F.J.C.[1]; Silva, G.D.S.[1]; Barbosa, M.I.S.[1]; Corrêa, P.G.N.[1]; Catenacci, L.S.[2] 1. Graduando em Medicina Veterinária, Universidade Federal Do Piauí, Bom Jesus, Piauí, Brasil (annevcosta@gmail.com) 2. Professora do Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal Do Piauí, Teresina, Piauí, Brasil

O urubu-rei é uma ave com envergadura, em média, 1,84 cm, pesando entre 3 a 5 kg e cerca de 85 cm de comprimento. Aves silvestres, as quais são apreendidas, resgatadas ou advindas de entrega voluntária, podem ter sua destinação a programas de translocação ou soltura. Entretanto, etapas de triagem e reabilitação devem ser realizadas para que esses animais demonstrem estar aptos para retornar à natureza. No dia 30 de Outubro de 2018, foi encaminhado pelo ICMbio para o setor de animais silvestres do Hospital Veterinário Universitário de Bom Jesus-PI, um urubu-rei. Na avaliação clínica, o animal apresentava desidratação, prostração, pupilas com presença do reflexo de midríase e miose, presença de ectoparasitas (piolho). Os membros torácicos apresentavam-se sem movimentação e estendidos e os membros pélvicos demonstraram a ausência de reflexo proprioceptivos. Após retirada das larvas, o paciente foi submetido a fluidoterapia, exames de hemograma, em que foi evidenciado no leucograma uma toxicidade heterofílica, bioquímico com parâmetros normais e o coproparasitológico negativo. Nenhuma fratura foi evidenciada. Feita a avaliação clínica, sugeriu-se que o animal apresentava uma síndrome neurológica sem conhecimento etiológico. O protocolo utilizado para tratamento foi Enrofloxacina 10mg/kg SID, Dexametasona 2mg/kg SID, além de fluidoterapia diária. O urubu-rei foi submetido a exercícios diários, além de um recinto improvisado com enriquecimento ambiental. Com 6 dias de tratamento, ele foi retornando a se movimentar e com 8 dias aceitou alimentação independente. Foram repetidos os exames e os valores apresentavam-se dentro da normalidade. Em 14 dias de reabilitação, o animal foi concedido para uma área no Parque Nacional Serra da Capivara para posterior soltura.

Palavras-chave: fauna, nordeste, reabilitação.

RECONSTRUÇÃO DA PAREDE ABDOMINAL APÓS REMOÇÃO DE FIBROSSARCOMA, USANDO TELA DE POLIPROPILENO E RETALHO SUBDÉRMICO EM Z-PLASTIA- RELATO DE CASO EM CÃO

Carrijo, L. L.[1], Vilela, G. P.[1], Pires, L. A. [1], Gonçalves, Y. [3] , Schneider da Silva, L. [2], Silva, J. A. R.[3]; 1. Monitora da disciplina de Técnicas Cirúrgicas e Acadêmica de Medicina Veterinária – UEG. 2. Professor de Técnicas Cirúrgicas da Universidade Estadual de Goiás – UEG. 3. Professora de Anestesiologia da Universidade Estadual de Goiás – UEG.

Os tumores denominados como sarcomas de tecidos moles são neoplasias mesenquimais de tecidos de origem mesodérmica (tecido fibroso, adiposo, músculos, cápsula sinovial, vasos sanguíneos e linfáticos). O principal tratamento para o fibrossarcoma é o cirúrgico devido seu alto potencial de invasão de tecidos adjacentes, porém de baixo potencial metastático, sendo a recidiva local observada, principalmente quando não se consegue excisar os nódulos completamente. Este trabalho relata o diagnóstico de um fibrossarcoma, em região lateral do abdome de um cão Labrador de 12 anos, com 38 Kg. O nódulo foi submetido a biópsia e o paciente a exames tomográficos, laboratoriais e estadiamento tumoral. Diante disso, a conduta médica veterinária foi encaminhar o paciente para o procedimento cirúrgico radical, com remoção ampla da área do tumor, pele e área dos músculos abdominais adjacentes. Como o fechamento primário da ferida cirúrgica não era possível, optou-se pela reconstrução da parede abdominal com tela de polipropileno, retalhos musculares e "Z" plástica cutânea. Paciente se recuperou bem e após a cirurgia vem sendo acompanhado a cada 6 meses com o oncologista. Pode considerar que, nestes casos, uma cirurgia oncológica radical e a plástica reconstrutiva são imprescindíveis, para se obter melhores resultados funcionais e cosméticos.

Palavras chaves: neoplasma, cirurgia reconstrutiva, prótese.

REDUÇÃO ABERTA DE LUXAÇÃO DE COTOVELO TRAUMÁTICA EM CÃO

Macikio, M.M.[1]; Freitas, V.M.L.[2]; Lima, D.A.[2]; Emiliano, A.K.S.[2]; Romano, T.P.F.[2]; Sá, M.J.C[3] 1. Graduanda na Universidade Federal de Campina Grande (macikiomariana@hotmail.com) 2. Residente no Hospital Veterinário Prof. Dr. Ivon Macêdo Tabosa (HV-UFCG) 3. Professor na Universidade Federal de Campina Grande

As luxações traumáticas do cotovelo em cães são incomuns devido à estabilidade inerente fornecida pelos ossos, musculatura e ligamentos. Um cão de 5 anos, macho, SRD, deu entrada no Hospital Veterinário Prof. Dr. Ivon Macêdo Tabosa (HV-UFCG) com histórico de trauma por atropelamento há 11 dias. Ao exame físico o animal não apoiava o membro torácico esquerdo e apresentou instabilidade na articulação do cotovelo. Foi solicitada radiografia do membro que confirmou a luxação lateral da articulação úmero-rádio-ulnar. No hemograma não foram relatadas alterações, bem como nos parâmetros fisiológicos. Foi feita a tentativa de redução fechada, entretanto devido ao tempo decorrido o trauma, a articulação permanecia instável. O procedimento cirúrgico consistiu em uma incisão cutânea do terço distal do úmero até o terço proximal da ulna, divulsão do tecido subcutâneo seguida de miotomia do músculo ancôneo. Foi então realizada uma alavanca do processo ancôneo com o Hohmann sobre a crista epicondilar para envolver a fossa do olécrano. Após a redução, o teste de Campbell foi realizado, sendo identificada ainda uma rotação medial excessiva, realizando-se então uma sutura com fio nylon 0 entre o úmero e o rádio para simular o ligamento colateral lateral. Por fim, foi instalado um fixador externo do tipo dois completo. Foi realizada miorrafia com fio nylon 4-0 padrão Sultan ("X"), redução do espaço morto subcutâneo com fio Vicryl 0 em padrão vai-e-vem e dermorrafia com fio nylon 2-0 com padrão simples separado. O pós-operatório foi realizado com uso oral de amoxicilina + clavulanato de potássio (20mg/kg, BID) durante 10 dias, carprofeno (2,2mg/kg, BID) durante 5 dias, tramadol (6mg/kg, QID) durante 5 dias. Também foi prescrito o uso tópico de hirudoide e alantol, BID, durante 14 dias. No retorno o fixador estava solto e o animal já deambulava normalmente, portanto foi realizada a retirada do fixador e o animal foi liberado.

Palavras chaves: Redução aberta, luxação, cotovelo.

RELAÇÃO DA POLIARTRITE COM O EXCESSO DE CARBOIDRATO NA DIETA – ESTUDO RETROSPECTIVO

LIMA, S. K. M; [1] MARQUES, R. M. S; [2] BARRETO FILHO, T. A. [3] 1. Acadêmica de medicina veterinária, Universidade Potiguar, Natal/RN, Brasil. (suzanakarlamartinslima.a@gmail.com). 2, Acadêmica de medicina veterinária UniNassau, Natal/RN, Brasil. 3. Médico Veterinário na Policlínica Animal Tarcísio Barreto, Natal/RN, Brasil.

A inflamação subclínica é uma das principais afecções que acomete os cães domésticos, causando inflamação no corpo, levando o animal a desenvolver poliartrite. Alguns fatores contribuem para o surgimento dessa condição, como a obesidade, alimentação com excesso de carboidratos, que promovem uma disposição de glicose, alterando o pH da articulação comprometendo a nutrição da sinovia. O trabalho tem por objetivo avaliar a incidência de animais com poliartrite, atendidos na Policlínica Animal Tarcísio Barreto no ano de 2019. A análise foi realizada a partir dos prontuários e fichas de atendimento, onde foram avaliados 35 animais nessa condição, sendo que 100% vivem em apartamentos e com pouco acesso a radiação solar. Quanto à idade, variou-se de 3 a 9 anos, 70% castrados, 0% de hospitalizados, 50% dos 35 animais apresentavam ruptura do ligamento cruzado cranial, em que 95% realizou cirurgia e 5% não. Diante dos dados, pode-se inferir que uma dieta adequada ao animal previne doenças articulares progressivas.

Palavras chaves: poliartrite; carboidrato; cães.

RELAÇÃO ENTRE ESCORE DE CONDIÇÃO CORPORAL E MEDIDAS MORFOMÉTRICAS EM CÃES COM SOBREPESO E OBESIDADE.

Araujo, D.R.[1]; Eleutério, E.E.B.[1]; Andrade, S.C.N.[1]; Neves, L.O.N.[1]; Soares, A.E[1]; Carvalho, L.A.R.[2] 1. Acadêmico de Medicina Veterinária da FUNORTE (dayseramires@hotmail.com) 2. Professora Adjunta de Medicina Veterinária da Funorte

Mudanças de hábitos alimentares dos cães nos últimos tempos têm contribuído para o aumento de casos de sobrepeso ou obesidade. Assim estudos sobre obesidade em cães são de extrema importância na clínica médica veterinária. O presente estudo objetivou correlacionar animais com sobrepeso e obesidade de acordo com diferentes métodos de mensuração de condição corporal. Foram analisados 27 cães atendidos no HUVET - FUNORTE, no período de setembro a outubro de 2019. Primeiramente foi determinado o Escore de Condição Corporal – ECC por observação visual e palpação, seguindo a tabela de classificação de nove pontos, onde 4 e 5 indicam peso ideal, 6 e 7 sobrepeso, 8 e 9 obesidade. Também foi realizada uma avaliação morfométrica pelas fórmulas (GC machos (%) = -1.4 (LRH cm) + 0.77 (WC cm) + 4) e (GC fêmeas (%) = -1.7 (LRH cm) + 0.93 (WC cm) + 5) onde LRW é a medida do membro pélvico direito e WC perímetro ou circunferência abdominal. Na análise morfométrica foi considerado de 15 a 20% peso ideal, acima de 20% sobrepeso e obesidade. De acordo com o método de ECC, onze cães estavam dentro das condições normais, cinco tinham sobrepeso e onze obesidade. Na análise da morfometria 15 animais estavam com peso ideal e 12 animais com sobrepeso/obesidade. Pode-se observar uma pequena diferença entre os resultados da morfometria e ECC, mas a mesma pode ser observada, uma vez que a morfometria identifica o percentual de gordura presente no corpo e o ECC se faz de forma subjetiva. Assim pode-se concluir que o ganho de peso interfere na conformação estrutural corpórea dos animais e nas mensurações que podem indicar quadros de obesidade.

Palavras chaves: Ganho de peso, Nutrição, Percentual de gordura.

RELAÇÃO ENTRE SEDIMENTO BILIAR E PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICOS EM GATOS DOMÉSTICOS ASSINTOMÁTICOS (RESULTADOS PARCIAIS)

Oliveira, R.S.L.[1]; Borges, N.C.[2]; Silva, M.S [1]; Oliveira, K. S.[2]. 1 Aluna do programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás (rslemosolivera@gmail.com). 2- Docente, Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás.

A presença de sedimentos na vesícula biliar (lama biliar) é considerada como achado incidental em cães e gatos, mas estudos a associam a presença de sedimentos com a redução no esvaziamento do trato gastrintestinal e com doenças biliares, em cães, e com aumento de enzimas hepáticas em gatos. Foram avaliados 31 gatos aparentemente saudáveis e realizados hemograma, bioquímica sérica e ultrassonografia abdominal. Dois animais foram excluídos do estudo por apresentares doenças sistêmicas. Dos 29 gatos avaliados, 11 (37,9%) apresentaram presença de sedimentos em vesícula biliar. Destes, 5 (45,5%) apresentaram pequena quantidade de sedimentos 5(45,5%) quantidade moderada e 1 (4,5%) grande quantidade. Os animais com lama biliar apresentaram valores menores de hematócrito (41,78%±4,05 nos animais sem alterações biliares, 38,73%±3,38 nos com sedimentos) com diferença significativa (p=0,0463). Foram encontrados valores menores de linfócitos, albumina, fosfatase alcalina, globulinas, proteína sérica, ureia, e maiores de plaquetas, leucócitos totais, neutrófilos, linfócitos, alaniana amino transferase, gamaglutamil transferase, porém todos sem diferença estatística. Não foi encontrado associação entre a presença de sedimento e aumento de enzimas hepáticas. Em humanos, a presença de sedimento biliar está associada à anemia falciforme, mas não há relatos na veterinária da associação entre anemia e presença de sedimento biliar.

Palavras-chave: Anemia, Felinos, Lama biliar, ultrassom.

RELATO DE CASO: HÉRNIA DE HIATO EM FELINO DOMÉSTICO.

Góes, A.P.R.[1]; Cavalcante, L.A.[1]; Palma, J.C.B.[2]; Vasconcelos, A. L. S.[2]; D'Assis. M.J.M.H.[3]; Moreira, C.S.[4] 1.Graduando do Curso de Medicina Veterinária UNIME (paulargoes@outlook.com) 2. M. V. 3. M. V., MSc., Dr. 4. M. V. Residente - HOSPMEV-UFBA.

As hérnias de hiato são definidas como protrusões do esôfago abdominal, junção gastresofágica, e da porção do estômago pelo hiato esofágico.[1] Normalmente são assintomáticas ou levam a regurgitação.[1,2] Ocorre principalmente por questões congênitas, mas ocasionalmente pode ser secundária a um trauma.[1,3] Um felino doméstico, errante, SRD, idade estimada em três meses, apresentou caquexia, êmese, anorexia, apatia, dificuldade de ingesta sólida e crepitações pulmonares. Foi realizada endoscopia que confirmou a hérnia de hiato, com visualização das dobras gástricas em área de esfíncter esofágico, além de regiões hiperêmicas na mucosa do esôfago, sugestivos de esofagite por refluxo. Foi instituído tratamento com antiácidos e antibióticos, sem resposta positiva, sendo o paciente submetido à dieta hipercalórica por sete dias e depois encaminhado para cirurgia. Após celiotomia em linha media ventral e rebatimento medial dos lobos hepáticos esquerdos, expôs-se o estômago e o diafragma. Dissecou-se a membrana frenoesofágica liberando o esôfago, seguindo com a redução da hérnia. Houve o desenvolvimento de um leve pneumotórax, sendo necessária ventilação mecânica durante o procedimento. Foi realizada a plicatura hiatal diafragmática e a esofagopexia utilizando-se sutura simples interrompida. O reparo foi finalizado com gastropexia incisonal em parede abdominal ventrolateral esquerda e curvatura maior do estômago. Ao final do procedimento foi realizado o reestabelecimento da pressão intratorácica. Para o pós operatório foi prescrito uso de analgésico, antibiótico, sucralfato e domperidona, este último devido a episódios de regurgitação. Após um mês da cirurgia já apresentava ganho de peso, e ausência dos sinais clínicos comprovando a eficácia do tratamento instituído. A hérnia hiatal é ainda pouco diagnosticada e relatada, e neste caso, a sintomatologia apresentada diferiu da citada pela literatura.[1,2,3]

Palavras-chave: Hérnia de hiato; felinos; endoscopia.

RELATO DE CASO: RETALHO BILATERAL DA PREGA DO FLANCO PARA A RECONSTRUÇÃO DE DEFEITO CUTÂNEO APÓS MASTECTOMIA EM CADELA

ARAÚJO, R. B.[1 2], FERREIRA, A. F.[1], FREITAS, G. M. R.[1], PIRANI, L. B. Z.[1], HORTA, R. S.[1],
1. Escola de Veterinária da UFMG (baracat@vet.ufmg.br)

Neoplasias mamárias são as mais frequentes nas cadelas e o atraso no diagnóstico pode resultar em lesões grandes de difícil ressecção cirúrgica. Cães e gatos possuem uma prega cutânea na região do flanco, irrigada pelos ramos inferiores ventrais da artéria ilíaca circunflexa profunda, podendo ser utilizada para a correção de grandes defeitos cirúrgicos na face lateral da coxa ou região inguinal. Este trabalho teve como objetivo relatar um caso de utilização bilateral da prega do flanco para a reconstrução de defeito cutâneo após mastectomia. A paciente, Poodle, com 13 anos de idade e 2,5 kg, apresentava nódulo mamário ulcerado de aproximadamente 6x6 cm, acometendo mamas inguinais e abdominal caudal direita, invadindo a mama contralateral, nódulos múltiplos em mama torácica cranial direita e nódulo menor que 1 cm em mama abdominal caudal esquerda. Exames pré-cirúrgicos revelaram ausência de sinais de metástase distante, embora a ultrassonografia tenha revelado conteúdo uterino anecoico, sugestivo de complexo hiperplasia endometrial cística-piometra. Os parâmetros vitais se mantiveram estáveis e a paciente foi internada para tratamento médico-cirúrgico. Realizou-se procedimento cirúrgico de ovariohisterectomia e mastectomia radical do lado direito, estendendo com exérese de mama abdominal caudal e inguinal esquerdas, e linfonodos axilar direito e inguinais (bilateralmente). Foi realizada uma incisão e elevação do retalho da prega do flanco, bilateralmente, com transposição para a região inguinal. Suturas simples interrompidas foram utilizadas para aproximação do tecido ("*walking suture*"), seguido de simples contínua, exceto na região do retalho, com poliglicaprone 2-0. A dermorrafia foi realizada com padrão simples separado, com nylon 3-0. A paciente apresentou excelente evolução da ferida cirúrgica, com aproveitamento de 100% dos retalhos cutâneos, com a retirada das suturas externas após 13 dias.

Palavras chaves: Cirurgia, oncologia, anaplastia, retalho axial.

REMOÇÃO DE CORPO ESTRANHO EM PROVENTRÍCULO VIA ENDOSCÓPICA DE PAPAGAIO VERDADEIRO (*Amazona aestiva*): RELATO DE CASO

Yoshitoshi, F.N.[1]; Rabello, M.F.L.J.[2]; Miranda, R.A.[1]; Caballero, P.V.R.[3]; Kim, D.S.Y.[4], Bueno, M.[1]; Auler, F.A.B[1]; Miranda, R.A.[1]; 1. Médico Veterinário – Endoscopet 2. Médica Veterinária especialista em animais silvestres e exóticos 3. Estagiário da Endoscopet e aluno do 4º ano do curso de Medicina Veterinária na Universidade Santo Amaro – UNISA 4. Estagiária da Endoscopet e aluna do 4º ano do curso de Medicina Veterinária na Universidade Anhembi-Morumbi – UAM (danikim.trabalho@gmail.com)

Há poucos relatos na literatura sobre presença e remoção de corpo estranho (CE) em aves por via endoscópica, em especial sobre o Papagaio Verdadeiro (*Amazona aestiva*). Trata o presente relato, o caso de um Papagaio Verdadeiro (*A. aestiva*), macho de três meses, encaminhado ao serviço de endoscopia para retirada de corpo estranho (manguito de alimentação) em proventrículo. Tutor relata que ao alimentar a ave, ela acidentalmente engoliu o CE, e imediatamente procurou colega especialista em animais silvestres e exóticos, que por sua vez sugeriu a remoção do CE por procedimento minimamente invasivo. O paciente foi submetido à indução anestésica e posteriormente submetido à endoscopia digestiva alta onde foi confirmado o CE em proventrículo sendo retirada com uso de pinça endoscópica de apreensão e inspecionado o restante do provetrículo o qual não mostrou alterações. Terminado o procedimento, o paciente foi encaminhado para a recuperação anestésica e recebeu alta e orientações pós procedimento no mesmo dia.

Palavras chaves: Endoscopia, corpo estranho, ave.

REMOÇÃO DE *DIROFILARIA IMMITIS* EM ÁTRIO DIREITO DE UM CANINO COM INSUFICIÊNCIA CARDÍACA CONGESTIVA DIREITA: RELATO DE CASO

CHAVES, K.N.[1]; SILVA, R.B. [1]; SANTOS, J.N.[1]; OLIVEIRA, R.E.C. [1]; SERRA, V.A.[2]; SOUZA, F.W.[1]* 1 - Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Viçosa/AL; (wiecheteck@hotmail.com); 2 - Médica Veterinária Autônoma, Maceió/AL.

A dirofilariose, também conhecida como cardiopatia parasitária ou doença do verme do coração é causada por nematódeos do gênero *Dirofilaria sp.*, sendo mais prevalente em regiões tropicais e subtropicais, e transmitida através de mosquitos dos gêneros *Aedes, Anopheles* e *Culex sp.* O presente relato descreve o caso de um canino, macho, raça American Pitbull Terrier, com 10 anos de idade, 32kg, que chegou para atendimento com histórico de bradicardia (50mpm), tosse, intolerância ao exercício, ascite volumosa e hepatomegalia. Através do eco e eletrocardiograma, o animal foi diagnosticado com cardiomiopatia dilatada e insuficiência cardíaca congestiva direita, e, possível presença de parasitas adultos de *Dirofilaria immitis*. Foram realizados também os exames sorológico e parasitológico, que confirmaram a presença de microfilárias e parasitas de *D. immitis* adultos. O paciente foi submetido à cirurgia, empregando-se a técnica inédita de atriotomia direita, sem parada circulatória (*inflow* ou *outflow occlusions*) ou utilização de circulação extracorpórea, através de toracotomia direita pelo 5º espaço intercostal. Por meio deste acesso, foi possível remover um parasita adulto sem a ocorrência de complicações transoperatórias. O animal permaneceu internado com monitoramento cardiovascular por um dia até receber alta hospitalar e após sete dias da cirurgia, não apresentava complicações relacionadas à ferida cirúrgica, de modo que os pontos foram removidos. Através desta cirurgia, o paciente apresentou excelente recuperação dos sinais clínicos (ascite e hepatomegalia) a partir dos 30 dias de pós-operatório, apresentando uma sobrevida de 9 meses sem complicações recorrentes, demonstrando, assim, ser uma técnica cirúrgica de grande efetividade.

Palavras-chave: doença do verme do coração, dirofilariose, toracotomia.

REPARO DE HÉRNIA PERINEAL BILATERAL COM TELA DE PROPILENO ASSOCIADA A RETALHO DO MÚSCULO SEMITENDINOSO EM CÃO IDOSO – RELATO DE CASO.

Vilela, G. P.[1], Carrijo, L. L.[1], Pires, L. A. [1], Gonçalves, Y. [1], Schneider da Silva, L. [2], Silva, D. C. [3]; 1. Monitora da disciplina de Técnicas Cirúrgicas e Acadêmica de Medicina Veterinária – UEG (giovannapereira21@hotmail.com). 2. Professor de Técnicas Cirúrgicas da Universidade Estadual de Goiás – UEG. 3. Professor de Patologia Geral da Universidade Estadual de Goiás – UEG.

As hérnias perineais caracterizam-se pela ruptura, enfraquecimento ou separação de um ou mais músculos que compõe o diafragma pélvico, ocasionando um deslocamento de estruturas anatômicas em direção caudal, evidenciado por um intumescimento da região do períneo, sendo que esta condição pode ser uni ou bilateral. O presente caso é um relato de um cão idoso, SRD, com 12 anos e 23 Kg, que foi diagnosticado com hérnia perineal bilateral. Paciente apresentava prostração, anorexia, tenesmo, estranguria e hiperplasia prostática. Após diagnóstico, bem como exames físicos, radiográficos e ultrassonográficos, o tratamento indicado foi cirúrgico. Como as hérnias eram de grande proporção e o tecido muscular perianal estava atrofiado e escasso, optou-se pela utilização concomitante de duas técnicas reconstrutivas: implante de tela de polipropileno no formato cônico, associada a transposição de retalhos bilaterais dos músculos semitendinosos. Durante o procedimento o cão também foi submetido a orquiectomia. O paciente, 48h após a cirurgia, já se alimentava bem, defecava e urinava normalmente sem dor e após 120 dias da cirurgia, permaneceu sem sinais clínicos. Concluímos que a associação das duas técnicas cirúrgicas foi eficaz para reconstrução da região perineal, proporcionando uma recuperação rápida das funções fisiológicas e o bem estar imediato ao paciente.

Palavras chaves: mioplastia, prótese, animal

RESISTÊNCIA ANTIBIÓTICA EM PACIENTE CANINO FILHOTE DIAGNOSTICADO COM STAPHYLOCOCCUS PSEUDINTERMEDIUS – RELATO DE CASO

CRUZ, A. S.[1]; SANTOS, R. A.[1]; SALDANHA, D. A.[1]; PINHEIRO, A. A.[2]; 1- Graduandos em Medicina Veterinária- UFS (alicesampaiocruz@hotmail.com; 2- Médica Veterinária na área de Clínica Médica de Pequenos Animais.

A *Staphylococcus pseudintermedius* é uma bactéria oportunista natural da microbiota cutânea e das mucosas caninas, sendo responsável por 99% das piodermites bacterianas. Este relato teve como objetivo demonstrar se o *S. pseudintermedius* possui resistência a outros antibióticos além da Meticilina. O paciente era um canino macho da raça Spitz Alemão, não castrado, 3 meses de idade, pesando 0,750kg, com vermifugação e vacinação atualizadas. Durante o exame físico foi observado dermatite descamativa difusa, pústulas e pápulas em região inguinal, além de descamação e ressecamento nas pontas de ambas as orelhas e prurido intenso. Diante das alterações foram solicitados os seguintes exames: o leucograma, que apresentou leucocitose por neutrofilia e linfocitose absoluta, o raspado de pele e tricograma demonstrando numerosos *Sarcoptes scabiei,* na pesquisa de sarna, e hifas hialinas ramificadas e septadas, na pesquisa de fungos, a microscopia direta-gram constatando numerosos cocos gram-positivos isolados e aos pares por campo e, por fim, a cultura com o antibiograma, resultando positivo para o *S. pseudintermedius* e resistência a demasiados antimicrobianos, exceto à Amicacina e ao Imipenem. O paciente também realizou o teste para leishmaniose e o resultado foi negativo. Diante dos resultados obtidos o protocolo terapêutico instituído foi, uma dose semanal de Ivermectina por quatro semanas via oral, shampoo Micodine para banho a cada 3 dias, Promundog via oral SID, Simparic via oral a cada 3 meses e antibioticoterapia com Amicacina 0,2ml por via subcutânea SID por 21 dias. No retorno clínico, foi realizado um novo raspado cutâneo e não foi observada a presença da bactéria, demonstrando a eficácia da terapêutica proposta. Diante disso, conclui-se que a bactéria *S. pseudintermedius* demonstrou resistência antimicrobiana significativa sendo estabelecida a terapêutica com o uso de Amicacina, resultando na melhora no quadro clínico do paciente.

Palavras-chave: Resistência antibiótica; Dermatite; *S. pseudintermedius;*

RETALHO AXIAL DA ARTÉRIA ILÍACA CIRCUNFLEXA PROFUNDA NA RECONSTRUÇÃO DE MEMBRO PÉLVICO, APÓS REMOÇÃO DE MASTOCITOMA- RELATO DE CASO

Oliveira, I. G. [1], Schneider da Silva, L. [2], Souto, K. R. [3] , Carrijo, L. L. [3], Silva, J. A. R.[4] ; 1. Aluna de iniciação científica PIBIC e acadêmico de Medicina Veterinária – UEG (belagtba11@gmail.com). 2. Professor de Técnicas Cirúrgicas da Universidade Estadual de Goiás – UEG. 3. Monitor da disciplina de cirurgia em pequenos animais e acadêmico de Medicina Veterinária – UEG. 4. Professora de Anestesiologia e Farmacologia da Universidade Estadual de Goiás – UEG.

O retalho de padrão axial que envolve o angiosoma da artéria ilíaca circunflexa profunda, apresenta ramos dorsais e ventrais e pode ser levado para cobrir defeitos da lateral do abdômem, da coxa, do flanco e períneo. O mastocitoma é um tumor com frequente apresentação cutânea, principalmente na derme e tecido subcutâneo. Esta neoplasia tem um comportamento biológico variado e imprevisível. A excisão cirúrgica é indicada para todos os mastocitomas, devem ter margens de segurança e com remoção dos linfonodos adjacentes. O objetivo deste trabalho é relatar o caso de uma cadela com mastocitoma grau II na porção caudal da coxa, que foi diagnosticado por biópsia e histopatologia prévia. A paciente fêmea, da raça Bulldog Francês, peso 12 Kg e com 13 anos de idade, foi submetida a exames de imagem e laboratoriais para estadiamento tumoral, verificando-se que não havia nenhum indício de metástase ou alterações em quem qualquer outro órgão. O tratamento utilizado foi excisão tumoral com margem cirúrgica de 3cm e em profundidade removendo a primeira camada muscular comunicante a massa, mais o linfonodo poplíteo. Em seguida, como não era possível aproximação primária da pele para fechamento da lesão, foi confeccionado um retalho cutâneo axial envolvendo a artéria ilíaca circunflexa profunda e seus ramos. O retalho foi confeccionado traçando uma linha de incisão caudocranial, delimitada a partir da tuberosidade isquiática até o ponto médio entre a asa do ílio e o trocânter maior, dirigindo-se cranial ao ílio, em direção à linha média do dorso, sendo rotacionado aproximadamente 110° até a lesão da coxa. Os curativos diários e bandagem local foram aplicados por 8 dias. Em 18 dias os pontos foram removidos, havendo completa cicatrização tanto da área receptora como da área doadora do retalho. Conclui-se que esta técnica cirúrgica reconstrutiva foi eficaz para o recobrimento da grande área lesionada do membro pélvico do paciente, sendo de fácil execução quando bem planejada, trazendo rápida recuperação ao animal.

Palavras-chave: cirurgia plástica; cães; neoplasia.

RETALHO DE AVANÇO EM PADRÃO SUBDÉRMICO PARA RECONSTRUÇÃO DE DEFEITO EM CRÂNIO APÓS EXERESE DE NEOPLASIA CUTÂNEA: RELATO DE CASO

FERREIRA, O. B. A. de S.[1]; CERQUEIRA JÚNIOR, J. C. N. de[1]; SANTOS, Rafael Anias dos[2] 1. Estudante de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (olgabeatrizvet@gmail.com) 2. Médico Veterinário, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A cirurgia reconstrutiva permite o fechamento de grandes defeitos ocasionados por traumas, anomalias congênitas ou remoções de tumores cutâneos, mantendo a integridade da pele sem tensão e com aspecto cosmético favorável. O presente trabalho tem como objetivo relatar um caso clínico cirúrgico do uso do retalho de avanço em padrão subdérmico para reconstrução de defeito cutâneo em crânio após exérese tumoral. Foi atendido em uma clínica veterinária particular, um cão, macho, da raça chow-chow com 3 anos de idade, com histórico de nódulo em região de cabeça com crescimento progressivo rápido. Durante exame físico observou-se que a massa media cerca de 7 cm, localizada em região frontal próximo ao olho esquerdo com consistência firme, aderida, ulcerada. Após realização dos exames complementares optou-se pela remoção cirúrgica e posterior exame histopatológico para conclusão diagnóstica. A cirurgia consistiu em uma incisão elíptica ao redor do tumor, porem diante da impossibilidade da síntese primaria pela extensão do defeito optou-se pela técnica reconstrutiva para fechamento da ferida cirúrgica. A confecção do flap ocorreu após mensuração da largura e comprimento do defeito na mesma proporção do retalho. Após acomodação do retalho no leito receptor realizou-se sutura de pele em padrão sultan com fio nylon 3-0. Animal evoluiu bem, sem apresentar nenhum tipo de complicação pós-operatória nem deiscência de sutura. O diagnóstico histopatológico foi de tricoblastoma com área de transformação carcinomatosa. Conclui-se que o flap de avanço em padrão subdérmico é uma alternativa viável para a reconstrução de defeitos em região de cabeça trazendo resultados satisfatórios.

Palavras-chave: Cirurgia reconstrutiva; tumor; oncologia.

RETALHO DE PADRÃO AXIAL ILÍACO CIRCUNFLEXO PROFUNDO APÓS RESSECÇÃO NEOPLÁSICA EM CÃES – RELATO DE DOIS CASOS

ROCHA, M.R.[1], PEIXOTO, K.A.[1], OLIVEIRA, I.M.[2], SILVA, M.A.M.[3], 1. Acadêmica em medicina veterinária EVZ/UFG (marianarrocha@gmail.com). 2. Mestrando em ciência animal EVZ/UFG. 3. Docente EVZ/UFG.

A cirurgia reconstrutiva permite a remoção de neoplasias com margens de segurança amplas e o reparo de defeitos decorrentes do procedimento cirúrgico. O objetivo do presente trabalho é relatar dois casos de reconstrução por retalho de padrão axial ilíaco circunflexo profundo para correção de defeito cutâneo após excisão de neoplasias. O caso 1 se tratava de paciente canino acometido por mastocitoma na face externa do membro pélvico direito. Para realização do procedimento, promoveu-se incisão circular com margem de 3 cm de diâmetro em volta do nódulo, subsequente à divulsão dos tecidos que incluiu o plano muscular. A área do retalho foi delineada por uma linha entre a borda cranial da asa do ílio e o trocânter maior e na sequência fez-se a incisão cranial paralela à primeira linha ao eixo femoral. Após dissecção romba do tecido cutâneo com preservação do ramo ventral da artéria ilíaca circunflexa profunda. O pedículo cutâneo livre foi direcionado caudalmente de forma que cobrisse a falha da exérese tumoral. A síntese tecidual foi realizada como de rotina. O caso 2, trava-se de um paciente canino com diagnóstico citológico de mastocitoma em região perineal dorsal direita. Optou-se pela mesma técnica cirúrgica acima descrita, contudo com especial preservação do ramo dorsal da artéria ilíaca circunflexa com direcionamento cranial no sentido do defeito cutâneo formado. Em ambos os casos não houve intercorrências e foi observado presença de edema e secreção serosanguinolenta. As técnicas foram eficientes na reparação cutânea e determinou bom resultado estético e funcional.

Palavras-chave: canino, cirurgia, oncologia, plástica

RETALHO DE PADRÃO SUBDÉRMICO DE AVANÇO COMO ALTERNATIVA PARA TRATAMENTO DE EXTENSA FERIDA EM REGIÃO DE CABEÇA E PESCOÇO

TOGNOLI, G. K.[1]; VOLKWEIS, F.S.[1]; ITACARAMBI, T.S.[2]; SILVA, P.[2] 1. Professor(a) Me no Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos UNICEPLAC (fabiana.volkweis@uniceplac.edu.br) 2. Graduandas do curso de Medicina Veterinária no UNICEPLAC

O retalho subdérmico de avanço é forte aliado nas cirurgias reconstrutivas de defeitos cutâneos com grandes perdas teciduais em áreas com pouca elasticidade, como cabeça e pescoço. Este trabalho tem por objetivo relatar a eficácia desta técnica no fechamento de lesão extensa em cabeça e pescoço de um cão adulto, sem raça definida, 12,2kg, de vida livre, atendido no Hospital Veterinário do UNICEPLAC. O animal apresentava ferida lacerada exuberante com miíase e áreas de necrose com exposição do crânio, estendendo-se na região de cabeça e pescoço. Realizou-se retirada das larvas, lavagem da ferida com NaCl 0,9%, administração VO de nitempiram 57mg/SID, doxiciclina 10mg/kg/BID, suplemento vitamínico a base de complexo B, metronidazol 15mg/kg/BID, dipirona 25mg/kg/TID e curativos diários até a formação de tecido de granulação. Por impossibilidade de cicatrização por segunda intenção e pela localização da lesão, optou-se pela realização de retalho subdérmico de avanço para cobertura da região lesionada. Após a cirurgia foram aplicadas bandagens compressivas, por conta da extensa dissecação necessária, e prescrito cefalexina (22mg/kg/BID, 15 dias), meloxicam (0,1mg/kg/SID, 5 dias) Ee tramadol (3mg/kg/BID, 3 dias). O paciente apresentou formação de seroma, motivo pelo qual foram mantidas as bandagens. Adicionalmente, houve deiscência de três pontos (provavelmente pela má condição corporal do animal) os quais, após removidos, cicatrizaram por segunda intenção. A técnica utilizada mostrou-se eficiente para tratamento de feridas extensas.

Palavras chave: Cirurgia reconstrutiva, retalho subdérmico de avanço, cabeça e pescoço.

ROTINA CLÍNICA DA NEONATOLOGIA DE CÃES E GATOS – CASUÍSTICA, PRINCIPAIS AFECÇÕES E MORTALIDADE

Pereira, K.H.N.P[1]; Hibaru, V.Y.[1]; Oliveira, E.LR.[1]; Souza, F.F.[2]; Chiacchio, S.B.[1]; Lourenço, M.L.G.[1] 1. Departamento de Clínica Veterinária da UNESP, Botucatu, SP (keylla_pacifico@hotmail.com). 2. Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária da UNESP, Botucatu, SP.

O período neonatal em cães e gatos corresponde às primeiras quarto semanas de idade. Devido à fisiologia e afecções marcadamente diferentes dos adultos, o atendimento a estes pacientes torna-se um desafio ao médico veterinário. O objetivo deste estudo foi descrever a casuística e as principais afecções do período neonatal de cães e gatos. O estudo incluiu 808 neonatos atendidos no Hospital Veterinário da UNESP, Botucatu, SP, entre janeiro de 2018 a novembro de 2019. Destes, 87,3% (705/808) eram cães e 12,7% (103/808) eram gatos, 57,3% (463/808) eram provenientes de cesarianas emergenciais devido às distocias, 8,7% (71/808) de partos vaginais, e 34% (274/808) de atendimento clínico. Dos filhotes provenientes de cesarianas emergenciais e partos vaginais, 47,3% (253/534) nasceram em desconforto respiratório por hipóxia grave ou em apneia persistente, necessitando de procedimentos de reanimação. No atendimento clínico, as principais afecções e alterações foram onfaloflebite, síndrome do leite tóxico, conjuntivite neonatal, síndrome do filhote nadador, síndrome hemorrágica neonatal, pneumonias, traumas, prematuridade, malformações congênitas (fenda palatina, lábio leporino, hidrocefalia, anasarca, anomalias vasculares cardíacas, atresia anal, gastrosquise, onfalocele, entre outras), sepse neonatal e outras infecções bacterinas locais e sistêmicas, infecções virais, parasitárias e fúngicas. A apresentação clínica mais observada foi a tríade neonatal (hipotermia, hipoglicemia ou desidratação), acometendo 74,6% (603/808) dos pacientes. A taxa de mortalidade de neonatos atendidos foi de 10,5% (85/808). O conhecimento em neonatologia pelo médico veterinário é fundamental para o atendimento destes pacientes, possibilitando uma melhor conduta na rotina clínica.

Palavras-chave: Neonatos, atendimento neonatal, filhotes.

SACULITE ANAL UNILATERAL EM FELINO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO

SOARES, T.O.[1]; OLIVEIRA, C.F.[2]; ANDRADE, A.C.[3]; ALVES, E.S.A[3].;LEÃO-FILHO, W.F.B.[3]; GAMA, F.A.R.[3] 1.Graduação em Veterinária, UNIRB; 2.Graduação em Veterinária, UFAL, (carolf98@hotmail.com); 3.Médico Veterinário.

A saculite anal (SA) é a inflamação e infecção dos sacos anais após a retenção e impactação do conteúdo produzido. Não possui predileção por idade ou sexo, sendo mais comum em cães e raros em gatos. O objetivo deste trabalho é relatar um caso de SA unilateral com abcesso em felino. Fêmea, SRD, 9 anos, foi atendida com queixa de lambedura excessiva em região perianal e disquezia intermitente. No exame físico, notou-se aumento de volume em região de saco anal direita e desconforto no local. Foram realizados hemograma e bioquímicos, além de ultrassonografia na região acometida. Após o laudo sugestivo de abcesso, foi realizado drenagem do conteúdo e a confirmação de exsudato purulento e fétido. Com os exames inalterados, a paciente foi submetida a tranquilização com acepromazina (0,025mg/kg/IM) e analgesia com tramadol (2mg/kg/IM), e posteriormente, a incisão na região, drenagem total e lavagens com clorexidine 0,7%. O conteúdo drenado foi enviado para cultura bacteriana e antibiograma, com laudo de *Streptococcus sp*. Foram prescritos amoxicilina+clavulonato (15mg/kg/BID) por 10 dias, prednisolona (1mg/kg/SID), dipirona (25mg/kg/BID) e lactoluse (0,2ml/kg/BID) por 5 dias, e antissepsia seguida de aplicação de colagenase+cloranfenicol e curativo. Após 2 dias de tratamento, verificou-se tecidos necrosados, que foi removido por desbridamento da ferida e o tratamento ampliado por mais 5 dias, e com resolução em 28 dias após a cicatrização da lesão. As afecções dos sacos anais em felinos não são bem elucidadas, porém a causa mais comum de SA é decorrente de prurido por processos alérgicos, todavia a paciente não apresentava histórico de dermatopatias. Conclui-se que, o diagnóstico presuntivo da SA é simples, tal como a resolução da afecção, entretanto intervenção cirúrgica pode ser indicada em caso de recidiva. Em virtude das raras descrições em gatos, novas investigações devem ser estabelecidas acerca de etiopatologia.

Palavras-chave: Saco anal; gatos; glândulas anexas; abcesso.

SARCOMA DE TECIDOS MOLES PRIMÁRIO RENAL EM UM CÃO

Delarmelina, J.T.[1]; Sabadini, A. B.[1]; Cavalcanti. E.B. O.[2]; Maciel, N.S.[2,3]; Monteiro, L.N.[3] 1 Discente do curso de Medicina Veterinária da Faculdade Multivix, Campus Vitória (julia.t.d@icloud.com). 2 Médica Veterinária da Quality Especialidades Veterinárias. 3 Docente do curso de Medicina Veterinária da Faculdade Multivix, Campus Vitória.

Os rins recebem fluxo sanguíneo abundante, e com uma extensa rede capilar, estando assim sujeitos a implantação de metástases tumorais. As neoplasias renais secundárias são duas vezes mais frequentes nos cães do que as primárias, consideradas raras, podendo se originar no epitélio (cerca de 60%) ou tecido conjuntivo renal (menos frequentes). Os tumores de origem mesenquimal correspondem a quase um terço das neoplasias renais. A prevalência de tumores renais primários é em animais adultos entre 6 e 9 anos e geralmente são unilaterais. Um cão, da raça Schnauzer, macho, castrado, 11 anos de idade foi atendido em uma clínica veterinária privada com quadro de hematúria. Ao exame ultrassonográfico abdominal foi observado presença de massa hiperecogênica, medindo 11,07 x 6,51cm, bordos regulares, em topografia de rim direito. Ao exame radiográfico do tórax não foram identificadas macro metástases; os exames laboratoriais incluindo os de função renal não apresentavam alteração digna de nota. O paciente foi submetido à cirurgia de nefrectomia e liberado após 3 dias de internação sem nenhuma complicação. O exame histopatológico da peça demostrou lesão de limites pouco definidos, envolvendo toda área do parênquima e contida sob a cápsula renal, composta por células com citoplasma fusiforme, escasso, arranjos verticilares e em feixes dispostos sobre estroma fibrovascular moderado, compatível com sarcoma de tecidos moles. Neste relato foi constatada a presença do tumor maligno de origem mesenquimal, sem presença de metástases. Sinais clínicos como a hematúria são inespecíficos e por isso exames laboratoriais e de imagem são fundamentais para auxiliar o diagnóstico. Embora o prognóstico para os sarcomas renais seja desfavorável, neste caso descrito conclui-se que o paciente obteve resultado favorável após ressecção total do rim, somando uma sobrevida de 2 anos até o presente momento.

Palavras chaves: Rim, neoplasia mesenquimal maligna, câncer, canino.

SARCOMA HISTIOCISTICO HEMOFAGOCÍTICO EM ROTTWEILER: RELATO DE CASO

FERRI, S.T.S Sanchez & Ferri Veterinária (simonatsanchez@hotmail.com)

O sarcoma histiocítico (SH) é subdividido em localizado, disseminado e hemofagocítico (SHH), é uma neoplasia medular maligna rara, de rápido desenvolvimento e difícil diagnóstico, que acomete mais cães das raças Bernese, Rottweilers, Labradores e Golden retrievers. A forma sistêmica é caracterizada pela presença de infiltrados histiocíticos em diversos órgãos (nódulos ou massas), que causam são letargia, inapetência, perda de peso e mucosas pálidas, linfopenia e anemia normocítica normocrômica. O diagnóstico é por citologia e/ou histopatológia, e tem como diagnóstico diferencial a erlichiose. O presente relato é descrever a ocorrência de um SHH, em um Rottweiler, macho, 9 anos, que apresentava somente apatia. O exame clínico estava normal; solicitou-se 4DX (negativo), hemograma completo (plaquetopenia 93 mil/mm^3) e exames bioquímicos (normais). Nos exames de imagem, somente US abdominal (USAb) apresentou alteração, uma massa cranial a bexiga. Foi instituído o tratamento com doxiciclina (5 mg/kg/BID) e após 6 dias, houve piora do quadro clínico, onde associou-se a prednisolona (2mg/kg/SID). Repetiu-se o hemograma com 6 dias (Ht: 28%, leucocitose 32,4 mil/mm^3, trombocitopenia 84 mil/mm^3) e o USAb, visualizando incontáveis imagens hipoecogênicas no baço e aumento da massa abdominal. No mesmo dia, realizou-se a esplenectomia e a retirada da massa. Após o procedimento cirúrgico, o Ht aumentou para 31%, porém 7 dias após abaixou para 26%, mesmo com a prednisolona. O exame histopatológico foi de sarcoma histiocítico e concluiu-se ser um SHH. Instituiu-se a quimioterapia com lomustina (70 mg/m^2) a cada 21 dias, e desmame do corticóide. O paciente apresentou boa tolerância a lomustina, normorexia, ganho de peso, melhora da apatia e mucosas coradas. No hemograma, 10 dias pós quimioterapia, plaquetas de 441 mil/mm^3 e Ht de 31 %. O tratamento instituído, esplenectomia e quimioterapia, foi efetivo para aumentar o tempo livre de doença até a presenta data.

Palavras chaves: sarcoma, histiocítico, anemia, cão, hemoparasitose

SEDAÇÃO, ANALGESIA E BLOQUEIO LOCORREGIONAL PARA AMPUTAÇÃO DE DÍGITOS EM IGUANA VERDE: RELATO DE CASO

Alves, L.P.[1]; Araújo, C.C[2]; Benevides, B.C.S.[2]; Alves, L.S.[2]; Maia, B.S.C.[3]; Demoner, L.C[4], 1. Acadêmica de Medicina Veterinária da UFERSA (leticiaalvesmv@gmail.com) 2. Residente em Anestesiologia no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit na UFERSA 3. Acadêmica de Medicina Veterinária da FATENE 4. Médica Veterinária no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit na UFERSA.

A iguana verde (*Iguana iguana*) tem ganhado popularidade no mercado de pets exóticos. Por isso, podem ser eventuais pacientes na clínica médica e cirúrgica veterinária, necessitando de protocolos anestésicos adequados. Relata-se no presente estudo, um protocolo anestésico e analgésico para amputação cirúrgica de dígitos em uma *Iguana iguana*, atendida no Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do semi-árido (UFERSA), de peso corpóreo 14 gramas, com necrose de dígitos em membro torácico. Administrou-se dexmedetomidina na dose de 0,1mg.kg^{-1} e tramadol na dose de 5mg.kg^{-1}, ambos por via intramuscular. Após 20 minutos o paciente apresentou diminuição dos reflexos e permitiu manipulação. Realizou-se bloqueio local circular infiltrativo com lidocaína 2%, na dose de 0,4ml/kg, pela via subcutânea, em cada membro torácico, imediatamente proximal ao local necrosado. Trinta minutos após a administraçao da dexmedetomidina o paciente apresentou apnéia, necessitando intubação em oxigênio a 100%. A cirurgia durou 10 minutos. Frequência cardíaca (FC) e frequência respiratória (*f*) foram monitoradas. As médias observadas foram FC de 60 batimentos por minuto e *f* 10 respirações por minuto. Ao término do procedimento o paciente manteve respiração espontânea. Para reversão dos efeitos sedativos do alfa-2 agonista, utilizou-se Atipamezol na dose de 0,25mg.kg^{-1} por via intramuscular. Após 10 minutos o tônus muscular, reflexos e os parâmetros (FC e *f*) apresentavam-se similares aos observados anteriores à anestesia. O uso de agentes reversores permite o retorno rápido dos parâmetros basais e do comportamento normal da espécie, o que é importante em répteis, já que podem ter recuperação anestésica prolongada.

Palavras chaves: Anestesia local, Dexmedetomina, Répteis, Sedação.

SEPSE NEONATAL EM CÃES – INCIDÊNCIA, ASPECTOS CLÍNICOS E MORTALIDADE

Pereira, K.H.N.P[1]; Hibaru, V.Y.[1]; Oliveira, E.L.R.[1]; Souza, F.F.[2]; Chiacchio, S.B.[1]; Lourenço, M.L.G.[1] 1. Departamento de Clínica Veterinária da UNESP, Botucatu, SP (keylla_pacifico@hotmail.com). 2. Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária da UNESP, Botucatu, SP.

A sepse neonatal é uma resposta sistêmica à infecção generalizada aguda, sendo a principal causa infecciosa de mortalidade neonatal em cães durante as primeiras três semanas de idade. O objetivo deste estudo foi descrever a incidência de sepse em cães neonatos, os principais sinais clínicos envolvidos e as taxas de mortalidade. O estudo incluiu 735 neonatos atendidos no Hospital Veterinário da UNESP, Botucatu, SP, entre janeiro de 2018 e novembro de 2019. Dos 735 neonatos atendidos, 13.3% (98/735) apresentaram sepse bacteriana, sendo as principais fontes das infecções dos recém-nascidos decorrentes da via intrauterina 72.5% (71/98), lactogênica 13.2% (13/98), umbilical 5.1% (5/98) e por fontes não identificadas 9.2% (9/98). Os principais sinais clínicos inespecíficos observados nos filhotes foram fraqueza, depressão, reflexos (sucção, procura da mama e endireitamento vestibular) reduzidos ou ausentes, hipotermia, hipoglicemia, desidratação, tônus muscular reduzido e diarreia. Os filhotes também manifestaram sinais clínicos de infecção grave, como hiperemia da região abdominal e do ânus, onfalite, hematúria, abdomen e extremidades de membros apresentando coloração violácea, lesões necrosantes em coxins, bradicardia, dispneia, epistaxis, hipotensão e evolução para choque séptico. A taxa de mortalidade total correspondeu a 5% (38/735) e a taxa de mortalidade entre os afetados a 38.7% (38/98). Os principais agentes bacterianos envolvidos foram *Staphylococcus* spp., *Streptococcus* spp., *Proteus* spp. *Mannheimia* spp. e *Escherichia coli*. A sepse neonatal pode levar a uma alta mortalidade na ninhada. Desta forma, é imprescindível o conhecimento em neonatologia pelo médico veterinário para uma intervenção precoce e maior sobrevivência destes pacientes.

Palavras-chave: Infecção bacteriana, filhote, neonatologia canina.

SERTOLIOMA EM CÃO SRD NÃO CRIPTORQUIDICO

Peroba, D.E.O.[1]; Luz, V.B.[2] 1. Médico Veterinário proprietário da empresa insemina PET Maceió - AL. (inseminapet@gmail.com) 2. Docente do Centro Universitário Cesmac.

A predisposição aos tumores testiculares é rara em cães mestiços, já criptorquidicos têm uma condição 14 vezes maior que cães normais de apresentar tais tumores. Como objetivo será relatado um caso raro de Sertolioma em cão de 11 anos sem padrão racial definido e não criptorquídico atendido na InseminaPet Clínica Veterinária, Maceió-AL. O paciente apresentava aumento de bolsa escrotal com lesão ulcerativa. Após avaliação clínica foram solicitados exames hematológico, bioquímico, bem como ultrassom pélvica, abdominal e torácica. Nos exames de sangue e bioquímico os valores se encontravam dentro dos parâmetros. No ultrassom o testículo direito apresentou-se preservado e o esquerdo aumentado de tamanho, ambos na cavidade escrotal. O paciente não apresentava linfonodomegalia indicando que a orquiectomia bilateral é capaz de obter resultados satisfatórios quanto ao alívio sintomático, à extração completa do tumor e à melhoria da qualidade de vida do paciente. O paciente foi então submetido a orquiectomia bilateral com ablação total da bolsa escrotal e as estruturas testiculares foram enviadas para realização de exame histopatológico, cujos achados foram: túbulos seminíferos acentuadamente dilatados pela presença de células neoplásicas alongadas, dispostas lado a lado (paliçada) e apoiadas sobre a membrana basal de túbulos seminíferos, ocluindo todo o lúmen tubular com citoplasma claro e algumas com discretas vacuolizações, núcleo basofílico, discretamente alongado com nucléolo único, moderadas anisocitose e anisocariose, fibrose intersticial acentuada e pequenas áreas de necrose multifocal. Os achados histopatológicos levaram ao diagnóstico de Tumor de Célula de Sertoli. O relato de caso nos fez deparar com um paciente de probabilidade mínima em desenvolver esse tipo de neoplasia de acordo os fatores raça e a condição dele não ser criptorquídico sugerindo que o fator principal para tal formação e decisivo foi a idade do paciente (cão idoso).

Palavras chaves: Neoplasia testicular, Células de Sertoli, Canino.

SÍNDROME DA HIPERESTESIA FELINA- ESTUDO CLÍNICO E EPIDEMIOLÓGICO

RÜNCOS, L.H.E.[1], Oliveira, R.S.L.[2], Farias, M.R.[3] [1]- Aluna do programa de Pós-graduação em Ciência Animal, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (larissa.runcos@gmail.com)[2]- Aluna do programa de Pós-Graduação em Ciência Animal, Escola de Veterinária e Zootecnia, Universidade Federal de Goiás [3]- Docente, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica do Paraná

A Síndrome da Hiperestesia Felina (SHF) é uma doença ainda pouco compreendida que envolve múltiplos sintomas. Um dos sinais marcantes é a contratura tegumentar dorsal toraco-lombar, que pode estar associada a dor ou desconforto, seguida de uma sequência de comportamentos compulsivos, que podem variar desde comportamentos locomotores, alucinatórios ou auto-lesivos. O objetivo desse estudo foi avaliar os aspectos clínicos e epidemiológicos de cinco pacientes com diagnóstico de SHF. A idade de início foi três anos para três dos pacientes e quatro anos para dois. Eram quatro machos e uma fêmea, todos castrados e intradomiciliados. Todos apresentavam contraturas na região das costas, por diferentes gatilhos e realizavam sempre o mesmo comportamento após a contratura. Três dos pacientes olhavam para o dorso e na sequência corriam por alguns minutos e então se escondiam em local entocado. Um destes enquanto corria também urinava e defecava. O quarto paciente após a contratura olhava para as costas e então realizava mordedura da região, causando ulcerações profundas. O quinto paciente olhava para as costas e na sequência realizava mordedura e lambedura dos membros pélvicos, sem causar lesões. A frequência de episódios variou, dentre os pacientes, desde inúmeros por dia até 2 episódios por mês. Todos foram tratados com terapia comportamental e 3 receberam medicação ansiolítica da classe dos antidepressivos tricíclicos. Todos apresentaram remissão significativa dos sintomas. Concluímos que a apresentação clínica é bastante variável e que alguns pacientes podem apresentar melhora significativa dos sintomas com a terapia comportamental sem o uso de psicotrópicos.

Palavras-chave: Comportamento, dermatopatias, gatos

SÍNDROME DO LEITE TÓXICO POR *Staphylococcus* sp. EM CÃES NEONATOS – RELATO DE CASO

Hibaru, V.Y.[1]; Pereira, K.H.N.P.[1]; Santos, M.M.[2]; Souza, F.F.[2]; Chiacchio, S.B.[1]; Lourenço, M.L.G.[1] 1. Departamento de Clínica Veterinária, UNESP, Botucatu, SP (vyhibaru@gmail.com) 2. Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária, UNESP, Botucatu, SP.

A síndrome do leite tóxico refere-se à infecção neonatal por ingestão de bactérias e toxinas bacterianas, relacionadas à mastite materna. Foi atendida pelo Hospital Veterinário da UNESP, campus Botucatu, uma ninhada com cinco cães neonatos da raça Pug, com quatro dias de idade, apresentando diarreia há três dias. A cadela era vacinada, vermifugada e não apresentava diarreia. Os filhotes pesavam entre 203 e 315 gramas, apresentavam reflexos presentes, porém fracos, diarreia amarelada, hipoglicemia entre 70 a 86 mg/dL, desidratação moderada, temperatura corporal variando de 35.2 a 36.7ºC, ânus hiperêmico, e choro constante. No exame físico da cadela, observou-se secreção purulenta ao ordenhar o leite. Foram realizados hemograma, cultura, antibiograma e citologia do leite, e exame coproparasitológico, os resultados dos exames foram respectivamente: leucocitose por neutrofilia e monocitose, presença da bactéria *Staphylococcus* sp. sensível às cefalosporinas ao antibiograma, presença de neutrófilos e negativo à endoparasitas. O tratamento ambulatorial nos filhotes foi aquecimento, reposição de glicose 12.5%, na dose de 0.4ml/100g de peso, via oral, fluidoterapia aquecida com ringer lactato 4ml/100g de peso, via subcutânea, e ceftriaxona 30mg/kg via subcutânea. A cadela foi tratada com cefalexina 30mg/kg. A lactação materna foi suspensa, prescrito ceftriaxona 30mg/kg a cada 12 horas durante sete dias, simeticona 40 mg/kg a cada 8 horas, durante cinco dias, e manejo de órfãos. Após sete dias, os filhotes encontraram-se hígidos com normalização de sinais clínicos e hemograma sem alterações.

Palavras chaves: Infecção neonatal, mastite, filhote, cão neonato.

SÍNDROME VESTIBULAR CENTRAL IDIOPÁTICA FELINA

Alves, A.V.C.[1]; Araújo Júnior, F.M.[1]; Andrade, F.J.C. [1]; Cavalcante, B.B.C.[2] 1. Graduando em Medicina Veterinária, Universidade Federal Do Piauí, Bom Jesus, Piauí, Brasil (annevcosta@gmail.com) 2. Médica Veterinária em fisiatria e clínica geral em Macapá, Amapá, Brasil.

O sistema vestibular transforma informações de força gravitacional e movimento em sinais neurológicos para que sejam utilizados pelo encéfalo, o qual determina a posição da cabeça no espaço e coordena os movimentos proporcionando estabilidade. Lesões que afetam esse sistema podem resultar em diversas alterações motoras. Um felino de aparentemente 2 meses, fêmea, foi resgatado demonstrando sinais clínicos neurológicos central. Após suporte clínico, foi encaminhado ao Centro de fisioterapia veterinária de Macapá no dia 18 de julho de 2017, com sinais de síndrome vestibular. Iniciou a reabilitação apresentando ataxia (saltos/cambalhotas), inclinação da cabeça, tendendo a quedas e rolamentos repentinos, dismetria, déficit proprioceptivos, além de nistagmo posicional horizontal sutil, estrabismo convergente unilateral, ptose palpebral e síndrome de Horner do lado esquerdo da face. Nos primeiros 40 dias de tratamento foi oferecido Piracetam 10mg/kg BID e sessões de 40 minutos 3 vezes semanal. Além de exercícios passivos foram usados técnicas de estímulo do equilíbrio e propriocepção que incluem: prancha de equilíbrio, alternância de pisos, obstáculos, rampa. Utilização de aparelhos: eletroestimulação tens e fes, laserterapia, acupuntura. Com aproximadamente três meses de reabilitação o animal desenvolveu a habilidade de andar. Entre cinco e seis meses, as quedas reduziram drasticamente, com isso foi observado o crescimento das vibrissas, que se demonstravam sempre quebradas pelos traumas, passou também a saltar obstáculos, escalar, comer e beber sozinho, conseguindo autocorrigir o desequilíbrio proporcionado pela ataxia. Contudo houve progresso neurológico, a paciente obteve melhora clínica, demonstrando resultados positivos de adaptação às suas limitações, o que gera qualidade de vida.

Palavras-chave: sistema nervoso, vestíbulo, propriocepção, reabilitação.

SÍNDROME VESTIBULAR PERIFÉRICA SECUNDÁRIA À OTITE EXTERNA PARASITÁRIA POR *Otodectes cynotis* EM FELINO – RELATO DE CASO

Oliveira, S.P.[1]*; Araújo, S.B.S.[1]; Vinhas, M.C.C.V; Tertulino, M.D.[1]; Veloso, L.S.[1]; Oliveira, L.P.C.[2] 1. Graduando(a) em Medicina Veterinária, UFERSA (*suolivo@gmail.com) 2. Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais, Hospital Veterinário da UFERSA.

A síndrome vestibular é um distúrbio neurológico definida como o conjunto de sinais clínicos associado a uma doença do sistema vestibular. Embora pouco comum, *Otodectes cynotis* pode ser um fator predisponente para o surgimento de otite média e infecção bacteriana secundária. O presente trabalho relata o caso de um felino doméstico acometido por doença vestibular periférica, secundária à otite externa causada por *Otodectes cynotis*. Foi atendido no Hospital Veterinário Dix-Huit Rosado Maia, Mossoró/RN, um felino, sem raça definida (SRD) de 4 anos, pesando 4,1 kg. O paciente se apresentava magro, apático, com hipodipsia, episódios de desmaio, ataxia, mucosas hipocoradas e pelos sem brilho. O ouvido externo se encontrava edemaciado e eritematoso sendo observado *Otodectes cynotis*, cerúmen abudante e debris celulares através de análise citológica. Em exame específico do sistema nervoso foi observada alteração postural da cabeça e inclinação corporal para o lado direito, balançar de cabeça, andar em círculos, quedas, nistagmo horizontal e ataxia, sugestivos de uma otite média e interna unilateral estabelecida por infecção secundária a otite parasitária altamente pruriginosa. Foi determinado tratamento medicamentoso com prednisolona (0,5mg/kg), VO, BID, por 20 dias; ceruminolítico à base de hidroxiquinolina (0.4mg /ml) e trolamina (140 mg/ml) 6 gotas, TID por 12 dias; e realizada aplicação de selamectina 6% dose única de 25mg, via SC. Após 20 dias, o paciente apresentou melhora clínica, havendo regressão dos sintomas neurológicos, ausência de ácaros e diminuição na quantidade de exsudato ceruminoso em nova análise citológica, indicativos de melhora na hiperplasia glandular e infecção secundária a inflamação do conduto. O diagnóstico e tratamento precoce de otite externa são muito importantes, tendo em vista que, mesmo causas incomuns, como as parasitárias, possibilitam a evolução para distúrbios mais complexos, como a síndrome vestibular.

Palavras-chave: sarna; citologia auricular; cabeça inclinada.

SOROPOSITIVIDADE PARA BORRELIA BURGDORFERI EM CÃES NA CIDADE DE FORTALEZA/CE

Oliveira, A. T. C[1]; LIMA, A. L.[2]; FERREIRA, T. C.[3]; NUNES-PINHEIRO, D. C. S[3]. 1 - Graduando de Medicina Veterinária da Faculdade de Veterinária da Universidade Estadual do Ceará (alexandretco@hotmail.com). 2 – Programa de Pós Graduação em Ciências Veterinárias da Universidade Estadual do Ceará. 3 – Docente da Faculdade de Veterinária da Universidade Estadual do Ceará.

Zoonoses são doenças transmissíveis entre animais vertebrados e seres humanos, como a doença de Lyme, causada pela bactéria *Borrelia burgdorferi*, que é transmitida por carrapatos. Por ser uma doença de baixa incidência no Brasil, objetivou-se avaliar a soropositividade para *B. burgdorferi* em cães na cidade de Fortaleza/CE. Para tanto, foram avaliados 548 cães domiciliados da cidade de Fortaleza/CE para a presença de ectoparasitas e sorologia para presença de anticorpos anti-*B. burgdorferi* por meio do teste ELISA comercial (SNAP 4Dx®, IDEXX Laboratories, Maine, USA). Dos animais testados, um canino de porte médio, fêmea e com 10 meses de idade apresentou soropositividade (0,18%). No exame clínico, apresentou-se ativo e, segundo o tutor, não apresentou sintomatologia nos ultimos 12 meses e não havia sido vacinada previamente. O teste utilizado neste estudo possui sensibilidade de 94,1% e especificidade de 96,2%, detectando anticorpos anti peptídeo C6, expressos somente após a exposição natural à bactéria, não havendo reação cruzada com anticorpos vacinais ou outras bactérias espiroquetas. A literatura aponta que cerca de 95% dos cães infectados mantêm-se subclínicos. Nesse contexto, a soropositividade não implica infecção ativa; entretanto, mostra que houve contato com o agente, podendo este estar sendo albergado, pois cães são considerados sentinelas para *B. burgdorferi*. Em cães e humanos, a borreliose manifesta-se com sinais de artrite e glomerulonefrites. A partir do exposto, concluiu-se que anticorpos anti-*B. burgdorferi* podem ser prevalentes em cães de Fortaleza/CE, sendo um achado relevante visto o potencial zoonótico e caráter agudo da doença em seres humanos.

Palavras-chave: Animal sentinela. Doença de Lyme. Saúde pública. Sorologia. Zoonose.

TÉCNICA COMBINADA DE RETALHO PEDICULADO ASSOCIADO A TUBO DE PADRÃO SUBDÉRMICO PARA CORREÇÃO DE FERIDA EM FELINO

TOGNOLI, G.K.[1]; VOLKWEIS, F.S.[1]; ITACARAMBI, T.S.[2]; SILVA, M.R.V.[2]; SOARES, B.R.[2]; VALE, V.R.[2] 1. Professor(a) Me no Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos UNICEPLAC (fabiana.volkweis@uniceplac.edu.br) 2. Graduandas do curso de Medicina Veterinária no UNICEPLAC

Traumas são comuns na clínica e quando ocasionam feridas extensas tornam-se um grande desafio porém, estas podem ser favorecidas por técnicas cirúrgicas reconstrutivas. O presente trabalho visa relatar o caso de um felino errante, macho, SRD, atendido no Hospital Veterinário do UNICEPLAC, apresentando ferida necrosada e submetido a cirurgia reconstrutiva associando-se duas técnicas. O animal apresentava lesão em estado avançado de necrose, com perda significativa de tecido no membro torácico esquerdo. Após a fase de desbridamento da ferida e com o tecido de granulação formado, foi indicado correção cirúrgica. No procedimento, após antissepsia, o membro foi posicionado ao longo da face lateral do animal. Duas incisões paralelas dorso-ventrais foram realizadas, e divulsionou-se o subcutâneo para a confecção da bolsa que acomodaria o membro lesionado. Um tubo de pele foi construído, buscando o isolamento do tecido já existente no membro com a bolsa, sugerindo uma adaptação do retalho pediculado. Para a sutura, utilizou-se náilon 3-0 em padrão simples interrompido pela pele do retalho a fim de propiciar a mobilização do membro sobre o defeito. Após 14 dias da realização do procedimento cirúrgico, foi realizada a segunda etapa, com a liberação do membro e recobrimento deste com tecido do dorso da região ventral do retalho. Como complicações notou-se desicência de pontos na extremidade caudal do membro, devido à sua mobilidade e necrose na porção distal do retalho, ambos corrigidos. Constata-se que, embora seja uma lesão de difícil resolução, o retalho bipediculado associado a outras técnicas viabiliza a reconstrução cutânea de grandes lesões e sua eficiente correção.

Palavras-chaves: felino, cirurgia reconstrutiva, ferida, flap pediculado.

TERAPIA COM CÉLULAS-TRONCO MESENQUIMAIS EM CÃO COM OSTEOARTROSE

Maia, C.F.[1]; Vidal, B.D.B.L.G.[1]; Nascimento, G.M.[1]; Malard, P.F.[2]; Brunnel, H.S.S.[2] 1. Graduanda de Medicina Veterinária no Centro Universitário de Brasília. (camila.fm@sempreceub.com)2. Médica Veterinária, PhD e Gestora da BIO-cell Terapia Celular.

Osteoartrose é uma doença crônica caracterizada pela degradação da cartilagem articular e inflamação sinovial, sendo que os sinais clínicos apresentados pelos pacientes acometidos envolvem a claudicação, dor intensa e comprometimento do movimento das articulações. O interesse pelas terapias celulares no tratamento de cães com osteoartrose tem se aumentado devido aos resultados promissores expostos pelo uso das células-tronco mesenquimais (CTM). O objetivo deste relato é apresentar a eficácia do tratamento com células-troncos mesequimais na doença articular de um cão. O paciente da raça shih-tzu com 6,7 kg, foi encaminhado ao laboratório BIOCELL para realização do tratamento com CTM, por apresentar diagnóstico de osteoartrose demonstrado por exames radiográficos, e clínicos, como crepitações e dores articulares. O tratamento definido foi de aplicação local (intra-articular nas articulações XXX) associada à intravenosa, com o total de 12 x 10^6. Quinze dias após aplicação foi realizado um exame físico no qual o animal demonstrou diminuição da crepitação e diminuição significativa na sensibilidade das articulações. Após sessenta dias, foi relatado pelo tutor que o animal apresentava ausência de dor e maior disposição. Os resultados apresentados se assemelham aos encontrados na literatura, pois as CTMs possuem uma variedade de mecanismos capazes de reduzir a produção de citocinas pró-inflamatórias e fatores responsáveis pela degradação da cartilagem. Com isso, o conhecimento sobre o uso da terapia celular em lesões articulares se torna de extrema relevância pois é o ponto de partida para um bom prognóstico.

Palavras chaves: terapia celular, doenças ortopédicas, canino.

TESTÍCULO SUPRANUMERÁRIO EM FELINO: RELATO DE CASO

Brito, J.S.[1]; Oliveira, E.T.A.[2]; Andrade, R. L. F. S.[2] 1. Discente do Curso de Medicina Veterinária, Faculdade Pio Décimo, Aracaju-SE (eely_brito@hotmail.com) 2. Médica Veterinária, UniVet Clínica Veterinária, Aracaju-SE 3. Médica Veterinária Patologista, Laboratório Animal PatLab, Aracaju-SE

O criptorquidismo é uma enfermidade pouco comum em gatos, em que o(s) testículo(s) não desce(m) para a bolsa escrotal, ficando retido(s) na região inguinal ou na cavidade abdominal do animal. Podendo ser unilateral ou bilateral, e de tratamento cirúrgico, sendo necessário a realização da orquiectomia. Por ser uma patologia incomum em felinos, esse relato visa apresentar o caso de um gato, macho, persa, 3 anos, que passou por uma orquiectomia com criptorquidectomia, retirando dois testículos, um em condição normal na bolsa escrotal e outro encontrado na região inguinal. Após cerca de um ano, tutora relata micção inapropriada. Ao exame físico foi observado espículas penianas. Animal foi encaminhado para a ultrassonografia sendo visualizado uma imagem hipoecogênica, de forma ovalada, com contorno bem definido, medindo aproximadamente 0,98cm e que ao momento do exame localizava-se topograficamente adjacente a vesícula urinária, sugerindo um testículo ectópico. O animal passou por uma laparotomia exploratória para retirada do possível testículo. A amostra foi encaminhada para a biópsia. Microscopicamente composta por estrutura testicular, apresentando túbulos espermáticos atróficos, com hipoplasia de células espermáticas, discreta hiperplasia das células intersticiais de Leiding e presença de funículo espermático contendo vasos sanguíneos típicos. Confirmando o diagnóstico de testículo ectópico supranumerário.

Palavras-chave: criptorquídico, gato, orquiectomia, testículo ectópico.

TÉTANO EM CÃO: RELATO DE CASO

SÁ, I. S. [1] ; NASCIMENTO, D. M. [1]; SILVA, F.L[4]; SANTOS, V. L. P. [2]; BEZERRA, F. B. [3]. SOUSA, D. C .[4]. 1.Residente HVU-UFPI (isaelsa2008@hotmail.com), 2.Graduanda em Medicina Veterinária, 3. Preceptora clínica médica HVU-UFPI, 4. Docente UFPI.

O tétano é uma enfermidade toxinfecciosa que acomete tanto animais como humanos, sendo uma afecção incomum em cães. No dia 17 de outubro de 2019, foi levado ao atendimento clínico do HVU- UFPI, um cão, SRD, macho, com 4 meses de idade, pesando 6 Kg, apresentando como queixa principal episódios de convulsão e rigidez em membros pélvicos. Na anamnese a tutora relatou que o paciente não havia sido vacinado, não estava se alimentando e nem ingerindo água, apresentando ainda salivação excessiva e dificuldade para andar e respirar. No exame físico foi observado opistótono, membros torácicos e pélvicos com musculatura rígida, hiperestesia, cauda rígida (cauda em bandeira), postura de cavalete, orelhas rígidas e eretas, trismo, risus sardonicus, temperatura retal 40.2ºC, frequência respiratória 22 mpm (dispneia inspiratória), frequência cardíaca 119 bpm, ausculta cardíaca e pulmonar sem alterações e ferimento perfurante em região de flanco, que a tutora desconhece origem. Na avaliação hematológica, observou-se anemia normocítica normocrômica, leucocitose por discreta neutrofilia com desvio a direita, linfopenia, anisocitose e presença de macroplaquetas, as enzimas renais e hepáticas apresentaram-se dentro da normalidade. Com base no histórico e exame físico, suspeitou-se de tétano, sendo iniciado a terapia imediatamente. A terapêutica estabelecida foi a base de fluidoterapia (ringer com lactato), oxigenioterapia, soro antitetânico liofilizado (40.000 UI/kg/IV/BID), metronidazol (15 mg/kg/IV/BID), diazepan (2mg/kg/ IM/BID), dipirona (25 mg/kg/SC/TID). Como o paciente não conseguia se alimentar em decorrência do trismo, utilizou-se sonda nasogástrica e o mesmo foi alimentado com ração pastosa hipercalórica (Hill's pescription diet canine/feline a/d®) e nutracêutico (nutralife intensiv®). Após 2 semanas de internação o animal teve alta solicitada pela tutora e continuou o tratamento em casa, retornou 15 dias após apresentando melhora clínica satisfatória.

Palavras-chave: Neuropatologia, toxina, ferimento

TFAST E *AFAST* EM CÃO COM TRAUMA POR ARMA DE FOGO – RELATO DE CASO

OLIVEIRA NETA, I. C. [2]; SOUZA, E. M. [1]; MARINHO, R. M. P. [2]; SILVA, D. R. A.[1]; XIMENES, M. S. C. [1]; NEPOMUCENO, A. C. [3] 1. Graduandas em Medicina Veterinária – UFRPE (emillesouza.01@gmail.com) 2. Residentes de Diagnóstico por Imagem – UFRPE 3. Doutora Professor, da disciplina de Diagnóstico por Imagem – EVZ-UFMG

O trauma por arma de fogo é um tema complexo e o estudo forense é recente na Medicina Veterinária. Contudo, é imprescindível a compreensão dos médicos veterinários sobre o mecanismo das lesões e a aplicabilidade dos exames de imagem na abordagem ao paciente. Foi atendido na EVZ-UFMG, um cão, macho, SRD, dois anos. Havia duas lesões perfurantes, que se estendia desde região torácica ao abdome médio. Foi utilizado, no setor emergencial, o *FAST* torácico e abdominal onde foi visibilizado efusão pleural e ascite. O animal foi encaminhado para procedimento cirúrgico – lobectomia pulmonar e laparotomia exploratória – e foi submetido a procedimentos intervencionistas com o uso do ultrassom para drenagem guiada de efusão pleural. Contudo, dez dias pós trauma, o paciente foi a óbito devido à gravidade do quadro clínico. É importante relatar a casuística de traumas por arma de fogo na Medicina Veterinária devido à complexidade das lesões, bem como, da aplicabilidade do *FAST* para abordagens emergenciais.

Palavras-chave: *FAST* torácico, *FAST* abdominal, ultrassonografia, intervencionista.

TRANSLOCAÇÃO DE ONÇA-PINTADA *(PANTHERA ONCA)* COM USO DE DISSOCIATIVO COM ASSOCIAÇÕES DE AGONISTA α-2 ADRENÉRGICO E BENZODIAZEPÍNICO

PEREIRA JR, J. J.[1]; SILVA, A.C.A.[2]; OLIVEIRA, J. G.[3]; VASCONCELOS, C.B.[4]; LOPES, C.T.A.[5]; GERING, A. P.[6].1. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Saúde Animal na Amazônia, Universidade Federal do Pará 2. Professora Substituta da Universidade Federal do Piauí 3. Graduanda de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Alagoas 4. Graduana de Medicina Veterinária do Cesmac (catarinabibianoo@gmail.com) 5. Responsável técnica pelo setor de animais silvestres da Universidade Federal do Pará 6.Professora adjunta da Universidade Federal do Tocantins

Moradores do distrito de Icoaraci, região metropolitana da capital Belém-PA, comunicaram ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis do estado do Pará (IBAMA-PA), que uma onça-pintada, melânica, macho, estava circulando próximo a um condomínio residencial, tal espécie teve seu habitat restringido no Brasil pela ação antrópica, em áreas urbanas. Por isso, avaliou-se a eficácia da contenção feita com a combinação de tiletamina-zolazepam e dexmedetomidina, até então não relatada para a espécie. A translocação ocorreu por meio de sedo-imobilização via dardo na combinação de tiletamina-zolazepam (3mg/kg) e dexmedetomidina (20mcg/kg) ambos por via intramuscular. Durante o período anestésico a frequência cardíaca foi de 82,8±3,3bpm, frequência respiratória de 20,0±4,6mrm e temperatura interna de 38,5±0,2℃, valores não significativos em comparação com os valores fisiológicos para a espécie. Ocorreu aumento da pressão arterial sistólica (163,5±12,8mmHg), média (122,5±12,8mmHg) e diastólica (97,3±12,1mmHg), que no decorrer do tempo, diminuíram além de hiperglicemia (87,5±7,8mmol/L), sendo consequências transitórias e dose-dependentes esperadas por causa do uso da dexmedetomidina, não havendo intercorrências durante a contenção química. A translocação e soltura do animal em área de preservação da espécie realizada com o protocolo relatado foi tranquila e sem intercorrências.

Palavras-Chave: contenção química, tiletamina, zolazepam, dexmedetomidina

TRATAMENTO CIRÚRGICO DE ECTRODACTILIA UTILIZANDO ENDO-EXO PRÓTESE FIXA EM RÁDIO E ULNA EM CÃO: RELATO DE CASO

Martins, L.T.[1]; Garrido, L.F.[2]; Dora, A.B.[3]; Rodrigues, F.[3] 1. Discente do curso de graduação de Medicina Veterinária da UAM (lauratrivellato@hotmail.com) 2. Médico Veterinário da Garrido Centro de Especialidades Veterinárias 3. Médico Veterinário e cirurgião ortopédico responsável no Hospital Veterinário Arca 24 h

Ectrodactilia é uma anomalia congênita, rara, com maior ocorrência unilateral e em membro torácico. É caracterizada pela separação, por tecidos moles, entre os ossos da região distal de membros, podendo estar associada à aplasia ou hipoplasia dos ossos do rádio, ulna, carpos e metacarpos. Relata-se o caso de ectrodactilia unilateral em canino, fêmea, da raça pastor alemão branco, um ano de idade, com comprovação radiográfica de ausência do II e III dígito, bem como desvio varus do I e IV, com tais deformidades comprometendo sua deambulação. Existem poucos estudos na medicina veterinária utilizando a endo-exo prótese como tratamento cirúrgico de escolha. O animal foi submetido ao procedimento cirúrgico de amputação do referido membro torácico com a desarticulação radiocárpica, em acordo com as normas descritas na literatura e implantação de prótese com fixação no rádio e ulna na sequencia. Não houve complicações maiores no pós operatório, ressaltando que em um curto intervalo de tempo a referida paciente apresentou conforto e confiança suficientes para apoiar o membro ao solo, depositar carga e caminhar. Desta forma, demonstrou-se que a associação de amputação e implantação de endo-exo prótese é um procedimento factível e uma boa opção para pacientes que possuam tal patologia ou mesmo danos teciduais extremos de extremidades de membros.

Palavras chaves: Ectrodactilia, endo-exo prótese, cão.

TRATAMENTO CIRÚRGICO DE MÁ UNIÃO ÓSSEA COM DESVIO ANGULAR EM TÍBIA DE FELINO: RELATO DE CASO

Garrido, L.F.[1]; Martins, L.T.[2] 1. Médico Veterinário da Garrido Centro de Especialidades Veterinárias 2. Discente do curso de graduação em Medicina Veterinária da UAM (lauratrivellato@hotmail.com)

Em pequenos animais, fraturas de tíbia correspondem a 21% das fraturas em ossos longos e 11,7% das fraturas em membro pélvico, sendo a região diafisária a mais acometida (75-81%). O termo má união, refere-se a fratura em que foi possível a obtenção de consolidação óssea, sem, no entanto, ter havido manutenção de seu eixo anatômico. Este é o relato de um felino, sem raça definida (SRD), com impotência funcional de membro pélvico esquerdo e histórico pregresso de acidente automobilístico com comprovação radiográfica de má união óssea associada a desvio angular em tíbia. O tratamento cirúrgico de escolha foi a osteotomia corretiva em cunha fechada, estabilizada com placa reta LC-DCP, confeccionada em aço 316-L (1.5mm de espessura). A técnica utilizada para esta má união, permitiu a correção do desvio angular (mensuração pré-operatória - Cora 19°) com plena recuperação funcional do membro afetado, sendo constatada consolidação óssea com 60 dias de pós operatório. O resultado obtido com a referida técnica nos permite concluir que esta é uma ótima opção de tratamento ortopédico para pacientes com má união óssea e desvio angular associados.

Palavras chaves: Má união óssea, osteotomia, deformidade angular, felino.

TRATAMENTO DA ANASARCA EM CÃES NEONATOS – RELATO DE CASO

Pereira, K.H.N.P[1]; Hibaru, V.Y.[1]; Silva, D.A.[2]; Souza, F.F.[2]; Chiacchio, S.B.[1]; Lourenço, M.L.G.[1] 1. Departamento de Clínica Veterinária da UNESP, Botucatu, SP (keylla_pacifico@hotmail.com). 2. Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária da UNESP, Botucatu, SP.

A anasarca é caracterizada por edema congênito generalizado, muitas vezes letal, sendo uma enfermidade de transmissão hereditária em cães das raças Bulldog francês e inglês. O objetivo deste relato foi descrever a abordagem terapêutica da anasarca em cães neonatos. Fetos de uma cadela primípara da raça Bulldog inglês de 1 ano e 6 meses de idade, foram diagnosticados com anasarca durante ultrassonografia aos 55 dias de gestação, desta forma, uma cesariana eletiva foi programada para prevenção de distocia fetal. Ao nascimento, todos os filhotes apresentavam anasarca, um natimorto e cinco nascidos vivos. Os recém-nascidos apresentavam cianose, dispneia, bradicardia, reflexos ausentes, escore de vitalidade baixo (3) e hipotermia (32ºC). Os filhotes pesavam entre 347 e 373 gramas. A assistência neonatal imediata foi realizada com oxigenioterapia por máscara, aminofilina 0,2ml/100gramas/PV/via sublingual e aquecimento em incubadora (30ºC). Após 10 minutos de assistência houve melhora significativa dos parâmetros neonatais. Para o tratamento da anasarca foi realizado furosemida 2 mg/kg, por via subcutânea, repetida a cada três horas, estimulação para micção a cada 30 minutos e acompanhamento da perda de peso a cada 30 minutos. A cada 30 gramas de perda de peso foi administrado 5 gotas de cloreto de potássio via oral, devido à depleção de potássio ocasionada pelo diurético. Após 15 horas de tratamento, os neonatos atingiram o peso ideal para a raça, variando de 209 a 230 gramas. No total, cinco doses de furosemida foram administradas. Os filhotes encontram-se hígidos, atualmente com 11 meses de idade e castrados. A anasarca não deve ser negligenciada e considerada letal ou indicativa de eutanásia em todos os casos. A intervenção precoce é fundamental para a sobrevivência destes pacientes.

Palavras-chave: Síndrome da morsa, edema congênito, filhote.

TRATAMENTO DE TRAUMA RAQUIMEDULAR MULTIMODAL EM CÃO: TERAPIA CELULAR COM CÉLULAS-TRONCO MESENQUIMAIS ALOGÊNICAS ASSOCIADO A TERAPIA INTEGRATIVA-RELATO DE CASO

Jacoby, F.C.[1]; Hermeto, L.C.[2]; Jardim, P.H.A.[3]; Oliveira, R.J.[4]; Estrada, R.A.[5]; Rezende, G.C.[6] 1. Graduanda em Medicina Veterinária, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS (fernandajacoby.fj@gmail.com) 2. Médica Veterinária Docente na área de Técnica Cirúrgica Animal, UFMS 3. Médico Veterinário do Hospital Veterinário da UFMS 4. Docente Colaborador- Cetrogen/UFMS 5. Colaborador, Médica Veterinária- Zhenvet Reabilitação Veterinária 6. Mestrado em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste/UFMS

O trauma raquimedular é uma das lesões neurológicas mais frequentes na rotina veterinária. As células-tronco mesenquimais (CTM) são células multipotentes e não hematopoiéticas, e podem ser isoladas de vários tecidos, como o tecido adiposo. Um cão foi atendido no Hospital Veterinário da UFMS apresentando quadro de paraparesia não ambulatória de membros pélvicos. O histórico sugeria trauma automobilístico, sem precisão de data de ocorrência, mas não confirmado pois o mesmo foi resgatado na rua por um adotante. Ao exame físico, constatou localização da lesão entre T3-L3, com presença de dor profunda, e confirmado por radiografia simples, onde foi constatado encurtamento do corpo vertebral da 12ª vértebra torácica com deformidade da epífise caudal compatível com fratura compressiva, deslocamento ventral da epífise cranial da 13ª vértebra torácica, com desalinhamento do canal medular em T12-13. Como protocolo de tratamento, foi sugerido estabilização da fratura com uso de implantes. Durante o transoperatório, foi constatado áreas de fibrose no foco da fratura e luxação, o que impossibilitou a estabilização e realinhamento adequado das vértebras. Foi realizado laminectomia da região entre T12 e T13 como indicação para descompressão e aplicação de CTM no foco da lesão, sobre a dura-máter. O protocolo de pós-operatório padrão foi realizado, e o animal encaminhado para fisioterapia. Após 30 dias do tratamento multimodal, o paciente recuperou a capacidade de deambulação normal. A terapia celular, associada a cirurgia descompressiva e fisioterapia se mostrou eficaz nesse caso, porém são necessários mais estudos para comprovação de sua eficácia, principalmente com associação de grupos controle.

Palavras chaves: Medicina regenerativa, tecido adiposo, cirurgia descompressiva.

TRATAMENTO PÓS- CIRÚRGICO DE DOENÇA DO DISCO INTERVERTEBRAL, COM FISIOTERAPIA E REABILITAÇÃO: RELATO DE CASO.

GARCIA, M. B.[1] ALVES, T. B. F.[2]; 1. Graduanda de Medicina Veterinária da Universidade Potiguar, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil. (melinabvet@gmail.com); 2. Médico Veterinário, especialista e mestrando em biotecnologia pela UNP (Universidade Potiguar) e responsável pelo setor de Neurocirurgia e Ortopedia da Policlínica Animal Tarcísio Barreto, Professor da pós graduação da Uninassau-Natal-RN.

A doença do Disco Intervertebral (Hasen tipo I) é uma causa comum, sendo provocada pela degeneração do disco intervertebral, que promove uma extrusão, causando uma compressão medular ou das raízes nervosas. O trabalho tem como objetivo relatar o caso de um cão, do sexo macho, raça Dachshund, de 10 anos, que chegou a Policlínica Animal Tarcísio Barreto apresentando uma tetraparesia e bastante dor em região cervical. Para seu diagnóstico definitivo, foi realizado exame de tomografia computadorizada, que constatou uma hérnia cervical extrusiva ventral em C5-C6. O tratamento inicial se deu por correção cirúrgica para descompressão do canal medular. Após a cirurgia, deu-se continuidade ao seu tratamento com reabilitação, sendo, a hidroterapia. A princípio, o animal começou a ser levado ao deck todos os dias, sendo colocado no cavalete, onde, foi estabelecido que o mesmo ficasse por 15 minutos, uma vez ao dia. Observou-se que o animal não tinha coordenação para ficar estável no cavalete e apresentou déficit de propriocepção em membro torácico direito. Após duas semanas seguindo com a mesma reabilitação, observou-se que o animal já conseguia se apoiar sendo segurado pela sua região ventral. Nesse momento, iniciaram-se as sessões de hidroterapia, e, após as 15 sessões da mesma, o animal não apresentava mais nenhuma dificuldade, se locomovendo normalmente. Desse modo, com o tratamento precoce e empenho dos tutores, de forma gradativa e leve, foi possível uma boa recuperação.

Palavras-chave: Hérnia do disco cervical; raça Dachshund; reabilitação veterinária.

TRATAMENTO UTILIZANDO CANNABIS MEDICINAL EM DISTÚRBIO COGNITIVO

DANTAS, F. I.[1]; ALVES, T. B. F.[2] 1. Graduanda de Medicina Veterinária da Universidade Potiguar, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil. (nandinha_ingrid18@hotmail.com) 2. Médico Veterinário, especialista e mestrando em biotecnologia pela UNP (Universidade Potiguar) e responsável pelo setor de Neurocirurgia e Ortopedia da Policlínica Animal Tarcísio Barreto, Professor da pós graduação da Uninassau-Natal-RN.

O sistema endocanabinoide está presente em todos os mamíferos e envolve mecanismos complexos de inibição e liberação retrógrada de neurotransmissores, além de atuar no sistema imune e estar envolvido no controle de processos inflamatórios e analgésicos. Agindo neste sistema, estão os principais fitocanabinoides originados da planta Cannabis sativa, o Δ-9-Tetraidrocanabinol (THC) e o Canabidiol (CBD). Ambos apresentam inúmeros efeitos farmacológicos já descritos em diversos estudos e possuem formas medicamentosas já utilizadas na medicina humana descritas como estimulante de apetite, antiemético, função antitumoral, analgesia, anti-inflamatório, ansiolítico, antipsicótico e anticonvulsivante, exercendo também efeitos sobre a consciência, as emoções e a cognição. Um Paciente York Shire de 7 anos, deu entrada na policlínica animal dia 7 de novembro de 2019, apresentando déficit cognitivo, dificuldade de enxergar e em se locomover. A partir disso foi iniciado o tratamento com a substância canabinoide composta por THC-311,1mg/g, CBD-0,9mg/g, CBN-12,6mg/g. Administrando diariamente 2 gotas BID, pelo período de 1 mês, e excluído o uso de todo e qualquer medicamento anti-inflamatório, analgésico para se analisar uma resposta isolada. Após o tratamento, houve uma mudança significativa no equilíbrio, redução de dores articulares, confiança no deambular, mais firmeza no levantar-se e melhora da cognição. Expressando eficácia satisfatória na utilização do fitoterápico em questão.

Palavras chaves: Canabinóide, Cognição, Cão.

TRICOBLASTOMA TIPO FITA EM FELINO.

Cerqueira, L.A.[1]; Oliveira Neto, B.R.[2]; Bezerra, R.M.A.M.[3]; Anderlini, G.P.O.S. [4]; Barbosa, E.F.G.[4]; Carvalho, K.S.[4] 1.Discente do Centro Universitário Cesmac (lizcerqueira@hotmail.com) 2. Médico Veterinário autônomo 3. Técnica laboratorial 4. Docente do Centro Universitário Cesmac.

Foi atendido numa clínica veterinária particular em Maceió-AL, um felino, macho, da raça Persa, com 14 anos apresentando um aumento de volume na região cervical, sem dor à palpação com histórico de crescimento lento. Ao exame físico o paciente estava com parâmetros semiológicos dentro da normalidade e, ao exame específico da região cervical, percebeu-se um nódulo pendular com cerca de 5cm (figura 1), de consistência firme, sem ulceração e sem aparente envolvimento muscular. Diante da necessidade de exérese, foram solicitados exames pré-operatórios que demonstraram aptidão para o procedimento. O paciente foi submetido à anestesia geral e o padrão cirúrgico para exérese do nódulo seguiu-se com a incisão elíptica com margem de 2 a 3 cm. O nódulo obtido foi encaminhado ao laboratório de Histopatologia na Clínica escola de Medicina Veterinária do Centro Universitário Cesmac conservado em formol a 10%. O mesmo foi devidamente clivado e submetido ao processamento histológico de rotina para posterior avaliação por meio da microscopia óptica, onde pode-se concluir que o diagnóstico morfológico é compatível com tricoblastoma tipo fita. O termo tricoblastoma refere-se a um grupo de neoplasias benignas que se diferenciam pela variedade de arranjos celulares que cada tipo possui. Essa neoplasia tem origem no pêlo germinativo primário e é pouco relatada em gatos. O tipo fita raramente se manifesta na espécie felina que, geralmente, apresenta o tipo trabecular. Como diagnóstico diferencial, pode-se citar as neoplasias foliculares, onde ressalta-se a importância da histopatologia como diagnóstico definitivo, inclusive para direcionar o cirurgião em relação à margem cirúrgica ideal, garantindo o bom prognóstico da doença, que tende a ter recidivas em caso de excisão incompleta do tumor. No presente caso, o animal apresentou um bom prognóstico, os curativos foram removidos com sucesso diante da cicatrização satisfatória após 14 dias.

Palavras-Chave: Neoplasia folicular, oncologia, diagnóstico morfológico.

TUBERCULOSE SISTÊMICA EM FELINO

DANTAS NETO, A. M.[1]; LIMA, I. C. S.[2], BATISTA, S. T. M.[3], FIRMINO, M. O.[4], SOUZA, A. P.[5]; SILVA, R. M. N.[5] 1. Mestre em Ciência e Saúde Animal pela UFCG 2. Graduanda em Medicina Veterinária pela UFCG – CSTR (leticiacalima@hotmail.com) 3. Residente em Clínica Médica de Pequenos Animais no Programa de Residência Multiprofissional da UFCG 4. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Saúde Animal (PPGCSA) pela UFCG 5. Professor(a) no curso de Medicina Veterinária da UFCG

A tuberculose é uma enfermidade infectocontagiosa de caráter crônico e progressivo, com uma grande relevância no que se refere a saúde pública, sendo os relatos em cães e gatos ainda escassos. A micobactéria pode ser adquirida através da ingestão de carne e leite contaminados. Assim, teve-se como objetivo com o presente relato, detalhar as alterações clínicas, hematológicas, bioquímicas e de imagem de um felino, macho, 18 meses, não castrado e semi domiciliado, atendido no Hospital Veterinário Universitário da Universidade Federal de Campina Grande (HVU/UFCG). Ao exame clínico apresentava quadro de anorexia, linfoadenomegalia, tosse não produtiva e dificuldade respiratória. No exame hematológico foi identificada leucocitose e trombocitopenia. Na avaliação radiográfica observou-se padrão pulmonar misto, intersticial estruturado com aspecto micronodular e alveolar. O diagnóstico foi feito através da realização de citologia com a técnica de coloração de Ziehl-Neelsen, onde foram visualizadas bactérias do gênero *Mycobacterium*. Após 3 semanas internado e sem evolução clínica significativa, foi realizada a eutanásia e necropsia do animal. Coletou-se amostra de linfonodos pulmonares que foram enviados para realização de PCR o qual foi amplificado até *Mycobacterium bovis*. Assim, concluiu-se que a tuberculose é uma doença presente em felinos no sertão paraibano, que podem apresentar manifestações generalizadas com poucas alterações nos exames laboratoriais.

Palavras chaves: Gato, tuberculose, mycobacteriose, doença respiratória.

TUMESCÊNCIA COM ROPIVACAÍNA PARA MASTECTOMIA EM CÃO: RELATO DE CASO

Junqueira, L. dos S.[1]; Matos, E.K. dos S.[1]; Ferreira, O.B.A. de S.[1]; Carvalho, M.S[1]; Bonfada, A.T.[2]; Cardoso, R.C.[2] 1. Estudante de graduação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), (liziane.junqueira.2012@gmail.com) 2. Médico veterinário do Hospital Universitário de Medicina Veterinária (HUMV) da UFRB.

A ropivacaína é um anestésico de ação prolongada, efeito analgésico e baixa toxicidade. Este trabalho teve como objetivo relatar o uso da ropivacaína pela técnica de tumescência para realização de mastectomia radical após ovariosalpingohisterectomia (OSH). Uma cadela, Retriever do Labrador, com 8 anos de idade, foi submetida ao procedimento de mastectomia e OSH no HUMV. Como medicação pré-anestésica, utilizou-se dexmedetomidina na dose de 125mg.m^{-2} e petidina (3mg.kg^{-2}) por via intramuscular. A indução anestésica foi feita com propofol (3 mg.kg^{-2}) por via intravenosa. Com a paciente devidamente estabilizada e monitorada, seguiu-se a aplicação da solução de tumescência ao longo da cadeia mamária na dose de 15ml.kg^{-2}. A solução utilizada foi de ropivacaína a 0,1%, adicionando 1ml de adrenalina para cada 500ml de solução. O procedimento cirúrgico inicial foi de OSH seguido da mastectomia. A manutenção anestésica foi feita com isofluorano em vaporizador universal, associada a infusão intravenosa de fentanil a 3µg.kg^{-2}.h nos primeiros 60 minutos de cirurgia, durante a OSH, reduzindo-se para 1,5µg.kg^{-2}.h até o final da mastectomia. A vaporização também foi reduzida ao início da mastectomia. Observou-se que a frequência cardíaca do animal sofreu pouca variação, entre 80 a 95 bpm, assim como a frequência respiratória (10 mpm). A concentração expiratória de CO_2 manteve-se constante, em torno de 40mmHg. O tempo de cirurgia total foi de 246 minutos. A recuperação anestésica foi considerada rápida, com retorno da consciência em menos de 15 minutos e sem sinais de dor, sensibilidade local, vocalização ou outros efeitos indesejáveis. Concluiu-se que a tumescência foi segura e efetiva como bloqueio local trans e pós-cirúrgica para mastectomia radical unilateral.

Palavras-chave: Mastectomia, Ropivacaína, Tumescência.

TUMOR DAS CÉLULAS DA GRANULOSA EM CADELA

Brito, J.S.[1]; Carneiro, R.G.[2]; Andrade, R. L. F. S.[2] 1. Discente do Curso de Medicina Veterinária, Faculdade Pio Décimo, Aracaju-SE (eely_brito@hotmail.com) 2. Médica Veterinária, UniVet Clínica Veterinária, Aracaju-SE 3. Médica Veterinária Patologista, Laboratório Animal PatLab, Aracaju-SE

Um paciente canino, da raça shih-tzu, 10 anos, fêmea, não castrada, chegou à Clínica Veterinária UniVet com suspeita de prolapso vaginal. Ao exame físico foi identificado uma massa abdominal. O hemograma apontou anemia normocítica normocrômica, linfócitos reativos e trombocitopenia. Os resultados de creatinina, ureia, ALT, AST e albumina não apresentaram alterações, entretanto, a fosfatase alcalina, de 153 UI/L, estava acima do valor de referência para a espécie (20 a 150 UI/L). O animal foi encaminhado para a ultrassonografia, onde foi visualizada a presença de um imagem heterogênea na região abdominal média, medindo cerca de 10,14 cm, sugerindo neoformação de aparelho reprodutor. Foi realizada a laparotomia exploratória, confirmando que a imagem vista na ultrassom era compatível com o ovário direito. Realizou-se a ovariosalpingehisterectomia e polipectomia dos pólipos vaginais. Toda a cadeia reprodutora foi enviada para a biópsia. O ovário esquerdo, medindo 2,8 X 1,7cm, apresentava superfície irregular contendo múltiplos cistos, sendo confirmado o diagnóstico de ovário policístico na microscopia. Na avaliação do tecido uterino foi observado hiperplasia endometrial cística. O ovário direito apresentava lesão nodular, irregular, aspecto grumoso, consistência firme e coloração vermelho-enegrecida com áreas esbranquiçadas. Microscopicamente, constituía lesão neoplásica não encapsulada, pouco delimitada, composta por proliferação de células da granulosa e presença de corpúsculos de Call-Exner. Esses achados foram compatíveis com tumor da célula granulosa ovariano. O relato demonstra importância devido à baixa frequência de diagnóstico de tumores das células da granulosa em cadelas.

Palavras-chave: neoplasia, ovário, cão.

TUMOR ÓSSEO MULTILOBULAR RETROBULBAR EM CÃO: RELATO DE CASO

MOMESSO, E.O.B.[1]; MARTINS, L.T.[2]; GARRIDO, L.F.[1]; GARRIDO, L.H.A.[1] 1. Médico Veterinário da Garrido Centro de Especialidades Veterinárias 2. Discente do curso de graduação em Medicina Veterinária da UAM (lauratrivellato@hotmail.com)

O tumor ósseo multilobular (TOM) é uma neoplasia óssea primária incomum em animais, mais frequente no crânio de cães. São malignos, com grande invasão local e potencial para metástases. Os sinais clínicos mais comuns associados a órbita são exoftalmia, protrusão de terceira pálpebra, desvio lateral do bulbo ocular e graus variados de hiperemia conjuntival. Os diagnósticos diferenciais incluem, abcesso retrobulbar, mucocele salivar/adenites de glândula zigomática, celulite orbitária e miosite de músculos extraoculares. O diagnóstico é sugerido por meio de ultrassonografia ocular, radiografias simples de crânio, tomografia computadorizada e confirmado pelo exame histopatológico. O objetivo do trabalho é relatar um caso de tumor ósseo multilobular retrobulbar em uma cadela, fêmea, da raça boxer, de 6 anos de idade. O animal foi atendido com queixa principal de protrusão da terceira pálpebra e hiperemia conjuntival há 30 dias em olho esquerdo, sem resposta a tratamento anterior, como anti-inflamatório, antibiótico e lubrificante tópico. Na ultrassonografia foi visibilizado um nódulo homogêneo, ecogênico, medial ao globo ocular, medindo 1,8cm x 1,5cm. A massa foi retirada por orbitotomia dorsal, porém no trans-operatório não foi possível manutenção do bulbo ocular, sendo realizada a exenteração, como descrito na literatura. O histopatológico confirmou o diagnóstico de tumor ósseo multilobular grau II. Após 5 meses, o animal teve recidiva local do tumor, que foi eutanasiado em decorrência das complicações. Essa neoplasia possui crescimento lento, porém é localmente invasivo, e a severidade dos sinais clínicos irão depender do local acometido e o grau da neoplasia, sendo o de grau I de melhor prognóstico. O TOM também foi relatado ocasionalmente em gatos e cavalos.

Palavras chaves: Retrobulbar, canino, tumor ósseo multilobular, exenteração.

TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL (TVT) INTRA-UTERINO EM CADELA

RAMOS, L.C.G.[1]; OLIVEIRA, G. K.[2]; KASPER, P. N.[2]; OLIVEIRA, K. P.[2], LEITE, L. T. B.[1]
[1]Graduanda em Medicina Veterinária na Universidade Federal de Alagoas-UFAL (laiscarolinegr@outlook.com); [2] Médica veterinária no Hospital Veterinário Universitário – UFAL.

O tumor venéreo transmissível (TVT) é uma neoplasia de células redondas de caráter venéreo comum em cães, geralmente com localização genital externa e menos comumente extragenital, com poucos relatos de ocorrência uterina. Assim, o presente relato visa descrever um caso de TVT uterino em uma cadela. A paciente com 9 anos, poodle, foi trazida para atendimento no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Alagoas, com histórico de disquesia e disúria há três dias, sendo tratada pelo próprio tutor com azeite de oliva e supositório via anal, porém houve somente a excreção de secreção sanguinolenta e mucoide. Ao exame físico, o animal apresentava-se apático, magro, levemente desidratado, mucosas hipocoradas e tensão abdominal. Ao exame ultrassonográfico abdominal observou-se presença de uma massa medindo 4x3cm em região pélvica. A paciente foi encaminhada para procedimento cirúrgico que consistiu na identificação e exérese da neoplasia localizada em região de cérvix uterina combinado a ovariohisterectomia. A técnica utilizada foi celiotomia mediana pré-púbica devido à localização do tumor. A remoção foi feita em blocos (ovários, útero e tumor), após remoção do tumor foi realizada a citologia tumoral, tratando-se de um TVT. Após 10 dias o animal retornou para revisão e retirada dos pontos, na ocasião o tutor foi orientado a iniciar o tratamento com aplicações de sulfato de vincristina para garantir a completa remissão. O TVT é pouco relatado na região uterina. Os exames complementares foram úteis para definir o diagnóstico e eleger a melhor técnica cirúrgica. A exérese do tumor resulta no controle da neoplasia a longo prazo e a quimioterapia com sulfato de vincristina garante a não recidiva e remoção de células residuais.

Palavras-chave: Neoplasia. Cérvix. Celiotomia.

TUMOR VENÉREO TRANSMISSÍVEL CUTÂNEO EM REGIÃO CERVICAL SEM COMPROMETIMENTO GENITAL EM CANINO DOMÉSTICO

SOARES, T.O.[1]; OLIVEIRA, C.F.[2]; TENÓRIO, D.A.[3]; FARIAS, J.J.R[3]; JESUS, C.F.G.[4]; ANDRADE, A.C.[4]. 1 – Discente, UNIRB; 2 – Discente, UFAL, (carolf98@hotmail.com); 3 - Médico Veterinário da empresa Pet Aki; 4 – Docente, UNIRB.

O Tumor Venéreo Transmissível (TVT) é uma neoplasia de células redondas mais ocorrente nos órgãos genitais, com relatos de tumores em pele e mucosas extragenitais. A afecção cutânea possui maior predominância na região facial, principalmente nas narinas, em razão do comportamento dos machos na fase estral das cadelas. Um canino, Pinscher, macho, 6 anos, não castrado, com acesso à rua, deu entrada na clínica com queixa de nódulos na região do pescoço, com tosse e engasgos frequentes, além de secreção fétida na região do nódulo. No exame físico constatou uma neoformação na região cervical próxima à traqueia. Foram solicitados exames radiográficos de crânio e tórax, hemograma, bioquímicos e citologia oncótica. Na radiografia torácica não demonstrou alteração, entretanto na região do crânio foi evidenciado um discreto aumento de volume de radiopacidade de tecidos moles no arco zigomático. Sem alterações nos exames sanguíneos. Na citologia oncótica as amostras apresentavam alta celularidade, compatíveis com as células de TVT. Diante do diagnóstico laboratorial, não houve inspeção da região do palato mole, optou-se pelo tratamento e acompanhamento do paciente. Foram instituídos tratamentos quimioterápicos com sulfato de vincristina (0,025 mg/kg) com intervalos de 7 dias, durante 4 semanas, além de tratamento de suporte, e promovendo regressão total da lesão e células tumorais. O TVT cutâneo sem acometimento genital é incomum, e podem retardar o diagnóstico e o tratamento do paciente. O exame citológico ainda permanece um forte aliado para confirmação do diagnóstico, e o uso do sulfato de vincristina pode proporcionar resolução do TVT cutâneo, devido a involução da atividade nucleolar e interrupção da proliferação celular.

Palavras chave: Extragenital, neoplasia, tumor de Sticker.

URETROSTOMIA PRÉ-PÚBICA DEVIDO A ESTENOSE URETRAL EM FELINO

NEMÉZIO, L.O.F.[1]; OLIVEIRA, I.S.[1]; OLIVEIRA, L.M.[2]; OLIVEIRA, A.C.J.[2]; Silva, A.F.F.[2]
1.Discente do Centro Universitário Cesmac (lauranemezio1@gmail.com) 2. Médico(a) veterinário(a) autônomo(a).

Obstrução uretral é uma desordem do trato urinário inferior dos felinos, considerado um quadro emergencial, com apresentação clínica de interrupção do fluxo da urina, disúria e hematúria. Caso não tratados rapidamente, pode levar o animal a óbito por distúrbios hidroeletrolíticas e metabólicos. A manobra no procedimento de rotina na terapia de desobstrução, pode ocasionar complicações como pequenas lesões por constantes tentativas de cateterismo, ou complicações cirúrgicas, resultando em estenose ou ruptura uretral. Este trabalho tem como objetivo relatar o procedimento cirúrgico de uretrostomia pré-púbica para correção de estenose uretral após insucesso nas tentativas de sondagem em um felino, macho, 2 anos, atendido em uma clínica particular, com o histórico de trauma e oligúria. No exame físico foi observado obstrução em terço púbico, por inúmeras tentativas na passagem do cateter vesical, sem obter sucesso. Solicitou-se exame ultrassonográfico, para confirmação do diagnóstico, onde foi constatado redução de luz uretral em altura do púbis. Não foi solicitado exame radiográfico devido à falta de contraste nos laboratórios da região. Desta forma, o felino foi encaminhado para cirurgia, sendo realizada a uretrostomia perineal, no qual não se obteve sucesso, dando continuidade à oligúria. Fez-se necessária a realização de uma uretrostomia pré-púbica devido a localização da obstrução, que se encontrava em altura do púbis, onde foi ligado e seccionada a uretra distal e posicionada através de uma incisão pré-umbilical a uretra proximal, passando em cerca de 5mm de pele e sendo fixada com pontos simples. Obteve-se melhora do quadro, fazendo com que o animal retornasse aos seus padrões fisiológicos. Após 10 dias foi retirado os pontos e recebeu alta. Podemos concluir que a uretrostomia pré- púbica é um procedimento que se faz necessário em casos de estenose uretrais em gatos.

Palavras chaves: Obstrução uretral, uretrostomia pré-púbica, gato.

UROLITÍASE EM FILHOTES CANINOS COM 42 DIAS

Barros, T.A.[1]; Borges, R.S.M.[1]; Lima, D.W.F.[2]; Vieira, A.K.R[2]; Oliveira, L.P.C.[2]; Calado, E.B.[3] 1. Graduanda em Medicina Veterinária na UFERSA (tamya-ab@hotmail.com). 2. Residente no Hospital Veterinário da UFERSA. 3. Docente de Clínica Cirúrgica de Animais de Companhia da UFERSA.

A urolitíase é a terceira afecção mais frequente na clínica de pequenos animais, acometendo cães adultos. Objetivou-se relatar dois casos de cálculos urinários de estruvita em filhotes caninos. Foram atendidos em dezembro de 2019, no HOVET, em Mossoró-RN, dois cães machos da mesma ninhada, albinos, pesando 1,8 kg (caso 1) e 2,5 kg (caso 2), raça Cocker Spaniel, com 42 dias de vida. Os pacientes, ao exame físico, apresentavam apatia, disúria, hiporexia, hipodipsia e abdômen abaulado, no caso 2, havia dor à palpação abdominal. Suspeitou-se de alterações congênitas em trato urinário, sendo solicitados ultrassonografia (US) para o paciente 1 e urinálise para o paciente 2. Através da US, foi constatado líquido livre abdominal, confimando-se uroperitônio através de coleta e análise do líquido. Suspeitou-se de obstrução uretral no paciente 2, o qual foi sondado, permanecendo por três dias sem melhora clínica e com grande quantidade de cristais de estruvita, detectados na urinálise. Foi necessária a intervenção cirúrgica em ambos os casos. Celiotomia exploratória com cistorrafia emergencial seguida por lavagem da cavidade abdominal com 200 mL de solução fisiológica a 0,9%, aquecida, no caso 1. No caso 2, realizou-se uma cistostomia com exposição da bexiga e fixação de sonda de Foley, permanecendo por 21 dias. Executou-se, no caso 2, lavagem da bexiga por meio da sonda, uma vez ao dia, e dieta com ração urinária. Os cálculos foram dissolvidos e eliminados naturalmente. Os pacientes obtiveram remissão total dos sinais clínicos após intervenções cirúrgicas, levando à hipótese de que as alterações observadas possam ter origem congênita nos pacientes do presente relato, demonstrando que diagnósticos precisos e rápidas intervenções são fundamentais.

Palavras chave: Cristais de estruvita, Cocker Spaniel, Ruptura de bexiga.

USO DE CARTILAGEM AURICULAR OVINA EM CORREÇÃO DE FÍSTULA PALATINA EM UM CANINO

Cândido, Y. P.[1], Silva, M.H.[2]; Oliveira, G. K.[3]; kasper, P.N.[3]; Souza, F.W.[4] 1. Médico Veterinário (yuripereira_@hotmail.com) 2. Discente em Medicina Veterinária da Universidade Federal de Alagoas 3. Médica Veterinária do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Alagoas-UFAL 4. Docente de graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal de Alagoas-UFAL

As fístulas palatinas são aberturas anatômicas que comunicam a cavidade oral com nasal e podem ser de origem congênita ou adquirida. Um canino, macho, sem raça definida, adulto, chegou para atendimento no Hospital Veterinário Universitário da UFAL apresentando uma fístula palatina na região de transição entre os palatos duro e mole, em consequência a um tumor venéreo transmissível localizado inicialmente em cavidade nasal. Foram realizadas duas tentativas cirúrgicas de correção utilizando técnica de deslizamento de mucosa palatina paralelamente ao defeito, porém sem êxito. O paciente foi então submetido a novo procedimento cirúrgico utilizando um fragmento de cartilagem auricular ovina, preparada em solução de glicerina a 98%, para auxiliar no fechamento do defeito. As bordas da mucosa do defeito foram debridadas, para auxiliar no processo de cicatrização, e o fragmento foi fixado entre o defeito utilizando fio de polipropileno 3-0 e com 6 suturas padrão *wolff*. Na sequência foi colocada uma sonda de faringostomia para permitir a alimentação enteral. O animal apresentou boa cicatrização palatina, com incorporação do fragmento no período de 7 dias do pós-operatório. Após esse período, o paciente conseguiu remover o colar elisabetano e a sonda de faringostomia, e voltou a alimentar-se por via oral, comprometendo novamente o local da fístula e provocando deiscência das suturas, causando o desprendimento do enxerto da ferida cirúrgica, não sendo possível alcançar o fechamento definitivo. Não foram realizadas novas tentativas de correção da fístula, e após um período de aproximadamente dois anos, o animal encontra-se bem, em relação ao estado clínico, porém ainda apresenta dificuldade nos momentos que ingere alimento ou água.

Palavras chaves: enxerto biológico, fissura palatina, cão.

USO DE CRIOCIRURGIA NO TRATAMENTO DE PAPILOMATOSE ORAL CANINA: RELATO DE CASO

Veloso, L.S.[1]; Nogueira, I.C.S.[1]; Tertulino, M.D.[1]; Oliveira, S.P.[1]; Borges, R.S.M.[1]; Cabalero, R.C.[2] 1. Discente no curso de Medicina Veterinária na UFERSA (lsv.lari@gmail.com) 2. Médico veterinário autônomo.

A papilomatose oral canina é uma doença infectocontagiosa viral caracterizada pela formação de nódulos benignos e múltiplos a partir do epitélio escamoso da cavidade oral. Estes geralmente apresentam aspecto de verrugas com superfícies ásperas e friáveis que se destacam facilmente gerando hemorragias. Diferentes protocolos terapêuticos são instituídos quando as lesões não apresentam cura espontânea. Acredita-se que a crioterapia tenha sido a primeira técnica pouco invasiva para o tratamento de lesões neoplásicas como essas em cães e gatos. Um cão adulto, da raça Golden Retriever, macho, castrado, de 8 anos de idade e 45 Kg foi consultado após apresentar neoformações orais. A tutora relatou que o animal ficava hospedado em hotéis para cães com frequência e que há algumas semanas havia notado a presença de nódulos rosados em sua gengiva e lábios, os quais cresceram rapidamente. Ao exame físico o animal apresentou halitose e papilomas com distribuição difusa na cavidade oral, sobretudo em lábio e gengiva. Os nódulos apresentavam aspecto de verrugas, irregulares, e coloração brancacenta com áreas pardas e de consistência firme. O hemograma e exames bioquímicos não evidenciaram alterações. O exame histopatológico confirmou o diagnóstico clínico de papiloma escamoso. O animal foi submetido a duas sessões de crioterapia com intervalo de 15 dias entre elas, além de fazer uso de um produto homeopático, administrado diretamente em sua mucosa oral a cada 8 horas durante 20 dias, com o intuito de estimular a imunidade, e de um antisséptico bucal durante 30 dias. A crioterapia oferece algumas vantagens nessa situação, como ausência de sangramento, baixo desconforto, risco de infecções bastante reduzido e adequado processo de cicatrização. Para a realização desse procedimento administrou-se anestésico subcutâneo e tópico. Após a primeira sessão o animal já não apresentava nódulos orais visíveis.

Palavras chaves: cão, cavidade oral, doença viral, crioterapia.

USO DE DORAMECTINA PARA TRATAMENTO DE SARNA SARCÓPTICA EM UM CÃO RESISTENTE A IVERMECTINA

FEIJÓ, F.S.[1]; SILVA, R.B.[1]; OLIVEIRA, R.E.C.[1]; CHAVES, K.N.[1]; SANTOS, J.N.[1]; OLIVEIRA, A.S.[2] 1. Discente de graduação em Medicina Veterinária da UFAL-Viçosa (franciely.feijo@hotmail.com) 2. Médico veterinário Autônomo

A sarna sarcóptica é uma dermatopatia bastante comum na clínica de pequenos. É causada pelo Ácaro *Sarcoptes scabiei,* caracterizando-se por um prurido intenso em regiões de focinho, borda de orelha, região ventral e membros (parte interna das cochas). Sua transmissão é fácil, e ocorre através do contato direto com o cão infestado e apresenta potencial zoonótico. Há diversos tratamentos com acaricidas, entre eles, o uso de avermectinas que é a principal conduta de escolha. O presente relato descreve o caso de um cão, macho, SRD, 5kg, e aproximadamente 2 anos de idade, sem vacinação, vermífugo desatualizado e com acesso à rua foi atendido com queixa de um prurido intenso, há mais de 3 semanas, com áreas alopécicas por todo corpo e região ventral com presença pápulas. Ao exame físico, verificou-se que o animal apresentava lesões em diversas regiões do corpo. Em raspado cutâneo profundo, foi observado 1 ácaro de *Sarcoptes scabiei* por campo, confirmando a sarna sarcóptica. Após o diagnóstico, foi sugerido um tratamento para o animal, porém o tutor alegou não ter condições financeiras para tratar com determinada medicação, então optou-se pelo tratamento com ivermectina (0.3 mg/kg), SC,1 vez/semana durante 4 semanas, porém, não obteve melhora, diante disso, decidiu-se iniciar tratamento com doramectina (0.3mg/kg) em dose única, constando melhora do quadro em 18 dias e a cura em 4-5 semanas. A melhora do quadro do animal, corrobora com estudos onde foi realizado o uso de doramectina (0.3mg/kg), em um grupo tratamento e o uso de outra medicação em um grupo controle, onde notou-se a melhora do quadro clínico do grupo tratamento 14 dias, obtendo a cura em 4 semanas. O uso de doramectina possui notável eficácia sendo uma alternativa barata, para os tutores que possuem uma menor condição financeira.

Palavras-chave: Escabiose, ivermectinas, resistência.

USO DE ÓLEO DE GIRASSOL OZONIZADO NO TRATAMENTO DE GIARDÍASE CANINA CRÔNICA – RELATO DE CASO

Caspary, A.C.S.L[1]; Belido, N.M.[1]; Rocha, A.A.[2] 1. Discente medicina veterinária UNESA (Campos dos Goytacazes – RJ) – acarolsiqlopes@gmail.com 2. Docente medicina veterinária UNESA (Campos dos Goytacazes – RJ)

A giardíase é uma infecção causada pelo protozoário *Giárdia* spp, atingindo o trato gastrointestinal através da ingestão de cistos por água e alimentos contaminados. Este estudo relata o caso de cão, macho, SRD, 12 kg, 6 anos, domiciliado, encaminhado com histórico de giardíase não responsiva ao tratamento convencional. Ao longo de 14 meses o paciente apresentava fezes mucóides à liquidas, coloração avermelhada, vômitos esporádicos sem perda de apetite e coproparasitológico positivo para *Giárdia spp*. Durante o período de acompanhamento tratamentos foram feitos com diversos antibióticos e anti protozoários de acordo com protocolo descrito em literatura, além de higiene ambiental adequada. Exames hematológicos, ultrassonográficos, e biópsia intestinal descartaram outras patologias concomitantes. Optou-se por terapia com óleo ozonizado, 1,2ml SID/VO por 21 dias, associado a 3 aplicações de gás ozônio IR, com intervalo de 7 dias em dose imunomodulatória. Na primeira semana de tratamento, paciente apresentou significante melhora no aspecto das fezes, estando as mesmas em formato e consistência normais a partir do dia 6. Coproparasitológico foi repetido aos 14 dias de tratamento, e após 15, 30 e 60 dias após o término da terapia, estando negativo em todas as avaliações. O uso de ozônio medicinal tem despertado interesse nesta área devido às interações que manifesta no organismo e principalmente, por se apresentar com raros efeitos colaterais. A ozonioterapia é um tratamento de certa forma recente que tem mostrado resultados favoráveis na medicina veterinária. Funciona não somente como um complemento terapêutico aos tratamentos recomendados, como também, consegue ser uma alternativa quando o tratamento inicial não foi satisfatório.

Palavras chave: Ozonioterapia, giardíase canina, óleo ozonizado.

USO DE SOLUÇÃO OZONIZADA TÓPICA NA GENGIVITE-ESTOMATITE LINFOPLASMOCITÁRIA FELINA: AVALIAÇÃO CITOLÓGICA DE TRÊS CASOS.

Guedes W.G[1]; Cavalcante T.O[1]; Borges, F.C.S[1]; Moreira Y.F[2]; Escodro P.B[3]; Pimentel D.S[4] 1.Graduandos do curso de medicina veterinária da Universidade Federal de Alagoas-UFAL (wguedes18@hotmail.com). 2. Médica veterinária Autônoma Alagoas 3. Professor Adjunto IV do curso de medicina veterinária UFAL. 4. Professor adjunto da Área de Morfologia Animal UFAL

O complexo gengivite-estomatite (CGEF) consiste em síndrome multifatorial em felinos, caracterizada pela presença de lesões úlcero-proliferativas na cavidade oral, lábios, gengiva, arco palatino, palato duro, palato mole e língua. O presente trabalho objetivou relatar as alterações citológicas observadas ao longo do tratamento com ozonioterapia tópica em três casos de CGEF. Duas fêmeas e um macho castrados, SRD, 3 anos, atendidos no ambulatório de Analgesia e Acupuntura Veterinária da UFAL (ACUFAL) com histórico de halitose, inapetência, anorexia e salivação excessiva. Ao exame clínico: hiperemia gengival, ptialismo e úlceras em região de lábios, gengiva e pálato. Foram submetidos a terapia utilizando água destilada ozonizada, obtida por ozonização na concentração de 50 mg/L. Os curativos ocorreram a cada 12 horas e para avaliação citológica, foram realizadas citologias esfoliativas nos intervalos de 0, 14, 28 e 42 dias, fixados e corados com o kit panótico para análise em microscopia de luz. Achados: Tempo 0- Debris celulares circundados por filamentos de fibrina, intenso infiltrado inflamatório com predominância de neutrófilos, excessivas células epiteliais de escamação, presença de corpúsculos em forma de cocobacilos indicativo de infecção secundária. Tempo 14- Células epiteliais de escamação com diminuição de debris celulares, ausência de células inflamatórias e linfócitos. Tempo 28- Aspecto semelhante ao dia 14. Tempo 42- Escassas células epiteliais de escamação, neutrófilos e debris celulares. De forma geral, ocorreu remissão da quantidade de fibrina e neutrófilos, debris celulares e bactérias, concluindo-se que a ozonioterapia tópica altera o padrão inflamatório no exame citopatológico de felinos acometidos com CGEF.

Palavras chaves: Gatos, Cavidade Oral, Gengivite, Ozonio.

USO DE SWABS ORAIS PARA O DIAGNÓSTICO CITOPATOLÓGICO DO COMPLEXO GENGIVITE-ESTOMATITE FELINO (CGEF): AVALIAÇÃO DE DOIS CASOS.

Guedes W.G[1]; Cavalcante T.O[1]; Escodro P.B[2]; Pimentel D.S[3] 1.Graduandos do curso de medicina veterinária da Universidade Federal de Alagoas-UFAL (wguedes18@hotmail.com). 2. Professor Associado do curso de medicina veterinária UFAL. 3. Professor adjunto da Área de Morfologia Animal UFAL

O complexo gengivite – estomatite felino (CGEF) é caracterizada pela inflamação crônica, ulceração e proliferação dos tecidos moles na cavidade oro-faríngea. Na cavidade oral, as alterações causadas pela CGEF, são classificadas em quatro graus crescentes por severidade e gravidade de lesões (I a IV). A CGEF IV é grave, com intensa inflamação, hiperemia, hiperplasia e ulcerações gengivais, além de gengivas friáveis, sangrantes e com perdas dentárias. Diante da carência de métodos diagnósticos menos invasivo, o presente trabalho objetivou diagnosticar CGEF de grau IV em dois felinos com base nos resultados da citopatologia. Uma fêmea e um macho castrados, SRD, 2 anos, foram atendidos no ambulatório de Analgesia e Acupuntura Veterinária da UFAL (ACUFAL) com histórico de halitose, prostração, inapetência, anorexia e sialorréia serosanguinolenta. Ao exame clínico: Hiperemia intensa generalizada, sangramento gengival, periodontite, ptialismo e úlceras em região de língua, gengiva e palato. A avaliação citopatológica foi realizada com swabs e confecção de esfregaços em lâminas de vidro, sendo as amostras coradas pelo kit Panótico. Aos achados citopatológicos: Presença intensa de filamentos de fibrina e células epiteliais de escamação associados a moderada presença de hemácias e macrófagos bem ativos. A presença de debris celulares, coágulos e a intensa presença de agranulócitos como linfócitos, plasmócitos e macrófagos foi observada em mais de 10x por campo. Conclui-se que os achados da avaliação citopatológica podem apresentar-se como recurso diagnóstico nos casos de CGEF grau IV.

Palavras-chave: Periodontite felina, Citopatologia, Microscopia óptica

UTILIZAÇÃO DA DIMETILARGININA SIMÉTRICA (SDMA) NA PREVENÇÃO DA DOENÇA RENAL CAUSADA PELA LEISHMANIOSE VISCERAL CANINA.

NOGUEIRA, F.S. [1]; VEANHOLI, M.S.[1]; FRANCEZE, A.S.[1]; BERTÃO, M.E.C[1].

[1]Fudação Educacional de Andradina – FEA, Faculdade de Ciências Agrárias de Andradina – FCAA, Curso de Medicina Veterinária, Andradina-SP. Email: nogueiracan@uol.com.br

Na doença renal (D.R.) crônica e aguda novos biomarcadores têm sido estudados a fim de facilitar o diagnóstico precoce e o prognóstico da enfermidade, já que os valores séricos de referência da creatinina excedem o padrão de normalidade somente após a perda de 75% da função dos néfrons. A dimetilarginina simétrica (SDMA) é amplamente excretado pelo rim, e seus níveis sanguíneos elevam-se antes que ocorra a elevação da creatina. O presente trabalho teve como objetivo a avaliação do perfil renal com o biomarcador SDMA, em cães diagnosticados parasitologicamente com leishmaniose visceral (LV). Foram acompanhados 38 cães, durante 120 dias, provenientes do Hospital Veterinário Mundo Animal, Andradina - SP. Os animais foram divididos em dois grupos, sendo do grupo A (com ausência de manifestações clínicas e considerados assintomáticos – 17/38 - 44,73%) e do grupo B (sintomáticos 21/38 – 55,26%). A LV é uma doença infecciosa, crônica, e que pode causar glomerulonefrite pelo depósito de imunocomplexos, presença do parasito ou mesmo durante o seu tratamento, devido à formação de urolitíases. No presente estudo, foram correlacionados valores de SDMA e creatinina sérica. Dentre todos os animais analisados 55,26% (21/38) apresentaram aumento nos valores de SDMA, sendo 10 animais do grupo A (47,61%) e 11 do grupo B (52,39%). Com relação aos valores de creatinina (19/38 – 50%) sendo destes a maioria do grupo B (13/19) 68,42% e do grupo A - 6/19 (31,57%). Portanto, ressalta-se a importância do acompanhamento periódico de cães positivos com os exames complementares, principalmente com o SDMA por diagnosticar doença renal em estágios mais iniciais, comprovando-se sua efetividade.

Palavras chaves: dimetilarginina simétrica, creatinina, ureia.

UTILIZAÇÃO DE ELETROQUIMIOTERAPIA EM CARCINOMA DE CÉLULAS ESCAMOSAS NA REGIÃO MENTONIANA DE UM FELINO – RELATO DE CASO

Souza, G. L. C.[1]; Medeiros, A. V. N.[1]; Umbelino, N. L. C. G[1]; Silva, D. J. R.[2]; Ramos, A. C. M. O.[2]; Anai, L. A.[3]-1. Discente de Medicina Veterinária da Universidade Potiguar, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil. (gabriellylcsouza@gmail.com) 2. Médica Veterinária, Natal/Rio Grande do Norte, Brasil. 3. Médica Veterinária, Msc, Phd.

O Carcinoma de Células Escamosas (CEC) é um câncer de pele de alta incidência na rotina clínica de felinos, associado principalmente a exposição à raios ultravioletas e idade avançada. Existem diferentes tratamentos para resolução da neoplasia, porém, com o avanço da tecnologia e estudos clínicos, tem se destacado a eletroquimioterapia. Esse estudo tem como objetivo relatar a resolução total do CEC na região mentoniana de um felino, por meio da eletroquimioterapia. Foi atendido no Hospital Veterinário de Natal, um felino, fêmea, bicolor, SRD, 14 anos, com histórico de aumento de volume em região mentoniana com crescimento lento (5 meses). Durante exame clínico observou-se presença da lesão característica de CEC. Foi realizada a citologia, onde o resultado foi sugestivo de CEC. Em seguida foi realizado raio-x da região, não sendo observado alterações ósseas. Após esses resultados foi realizada a biopsia incisional, sendo positivo para carcinoma de células escamosas diferenciado invasivo e ulcerado. Diante da localização da massa, sendo um local que não teria margem cirúrgica, optou-se pela eletroquimioterapia. A paciente foi submetida à anestesia geral e foi utilizado a bleomicina na dose de 15UI/m^2 (IV) e após 5 minutos, realizado a eletroporação com o aparelho BK 100. No pós-operatório, a paciente recebeu antibioticoterapia e analgesia. Após 30 dias da sessão da eletroquimioterapia observou-se a remissão total da lesão. O presente trabalho colabora com os relatos clínicos e epidemiológicos do CEC e apresenta uma modalidade de tratamento com baixas chances de recidiva, curta duração e com recuperação total do paciente.

Palavras-chave: Felino, neoplasia cutânea, oncologia.

UTILIZAÇÃO DE OZONIOTERAPIA NO TRATAMENTO DE FERIDA EM CÃO – RELATO DE CASO

SANTOS, M. O. D. F.[1], AMORIM, A. B. R.[1], REZENDE, F. M. U.[1], BARBOSA, F. Q.[1], FERREIRA, K. D.[2] 1. Estudante de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil (magnodex@gmail.com) 2. Docente, Departamento de Medicina Veterinária, FAMA, Anápolis, GO, Brasil.

A ozonioterapia tem indicação de uso no tratamento de feridas em processo infeccioso e/ou retardo na cicatrização. Sua relevância para este relato está no fato de possuir grande capacidade de penetração tecidual, melhora na circulação, oxigenação da ferida, diminuição da agregação plaquetária e aumento da resposta imunológica. Essas características favorecem o tratamento em animais que apresentam transtorno compulsivo de lambedura, uma vez que estimula a cicatrização e desinfecção. O objetivo deste trabalho é descrever a utilização e benefício da ozonioterapia no tratamento de ferida em cão com transtorno compulsivo de lambedura. *American Staffordshire Terrie*, 04 anos de idade, fêmea, castrada, deu entrada em uma clínica veterinária apresentando lesão de pele ulcerada com contornos irregulares, aspecto firme e aderido na região do carpo direito. Paciente apresentava incômodo no local da ferida e lambedura constante na mesma. Realizou-se anamnese, hemograma, cultura fúngica e bacteriana, antibiograma e exame histopatológico. O tratamento recomendado foi a aplicação de florais homeopáticos, enriquecimento ambiental e ozonioterapia do tipo *bag*, associada à insuflação retal e óleo ozonizado local. Foi utilizado o aparelho gerador de O^3 acoplado a um cilindro de O^2 medicinal, e empregado um saco resistente ao ozônio para abrigar apenas o membro afetado. Após esse procedimento, fez-se um insuflado pela via retal contendo 120 ml da mistura gasosa por meio da sonda uretral em 4 secções, realizadas 1 vez por semana com média de 15 a 20 minutos totais de ozonioterapia. Paciente apresentou excelente cicatrização e reparação tecidual da área afetada, menores dimensões, diminuição da dor, menos exsudato e sem inflamação.

Palavras chaves: Cicatrização; Lambedura; Lesão.

UTILIZAÇÃO INTRAPERITONEAL DE ALFAXALONA EM HAMSTER CHINÊS (*Cricetulus griseus*)

Alves L.P.[1]; Fernandes, N.S.[2]; Mouta, A.N.[3]; Paula, V.V.[4]; 1. Acadêmica de Medicina Veterinária da UFERSA (leticiaalvesmv@gmail.com) 2. Residente em Anestesiologia no Hospital Veterinário Jerônimo Dix-Huit da UFERSA 3. Médica Veterinária mestranda em Ciência Animal da UFERSA 4. Professora Doutora em Anestesiologia Veterinária da UFERSA

O hamster chinês é considerado um novo animal de estimação, além de ser utilizado em diferentes linhas de pesquisa biomédica. Poucos fármacos têm sido explorados na anestesia desses roedores, sendo necessários mais estudos nessa área. Objetivou-se relatar a eficiência da alfaxalona pela via intraperitoneal na indução da anestesia em um hamster. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA, um hamster chinês, 0,033kg com histórico de impactação alimentar em bolsa jugal sendo submetido à cirurgia de exérese da região afetada. Administrou-se 30 $mg.kg^{-1}$ de alfaxalona por via intraperitonial, com manutenção anestésica realizada pelo agente inalatório sevofluorano. Os parâmetros de frequência cardíaca (FC), frequência respiratória (*f*) e temperatura (T) foram monitorados. Observou-se no pré cirúrgico FC de 300 batimentos por minuto (bpm), *f* de 92 respirações por minuto (rpm), mucosas normocoradas e hidratado. A indução ocorreu tranquilamente e foi alcançada quinze segundos após realização de alfaxalona pela via intraperitoneal. Arranhões, saltos e espasmos não foram observados. O procedimento cirúrgico durou 20 minutos e os parâmetros durante a operação foram avaliados a cada 5 minutos, não havendo alterações significativas. As médias observadas foram FC de 293 bpm, *f* de 85 rpm e T medindo 36,4°C. O sevofluorano é um fármaco que apresenta um coeficiente de solubilidade sangue/gás baixo, causa pouca alteração cardiovascular, sendo indicado em pacientes de risco onde necessitamos um despertar breve, o que foi observado no animal relatado. Conclui-se que a alfaxalona por via intraperitoneal foi eficiente na indução da anestesia em hamster.

Palavras chaves: Anestésico Injetável, Hamster, Intraperitoneal.

VAGINOSCOPIA COMO MÉTODO DE DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICO DE ESTENOSE URETRAL CONSEQUENTE DE ADERÊNCIA CAUSADA POR TVT EM UMA CADELA.

Matos, E. K. dos S.[1], Junqueira, L. dos S.[1], Ferreira, O. B. A. de S.[1], Cerqueira Júnior, J. C. N. de[1], Bibiano, A. S.[1], Bonfada A. T.[2].1.Estudante de graduação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) (esther_kayla@hotmail.com) 2. Médico Veterinário do Hospital Universitário de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Cistite recorrente pode surgir por alterações anatômicas. Este trabalho tem como objetivo descrever o diagnóstico e tratamento de aderência em assoalho vaginal, caudal ao óstio uretral externo devido sequela de tumor venéreo transmissível (TVT)em uma cadela. Foi atendido no Hospital Universitário de Medicina Veterinária, uma cadela, SRD, não castrada, adulta, apresentando lesões tumorais com diâmetro aproximado de cinco cm em vulva, com secreção sero-sanguinolenta. Após citologia confirmar células de TVT foi feito tratamento quimioterápico com aplicações semanais de sulfato de vincristina, com cura em aproximadamente sete semanas. Durante e após o tratamento observou-se quadros recorrentes de disúria, com urinálises compatíveis com cistite recorrente, inclusive com terapias direcionadas por cultura e antibiograma. Em virtude do quadro foi realizado vaginoscopia seguido de uretrocistoscopia, com identificação de estenose em óstio uretral externo, uretrite e cistite em grau leve. A estenose foi causada por uma aderência da parte dorsal e pelo assoalho da vagina, com cerca de aproximadamente 1 a 2 cm pressionando a uretra e dificultando a expulsão da urina sendo considerada a causa da disúria e tendo como consequência retenção de urina. Com auxílio de pinça endoscópica, a aderência foi desfeita e terapia adicional foi instituída para tratar a uretrite e cistite. Após 10 dias do exame houve redução progressiva da disúria, com total recuperação após 15 dias, sem sinais de recidiva de cistite. Conclui-se que a vaginoscopia foi eficiente como método diagnóstico e terapêutico para estenose uretral como sequela de lesões causadas por TVT em uma cadela.

Palavras-chave: endoscopia, cistite, uretrite.

VARIAÇÃO DOS PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS DE CÃES MICROFILARÊMICOS ATENDIDOS NUMA CLÍNICA ESCOLA DE MEDICINA VETERINÁRIA

SILVA, B.A.[1]; ROCHA, G.T.A.[1]; RIBEIRO, A.J.H.[1]; UGÁ, C.T.[1]; OLIVEIRA, G.A. [2]; BASTOS, I.V.M.[2] 1. Discente do Centro Universitário Cesmac (brenda-alves39@hotmail.com) 2. Docente do Centro Universitário Cesmac

A dirofilariose canina, causada pelo agente etiológico *Dirofilaria immitis*, é uma zoonose, onde os cães são hospedeiros e reservatórios. Quando adultos, os vermes formam microfilárias por meio de reprodução sexuada e sua transmissão para o animal é feita através de mosquitos. A pesquisa de hemoparasitas é um método que possibilita identificar a presença de microfilárias no sangue. Objetivou-se estudar a variação dos parâmetros hematológicos de cães microfilarêmicos atendidos numa clínica escola de Medicina Veterinária em Marechal Deodoro/AL, entre os anos 2012 e 2019. 120 cães apresentaram microfilárias, e destes, 70 apresentaram anemia, sendo anemia normocítica normocrômica o tipo mais frequente, em 45% dos animais, seguido de anemia normocítica hipocrômica (5%), anemia macrocítica normocrômica e anemia microcítica normocrômica em 4,17%, além de policitemia (0,83%). Em relação ao leucograma, 20% dos animais apresentaram leucocitose e 10,83% leucopenia. As alterações mais frequentes foram eosinofilia (27,5%), monocitose (20%), onde 2,5% eram monócitos ativados, neutrofilia (16,67%), linfopenia (15,83%), neutropenia (10%), basofilia (4,17%) e linfocitose (2,5%), bem como desvio à esquerda moderado (6,67%) e desvio à esquerda leve (4,17%). Esses parâmetros indicam que existe um quadro inflamatório e infeccioso de caráter parasitário e crônico. Em relação à plaquetometria, 42,5% apresentaram trombocitopenia, provavelmente devido à destruição de plaquetas ocasionada pela lesão dos vasos pelas microfilárias. Os achados hematológicos podem variar devido ao tempo em que cada animal foi infectado e carga parasitária presente.

Palavras chaves: Microfilárias, hemoparasitas, hematologia.

VIDEOLARINGOSCOPIA EM UM FELINO COM EDEMA DE LARINGE: RELATO DE CASO

Matos, E. K. dos S. [1], Junqueira, L. dos S. [1], Ferreira, O. B. A. de S.[1], Carvalho, M. S.[1], Bonfada A. T.[2].1.Estudante de graduação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (esther_kayla@hotmail.com) 2. Médico Veterinário do Hospital Universitário de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

O colapso de laringe pode ser agudo e trazer sérias dificuldades respiratórias. Objetiva-se com este trabalho descrever o diagnóstico de um felino com edema em laringe com dificuldade respiratória aguda. Uma felina de um ano e dois meses de idade, pelo curto brasileiro, foi atendida no setor de emergência em Salvador (Bahia), com quadro agudo de dispnéia e fraqueza. Ao exame físico identificou-se dificuldade na inspiração, sem alterações na ausculta em campos pulmonares, sem arritmia cardíaca e pulso femoral forte e sincrônico. Administrou-se hidrocortisona em doses de choque, sem sucesso no período seguinte de seis horas, com evolução negativa da dispnéia. Estudos radiográficos de tórax e pulmões não evidenciaram alterações significativas. Com a progressão da dispneia foi feita uma laringotraqueoscopia com identificação de um edema de laringe, com alteração polipoóide e obstrução da glote. Diante da dificuldade de manejo foi realizada traqueostomia temporária sem adaptação de sonda de traqueostomia, em região de terço médio cervical. Após dois dias a paciente foi liberada para cuidados em domicílio pela difícil manipulação em internamento. Como a técnica utilizada foi ressecção parcial, houve retração cicatricial e fechamento total do orifício. Não houve retorno a clínica, porém o tutor relatou que após o fechamento do estoma não houve mais dispnéia e a paciente voltou a sua rotina. A videolaringoscopia foi importante para descartar corpo estranho, neoplasia ou paralisia laríngea. Acredita-se que a lesão polipóide era de origem inflamatória devido ao retorno da condição respiratória após alguns dias, sem intervenção cirúrgica. Conclui-se que a traqueostomia de emergência foi um recurso adequado para melhorar a qualidade da respiração e permitir o retorno da função respiratória.

Palavras-chave: Dispneia inspiratória, glote, traqueostomia.

V- PLASTIA PARA CORREÇÃO DE ADENOMA MEIBOMIANO EM PÁLPEBRA DE CÃO: RELATO DE CASO

Galeno, L.S.[1] ; Sá, I. S. [1] ; Souza, T.M[1]; Castro, L. R. M. S. [2]; Silva, F.L[3]; Freitas, M. V. M 1. Residente do Hospital Veterinário Universitário da UFPI (lygiagaleno@outlook.com), 2.Graduanda em Medicina Veterinária-UFPI, 3. Docente da UFPI, 4. Preceptor de clínica médica do Hospital Veterinário Universitário da UFPI.

As neoplasias da glândula de meibômio são pequenos tumores benignos, de crescimento lento e que geralmente estão associadas com processo inflamatório granulomatoso resultante do extravasamento de lipídio para o interstício, denominado de calázio. Ocorrem com maior frequência em cães idosos e apresentam origem na margem palpebral, resultando em alterações estruturais e funcionais das pálpebras e consequente irritação da córnea. Foi atendido no Hospital Veterinário Universitário da UFPI, um canino, SPRD, de 9 anos apresentando dois nódulos milimétricos, sendo um na pálpebra direita inferior e outro na esquerda superior. Durante a anamnese a tutora relatou que havia percebido a presença dos nódulos há 1 mês, mas que o animal não estava apresentando nenhuma alteração significativa. Após a realização de exames complementares o paciente foi submetido a cirurgia para ressecção dos nódulos. A técnica cirúrgica executada consistiu em uma V-plastia, com duas incisões realizadas em espessura total, formando um defeito triangular em ambos os tumores, seguida por sutura em "oito" com fio polidioxanona 4-0 na placa tarsal na junção mucocutânea para alinhar acuradamente a margem da pálpebra e a conjuntiva. A pele também foi suturada com polidioxanona 4-0. No pós-operatório o paciente foi medicado com meloxicam (0,1 mg/kg/ SID/ VO/ 4 dias) e pomada oftálmica a base de vitamina A e cloranfenicol (Regencel®). Os nódulos foram enviados para análise histopatológica e confirmaram se tratar de adenoma meibomiano composto na pálpebra direita e hiperplasia nodular meibomiana na pálpebra esquerda. Foi realizada uma avaliação após dez dias do procedimento e o paciente apresentou-se bem e com boa coaptação das margens da pálpebra e da conjuntiva.

Palavras-chave: Neoplasia, técnica cirúrgica, oftalmologia.

41º CONGRESSO BRASILEIRO DA ANCLIVEPA

CBA 2022 Maceió

PATROCINADORES

DIAMANTE: VETNIL

PLATINUM: ROYAL CANIN, MARS petcare

OURO: PremieRPet

PRATA: Boehringer Ingelheim

BRONZE: BD, IDEXX LABORATORIES

EVENTO PARCEIRO: Petnor

APOIO INSTITUCIONAL: CFMV, CRMVAL, Maceió Convention & Visitors Bureau

ORGANIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO E AGÊNCIA OFICIAL DE TURISMO: MEP EVENTOS & TURISMO

82.3231.8238
82.99999.2672
mep@mepeventos.com.br
www.mepeventos.com.br

PROMOÇÃO E REALIZAÇÃO: ANCLIVEPA AL, ANCLIVEPA BRASIL

Presidente: presidente@cbamaceio.com.br
Comissão científica: cientifico@cbamaceio.com.br
Secretaria: secretaria@cbamaceio.com.br
Agência realizadora: mep@mepeventos.com.br
Agência de turismo: turismo@mepeventos.com.br
Whatsapp Anclivepa Alagoas: (82) 99374-9311